



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**



JOWANIA ROSAS DE MELO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DOS
EGRESSOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2003-2010)**

Recife

2017

JOWANIA ROSAS DE MELO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO
DOS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2003-2010)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Teoria e História da Educação

Orientador: Prof. Dr. José Luís Simões

Recife

2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária Andréia Alcântara, CRB-4/1460

M528h Melo, Jowania Rosas de.
 História e memória da extensão universitária na formação dos
 egressos da Universidade Federal de Pernambuco (2003-2010) /
 Jowania Rosas de Melo. – 2017.
 295 f. : il. ; 30 cm.

 Orientador: José Luís Simões.
 Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.
 Programa de Pós-graduação em Educação, 2017.
 Inclui Referências, Apêndices e Anexos.

 1. Extensão universitária. 2. Educação - História. 3. Aprendizagem.
 4. UFPE - Pós-graduação. I. Simões, José Luís. II. Título.

378 CDD (22. ed.)

UFPE (CE2017-95)

JOWANIA ROSAS DE MELO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO
DOS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2003-2010)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em: 25 /09/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Luís Simões (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edílson Fernandes de Souza (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Aurinéa Maria de Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Vanderlan Santos Mota (Examinador Externo)
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Severino Vicente da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fábio da Silva Paiva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Thiago Vasconcelos Modenesi (Examinador Externo)
Faculdade dos Guararapes – Laureate

AGRADECIMENTOS

Certa vez, uma amiga me disse: “fazer o texto de agradecimento era mais difícil que fazer a tese”. Achei graça, mas ela estava certíssima. Agradecer é difícil, porque é muito pouco para o muito que vamos recebemos ao longo da jornada. Jornada esta que, entre escolhas e consequências, sempre tivemos amig@s presentes com palavras, gestos, olhares, abraços e beijos. Minha eterna GRATIDÃO a esses amig@s que estiveram comigo nessa caminhada “teseana”. Entre eles, estão:

- ♥ O meu mestre, orientador e amigo Prof. José Luís Simões, paciência em pessoa, sempre com um sorriso, tornando tudo mais fácil. Sempre pronto a ajudar.
- ♥ Ao meu mestre e amigo Prof. Edilson Fernandes. Tudo sempre é mais leve quando ele está junto, pois sua forma de ver os problemas nos dá a certeza de resolvê-los.
- ♥ Amig@s e ex-coleg@s da Pró-Reitoria de Extensão, Ana Rosa Rocha, Roberta Baudel, Demócrito Silva, Eliane Aguiar, Telma Ribeiro, Sandra Chacon, Carlos França, Gustavo Queiroz, Fábio Marins, Prazeres Gomes e tantos outros, que sempre me incentivaram a continuar, escutando minhas dúvidas extensionistas, questionamentos e lamentações.
- ♥ Um especial agradecimento a Profa. Solange Coutinho, Christina Nunes e Vinicius Viana pelas leituras e comentários, a Simone Germano pelo design, Ana Paula (Xuxu) pelos incentivos nas madrugadas da vida.
- ♥ As companheiras do meu Centro Espírita que sempre estavam atentas ao meu cotidiano, fortalecendo o meu espírito através de palavras de encorajamento.
- ♥ A minha mãe Wamberta Rosas e a minha avó Maria Rosas (*in memoriam*) pela força durante toda caminhada.
- ♥ Aos meus filhos Rodrigo e Renato Rosas pela paciência ao longo do Doutorado, pois me afastei muito do cotidiano doméstico para estudar.
- ♥ E por fim a espiritualidade amiga que, com certeza, dei um trabalho danado, pois muitas vezes fraquejei, chorei, reclamei, mas nunca, em momento algum, me senti sozinha.

RESUMO

A tese, uma pesquisa quali-quantificada e exploratória, tem como objetivo geral: Analisar a Extensão Universitária na Formação dos Egressos da UFPE de 2003 a 2010. Esta investigação teve origem no Núcleo de Teoria e História da Educação, e pretendeu responder a seguinte hipótese: A Extensão Universitária contribui para a transformação acadêmica e profissional dos discentes da UFPE, além de ser um dos elementos propulsores da aprendizagem e de reflexão sobre os interesses sociais e coletivos? Por se tratar de uma investigação no campo da história, nossos objetivos foram: O primeiro - Descrever o Sistema de Informação em Extensão Universitária-SIEXBRASIL para a Cadastramento e Gerenciamento de Atividades de Extensão na UFPE, fonte documental, plataforma, onde foram coletados os egressos com os quais foram feitas as entrevistas. Criado em 1997 pela UFMG, utilizado pelo FORPROEX e distribuído para 82 IES cadastradas. No SIEXBRASIL foram 31.086 atividades registradas e no SIEXBRASIL/UFPE foram 3.308 atividades, 1.625, cursos, 1.131 projetos e 550 eventos, com público beneficiado de 8.770.196. O segundo objetivo, um estudo de caso, foi Investigar as Experiências de Aprendizagem dos Discentes Egressos que Participaram de Projetos de Extensão para o seu Desenvolvimento Acadêmico e Profissional, para tanto utilizou-se, principalmente, Freire (1962, 1967, 1982, 1983, 1985, 1987, 1992, 1996) para a temática Educação, e Gurgel (1986), Botomé (1996), Santos (1996), Melo Neto (2002), Jezine (2006), Santiago (2009), Melo (2010), Rosas (2010), Síveres (2013), Sousa (2013) entre outros, para a Extensão Universitária. Neste objetivo submetemos os 15 depoentes a análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin (1977), onde 33% com pós-graduação, 27% com mestrado e 33% com doutorado, todos pela UFPE. A pesquisa constituída de 9 (nove) perguntas, que resultaram em 6 (seis) categorias. São elas: Características de um Projeto de Extensão; Motivação para Participação em Projetos de Extensão; Aprendizagens mais importantes; Importância dos Projetos de Extensão e Profissional e Sugestões para Melhoria da Participação dos Discentes em projetos de extensão e 26 subcategorias. Como resultado a pesquisa mostrou que: adquirir conhecimentos e/ou experiências (35%) e interação dialógica (34%) foram as subcategorias mais citadas, ambas se complementam, e vão ao encontro da práxis freireana (1981) que busca fazer com que os discentes, através da reflexão, possam contribuir para a transformação da realidade em que vivem. Além disso, ficou comprovado pelos depoimentos, que participar de projetos extensionistas contribuem para o crescimento acadêmico e profissional, onde cabe as IES ser o fio condutor de uma política universitária voltada para a promoção da cidadania, da inclusão social buscando uma prática educativa, mobilizadora e dialógica, em que a Extensão Universitária vem oportunizar a transformação dos conhecimentos empíricos em produtos que beneficiam à sociedade, como também, viabilizar aos discentes da UFPE uma formação cidadã através do seu treinamento interdisciplinar e interprofissional gerando profissionais comprometidos socialmente.

Palavras Chaves: Educação. Extensão Universitária. Formação. Egressos. Projeto de Extensão.

ABSTRACT

The thesis, a research quali-quantified and exploratory, has as general objective: To analyze the extension courses in the training of graduates of UFPE from 2003 to 2010. This research had its origin in the nucleus of Theory and History of Education, and sought to respond the following hypothesis: university extension contributes to the transformation and academic training of students, besides being one of the shafts of learning and reflection on the social interests and collectives? In the case of a research in the field of history, our objectives were: the first - Describe the Information System in University Extension-SIEXBRASIL for Registration and Management of Extension Activities at UFPE, documentary source, platform, where they were collected the testimonies which have made the interviews. Created in 1997 by the UFMG, used by FORPROEX and distributed to 82 EIS indexed. In SIEXBRASIL were 31,086 activities that will be logged and the SIEXBRASIL/UFPE were 3,308 activities, 1,625, courses, 1.131 projects and 550 events, with audience benefited from 8,770.196. The second goal, a case study was to investigate the learning experience of students-students who participated in projects of extension for your academic development and training, for both used primarily, Freire (1962, 1967, 1982, 1983, 1985, 1987, 1992, 1996) for the subject Education, and Gurgel (1986), Botomé (1996), Santos (1996), Melo Neto (2002), Jezine (2006), (2009), Melo (2010), Rosas (2010), Síveres (2013), Sousa (2013) among others, to the University Extension. This objective we submitted the 15 interviewees to content analysis from the perspective of Laurence Bardin (1977), where 33% with post-graduate, 27% with masters degree and 33% with a doctorate, all UFPE. The survey consists of 9 questions, which resulted in 6 categories. They are: Characteristics of an extension project; motivation for participation in projects of extension; learning is more important; Importance of projects of extension and training and suggestions for improving the participation of students in projects of extension and 26 subcategories. As a result the survey showed that: acquire knowledge and/or experiences (35%) and dialogical interaction (34%) were the subcategories most often cited, both complement each other, and to meet the praxis freireana (1981) that seeks to make the learners, through reflection, can contribute to the transformation of reality in which they live. In addition, it was evidenced by testimonials that participate in projects extension workers contribute to the academic growth and professional development, where it is the IES be the guiding thread of a university policy geared to the promotion of citizenship, social inclusion, seeking an educational practice, mobilizing and dialogical, In that university extension comes give the transformation of knowledge empirical into products that benefit society, as well as enabling the students of UFPE a citizen training through its training interdisciplinary and inter-professional generating socially committed.

Key words: Education. University Extension. Training. Graduates. Extension Project.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 –	Planta da Cidade do Recife com localização na Cidade Universitária	39
Figura 02 –	Plano Urbanístico para a Cidade Universitária do Recife, 1949: perspectiva	39
Figura 03 –	Paulo Freire	44
Figura 04 –	Reitor João Alfredo G. da Costa Lima	45
Figura 05 –	Fachada do Serviço de Extensão Cultural – SEC.....	46
Figura 06 –	Fachada do Centro Cultural Benfica.....	49
Figura 07 –	Organograma da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura -PROExC	52
Figura 08 –	Logomarca do SIEX – UFMG	71
Figura 09 –	Mapa dos Sistemas Instalados nas Universidades.....	73
Figura 10 –	Página Inicial do SIEXBRASIL	73
Figura 11 –	Relatório SIEXBRASIL	78
Figura 12 –	Página do Novo SIEXBRASIL	79
Figura 13 –	Página do SIGPROJ	80
Figura 14 –	Formulário EXT1-Registro de Projeto de Extensão-2003.....	83
Figura 15 –	Relatórios do SIEXBRASIL	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 –	Relação de Instituições Públicas de Ensino Técnico e Superior Registradas no SIEXBRASIL	85
Quadro 02 –	Estados X Atividades Extensionistas	89
Quadro 03 –	Atividades Extensionistas X Público	91
Quadro 04 –	Órgãos Registrados no SIEXBRASIL – UFPE	92
Quadro 05 –	Órgãos Suplementares, Núcleos e Laboratórios	97
Quadro 06 –	Atividades Extensionistas – SIEXBRASIL X PROExC.....	98
Quadro 07 –	Classificação Metodológica	102
Quadro 08 –	Projetos por Ano X Quantidade de Discentes Egressos	106
Quadro 09 –	Participação por Tempo em Projeto	107
Quadro 10 –	Discentes <i>c/e-mail-s/email</i>	107
Quadro 11 –	Curso X Quantidade de Egresso	113
Quadro 12 –	Titulação dos Depoentes – 2016	113
Quadro 13 –	Categorias e Subcategorias	118
Quadro 14 –	Legislação da EU ao Longo dos Anos	175
Quadro 15 –	Subgrupos para Avaliação de Desempenho Docente	182
Quadro 16 –	Pontuação para Progressão Docente	183

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 –	Instituições Registradas no SIEXBRASIL	87
Gráfico 02 –	Estados por Regiões	87
Gráfico 03 –	Instituições por Estados Registrados no SIEXBRASIL	88
Gráfico 04 –	Total de Registros de Atividades por Região no SIEXBRASIL	88
Gráfico 05 –	Total de Registros de Atividades de Acordo com o Ano Base no SIEXBRASIL	90
Gráfico 06 –	Ano X Percentual de Atividades Extensionistas	90
Gráfico 07 –	Atividades de Extensão/UFPE Registradas no SIEXBRASIL 2003-2010	91
Gráfico 08 –	Pró-Reitorias X Atividades Extensionistas	93
Gráfico 09 –	Centros Acadêmicos X Atividades Extensionistas	94
Gráfico 10 –	Centros Acadêmicos X Público Beneficiado/Participante...	94
Gráfico 11 –	Centros Acadêmicos X Projetos de Extensão	95
Gráfico 12 –	Centros Acadêmicos X Cursos de Extensão	95
Gráfico 13 –	Centros Acadêmicos X Eventos Extensionistas	96
Gráfico 14 –	Centros Acadêmicos X Programas Extensionistas	96
Gráfico 15 –	Centros Acadêmicos X Prestação de Serviços	97
Gráfico 16 –	Quantidade Participantes X Gênero	108
Gráfico 17 –	Quantidade de Participantes X Centros Acadêmicos	109
Gráfico 18 –	Quantidade de Participantes X Tempo de Permanência em Projetos	109
Gráfico 19 –	Quantidade X Participação de Discentes	110
Gráfico 20 –	Número de Respostas X Crescimento Acadêmico	110
Gráfico 21 –	Número de Respostas X Crescimento Profissional	111
Gráfico 22 –	Egressos X Tempo de Participação em Projeto de Extensão	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 –	Características de um Projeto de Extensão	120
Tabela 02 –	Motivação para Participação	137
Tabela 03 –	Aprendizagens mais importantes	143
Tabela 04 –	Importância dos Projetos de Extensão para o Crescimento Acadêmico	150
Tabela 05 –	Importância dos Projetos de Extensão para o Crescimento Profissional	154
Tabela 06 –	Sugestões para Melhoria da Participação dos Discentes em Projetos de Extensão	161
Tabela 07 –	Subcategorias da Análise de Conteúdo	171

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BC	BIBLIOTECA CENTRAL
CAA	CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
CAC	CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CAV	CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
CB	CENTRO DE BIOCIÊNCIAS
CCEN	CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
CCJ	CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS
CCONV	CENTRO DE CONVENÇÕES
CCS	CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CCSA	CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
CE	CENTRO DE EDUCAÇÃO
CECINE	COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NORDESTE
CEFET/MG	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
CEFET/RJ	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO RIO DE JANEIRO
CEFET/RS	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO RIO GRANDE DO SUL
CENEX	CENTROS DE EXTENSÃO DAS UNIDADES ACADÊMICAS
CFCH	CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CGE	COORDENAÇÃO DE GESTÃO DA EXTENSÃO
CIN	CENTRO DE INFORMÁTICA
CPPD	COMISSÃO PERMANENTE DE PESSOAL DOCENTE
CSES	COORDENADORES SETORIAIS DE EXTENSÃO
CTG	CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS
EU	EDITORA UNIVERSITÁRIA
FADE	FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE
FORPROEX	FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

FUFAC	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
FURG	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
GR	GABINETE DO REITOR
HC	HOSPITAL DAS CLÍNICAS
IES	INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR
LIKA	LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI
NAI	NÚCLEO DE ATENÇÃO AO IDOSO
NB	NÚCLEO DE BIOLOGIA
NDMS	NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS
NEFD	NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
NHT	NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO
NT	NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NTI	NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
NTVR	NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS
NUSP	NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA
NUTES	NÚCLEO DE TELESÁUDE
PNEXT	PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO
PROACAD	PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
PROADM	PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO
PROEX	PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
PROEXC	PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA
PROGEPE	PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA
PROPESQ	PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROPLAN	PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS
RENEX	REDE NACIONAL DE EXTENSÃO
SIEXBRASIL	SISTEMA DE INFORMAÇÃO SOBRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
SIGPROJ	SISTEMA DE INFORMAÇÃO E GESTÃO DE PROJETOS

SRC	SETOR DE REGISTRO E CERTIFICAÇÃO
UDESC	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
UEA	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
UECE	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO CEARÁ
UEFS	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
UEG	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UEL	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
UEMA	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
UEMG	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
UEMS	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UENF	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
UEPG	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
UERJ	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UERN	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
UERR	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA
UESB	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
UESC	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
UESPI	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGORAS
UFAM	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
UFBA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UFC	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
UFCG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UFES	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
UFF	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
UFG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UFGD	UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
UFJF	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
UFLA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
UFMA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
UFMG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UFMS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
UFMT	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO

UFOP	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
UFPA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
UFPB	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UFPE	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
UFPEL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
UFPI	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
UFPR	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
UFRR	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
UFRA	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO AMAZONAS
UFRB	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
UFRGS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UFRJ	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
UFRN	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
UFRPE	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UFRRJ	UNIVERSIDADE RURAL DO RIO DE JANEIRO
UFS	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
UFSC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
UFSCAR	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
UFSJ	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
UFSM	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UFT	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
UFTM	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
UFU	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UFV	UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
UNATI/PROIDOSO	UNIVERSIDADEABERTA DA TERCEIRA IDADE
UNB	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
UNCISAL	UNIVERSIDADE EST.L CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS
UNE	UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES
UNEAL	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
UNEB	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
UNEMAT	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO
UNESP	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
VIRTUS	LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: histórico, conceituação e sua interface com a Educação	28
2.1	EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO	28
2.1.1	A UFPE e a Extensão Universitária	37
2.1.2	Do Serviço de Extensão Cultural à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC)	43
2.1.2.1	O Serviço de Extensão Cultural (SEC)	44
2.1.2.2	A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC)	50
2.2	A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A SUA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO	55
2.2.1	A Extensão Universitária (EU)	57
2.2.2	A Extensão Universitária e a sua Interface com a Educação Freireana	63
3	O SISTEMA SIEXBRASIL: a Tecnologia à Serviço da Extensão Universitária	70
3.1	CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO SIEXBRASIL	70
3.2	O SIEXBRASIL E SUAS PRÁTICAS OPERACIONAIS	74
3.2.1	O SIEXBRASIL na UFPE	82
3.3	PUBLICIZANDO OS NÚMEROS DO SISTEMA SIEXBRASIL	85
3.3.1	As Atividades Registradas no SIEXBRASIL/UFPE	91
3.4	OS DIFICULTADORES DO SISTEMA SIEXBRASIL	98
4	A EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM DOS EGRESSOS PARTICIPANTES DE PROJETOS DE EXTENSÃO	101
4.1	OS CAMINHOS E OS ATORES DA PESQUISA	101
4.1.1	Os Caminhos	101
4.1.2	Os Atores	108
4.2	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	115
4.2.1	Categoria: características de um projeto de extensão	119
4.2.1.1	Subcategoria: <i>interdisciplinaridade e interprofissionalidade</i>	120

4.2.1.2	Subcategoria: <i>interação dialógica</i>	124
4.2.1.3	Subcategoria: <i>impacto e transformação social</i>	128
4.2.1.4	Subcategoria: <i>indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão</i>	132
4.2.2	Categoria: motivação para participação em projetos de extensão	137
4.2.2.1	Subcategoria: <i>adquirir conhecimento e/ou experiências</i>	138
4.2.2.2	Subcategoria: <i>currículo</i>	139
4.2.2.3	Subcategoria: <i>temáticas dos projetos</i>	141
4.2.2.4	Subcategoria: <i>bolsas de extensão</i>	142
4.2.3	Categoria: aprendizagens mais importantes	142
4.2.3.1	Subcategoria: <i>interação dialógica</i>	143
4.2.3.2	Subcategoria: <i>adquirir conhecimentos e/ou experiências</i>	145
4.2.3.3	Subcategoria: <i>olhar crítico</i>	146
4.2.3.4	Subcategoria: <i>fazer adaptações</i>	147
4.2.4	Categoria: importância do projeto de extensão para o crescimento acadêmico	147
4.2.4.1	Subcategoria: <i>adquirir conhecimentos e/ou experiências</i>	151
4.2.4.2	Subcategoria: <i>choque de realidade</i>	151
4.2.4.3	Subcategoria: <i>visão crítica</i>	153
4.2.5	Categoria: importância dos projetos de extensão para o crescimento profissional	153
4.2.5.1	Subcategoria: <i>interação dialógica</i>	154
4.2.5.2	Subcategoria: <i>confiante/apto para vida profissional</i>	156
4.2.5.3	Subcategoria: <i>visão crítica</i>	157
4.2.5.4	Subcategoria: <i>currículo</i>	159
4.2.6	Categoria: sugestões para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão	160
4.2.6.1	Subcategoria: <i>projetos mais práticos e conectados com a realidade</i>	162
4.2.6.2	Subcategoria: <i>mais divulgação dos projetos</i>	164
4.2.6.3	Subcategoria: <i>bolsas de extensão</i>	166
4.2.6.4	Subcategoria: <i>orientações sistemáticas/envolvimento dos docentes</i>	167
4.2.6.5	Subcategoria: <i>carga horária inserida na grade curricular</i>	169
4.2.6.6	Subcategoria: <i>prática da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão ...</i>	170

5	PERSPECTIVAS PARA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	173
5.1	A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A LEGISLAÇÃO NA PRÁTICA	175
5.2	Desafios da Extensão Universitária na UFPE.....	185
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
	REFERÊNCIAS	194
	APÊNDICE A – Questionário On-line	212
	APÊNDICE B – Respostas da 1ª Pesquisa	215
	APÊNDICE C – Roteiro da Entrevista	217
	APÊNDICE D – Dados do Depoente	218
	APÊNDICE E – Carta de Cessão de Direitos Autorais sobre Depoimento Oral	219
	APÊNDICE F – Questionário para as Entrevistas	220
	APÊNDICE G – Relação de Depoentes da Pesquisa	221
	ANEXO A – Relação de Atividades da UFPE.....	265
	ANEXO B – Resolução nº 04/1997	273
	ANEXO C – Resolução nº 09/2007	276
	ANEXO D – Formulários EXT1	281
	ANEXO E – Manual de Extensão	288

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar na UFPE - Universidade Federal de Pernambuco foi um sonho antigo acalentado, ao longo de mais de dez anos, quando transitava, diariamente, pelo viaduto da BR101 em direção ao Polo Petroquímico, e olhava para a avenida dos Reitores. Sou professora de formação. Fiz o curso Pedagógico (1975) lecionei no antigo primário, hoje o Ensino Fundamental, e devido às desilusões profissionais, segui caminhos diferentes da maioria dos meus familiares, repleta de professores-catedráticos, que faziam do ensino um sacerdócio, um ato de amor, e ressaltavam, já naquela época, a importância da Educação, enfatizada por Xavier (1994) e Romanelli (2001) como sendo um dos fatores de desenvolvimento da cidadania. Ter acesso à Educação era “direito de todos e um dever do Estado” (BRASIL, 1988), e como prática social devia responder às aspirações de melhoria da qualidade de vida.

A Educação, ainda hoje, é vista como um elemento essencial para diminuir o grau de desigualdade social e gerar progresso com a distribuição de renda, contribuindo para a superação de obstáculos ao crescimento econômico sustentável nas regiões de um país. Parte desses obstáculos vem da necessidade que o sistema educacional tem de estar equipado para provocar mudanças, não apenas de forma individual, mas na sociedade em geral.

Essas mudanças, evidenciadas por Paulo Freire (1996) quando nos faz refletir sobre a prática educativa, e que devemos compreender que essa mistura de teoria e prática são fundamentais para gerar uma práxis mobilizadora, o que significa, um saber dialógico, onde os envolvidos, professores e alunos possam vislumbrar uma realidade mais rica em termos de aprendizagem. A conceituação freireana, perpassa por uma ação transformadora, que transforma a si e o mundo, reiterada por Konder (1992, p. 106) quando concorda que: “Ser humano existe elaborando o novo, através da sua atividade vital, e com isso vai assumindo sempre, ele mesmo, novas características”.

Essas novas características acontecem a medida em que se tem contato com novas realidades e novas possibilidades de mudanças. Freire (1983a) conceitua a práxis, no universo pedagógico, como sendo a capacidade do sujeito de atuar e

refletir, isto é, de transformar a realidade de acordo com as finalidades delineadas pelo próprio ser humano.

A partir dessa concepção, Freire (1996) constrói uma práxis revolucionária que incorpora a educação como elemento fundamental. Uma educação diferente, onde inclui e se compromete com a libertação das pessoas que estão nela envolvidas, dos seus sujeitos educando-educadores. Assim, a educação freireana refere-se a uma educação humanizante, libertária e acima de tudo crítica.

Foram essas reflexões que me motivaram e em 1994 ingressei como técnica na UFPE. Foi um marco para mim, e, principalmente, uma alegria para os meus, na esperança, mesmo distante, que retornasse à profissão, perpetuando a tradição familiar.

Comecei minha jornada pela porta da Extensão, a meu ver, e como diria um mestre-amigo “pela porta mais rica”. Sim, por que não? A riqueza da extensão, não está nos recursos financeiros, modestos em relação ao ensino e a pesquisa, devido à dotação orçamentária, mas sim na sua multiplicidade de ideias, pela criatividade de seus pares buscando trazer o conhecimento da academia para mais perto da realidade, visando uma formação, menos bancária, para os discentes que por lá passam.

A Extensão Universitária dá a estes, no decorrer de sua caminhada, a oportunidade de vivenciar a transformação do seu conhecimento empírico em produto para beneficiar a comunidade, além de uma formação prática através de treinamento interdisciplinar e interprofissional na expectativa de gerar profissionais comprometidos socialmente.

Assim, ao longo dos meus 20 anos de dedicação à extensão, isto é, à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC) pude experienciar a sua pluralidade, as suas alegrias, mas também as suas tristezas e dificuldades, principalmente, em envolver a comunidade acadêmica e conscientizá-la de sua importância.

Deste modo, na busca de contribuir para a valorização da Extensão na UFPE, não me furtei em investir na minha capacitação profissional como forma de qualificar minhas atribuições. Fiz o mestrado (2008-2010) objetivando identificar quais os fatores que poderiam contribuir para ampliar a participação dos docentes em atividades extensionistas, principalmente, em projetos de extensão, como também, formular proposições para ampliação da participação desses docentes em ações de extensão.

Nossa pesquisa mostrou, na época, que os docentes, em sua grande maioria, sabiam conceituar a extensão, mas ainda tinham dificuldades de exercitá-la dentro do fazer acadêmico, e mesmo conhecendo a extensão tinham dificuldades quando o tema era os instrumentos legais que a normatizavam. Além disso, as pesquisas evidenciaram, em percentuais, que os maiores dificultadores para o exercício da extensão na UFPE eram a sobrecarga de trabalho voltada para atividades consideradas culturalmente "mais nobres"- o ensino e a pesquisa, além da limitação de pessoal.

Com o decorrer do tempo, após o mestrado, retomei, com mais entusiasmo, para as nossas leituras e reflexões sobre Freire, sobre a Educação e sua estreita relação com a Extensão. Assim, aos poucos, surgiram inúmeras inquietações e questionamentos no tocante à participação dos discentes de atividades extensionistas, especialmente em projetos de extensão, e onde essa “educação humanizadora” poderia contribuir para o crescimento desses discentes.

A minha experiência, no cotidiano, através das reuniões, eventos e conversas com os discentes que chegavam na PROExC era que o processo de aprendizagem entre a teoria e a prática tinha um papel que não era só de formação, mas também de coadjuvante da transformação social, e que devia ser trabalhada, de forma crescente, na busca do fortalecimento, conforme Sousa (2013, p. 12), de uma: “Cultura universitária institucional através ações extensionistas que [...] primem pela função social do conhecimento, ou seja, pelo processo de democratização e transformação social”.

Assim na esperança de cooperar, de forma mais efetiva, fornecendo elementos para que a gestão da Pró-reitoria trabalhasse, cada vez mais, na busca de resultados com indicadores pré-estabelecidos, focados nas demandas sociais e no processo de transformação, não só dos discentes, como também em toda a universidade, fomos levados ao doutorado em 2013, no curso de Pós-Graduação em Educação, situado no Núcleo de Teoria e História da Educação¹, com inquietações sobre a contribuição da Extensão Universitária para com os discentes oriundos de projetos de extensão. Tais como:

¹Maiores informações consultar o site do Programa de Pós-graduação em Educação <http://www.ufpe.br/ppgedu/?pg=paginas|linhasdepesquisa-html>.

- a) Será que participar de projetos de extensão contribuía para seu crescimento acadêmico e profissional desses discentes?
- b) As diretrizes (interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; impacto na formação do estudante; e impacto e transformação social) estabelecidas pelo O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), através da Política Nacional de Extensão Universitária, estavam presentes nas atividades extensionistas, na modalidade projeto?
- c) Se estavam qual ou quais eram as aprendizagens, mais importantes, desenvolvidas pelos discentes oriundos desses projetos?

Eu poderia dizer com o coração que sim, e pela minha observação cotidiana nos anos de estrada na Extensão. Defendo, isto é, minha hipótese é que ela não só contribui para a transformação desses discentes, mas também, que Extensão Universitária é um dos elementos propulsores da aprendizagem e de reflexão sobre os interesses sociais e coletivos. Por isso reiteramos Síveres (2013, p. 195) quando afirmam que:

Para fortalecer esse projeto (EU), a universidade, para além do status que lhe é conferido como instituição educadora, conta com um valor agregado, que é atuar no desenvolvimento da pessoa e da sociedade a partir de imperativos de solidariedade, de princípios éticos e de pressupostos de responsabilidade.

Salientando, igualmente, que é na perspectiva da retroalimentação do processo ensino-pesquisa-extensão onde as atividades extensionistas quando implementadas nas IES como “espaços formativos educativos”. Por isso, essa relação Extensão e Educação pode colaborar de forma a intervir na sociedade, e principalmente, segundo Sales (2010, p. 55) dar ao “educando a oportunidades de buscar o equilíbrio e aprofundamentos dos sentidos, das emoções e dos conhecimentos”.

A pesquisa tem como objetivo geral: **A analisar a Extensão Universitária na formação dos egressos da Universidade Federal de Pernambuco, no período de 2003 a 2010**, e como objetivos específicos: 1 - Descrever o Sistema de Informação em Extensão Universitária-SIEXBRASIL para a Cadastramento e Gerenciamento de

atividades de Extensão na UFPE; 2 - Investigar as experiências de aprendizagem dos discentes egressos que participaram de projetos de extensão para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Continuei a utilizar, desde o mestrado, a modalidade projeto, pois ainda acreditamos que este se destaca pela sua função social e seu papel relevante nessa integração universidade-sociedade. Ele mescla conhecimentos científicos e populares, as teorias, as práticas pedagógicas e vai mais além: é via de mão dupla que permite a universidade trabalhar a formação do aluno/cidadão e sua interação com a sociedade.

Baseada em nossa experiência, mais uma vez, sustentamos que Extensão não pode ficar à margem e sim estar no centro das atenções de uma universidade moderna como fonte de renovação das práticas pedagógicas que oxigena o ensino, possibilitando ao estudante aprender os saberes da experiência.

A regulamentação² da Extensão tem fortalecido o elo de integração das atividades universitárias com a sociedade mediante suas principais linhas prioritárias de ação e áreas temáticas definidas pelo Plano Nacional de Extensão: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia, e Trabalho. Portanto, a UFPE, por meio da PROExC, tem entre outros desafios, o de propor, cada vez mais, mecanismos de avaliação que permitam mensurar, com mais precisão, o alcance social produzido pela ação extensionista. Essa extensão que além de buscar uma integração dinâmica com a pesquisa e o ensino, visa corrigir as diferenças sociais criadas pela modernidade e pelo sistema capitalista.

Escutar os discentes-egressos de projetos extensionistas foi essencial à preservação da história, da memória e das experiências entrelaçadas por fios e eixos constitutivos dessa investigação.

A fonte oral foi o *corpus* documental, apresentando “diferentes testemunhos”, instrumento que se configurou como um espaço político, onde as discussões, as demandas, e as práticas são explícitas de forma a contribuir para à transformação social. São essas transformações, através de suas narrativas, “nesse olhar plural e vozes dissonantes”, nessa identidade social e memória coletiva, que se fundem em uma dimensão social. Por isso abordar a memória é construir psíquica e

² Sobre o assunto ver Resolução 09/2007 do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Pernambuco.

intelectualmente, não só um fato, mas também os indivíduos inseridos num contexto familiar, social e nacional (MOREIRA, 2012, p. 1). Significa dizer que é fundamental compreender o outro como “sujeito histórico” observando seu contexto dentro da sociedade, sua cultura e seus valores.

Através da fonte oral foi possível, não só buscar informações, mas também “perceber o significado dos acontecimentos no âmbito subjetivo da experiência humana”, na construção de sua trajetória (VIEIRA, 2006, p. 26). Utilizando essa oralidade tivemos condições de apresentar, por meio de uma análise qualitativa, que os egressos extensionistas, vozes sociais que segundo Bakhtin³ (2012), filósofo russo, são atores com diferentes tipos de linguagem que compõem a diversidade social e esclarecendo as formas de interpretação de sua presença como partícipes em projeto de extensão, dentro de um contexto social mais amplo.

A universidade é uma instituição única, com excelentes produtos culturais e científicos, seus objetivos estão voltados para a “criatividade da atividade intelectual, da liberdade de discussão, do espírito crítico, da autonomia e do universalismo” (SANTOS, 1996, p. 193). Portanto, afirmamos que a universidade deve ter como fio condutor uma política universitária voltada para harmonizar a qualidade acadêmica com seu compromisso social. O que significa criar políticas de extensão financeiramente viáveis, com atividades voltadas para projetos congruentes, enraizados nas ações de ensino e de pesquisa, com uma estrutura gerencial proativa amparada em parcerias consistentes, na busca da valorização dos recursos humanos, objetivando aprofundar a dimensão pública nas Instituições de Ensino Superior (IES).

Um dos maiores desafios das universidades públicas brasileiras ainda é a Educação voltada para a promoção da cidadania e da inclusão social. Para isso é preciso, também, saber como a “natureza do educando” está se transformando ao longo dos anos. A história oral é um método eficaz para que possamos compreender essa relação entre discente/universidade/sociedade.

É imperioso que a Educação alimente “o educando pelo gosto da rebeldia, pela curiosidade e pela capacidade de se aventurar” (FREIRE, 2011, p. 27) fortalecendo sua consciência crítica, todo estudante deve ser autêntico, e com essa autenticidade aprenderá a ser um profissional autenticamente humano e com isso

³ Mikhail Mikhailovich Bakhtin, 1895-1975, foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. Bakhtin foi um verdadeiro pesquisador da linguagem humana. Desenvolveu conceitos fundamentais como o dialogismo, a Polifonia, a heteroglossia e o carnavalesco.

aprenderá a ser um profissional diferenciado no mercado de trabalho, cooperando de forma assertiva para construir uma sociedade mais democrática, mais humanizadora.

O trabalho teve como marco temporal: 2003 a 2010, pois se refere ao período de existência do primeiro sistema, denominado: **SIEXBRASIL - Sistema de Informação Sobre a Extensão Universitária** no Brasil. Essa plataforma foi utilizada como fonte documental, constituindo-se de um dos objetivos específicos do trabalho, a base onde foram coletados os atores, ou seja, os egressos com os quais foram feitas as entrevistas.

O Sistema foi criado, em 1997, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), unificou, quanto à denominação e classificação, as ações de extensão cumprindo determinações do Plano Nacional de Extensão. O SIEXBRASIL foi um marco para a Extensão, e conseqüentemente, para o FORPROEX, pois buscou, com segurança, identificar e contabilizar as atividades extensionistas. Devido a sua padronização das terminologias aplicadas às ações de extensão, o Fórum elaborou uma publicação denominada: “Extensão Universitária: Organização e Sistematização Sistema de Dados e Informações da Extensão/Base Operacional de acordo com o Plano Nacional de Extensão” (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2001), como volume 2 da Coleção Extensão Universitária objetivando ratificar e efetivar o sistema.

Essa plataforma, posteriormente, tornou-se um software livre utilizado nacionalmente pela IES, um cadastro único, como forma de modernização da gestão da Extensão Universitária nas universidades públicas brasileiras. Encerrado no final de 2011, os dados do sistema foram gravados em *pdf*, e enviados pela PROEX-UFMG, através de *e-mail*, para cada Pró-Reitoria de Extensão, finalizando, em caráter definitivo, um sistema que foi um divisor de águas para a Extensão Universitária Brasileira.

Os caminhos metodológicos percorridos nessa tese do ponto de vista da forma de abordagem segundo Gil (2002) classificam-se como quantitativa e qualitativa que Queiroz (2006, p. 88) conceitua como: “Duas correntes paradigmáticas que “alicerçam as definições metodológicas da pesquisa em ciências humanas nos últimos tempos. São elas a visão realista/objetivista (quantitativa) e a visão idealista/subjetivista (qualitativa)”.

Em relação aos objetivos apresenta-se como exploratório, pois tem maior familiaridade com o problema a ser analisado. No tocante aos procedimentos técnicos

foi uma pesquisa documental uma vez que se utilizou de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico e, ao mesmo tempo, um estudo de caso visto que se tratou de compreender melhor os fenômenos individuais da Extensão no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco que teve, utilizando os conceitos de Meihy (2007, p. 51) “como universo ou comunidade de destino” os egressos bolsistas ou voluntários de graduação que participaram de projetos extensionistas. Este estudo de caso, reforça Yin (2001, p. 23) é “uma estratégia de pesquisa que compreende um método que envolve tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados”.

O processo metodológico foi diferenciado em seus objetivos. O primeiro buscou descrever, a fonte documental, quer dizer, o Sistema de informação em Extensão Universitária – SIEXBRASIL- 2003 a 2010, não só o lado histórico, bem como os dados quantitativos da plataforma fornecidos pela PROEXC e pelo banco de dados da PROEX-UFMG, relatando que de 2003 a 2010 foram 1.131 projetos registrados no sistema, com 1.713 egressos (bolsistas e voluntários) da UFPE.

O segundo objetivo, ou seja, investigar a experiência de aprendizagem dos discentes egressos que participaram de projetos de extensão para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional, no período acima citado, foi uma pesquisa qualitativa, uma história oral com recorte temático, onde de 1.713 egressos participantes de projetos extensionistas, só 444 tinham e-mails registrados na plataforma. Estes receberam, no primeiro momento, um questionário eletrônico (*Google docs*) e desses, apenas, 22 enviaram respostas, o que posteriormente resultou em 15 egressos entrevistados.

A tese está didaticamente estruturada em seis seções conforme pode ser acompanhada na síntese abaixo: A primeira seção tem como título: **Introdução** onde faremos um histórico sobre nossa chegada na universidade, e nossa caminhada para o mestrado e, por fim para o doutorado. Apresentaremos nossas justificativas e objetivos para nossa pesquisa, mostrando a importância da Extensão Universitária e sua ligação com Paulo Freire, uma prática educativa, mobilizadora que busca aproximar docentes e discentes para uma realidade enriquecida pela aprendizagem crítica e humanizada.

A segunda seção tem como título: **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Histórico, Conceituação, e Sua Interface com a Educação**. Apresentaremos a Extensão Universitária e seu contexto Histórico, isto é um breve relato sobre a o surgimento da universidade, seus modelos e sua relação com a extensão ao longo

dos séculos. Posteriormente evidenciaremos a extensão no Brasil, sua legalização, e políticas extensionistas. Em seguida historizaremos a UFPE e a Extensão desde o Serviço de Extensão Cultural (SEC) a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC). Finalizamos com a conceituação da Extensão Universitária e a sua interface com a Educação.

A terceira seção traz como título: **O SISTEMA SIEXBRASIL: A Tecnologia à Serviço da Extensão Universitária**. Relata a construção histórica desse sistema pioneiro na EU, criado em 1988 pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e ofertado em 2004 para todas as Instituições de Ensino Superior pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão. Posteriormente apresentaremos o sistema e suas práticas operacionais constituído de etapas e instâncias de aprovação. Em seguida retrataremos, mais detalhadamente, o funcionamento da plataforma na UFPE, seus fluxos, formulários, e a sua publicização numérica na universidade. Finalizando, evidenciaremos os dificultadores da plataforma que foi utilizada pelas IES e pelo FORPROEX, de 2003 a 2010, como fonte de consulta das atividades extensionistas.

A quarta seção, cuja a finalidade é apresentar: **A EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM DOS EGRESSOS PARTICIPANTES DE PROJETOS DE EXTENSÃO** traz a luz de Bardain (1977) entre outros, os caminhos, os atores e uma análise dos resultados da pesquisa sobre aprendizagem, e as diretrizes da EU pactuada no FORPROEX que orientam a formulação e a implementação de ações da Extensão. São elas: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão, impacto e transformação social. Além disso, explicitar sobre o crescimento acadêmico e profissional desses participantes de projeto de extensão.

A quinta seção tem como tema: **PERSPECTIVAS PARA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA** que discorrerá sobre a EU da teoria para prática, isto é, dissecaremos legislação, no âmbito nacional e local, além de apontar os seus desafios. Por fim, vislumbrar um cenário que tem na curricularização um marco para consolidar a Extensão como instrumento de formação humana, numa educação comprometida com a realidade social.

A sexta seção será **CONSIDERAÇÕES FINAIS** que tratará sobre o sucateamento das instituições públicas, principalmente sobre as universidades, como também, sobre a luta da Educação em tempos de vagas magras. Traz a importância

da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão dentro do fazer acadêmico, e defende a Extensão Universitária como articuladora entre a universidade e a sociedade, que fortalecida pela curricularização poderá contribuir para uma formação profissional preocupada com as questões sociais, ambientais e culturais.

2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Histórico, Conceituação e sua Interface com a Educação Freireana

Nessa seção vamos retratar a Extensão Universitária, palco de nosso estudo, dentro de um breve contexto histórico, apresentando seus caminhos e transformações na universidade ao longo dos séculos.

2.1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Afirmam alguns historiadores que as universidades, antes de sofrerem os efeitos da Igreja ou do Estado, eram chamadas de *universitas*, significando qualquer espécie de associação legal, onde os primeiros professores do ensino superior eram chamados de *preceptores* com a responsabilidade de formar os jovens sob sua tutela. As universidades surgiram na Idade Média, e se alastram com rapidez por toda a Europa, durante esse período segundo Jezine (2006, p. 38), as universidades nascem na perspectiva do “fortalecimento da instituição como transmissora de cultura, de formação específica e de produção do conhecimento”. Nessa primeira fase as universidades eram vinculadas à Igreja Católica. As universidades tinham entre suas atribuições edificar e consolidar o Cristianismo, principalmente, por meio da formação dos seus eclesiásticos. Elas tinham suas estruturas e ordem sociais concebidas a partir de uma visão religiosa com modelos e finalidades bem definidas, e, desta forma preservava a unidade e delimitava a Cultura Universitária Medieval aos estudos dos Clássicos, das Ciências Exatas, das Artes Médicas, do Direito Canônico e a Teologia.

Do século XVI até o final do século XVIII, a segunda fase da universidade, vem após inúmeras transformações sociais “resultantes das guerras, da reforma, do iluminismo, pelo estabelecimento dos Estados Nacionais, da Revolução Industrial, da Revolução Francesa, além do desenvolvimento tecnológico” (FAGUNDES, 1985, p. 16). Houve, nesse período, a propagação das instituições de ensino superior, surgindo, de acordo com Jezine (2006), universidades protestantes, calvinistas, anglicanas, entre outras.

Esclarece Bohrer et al (2008, p. 5) que “a influência política das universidades, foi notável como primeiro exemplo de organização puramente democrática”. As universidades medievais, tantas vezes consideradas torres de marfim, eram

comprometidas em relação ao seu meio, exerceram um papel fundamental na edificação e consolidação da cristandade. Os assuntos políticos, eclesiásticos e teológicos eram livremente debatidos

Enquanto na França e na Inglaterra as universidades deviam suas origens à Igreja, na Itália a origem das universidades foi motivada pelas necessidades práticas da burguesia urbana (MONROE, 1979). As universidades, neste período, tiveram um papel expressivo no progresso e desenvolvimento intelectual da Europa. Com isso, universidade torna-se um centro da atividade intelectual onde o processo educativo evolui mais do que em qualquer outra instituição. Giles (1987) reforçava que era nas universidades que o acervo do conhecimento se organizava, se conservava e se transmitia, e mais

A universidade é o verdadeiro centro da atividade intelectual onde o processo educativo progride mais do que em qualquer outra instituição. A função da universidade como casa de liberdade intelectual, numa época altamente desconfiada de qualquer suspeita de heresia, é de máxima importância. É o único lugar onde assuntos proibidos ou suspeitos podem ser discutidos com certa impunidade. (GILES, 1987, p. 63)

Para Fagundes (1985, p. 15) o compromisso social das universidades na época medieval “efetivou-se pela via do ensino”, entretanto reforça que a “ideia de extensão como tarefa da universidade (um dos focos de nosso estudo) não se colocava no contexto medieval”.

No início do século XIX, com as revoluções inglesa, francesa e industrial, propiciaram o nascimento de uma nova instituição: as universidades modernas e com esse surgimento houve a divulgação, expansão e sistematização da Extensão Universitária. Gurgel (1986, p. 6) reforça que foi nesta “época em que surgiram grupos de professores desenvolvendo trabalhos de educação de adultos.”

De forma vagarosa, a universidade medieval cedia espaço para esta nova universidade, isto é, acompanhou atenta a evolução da sociedade, onde o Estado, pela busca da hegemonia, começou a controlar as IES caracterizadas, principalmente, pela prestação de serviços; com isso, deu-se início à *Extensão Universitária* ou University Extension (EU).

Esses vários modelos universitários existentes distinguem-se ao longo da história. Enquanto a universidade medieval tinha como missão organizar os quadros

da Igreja Católica no que se refere à qualificação de seus sacerdotes, já na modernidade, devido as revoluções, as universidades tinham por objetivo capacitar profissionais técnicos, assim como, a nobreza que era responsável pela administração pública.

O modelo europeu, a partir do século XVIII, teve como referência o paradigma francês e o alemão. O francês com ênfase na característica instrumental, voltada para o ensino especializado, e na formação de profissionais. A universidade francesa reunia inúmeras escolas superiores que posteriormente influenciou o modelo brasileiro. Não existiam atividades de pesquisa e de extensão, pois não era prioridade em suas ações. Seu compromisso social era com o Estado provedor e administrador da política educacional. O modelo alemão era voltado para, reforça Sbardelini (2005, p. 9), “a profissionalização da atividade científica”, o que deu oportunidade de aflorar os “profissionais de pesquisa e a organização da atividade científica”.

Essa nova universidade, com raízes nas pesquisas científicas alterou a função da universidade que só se voltava, exclusivamente, para os profissionais liberais e uma elite culta. Assim, segundo Melo (2010, p. 34) “a origem da Extensão Universitária é datada do final do séc. XVIII, a partir da década de 1860, invenção dos ingleses, que nasceu no período Vitoriano, em plena burguesia, em princípio com caráter elitista”.

Alguns historiadores relatam que no início, nas grandes cidades da Inglaterra, a Extensão era formada por senhoras tendo como finalidade organizar conferências. Essas associações recorriam aos graduandos das universidades para proferirem palestras nas diversas áreas. Aos poucos, devido ao sucesso, esse público foi ampliado e atingiu as camadas mais pobres da sociedade tais como os operários e ao público em geral. Desta forma as universidades inglesas diversificaram e generalizaram a educação superior.

A Extensão Universitária, na época, era vista como uma transferência e expansão das culturas superiores às massas que não se envolviam com problemas sociais. Só na metade do século XIX, nasce o sentimento de responsabilidade cívica, uma espécie de movimento social.

No final do século XIX, surgia, na França, uma universidade que seguia uma linha populista; eram as Universidades Populares, que, para muitos autores, vieram das forças sindicais, das cooperativas socialistas e da organização dos partidos operários, objetivando promover, de forma gratuita, conferências e cursos. O embate entre a intelectualidade e a realidade foi um dos maiores obstáculos para o sucesso.

As chamadas universidades Populares apresentavam, através da extensão, características bem definidas objetivando expandir os conhecimentos com cursos extensionistas, a chamada educação continuada, para os bairros pobres, as classes operárias.

Essa ideia de educação continuada como dirigida às classes desfavorecidas vai perdendo força com a Revolução Industrial. As universidades são forçadas a diversificarem suas atividades e a expressão extramuros ganha força, pois as universidades inglesas voltam-se às demandas sociais, deixando a ênfase na formação das elites para atingir a população excluída do ensino superior. Assim, a expressão extensão como atividade do cotidiano das universidades se fortalece. Reforça Sousa (2000, p. 14):

A Universidade Inglesa viu-se obrigada a responder às demandas sociais e diversificar suas atividades não ficando limitadas à função única de formação das elites, mas assumindo também a preparação técnica que o novo modo de produção exigia.

Sempre existiram expectativas diversas, na história das Universidades, sejam pelos seus objetivos sociais, científicos, culturais, ideológicos e técnicos diferentes. Elas conviveram com as classes dominantes e com o poder instituído das Sociedades em que estavam inseridas, por isso nenhuma, de acordo com Dias Sobrinho (2004, p. 16) “concepção de educação superior se isenta de visões de mundo e ideias de sociedade ideal. ”

No século XIX surgiu, também, um novo conceito de educação. As universidades que seguiam o modelo americano consolidado a partir de 1882. Herdeira da tradição inglesa reforça Sousa (2000, p. 14):

As universidades nas Américas serão uma adaptação de modelos europeus. As universidades norte-americanas vão copiar os modelos de atividades de pesquisa da Universidade Alemã e vai se inspirar na Universidade Inglesa, copiando dela a ideia de extensão rural e urbana.

As atividades extensionistas tinham características bem definidas, isto é, atividades nas áreas urbanas, as atividades cooperativas, nas áreas rurais, fator central do crescimento nacional dos Estados Unidos. As Universidades americanas guiada no que tange à pesquisa, segundo Fagundes (1985, p. 21) como lema “levar o campus ao estado e trazer o estado para o campus” interagiu, de forma maciça, com

a sociedade através das atividades extensionistas. Lembra Sbardelini (2005, p.13), que o “sistema americano criou medidas e políticas legais que tinham o objetivo de incentivar a expansão do saber científico em áreas rurais”.

Ao pesquisar as origens das universidades Wolff (1993, p. 27), “classificou em quatro modelos institucionais presentes ou idealizados na educação superior norte-americano”.

O primeiro modelo representa a torre de marfim, solidez do conhecimento e o espaço para sua elaboração, enquanto o segundo compreendia a universidade como “espaço de treinamento para os profissionais liberais” (WOLFF, 1993, p. 1). O terceiro modelo ganhou ampla aderência nas universidades americanas, pois surgiu em decorrência da economia mundial de livre comércio, a Multiversidade, denominada por Clark Kerr⁴, em 1982, é universidade moderna para a prestação de serviços sejam eles educacionais, de formação, de pesquisa e inovação, uma pluralidade de ações. Por fim o quarto modelo era uma universidade responsável pela capacitação e formação de profissionais leais às instituições do sistema econômico social vigente.

As universidades e seus modelos americanos, *University Extension*, e os modelos europeus, Universidade Popular, apresentavam grandes diferenças, onde a primeira se voltava exclusivamente para cursos, prestação de serviços, enquanto a segunda voltava-se para atender às necessidades da sociedade e pretendia aproximar a cultura da população. A Extensão Universitária (EU) e a Universidade Popular (UP) são duas experiências distintas, mas que giraram em torno da democratização do saber universitário e conviveram de 1930 a 1964.

Já na América Latina a Extensão Universitária, isto é, às universidades latino-americanas, destaca Fagundes (1985, p. 24), começaram a partir da “Reforma de Córdoba, em 1918 a ampliar as suas preocupações sociais com os grupos marginalizados na sociedade”. Depois do documento gerado em Córdoba, a universidades na América Latina passam a ter como missão principal o comprometimento com a modernização da sociedade.

A Extensão Universitária Brasileira, que hoje cresce em reconhecimento dentro da academia, surgiu entre as décadas de 50 e 60, no século XX, como instrumento de fortalecimento da universidade junto à sociedade na busca de

⁴Clark Kerr, na época Reitor da Universidade da Califórnia

soluções dos problemas nacionais. Este símbolo representava a luta da reforma universitária com vistas ao compromisso social.

A autonomia universitária já era, nessa época, “desejada”, pois significava para a academia a melhoria de qualificação dos docentes e democratização ao acesso às IES. O Manifesto trouxe a modernização da gestão universitária e além de uma autonomia política.

Souza (2000, p. 24) nos leva a uma reflexão sobre a Extensão Universitária e a participação dos estudantes e das universidades em “três períodos distintos: período colonial; o imperial e o republicano. ”

Em 1790, conforme Butzke (2012, p. 23) “com a vinda do Príncipe Regente D. João para o Brasil ressurgiu a ideia da criação da Universidade no Brasil, devido à abertura de cursos superiores na colônia”. Entretanto, da iniciativa ficou apenas alguns cursos profissionalizantes na Bahia e no Rio de Janeiro.

Nesse período surge a segunda fase: o período imperial, e segundo o autor, em 1824, a ideia de universidade surge no artigo 179 da Carta Magna. Nesse interim o modelo francês ficou evidenciado através das escolas profissionais autônomas.

O terceiro período: o republicano foi influenciado pelo ideal positivista o que significava que o modelo europeu ainda prevalecia, isto é, cursos “laicos e técnico profissionalizante” (BUTZKE, 2012, p. 25). Na primeira fase desse período surge a Sociedade Dois de julho, criada pela Faculdade de Medicina da Bahia e posteriormente desmonta a Campanha da Aliança Nacional Libertadora.

Os primeiros relatos de concepções de Extensão Universitária no Brasil são datados entre os anos de 1911 e 1917 na Universidade Livre de São Paulo voltadas para a promoção de conferências e cursos. Em 1926, nasce a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, segundo o modelo americano, objetivando a prestação de serviços.

Segundo Silva et al. (2011) foi só a partir do Estatuto da Universidade Brasileira (decreto, nº 19.851⁵, de 11 de abril de 1931) que houve a padronização do modelo de Extensão Universitária. Já o Decreto Estadual nº 6.283, de 1934 (SÃO PAULO, 1934), de acordo com Sbardelini (2005, p. 23), criou a Universidade de São Paulo (USP) (1934), agregando as Escolas Superiores de Direito, Politécnica,

⁵ Sobre o assunto ver Brasil (1931).

Agronomia, Medicina, Veterinária, Educação, entre outras. Como também, e a Universidade do Distrito Federal (1935).

De 1937 a 1942 houve uma lacuna, pois, o distanciamento da sociedade se dá pela Universidade do Brasil só retomado pela Universidade Rural do Brasil através da União Nacional dos Estudantes - UNE. Nesse meio tempo, cita Gurgel (1986, p. 39), surge o Plano de Sugestões para uma Reforma Educacional Brasileira, em 1938, que contribuiu para a elaboração da Lei nº 5.540/1968. Com o texto no artigo 20: "As universidades e as instituições de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes" (BRASIL, 1932, art. 20).

Esse modelo de extensão permaneceu até os anos 60 onde emergiram eventos para discutirem a reforma universitária como também a "mobilização pela Universidade da Extensão". Esta vem com a Lei nº 4.024/1961 (BRASIL, 1961), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional onde as mudanças sociais, seria o modelo extensionista baseado no desenvolvimento de comunidades, e ao mesmo tempo é criada a Universidade Nacional de Brasília (1961).

Essa extensão vai fazer o movimento de mão dupla, onde o conhecimento é tratado de forma dialógica, o que segundo Silva (2011, p. 28) "teve grande impacto na comunidade acadêmica, mas ainda desvinculada com o ensino e a pesquisa".

Posteriormente vem a reforma universitária implementada por meio do Decreto-Lei nº 53/1966, (BRASIL, 1966), e posteriormente através do Decreto-Lei nº 252/1967, (BRASIL, 1967) no qual se fez a primeira referência à Extensão que resultou no artigo 17, 20 e 40, da Lei 5.540 (BRASIL, 1968), que traz reajustes ao sistema de ensino superior tornando obrigatória a Extensão Universitária em todas as IES.

Essa lei buscava promover a indissociabilidade, esclarece BUTZKE (2012, p. 30) além de criar "estruturas departamentais até hoje existentes, introduziram vestibulares classificatórios e ciclos básicos".

Entre o fim da década de 60 e o início da década de 70 despontam órgãos que vão institucionalizar a Extensão como: Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC); a Coordenação de Atividades de Extensão (CODAE); a Comissão Incentivadora dos Centros Rurais de Treinamento e Ação Comunitária (CINCRUTAC).

O Ministério da Educação criou, em 1975, conforme Nogueira (2005, p. 33) “o Plano de Trabalho da Extensão Universitária garantindo diretrizes e normas para a extensão” nas IES. Já na década de 80, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), criado em 1987, emerge como ator social, coordenador nacional da discussão sobre a Extensão Universitária trazendo posteriormente, em 1999, o Plano Nacional de Extensão (PNE).⁶ Em 1988, através da Constituição Federal, artigo 207 é formalizada a indissociabilidade entre o ensino-pesquisa-extensão e reforça que as universidades possuam a “autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial” (BRASIL, 1998, art. 207).

A Política Nacional de Extensão Universitária (MIRANDA; NOGUEIRA, 2012, p. 16), entre suas ações, criou um conjunto de diretrizes que contribuam a superação das três crises assinalada por Santos (2004, p. 8) tais como: “a perda da hegemonia e perda da legitimidade social e a dificuldade do novo projeto institucional da Universidade”. Essas diretrizes são:

- a) Interação Dialógica;
- b) Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade;
- c) Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão;
- d) Impacto na Formação do Estudante e;
- e) Impacto e Transformação Social. (SANTOS, 2004, p. 8).

Outras ações foram: o RENEX, www.renex.org.br⁷, rede que tem por finalidade divulgar informações, notícias, eventos, editais e documentos sobre a Extensão Universitária no Brasil; EM 2003, o SIEX - Sistema de Informação em Extensão Universitária, sistema com o qual o projeto, em questão, está pesquisando; o SIGPROJ (2011) outro sistema de informação mais completo; a Secretaria de Educação Superior criou, em 2003, o Programa de Apoio à Extensão Universitária (PROExt)⁸.

Fortalecer a Extensão Universitária, enfrentar novos desafios e aproveitar as novas oportunidades são metas históricas que o Fórum, com os objetivos abaixo, Miranda e Nogueira (2012), reafirmavam a contribuição para o crescimento de uma política nacional. São eles:

⁶Sobre o assunto ver Brasil. Rede Nacional de Extensão (2016).

⁷Sobre o assunto ver Brasil. Rede Nacional de Extensão (2016).

⁸Sobre o assunto ver Brasil. Ministério da Educação (2016).

- a) Reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de ser indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;
- b) Conquistar o reconhecimento, por parte do Poder Público e da sociedade brasileira, da Extensão Universitária como dimensão relevante da atuação universitária, integrada a uma nova concepção de Universidade Pública e de seu projeto político-institucional;
- c) Contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País;
- d) Conferir maior unidade aos programas temáticos que se desenvolvem no âmbito das Universidades Públicas brasileiras;
- e) Estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e/ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade;
- f) Criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para que ela se constitua como organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas;
- g) Possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do País;
- h) Defender um financiamento público, transparente e unificado, destinado à execução das ações extensionistas em todo território nacional, viabilizando a continuidade dos programas e projetos;
- i) Priorizar práticas voltadas para o atendimento às necessidades sociais (por exemplo, habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição da renda), relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho;
- j) Estimular a utilização das tecnologias disponíveis para ampliar a oferta de oportunidades e melhorar a qualidade da educação em todos os níveis;

- k) Considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais;
- l) Estimular a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável como componentes da atividade extensionista;
- m) Tornar permanente a avaliação institucional das atividades de Extensão Universitária como um dos parâmetros de avaliação da própria Universidade;
- n) Valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade;
- o) Atuar, de forma solidária, para a cooperação internacional, especialmente a latino-americana.

A construção dessa Política foi, não só uma vitória do FORPROEX, representante das Universidades Públicas, que busca trabalhar, cada vez mais, para aprimorar os mecanismos acadêmicos e políticos para materializar seus conteúdos, tornando-a uma ferramenta efetiva de “formulação, implementação e avaliação das ações de Extensão Universitária” (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADE PÚBLICAS BRASILEIRA, 2012, p. 8), como também para a sociedade brasileira, tem nas IES o compromisso com a transformação de uma Universidade Pública, gratuita e de qualidade.

2.1.1 A UFPE e a Extensão Universitária

A criação da Universidade em Pernambuco veio muito antes de sua origem, conforme Santos (2010, p. 55) “desde 1928, os catedráticos da Faculdade de Direito desejavam sua criação”.

A Universidade do Recife (UR), na atualidade, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi concebida, afirma Silva Junior (2012, p. 108), em 11 de junho de 1946, pelo Decreto-Lei nº 9.388⁹, assinado pelo então Presidente Eurico Gaspar Dutra e pelo ministro da Educação e Saúde, Ernesto de Souza Campos sendo constituída pela Faculdade de Direito do Recife (1827), a Escola de Engenharia de

⁹Para uma explicação detalhada ver Brasil (1946).

Pernambuco (1895), A Escola de Medicina, com os cursos anexos de Farmácia (1903) e Odontologia(1913), a Escola de Belas-Artes em 1932 e a Faculdade de Filosofia em 1940.

Em 12 de dezembro de 1947, através do Projeto de Lei nº 159/1947, de autoria do deputado estadual Luiz Magalhães Melo, convertido na Lei nº 42/1947 “nasceu o *campus universitarius*, conhecido hoje como Cidade Universitária” (CABRAL, 2006, p. xvi). De acordo com Cabral (2006, p. 45) seu projeto arquitetônico, idealizado arquiteto veneziano Mário Russo¹⁰, teve início em 1948. “Em princípio dois lugares foram cogitados: as Ilhas de Joana Bezerra e do Maruim, local preferido pela Comissão, e o Engenho do Meio, local favorito dos professores”.

Cabral (2006) narra que as terras destinadas à construção da Cidade Universitária, no antigo Engenho do Meio remonta pelo menos ao século XVII. Este se transforma na “Usina Meio da Várzea”, em 1904, e funciona até 1937. Posteriormente, em 1946, “as terras são parceladas e passam a constituir o Parque Residencial do Engenho do Meio da Várzea” (CABRAL, 2006, p. 40).

O espaço escolhido foi o bairro do Engenho do Meio, em virtude da existência de uma avenida já projetada para o local, além das boas condições climáticas e da topografia do terreno. Ainda conforme Bernardes, os recursos usados na aquisição e implantação do campus universitário foram provenientes do Governo do Estado, que alocou 0,10% dos impostos de vendas e consignações para a edificação do projeto.

Russo, (apud CABRAL, 2006, p. 41) foi chefe do escritório técnico da cidade universitária (Figuras nº 01 e 02) e “defendeu, mesmo não tendo participado da escolha, a localização da cidade na periferia da zona urbana”.

¹⁰Projeto que sofreu diversas alterações no decorrer do tempo.

Figura 1 - Planta da Cidade do Recife com localização na Cidade Universitária



Fonte: Cabral (2006, p. 51)

Figura 2 - Plano Urbanístico para a Cidade Universitária do Recife, 1949 - perspectiva



Fonte: Cabral (2006, p. 30)

Entre seus 16 reitores, até a presente data, destacamos dois reitores que foram fundamentais para a então Universidade do Recife. O Prof. Joaquim Amazonas, como primeiro reitor e Prof. João Alfredo com fortes ligações com a Extensão Universitária.

Prof. Amazonas foi primeiro reitor da Universidade do Recife - UR (1946-1959). Professor da Faculdade de Direito, Joaquim Ignácio de Almeida Amazonas que de acordo com Santos (2010), foi anteriormente, deputado estadual (1927-1930), senador estadual (1930), membro da Comissão de Economia e Finanças do Estado, membro e presidente do Conselho Administrativo do Estado. Reeleito para vários mandatos, Amazonas desempenhou a função de reitor por 12 anos, falecendo, em agosto de 1959, antes do término do último mandato.

Após o falecimento do Prof. Joaquim Amazonas, o professor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, que já integrava a estrutura de poder na UR como vice-reitor, toma posse como reitor objetivando continuar o processo de modernização. Seu reitorado, segundo Santos e Silva (2010, p. 15) teve “um forte laço com o povo através do Serviço de Extensão Cultural, de acordo com Rosas (2003, p. 66) que coordenado por Paulo Freire “trabalhando de forma a aproximar a Universidade dos problemas sociais do estado e da região”. Essa visão populista não deixou de lado as formalidades que o cargo exigia. Contudo, essa visão mais aberta e próximo de Paulo Freire permitiu que o Serviço de Extensão Cultural, criado em sua gestão, e um dos focos do nosso projeto de pesquisa, tivesse força como dispositivo de mudanças sociais.

A UFPE sofreu grandes vetores de transformação nesse período. De acordo com Veras (2012, p. 89) foram:

- Manutenção da estrutura provisória da UR com foco na reforma material das unidades de ensino;
- Contratação de novos agentes universitários;
- Inauguração das obras finalizadas da Cidade Universitária;
- Harmonização da UR com a realidade brasileira através de três frentes de ação: participação nos debates da reforma de base reforma universitária; formação de quadros intelectuais e técnicos para o desenvolvimento regional; democratização da universidade através do Serviço de Extensão Cultural.

Em 1967, a Universidade do Recife começa a fazer parte do grupo de Instituições Federais, recebendo o título de **Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**, tornando-se uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação - MEC.

Assim, inicia-se uma nova fase para a UFPE que vai, paulatinamente, crescendo em quantidade de docentes, discentes e técnicos, como também, em qualidade na educação. Não nos deteremos na fase de 1967 a 2016 dentro em vista não ser o foco do nosso estudo. Entretanto, a título de informação segue alguns números que mostram a dimensão da UFPE.

O QS World University Rankings (2016) classificou a UFPE como 16ª melhor universidade federal brasileira do país, tendo ocupado a 44ª posição entre as instituições da América. A UFPE é a única universidade do Norte/Nordeste considerada de excelência nas 36 áreas analisadas e quatro indicadores, tais como: reputação acadêmica, reputação da universidade de acordo com o empregador, citações por artigo publicado e índice-h, sendo estes dois últimos critérios relacionados ao impacto da pesquisa produzida nas universidades analisadas.

Outros rankings apresentam a UFPE, em diferentes posições tais como:

- a) QS University Rankings: Latin America/2015 east an 44º;
- b) QS University Rankings: BRICS. Encontra-se na 93º;
- c) Times Higher Education, Latin America University Rankings na 21º;
- d) World University Rankings em 701º.

A UFPE possui, atualmente, mais de 50 mil habitantes, e com uma estrutura hierarquicamente pesada formada, atualmente, por oito Pró-Reitorias: Pró-Reitoria de Planejamento, Orçamento e Finanças (PROPLAN); Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (PROGEPE); Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (PROACAD); Pró-Reitoria de Gestão Administrativa (PROGEST); Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ), Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC); Pró-Reitoria de Comunicação, Informação e Tecnologia da Informação (PROCIT) e a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES). Ainda acolhe 09 Órgãos Suplementares, todos devidamente apresentados no site oficial www.ufpe.br.

Ainda, conforme dados fornecidos pela Assessoria de Comunicação - ASCOM a UFPE (2016) é constituída 10 centros distribuídos em três campi: Recife, Vitória de Santo Antão e Caruaru. São 104 cursos de graduação; 47 cursos de pós-graduação lato sensu, 68 Mestrados, 53 Doutorados, 2.900 docentes, 4.235 técnico-administrativos.

A UFPE tem como Missão:

A Universidade Federal de Pernambuco tem como missão como instituição pública, promover a formação de pessoas e a construção de conhecimentos e competências científicas e técnicas de referência mundial, segundo sólidos princípios éticos, socioambientais e culturais (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio ao Planejamento Estratégico, 2013, p. 25).

E apresenta como Visão: “Ser uma universidade de classe mundial comprometida com a transformação e desenvolvimento da humanidade” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio ao Planejamento Estratégico, 2013, p. 25).

Com essa visão a UFPE, ainda, propõe, através do PEI (Plano Estratégico Institucional - UFPE - 2013-2027) seis linhas de atuação institucional:

- a) De natureza geral, relacionada à posição da UFPE como instituição acadêmica;
- b) Relacionada à formação acadêmica na UFPE;
- c) Relacionada à pesquisa e inovação na UFPE;
- d) A extensão e cultura na UFPE;
- e) Gestão e;
- f) Recursos humanos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio ao Planejamento Estratégico, 2013, p. 3)

Tem como objetivos estratégicos:

- a) Tornar a UFPE uma das 100 melhores universidades do mundo;
- b) Consolidar e expandir a interiorização;
- c) Implantar uma política de internacionalização;
- d) Desenvolver a Educação Midiática;
- e) Promover a expansão de cursos garantindo a qualidade;
- f) Institucionalizar uma política de acompanhamento e redução de retenção e evasão na graduação;
- g) Viabilizar a integração da universidade com a sociedade, dentro de um programa de pesquisa, extensão e inovação;
- h) Promover uma política de sustentabilidade;
- i) Implantar uma política de resgate, preservação e acesso à cultura;
- j) Implantar uma política de avaliação (interna e externa) em todas as instâncias;
- k) Redefinir a política de contratação de pessoal (docentes e técnicos);
- l) Ser referência na gestão e governança de tecnologia de informação e comunicação;
- m) Aperfeiçoar o Programa de Capacitação de Pessoal (docentes e técnicos) para garantir a excelência da instituição;
- n) Oferecer condições de acesso, permanência e conclusão exitosa de formação acadêmica de todos os estudantes;
- o) Ampliar, modernizar e manter a infraestrutura física da Universidade;
- p) Desenvolver a Gestão da Informação e Implantar sistemas Integrados de Informação e Comunicação robustos e consistentes que abranjam todas as áreas da instituição e;

- q) Assegurar recursos orçamentários necessários para a implementação da estratégia. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio ao Planejamento Estratégico, 2013, p 27).

Fica evidente que a UFPE classifica a extensão como uma atividade estratégica e que integrada ao ensino e a pesquisa visam atender às demandas sociais. Além de buscar demonstrar que: “suas ações e manifestações, o compromisso de se antecipar aos desafios sociais, sendo reconhecida pela transformação do conhecimento em soluções para essa sociedade”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio ao Planejamento Estratégico, 2013, p. 30).

A UFPE, consoante com as diretrizes nacionais do MEC de fortalecimento da política de ensino superior, vem, no contexto regional e nacional, atuando, por meio de seus princípios básicos como: “A ética, a transparência, a democracia, a flexibilidade, a racionalidade burocrática, o respeito ao meio ambiente, a eficiência e a eficácia na aplicação dos seus recursos, garantindo a sustentabilidade institucional” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio ao Planejamento Estratégico, 2013, p. 20).

2.1.2 Do Serviço de Extensão Cultural à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura- (PROExC)

Foi a partir do nascimento do SEC que a Extensão se fez presente na UFPE, que resultou, posteriormente, a Pró-Reitoria de Extensão. Freire imbuído no espírito revolucionário, buscou mostrar que a Universidade, através da Extensão Universitária, deve ser mais atuante, mais próxima da realidade que elas viviam, pois complementa Santiago et al. (2013, p. 26):

as linhas traçadas pelos passos do educador oscilavam entre o humil do subúrbio e o erudito da universidade. Essa relação entre a educação popular & magistério superior são traços importantes para compreender as relações de forças que atravessaram a formação do Sistema Paulo Freire.

2.1.2.1 O Serviço de Extensão Cultural (SEC)

Para falar sobre a extensão na UFPE faz-se necessário, primeiramente, voltarmos às suas raízes, isto é, ao seu idealizador o Prof. Paulo Reglus Neves Freire¹¹, (Figura 3), educador e filósofo pernambucano, e sua trajetória na Universidade.

Figura 3 - Paulo Freire



Fonte: Instituto Paulo Freire

Freire (apud ROSAS, 2003, p. 25) já na década de 60 possuía um pensamento “político-pedagógico dialógico e libertador”. Muitas de suas atividades, como o Movimento de Cultura Popular (MCP), o Programa Nacional de Alfabetização e o próprio SEC, reforça Rosas (2003, p. 26) “eram na busca da autonomia e da troca de saberes entre o educador e o educando”.

¹¹ Nasceu em 19-09-1921, em Recife, Pernambuco – Faleceu no 02-05-1997- São Paulo (PAULO...2012).

Escolhido em 1959, segundo Silva Junior (2012, p. 14) pelo Conselho Universitário o reitor João Alfredo¹² (Figura 4), buscou a criação de “um tempo novo” que, além da modernização da Universidade do Recife (UR), tinha entre seus objetivos atuar, de forma efetiva, no avanço do conhecimento “científico e tecnológico”, como também aproximar a Universidade dos diversos segmentos da sociedade.

Figura 4 - Reitor João Alfredo G. da Costa Lima



Fonte: Silva Júnior (2012, p. 139)

Foi nessa perspectiva que o reitor planejava desenvolver pesquisas nas áreas da Educação Popular, por isso após Paulo Freire perder da disputa da Cátedra de Filosofia e História da Educação, na Escola de Belas Artes, o reitor aproveitou a conjuntura e convidou Freire e outros eruditos para elaborar um documento visando à criação de uma secretaria que posteriormente se tornaria o Serviço de Extensão Cultural (SEC), localizado na Rua Gervásio Pires, nº 674, 1º andar – Recife – PE (Figura 5). Esta era ligada diretamente ao gabinete, o que evitaria a aprovação do Conselho Universitário, onde João Alfredo não tinha a maioria.

¹²Sobre o assunto ver Universidade Federal de Pernambuco (2016).

Figura 5 - Fachada atual do Prédio do SEC



Fonte: Silva Júnior (2012, p. 173)

O reitor, para embasar à criação do SEC, apresentou como justificativa, destaca Veras e Mendonça (2009, p. 15):

- a) Promover a difusão cultural, levando a Universidade a agir junto ao povo, através dos meios de divulgação a seu alcance;
- b) Contribuir, por meio de publicações, cursos, palestras, informes de interesse científicos e outras realizações culturais para o desenvolvimento da cultura e das mentalidades regionais;
- c) Realizar, na Universidade e fora dela, cursos de extensão e seminários visando, sobretudo, ao estudo da realidade e cultura brasileira e dos problemas da região;
- d) Procurar divulgar amplamente os trabalhos e as realizações da Universidade do Recife, proporcionando um maior conhecimento de sua natureza e de seus objetivos."

Formando uma parceria com Prof. João Alfredo considerado "o candidato natural do Professor Amazonas"¹³, Freire (apud VERAS; MENDONÇA, 2009, p. 76) promoveu cursos de extensão, tais como: "Sociologia da Arte, Problemas da

¹³ Sobre o assunto ver Universidade Federal de Pernambuco (2016).

Educação e diversas oficinas”, além da criação da Revista Estudos Universitários, da Rádio Universitária.

O reitor, mesmo tendo uma postura pedagógica tradicional, tentava dinamizar os processos educativos da Universidade com um corpo docente de alto nível formado por artistas, professores e técnicos.

Embora com discursos diferentes em relação à Extensão, enquanto o João Alfredo se voltava para uma formação mais assistencialista, Freire sempre defendeu o processo pedagógico mais humanizado com a “dialogação” como primordial, através de recursos didáticos da instrução e do ensino. O reitor, relata Rosas (2003, p. 67) admirava a competência de Paulo Freire não envidava esforços para mantê-lo na Universidade. Entretanto, mesmo com discursos divergentes enquanto educadores, vão se encontrando e se complementando, desta forma vai nascendo uma nova universidade, mais perto da sociedade.

Veras e Mendonça (2009, p. 15) destacam que a criação do Serviço de Extensão Cultural foi o “céu e o inferno” para magnífico reitor João Alfredo, pois se de um lado o SEC deu visibilidade internacional e “maior legitimidade política perante o Governo Federal” a comunidade acadêmica, por outro não via com bons olhos essa sua função “técnico-empresarial”, e essa união com um movimento populista numa busca de uma pedagogia transformadora. A academia via o SEC não só como uma simples ação assistencialista, mas, principalmente, como ação subversiva que desvirtuaria o sentido maior da universidade na perspectiva de elementos conservadores, mas tradicionais da época. O SEC respirava os movimentos de educação e cultura e uma representação de um intenso emancipatório da universidade progressista.

À frente do SEC, criada em 1962, portaria nº. 2, de 8 de fevereiro (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 1962), como secretário executivo, Paulo Freire tinha a preocupação com a Extensão Universitária na perspectiva de integração entre a academia e a sociedade. Essa iniciativa audaciosa reforça Veras (2012, p. 105) do então Reitor alcançou tanto “admiração quanto desafeição por todo o Brasil”.

A Secretaria estava diretamente ligada à reitoria e com isso sua competência estava embasada em um projeto de reforma universitária que vinha ao encontro dos anseios do movimento estudantil. Aos poucos, o SEC foi integrando discentes, docentes e técnicos envolvidos nesse espírito de promover a difusão cultural e a

democratização dos saberes através de cursos, seminários, oficinas, palestras, publicações. O Órgão era constituído por vários setores, entre eles o que mais se destacaram foram:

- a) Setor de Educação de Base - Consolidando o Sistema Paulo Freire através de cursos extensionistas. Esse método vai, muito além, de uma simples alfabetização, pois ele estava associado ao processo de conscientização do aluno, de sua importância e inserção no seu contexto social e político.
- b) O Setor de Rádio e TV - A Rádio Universitária AM (1962), FM (1979) a serviço da democratização da cultura, que tinha como slogan "uma rádio a serviço da democratização da cultura". Santiago et al (2013, p. 36) e a primeira TV universitária (1968), formando posteriormente um órgão suplementar – Núcleo de TV e Rádios Universitários (NTRU) e;
- c) E Revista Estudos Universitários, instrumento de comunicação e extensão, que não tinha subordinação específica a nenhum dos setores, pois o seu conselho tinha total autonomia, com liberdade de produção. A revista foi "resgatada" de volta a extensão em 2009, após 30 anos, pela PROExC tornando-se um importante espaço de debate e discussão, movimentos de base, pensar uma universidade mais democratizada, participativa, mais orgânica e integrada.

Fizeram parte do SEC, conforme Veras (2012) grandes nomes como: Almeri Bezerra, Aurenice Cardoso, Anita Paes Barreto, Astrogilda de Carvalho Paes de Andrade, Dulce Campos, Dulce Chacon, Elza Freire, Hugo Martins, Jarbas Maciel, Judite Ribeiro, Jurassi Andrade, Marcius Cortez, Maria Dozinda, Pe. Paulo Menezes, Severino Vieira.

Com pouco mais de dois anos o Serviço de Extensão Cultural foi considerado, esclarece Santiago, et al. (2013, p. 33), a primeira experiência, “sistemática de Extensão Universitária no Brasil”, com isso o SEC conseguiu reunir docentes, técnicos, alunos e a sociedade em torno de uma nova forma de educar, reforçava Freire (1962, p. 12-13): “Com uma educação corajosa, sem preconceitos, que respeite a pessoa humana, por isso mesmo dialogal e jamais assistencializadora. O SEC não imporá fórmulas. Não dará receitas: discutirá problemas”.

O SEC buscava atingir às camadas da população que não tinham condições de acessibilidade aos cursos universitários. Esta visava, principalmente, criar canais de conexão com o Movimento de Cultura Popular e sinalizar a educação no mapa das

realidades socioculturais e com isso conquistava a simpatia dos movimentos sociais e do movimento estudantil.

Foi a partir de 1964 que Paulo Freire e o SEC passaram a ser, taxados de comunistas pelo governo. Nesse período o governo extingue o Programa Nacional de Educação, e em abril do mesmo ano houve invasão do SEC, o afastamento do então Reitor João Alfredo, e por fim, nesse período, Paulo Freire é preso em Recife. Em setembro de 1964, deixava o Brasil rumo ao exílio.

As ações do SEC são, na atualidade, desenvolvidas pela Diretoria de Extensão Cultural - DEC (Centro Cultural Benfica)¹⁴, Figura 6, localizado fora do campus universitário, em um casarão do século XIX, tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, em 1981.

Figura 6 - Fachada do Centro Cultural Benfica



Fonte: Lúcio (2016)

Paulo Freire, cidadão do mundo, reputado como uma das maiores autoridades em Educação no Brasil, posteriormente em 13/04/2012, através da Lei nº 12.612 (BRASIL, 2012), é considerado o Patrono da Educação Brasileira, construiu, segundo Santiago (2009, p. 67), “um pensamento e uma prática cuja finalidade maior é o processo de reconhecimento - conscientização - intervenção na realidade do e pelo sujeito”, por isso Freire (apud VERAS, 2012, p.88) tinha como objetivo desenvolver

¹⁴ Nome Fantasia devido a sua localização - na rua Benfica no bairro da Madalena

atividades no “Âmbito da cultura e da realidade brasileira, fomentar a educação e a cultura popular e promover políticas de Extensão Universitária (extensão cultural)”.

A UFPE, em reconhecimento institucional ao trabalho do educador, abriga em seu campus universitário a Cátedra Paulo Freire, criada em 1967, como um espaço privilegiado de socialização do conhecimento, de troca de saberes, e perspectivas e questionamentos para novas investigações, objetivando manter a preservação de sua memória, além de ser um espaço de produção e socialização da Pedagogia Freireana. A Profa. Maria Eliete Santiago coordenadora da Cátedra Paulo Freire, criada através da Portaria no. 04/2005 (UFPE, 2005), situada no Centro de Educação enfatiza que:

Freire representa a ética da solidariedade, a responsabilidade política e o compromisso social com a humanização dos sujeitos, como práxis política e pedagógica mediada pela educação. Ética que tece a sua trajetória e que se objetiva como opção por uma educação libertadora. (SANTIAGO, 2013, p. 7)

2.1.2.2 A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC)

A Extensão na UFPE nasce, de forma efetiva, com o Serviço de Extensão Cultural – SEC e ao longo de sua existência recebeu várias denominações na estrutura administrativa da UFPE: Pró-Reitoria para Assuntos Culturais e Intercâmbio Científico (PROACIC), Pró-Reitoria de Extensão Cultural e Intercâmbio Científico (PROECIC) e a Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT).

A partir de 2015 passou a intitular-se Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC) que além de trabalhar a área acadêmica, também propõe uma política institucional de cultura e memória da Universidade. A PROExC, no presente momento tem como missão.

Contribuir para a transformação tanto da universidade, através da busca de maior envolvimento da comunidade acadêmica em ações extensionistas e produzindo e socializando os conhecimentos numa perspectiva de consolidação da integração universidade / sociedade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2015).

Tem como objetivos:

- Contribuir para a formação acadêmica/profissional cidadã do estudante de graduação da UFPE comprometido com a transformação da sociedade;
- Promover e apoiar ações que favoreçam a integração universidade/sociedade;

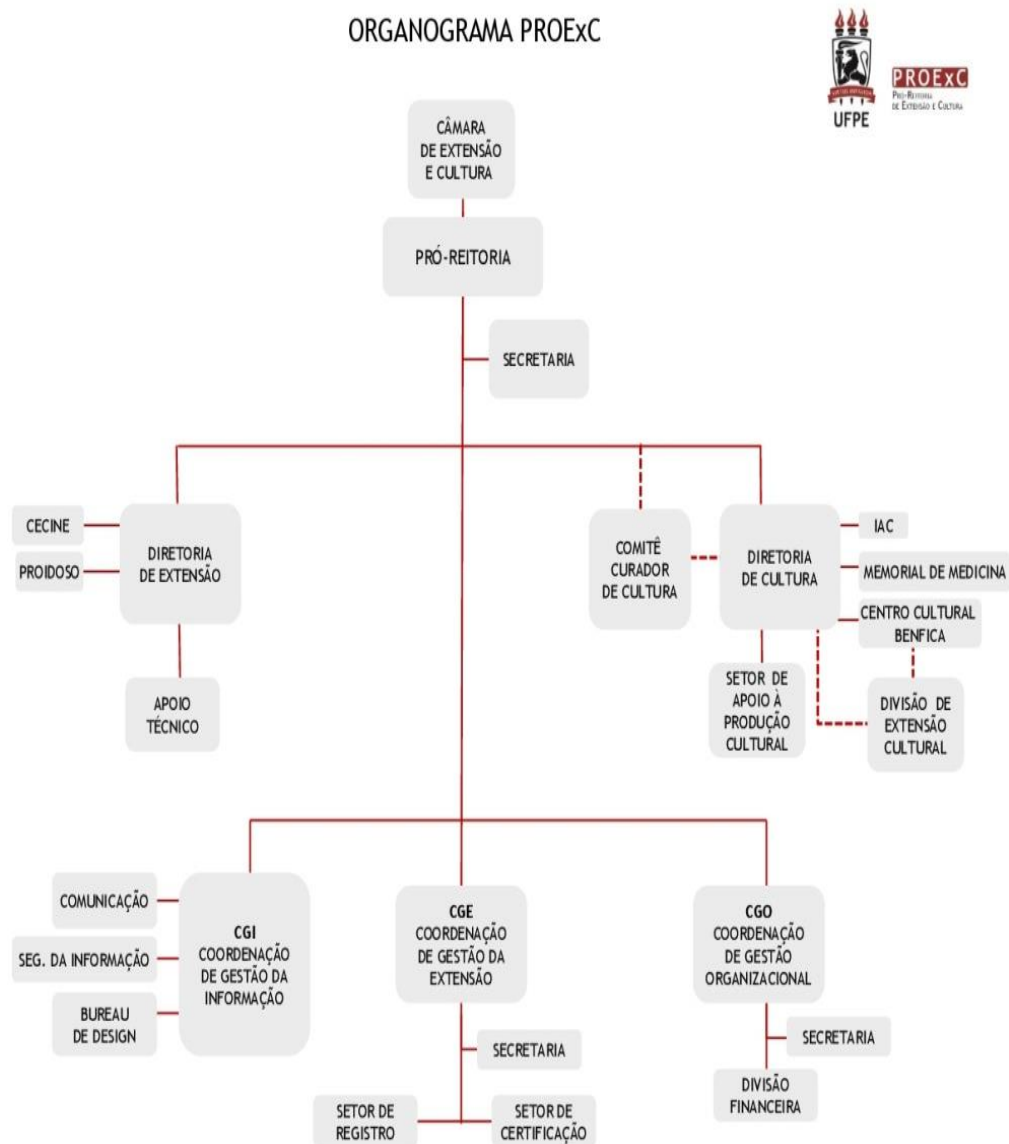
- Apoiar programas e projetos voltados para o desenvolvimento social, cultural, científico, ambiental e tecnológico;
- Ampliar e estabelecer parcerias para realização das ações e integrar as ações acadêmicas de pesquisa e ensino.³ e;
- Integrar as ações acadêmicas de pesquisa e ensino aquelas de extensão de forma a fortalecer o compromisso social da universidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2015).

A PROExC possui, nos dias de hoje, uma estrutura organizacional formada pela: Câmara de Extensão; Pró-Reitoria de Extensão; Coordenações Setoriais de Extensão (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão)¹⁵.

- a) Câmara de Extensão (instância deliberativa superior)
 - Pró-Reitor de Extensão, como Presidente;
 - Cinco (5) membros do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão;
 - Um (1) representante do corpo discente de graduação;
 - Um (1) Assessor (indicado pelo Reitor e homologado pelo Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão (CCEPE)).
- b) Pró-Reitoria de Extensão
 - Pró-Reitora
 - Coordenação de Gestão Organizacional - CGO;
 - Coordenação de Gestão da Extensão - CGE;
 - Coordenação Gestão da Informação - CGI;
- c) Diretoria de Extensão
 - PROIDOSO (Programa do Idoso);
 - Núcleo do Idoso - NAI;
 - Universidade Aberta à Terceira Idade - UNATI.
 - Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste - CECINE
- d) Diretoria de Cultura
 - Centro Cultural Benfica com o Teatro de bolso Joaquim Cardozo, o acervo museológico composto pela coleção da antiga Escola de Belas Artes e pelo Instituto de Arte Contemporânea - IAC;
 - Memorial da Medicina de Pernambuco;
- e) Coordenações Setoriais de Extensão - CSE, composta de um coordenador e vice-coordenador e pelos representantes setoriais dos departamentos. Essas coordenações estão ligadas diretamente às Diretorias dos Centros Acadêmicos que tem entre outras atribuições a de: “articular, apoiar, coordenar, divulgar e avaliar as ações extensionistas no seu âmbito de atuação”.

¹⁵ Mais informações sobre a PROExC acessar a URL: <https://www.ufpe.br/proexc/setores-e-equipe>

Figura 7 - Organograma da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura



Fonte: PROExC (2017)

A PROExC ainda possui uma rede extensionista constituída pelos Representantes Setoriais de Extensão, que possuem as mesmas competências que os CSE, mas encontram-se localizados nos Órgãos Suplementares.

A partir de 2003, buscando efetivar a aproximação da universidade/sociedade, além de estar em consonância com o Plano Nacional de Extensão e com os princípios norteadores da gestão (2003-2008) da UFPE, a Pró-Reitoria criou vários programas. São eles:

- Programa UFPE & Políticas Públicas - Tem natureza interdisciplinar a envolver todas as áreas do conhecimento em torno das temáticas ligadas aos desafios do desenvolvimento humano;
- Programa UFPE & Políticas Culturais - Objetiva o desenvolvimento da cultura em todos os seus campos, democratizando, assim, o acesso à informação cultural;
- Programa Educação Inclusiva & Formação Permanente - Contribui para a integração entre a educação superior e a fundamental, média e tecnológica, por meio de políticas voltadas para democratizar e aumentar o acesso e a permanência dos jovens egressos da rede pública ao ensino superior público;
- Programa UFPE & Movimentos Sociais - Possibilitar a integração e a articulação entre os saberes acadêmicos, oriundos das pesquisas universitárias, com os saberes sociais e populares, oriundos dos movimentos sociais e das diversas representações da sociedade;
- Programa Interação UFPE & Empresa - É um programa que promove a aproximação entre a universidade e o setor produtivo, por meio da realização de ações que possibilitem o enfrentamento de problemas de interesse comum;
- Programa UFPE & Valorização da Extensão - Apoia-se nas Coordenações Setoriais de Extensão, fortalece suas ações, procurando atuar de forma integrada com o ensino e a pesquisa, contribuindo para o fortalecimento da Sociedade;
- PROIDOSO - O Programa do Idoso - constituído pela UnATI - Universidade à Terceira Idade e o NAI - Núcleo de Atenção ao Idoso, que tem como linha de ação o desenvolvimento de atividades de extensão dirigidas à pessoa idosa;
- PROGRAMA BIA - Bolsa de Incentivo Acadêmico – Tem entre outros objetivos o de contribuir para ampliação de políticas de acesso e manutenção dos alunos, no 1º ano do curso superior, que são oriundos da rede pública estadual e municipal de ensino.

Em 1997, na perspectiva de consolidar a extensão como prática acadêmica de integração com a sociedade, a UFPE, por meio da PROExC, deu início ao processo de regulamentação da extensão através da Resolução 04/97 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 1997) **(ANEXO B)**.

Em 2007, foi aprovada uma nova regulamentação, a Resolução 09/07 (**ANEXO C**), que define no capítulo I, nas diretrizes gerais, art. 1 que: “Compete a Extensão na UFPE como atividade acadêmica, articulada com o ensino e a pesquisa, promover a relação transformadora e integradora entre a Universidade e a Sociedade” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2007, p. 1).

E em seu art. 2, as define que as modalidades extensionistas passam a ser: os Programas, Projetos, Cursos (atualização e/ou aperfeiçoamento), Eventos e Serviços. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 1997)

Ratificando as políticas de editais do FORPROEX, numa perspectiva de crescimento das ações extensionistas, a Pró-Reitoria tem feito, nos últimos anos, chamadas públicas, abertas a toda comunidade, num processo democrático e transparente. São elas:

- a) Apoio à Divulgação de Atividades Extensionistas;
- b) Apoio a projetos de extensão (editais internos e externos);
- c) Bolsas de extensão no Recife e Grande Recife;
- d) Educação a Distância - Fluxo contínuo;
- e) Patrimônio Artístico e Cultural;
- f) Pauta do IAC - Instituto de Arte Contemporânea;
- g) Publicação de Livros e;
- h) Registro de Fluxo Contínuo.

A PROExC ainda possui ações permanentes que objetivam apoiar as atividades extensionistas. São elas:

- a) Serviços do Bureau de Design;
- b) Cessão e/ou locação de espaços culturais e educacionais localizados dentro, tais como o CECINE e fora do campus da Cidade Universitária o Memorial da Medicina, do Centro Cultural Benfica.

A Pró-Reitoria vem apoiando, ao longo dos anos, técnica e financeiramente Núcleos Temáticos, tais como: Cátedra Gilberto Freire; Cátedra José Martí; Cátedra Paulo Freire; Centro Paulo Freire; Núcleo de Estudo e Documentação sobre

Movimentos Sociais (NUDOC); Núcleo de Estudos Brasileiros Ariano Suassuna; Núcleo de Estudos Brasil-África; Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB).

Outro apoio financeiro significativo e permanente são para os Pré-Acadêmicos. São cursos visando à aprovação de estudantes vindos de escolas públicas no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). O planejamento pedagógico é orientado pelos professores responsáveis por cada projeto que tem discentes graduandos e pós-graduandos, das diversas áreas, como monitores. Hoje em dia são, em torno de, 16 localizados nos centros acadêmicos.

A Pró-reitoria de Extensão e Cultura busca, cada vez mais, alavancar as discussões temáticas, disseminar ideias, apoiar iniciativas inovadoras e empreendedoras, fortalecer projetos estruturantes e transformadores, mobilizando e envolvendo a comunidade acadêmica, cada vez mais, com o objetivo de ampliar e consolidar as ações extensionistas.

A relação Universidade-Sociedade é uma construção coletiva e a PROExC vem envidando esforços na realização de ações que fortaleçam o compromisso social da universidade com a transformação pública, numa perspectiva integrativa da formação acadêmica Ensino-Pesquisa-Extensão.

2.2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A SUA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO

Um dos traços marcantes da pedagogia freireiana, destaca Santiago (2006, p. 76), é o reconhecimento dos "sujeitos da educação como construtores do conhecimento, e não meros consumidores". A educação tem que mobilizar, continuamente, a sociedade para tornar a escola e/ou a universidade, cada vez mais democráticas, utilizando estas como motores propulsores da transformação humana. É nesse viés que a Extensão Universitária tem um papel imprescindível, pois contribui para uma educação problematizadora. Por isso só com projetos extensionistas, que viabilizem uma relação entre a universidade e comunidade e o mundo da produção, é que podemos tornar a Universidade um campo propício para o exercício responsável da cidadania.

2.2.1 A Extensão Universitária (EU)

A instituição universitária, no transcorrer da história, à medida em que foi fiel à sua missão, colaborou de maneira relevante para o desenvolvimento da civilização ocidental, ao mesmo tempo, destaca Síveres (2006, p. 136) “em que ela é filha do seu tempo, e também vai construindo a sua própria identidade”.

Essa identidade vai sendo construída através de sua dinâmica interna e da sua relação com o ambiente social no qual está inserida. Uma instituição educadora como a universidade é enraizada em princípios, formas e regras de organização. Como elemento dinâmico é, também, partícipe de um processo democrático e solidário às necessidades da população por meio do seu compromisso com o futuro da sociedade.

A EU é um desses caminhos não só para contribuir no desenvolvimento da sociedade, como também no desenvolvimento da formação acadêmica completa, integrando a teoria e a prática numa interação com a coletividade possibilitando uma troca de saberes, com isso a socialização e a construção de novos conhecimentos. Síveres (2006, p. 139) complementa:

Assim, o compromisso da universidade para com a sociedade não é uma ação benemérita da instituição, mas é um processo de aprendizagem que alimenta a comunidade acadêmica, para que a mesma possa manifestar a sua missão, objetivando redimensionar a sua função social.

A Extensão Universitária perpassa pelo ensino e pela pesquisa e se torna uma grande aliada para o processo educativo do ensino superior, mas ainda continua distante de grande parte dos estudantes universitários. Estamos, além disso, muito aquém do esperado, pois muitos docentes, por diversos fatores, não agregam a extensão em suas atividades curriculares. Eles precisam entender a importância dessa prática da extensão uma vez que a sua natureza corrobora para a articulação teórico-prática e para as vivências interdisciplinares.

Esse entendimento sobre a importância da extensão começou a partir da década de 80. Sua conceituação avançou e foi institucionalizada nas Instituições de Ensino Superior (IES). Os fóruns acadêmicos e de pesquisas já estão buscando introduzir a extensão em suas temáticas, pois uma das metas do Plano Nacional de

Educação¹⁶ (PNE), sancionada no dia 25 de junho de 2014, Lei nr. 13.005, era “Incorporar até 2015 ao menos 10% do total de horas curriculares de formação acadêmica em programas e projetos de extensão fora dos espaços de sala de aula” (BRASIL, 2014).

E vai mais além, as grades curriculares deverão se adequar até 2020, o que significa ampliar espaços e oportunidades da comunidade acadêmica para que estas se apropriem da Extensão Universitária, confirmando que a universidade não é só ensino e pesquisa na perspectiva de criação de uma prática pedagógica, mas também buscando desenvolver a capacidade institucional de organização, através do diálogo, da negociação, e principalmente na construção de projetos coletivos vindos do conhecimento produzido na universidade e a sociedade.

Mesmo com os avanços, a conceituação da Extensão Universitária, ainda, permanece, para muitos partícipes da comunidade acadêmica uma questão complexa. Muitos têm introjetado, conforme Melo (2010, p. 135) a ideia que a extensão é uma atividade secundária “um apêndice com pouco significado em meio às atividades acadêmicas, por isso os critérios de avaliação institucional dão menos pontuação à extensão”. Alguns Coordenadores Setoriais de Extensão (CSE) corroboram, de acordo com a autora que se trata, ainda, de uma questão ideológica e cultural:

Se você faz extensão, não tem capacidade de pesquisar. Isso é reforçado ainda hoje por alguns professores. Aqueles que não têm doutorado, aí fazem extensão. O professor que está na pós-graduação não quer fazer extensão. (CSE6) (informação verbal)¹⁷

Por este motivo retomamos, com mais clareza, a conceituação da Extensão Universitária que, de acordo Demo (2001, p. 17) “teve início com sua contextualização histórica, seja de caráter religioso, por meio de ações filantrópicas, de caráter revolucionário, por meio dos movimentos das universidades populares, ou de caráter acadêmico, por meio de conferências e atividades técnicas”.

Outra visão histórica da EU é feita por Jezine (2006, p. 237) trabalhando a “dimensão filosófico-científica, assistencialista e a mercantilista” e Serrano (2009, p. 1) reforça com “quatro modelos históricos: a transmissão vertical do conhecimento -

¹⁶ Informações adicionais ver Brasil. Ministério de Educação (2015).

¹⁷ Depoimento do entrevistado CSE6 registrado na dissertação de Melo (2010, p. 119).

saber autoritário; o voluntarismo; a ação sócia comunitária institucional; o acadêmico institucional – método Paulo Freire”.

Todos os autores acima, de formas diferentes, contextualizam historicamente a extensão, mas esta perpassa, também, pelo enfoque político quando Souza (1986, p. 14), afirma que:

O que solidariza a pluralidade de ações e mecanismos de extensão em uma universidade, é a coerência de sua postura política. A extensão passa a ser um ato político (caracterizado como ato educacional que objetiva contribuir para o desenvolvimento da polis) e com isso devemos pressupor que existe um projeto de sociedade a ser alcançado.

Assim a política universitária que inclui a extensão como prática acadêmica, também interpela o próprio corpo institucional, quando as demandas sociais entram pela porta da academia e questionam e mobilizam o Projeto Pedagógico da universidade. Com isso reforça Síveres (2013, p.191)

Motivada por esse princípio e sensibilizada por essa realidade, as IES, para atingirem seus objetivos com resultados mais significativos, têm necessidade de dispor de uma política de extensão em que o ideário institucional responda às expectativas das pessoas, das comunidades e da sociedade.

No XXVII Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), baseado no PNE, conceitua a extensão, em 2010 como:

A Extensão Universitária sob o princípio constitucional de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2010, p. 28).

E caracteriza a Extensão como:

Prática acadêmica que interliga a Universidade nas suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas da população, que possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade, como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2010, p. 28).

Outros estudiosos como Silva et al. (2013, p.192) conceituam a extensão como um “processo de desenvolvimento sustentável” e complementa que como tal: “É um princípio dentro de um conjunto de valores, no qual o ser humano tem a primazia em relação às demais formas de organização social e esta, por sua vez, é articulada no conjunto dos critérios de solidariedade”.

Já Dóris Faria (2001, p. 179) em seu artigo “Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina apresenta a conceituação dividida em três eixos norteadores: O eixo funcional; o eixo acadêmico e o eixo social”. Essa divisão mostra que a aprendizagem acontece de várias formas:

Como formação acadêmica, isto é, o eixo funcional a extensão tem a função de construir a interação, enquanto um projeto político-pedagógico universitário, entre o discente, o docente e a sociedade.

Para Demo (2001, p. 152) a universidade deve ter duas funções primordiais: “Reconstruir o conhecimento e educar as novas gerações, por isso a Extensão quer responder ao desafio da qualidade política na formação universitária”.

A EU na sala de aula, seja ela no eixo acadêmico, com a função de complementar a pesquisa e o ensino que é uma transferência de conhecimentos, indissociáveis, dentro da atividade acadêmica, ratificada Serrano (2001, p. 26) quando afirma que:

A institucionalização de uma extensão verdadeiramente acadêmica exige, naturalmente, uma intensa articulação interna e externa às universidades; tanto na formulação de uma política pedagógica onde de fato a indissociabilidade entre a extensão, o ensino e a pesquisa se materializem, quanto na formulação de parcerias de dimensão interinstitucional, e na integração com os agentes sociais dos projetos de extensão.

Ou a extensão no eixo social quando nos voltamos para a integração universidade e sociedade, via de mão dupla, troca de saberes, onde vislumbramos uma integração da aprendizagem extensionista com o “exercício de cidadania”, nos faz visualizar o papel de transformação da EU como instrumento moderador e/ou construtor de uma sociedade onde a aprendizagem extensionista é uma das formas de consolidar uma sociedade mais justa.

A cidadania em questão tem como conceituação um conjunto de valores e práticas, aponta Gentil e Alencar (2001, p. 87), para o “exercício que não somente se fundamenta no reconhecimento formal dos direitos e deveres que a constituem na vida cotidiana dos indivíduos”. Ou seja:

Não é suficiente o mero reconhecimento burocrático e discursivo da necessidade e importância da cidadania, é necessário que a compreensão de cidadania ultrapasse o mero cumprimento destes direitos e deveres, votar e ser votado. Mas que considere o aspecto importante que constitui a cidadania, a igualdade de possibilidades. (GENTIL ; ALENCAR, 2001, p. 87)

Mesmo que esse termo cidadania seja um conceito criado pela modernidade, a ideia de cidadania está, ratifica Cavalcanti (2010, p. 26), também pela noção de cidadão e pela terminologia, intimamente ligada com a cultura dos antigos romanos, pois, no contexto romano, “tem seu significado atrelado à derivação da palavra latina *ciuis* - ser humano livre, que gerou *ciuitas* que se refere à cidade, estado, cidadania”

Assim, é primordial oxigenar, através da extensão a relação professor/aluno no espaço da sala de aula, pois a EU desafia o docente a por em prática, essa forma inovadora de ensinar. Essa práxis educativa-social da Extensão Universitária, defendida por Botomé (2003, p. 154) é um local raro que através dos seus processos pedagógicos favorecem o ensino e a pesquisa quando articula a teoria e a pratica através de projetos integrativos e interdisciplinares.

A Extensão Universitária torna-se um espaço de aprendizagem e com isso materializa a sua natureza acadêmica o que reforça Síveres (2008, p. 9)

Ambiência acadêmica, por meio de todas as suas iniciativas, deveria revelar o caráter aprendente". “Esse caráter aprendente poderá ser desenvolvido não só pelo estudante, mas por todos aqueles que participam das atividades acadêmicas.

Essa extensão aprendente tem por objetivo reconstruir o conceito de sala de aula, como espaço de aprendizagem e, também, pressupõe mudanças no processo pedagógico e na relação ensino-extensão.

Esse eixo funcional mostra que a formação acadêmica do aluno só é plena quando traz benefícios para os educandos através do conhecimento da realidade, à prática interdisciplinar e interprofissional, e também à consciência social, que deve perpassar por todos os integrantes da academia.

Esse conhecimento da realidade é instrumentalizado pela EU que de acordo com Freire (1985, p. 36): “Não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”.

Fazer extensão “para e com a comunidade” é um instrumento indispensável na formação acadêmica do discente, isto é uma das características da extensão que transforma a prática educacional numa interação, num “movimento dialético” de teoria e prática o que contribui para uma universidade mais ética e mais humana.

Essa integração entre a ação educadora e a práxis social dá a EU um papel determinante para que a comunidade acadêmica venha compreender a realidade, através do seu cotidiano, e responder os seus desafios, sem esquecer, sempre, a ética e o seu envolvimento político.

Em relação ao eixo acadêmico trata da indissociabilidade entre o Ensino-pesquisa e a extensão, presente na Constituição Federal nos termos do artigo 207, que ainda não está consolidada em todos os projetos pedagógicos das IES. Foi preciso “forçar” através do Plano Nacional de Educação (PNE) a incorporação de 10% da carga horária curricular fosse voltada para a extensão.

Autores como Botomé (1996), Demo (2001), Melo Neto (2002) entre outros mostraram a importância do tripé como instrumento na formação do discente fortalecendo a extensão na perspectiva de espaço com múltiplas possibilidades de olhar a realidade com mais criatividade e com isso propor novas formas de transformação social e existencial.

Essa indissociabilidade é um processo, uma forma de ratificar um projeto formativo cujo objetivo é atender às finalidades da educação na busca do desenvolvimento dos alunos voltados para a sua capacitação, para o mercado e para o pleno exercício da cidadania. Essa materialidade acontece através dos projetos de extensão, o que reforça que a Extensão Universitária é um projeto educativo, científico e social.

Esse trinômio ensino-pesquisa-extensão ainda possui uma hierarquia, conforme reconhece Freire (2001, p. 23) “em primeiro lugar vem o ensino, depois a pesquisa e por fim a extensão”.

Por isso é fundamental buscar a igualdade de percentuais para a progressão *funcional* e promoção na carreira de Professor de Magistério Superior, entre as três áreas, ou pelo menos, que a diferença seja reduzida tem sido, também, umas das metas do FORPROEX, pois a academia deve compreender que a extensão é um espaço de aprendizagem de conteúdos científicos, isto é, reforça o ensino e a pesquisa, o que fortalece, complementa Siveres (2013, p. 48) “atuação profissional do aluno comprometida com os aspectos sociais e ambientais da sociedade”.

A relação ensino e extensão permitem mudanças pedagógicas e a democratização do saber, enquanto a relação pesquisa e extensão viabiliza a produção do conhecimento, colaborando para a transformação social. Essa interação universidade/sociedade, por meio da extensão, institui-se em um elemento capaz de operacionalizar a relação teoria e prática.

Os discentes que atuam em projetos extensionistas tem a chance de se confrontar com os problemas sociais, significando ultrapassar os muros universitários em ações cidadãs. Por isso a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que deve ser “aplicada de forma contínua, articulada e permanente”. (SÍVERES, 2013, p. 48). Continua o autor sintetizando que:

A participação de docentes e de discentes em processos extensionistas, além de representar uma possibilidade objetiva de transformação social, oportuniza ao aluno a vivência no ambiente profissional de sua área, complementando a formação acadêmica de modo integral, fortalecendo sua atuação”. (SÍVERES, 2013, p. 258)

Por fim, o conceito de Extensão Universitária como eixo Social onde nos defrontamos com a integração universidade – sociedade fortalecendo o compromisso social da academia. Essa democratização do conhecimento, perpassa pelas atividades extensionistas, programas e projetos de extensão.

Essa prática profissional do discente na universidade pode, também, se fazer presente pelas atividades citadas, o que significa inserir a realidade no conteúdo acadêmico, pois o estudante universitário que participa de projetos de extensão tem a oportunidade de confrontar os problemas sociais, aos quais, por vezes, a universidade não dá acesso. Ratifica Araújo e Silva (2013, p. 150-151) que: “Dessa forma, a Extensão Universitária não só objetiva a formação profissional dele, mas possibilita ultrapassar as barreiras acadêmicas por meio do exercício efetivo da cidadania”.

Compreender a extensão como prática social implica em reconsiderar princípios filosóficos e metodológicos do “fazer educativo”, pois uma ação extensionista não pode se delimitar a uma simples transmissão de informações sejam elas técnicas, culturais, pelo contrário é um constante processo de troca de saberes.

É uma relação conscientizadora e apaixonante entre o saber acadêmico e o saber popular. Essa relação que supera o assistencialismo, onde a Extensão Universitária passa a ser percebida como uma dimensão de prática social que contribui para a formação dos discentes.

Essa relação, que muitos chamam de elo, ponte, via de mão dupla e, finalmente, interação dialógica, termo utilizado, FORPROEX, é uma geradora de transformações dos processos sociais, econômicos e políticos.

O importante é que todos vejam a extensão como um trânsito assegurado da comunidade acadêmica à sociedade, oportunizando a elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico.

A comunidade acadêmica não pode fazer da EU um único instrumento de compromisso social, pois complementa Botomé (1996, p. 82): “pode ser apenas um equívoco [...] um engodo a distrair de tarefas mais sérias do ponto de vista de suas potencialidades para uma efetiva transformação”.

É primordial refletir sobre as palavras do Mestre Paulo Freire quando contempla a Extensão Universitária como um processo de transformação emancipada e democrática convergindo para o diálogo com a sociedade, na busca de respeitar os seus limites culturais. Isto posto, finalizamos cientes que a universidade é o lugar adequado para socializar, descobrir, construir conhecimento, mas, sobretudo, é o espaço para dialogar sobre o Universidade e Extensão Universitária, ambos os espaços privilegiados para o desenvolvimento de saberes fortalecendo compromisso social. Síveres (2006, p. 232-233) reforça em seu livro *Universidade: torre ou sino?* que:

[...] a universidade, para se transformar numa instituição significativa para o mundo contemporâneo, é oportuno retomar a dinâmica do sino que chama para uma causa ética e anuncia um tempo de justiça e de paz. Para tanto, ela precisa ser o ambiente para a preservação do conhecimento gerado como patrimônio da humanidade e o laboratório da construção de um pensamento crítico-criativo; o tempo para germinar saberes desinteressados e conhecimentos relevantes para confirmar as esperanças humanas; e, um movimento que compreenda os problemas da realidade atual e sinalize para possibilidades utópicas, elementos que confirmam os princípios político-filosóficos de uma universidade comprometida com a sociedade. *Universidade: Torre ou Sino?* O que dá sentido à Torre é a ressonância do Sino e o que dá sentido ao Sino é o significado da Torre. Por isso, a universidade é torre e sino.

2.2.2 A Extensão Universitária e a sua Interface com a Educação Freireana

Para alguns historiadores como Gadotti (1997. p. 1) a história da Educação brasileira se divide em três períodos:

- a) Do descobrimento até 1930: o predomínio da educação tradicional;
- b) De 1930 a 1964: depois de uma fase de confronto entre o ensino privado e o ensino público, predominam as ideias liberais na educação com o surgimento da "escola nova";
- c) O período pós-64, iniciado por uma longa fase de educação autoritária dos governos militares, em que predomina o tecnicismo educacional."

Nos cinquenta primeiros anos de colonização brasileira não havia escolas no Brasil. Autores, como Garcia (2011) afirmam que a história da educação brasileira só começou em 1549, com “a chegada dos primeiros jesuítas”. Esses religiosos contribuíram de forma expressiva para os rumos da cultura e da civilização brasileira.

Com o decorrer do tempo a educação e a cultura assumiram um papel elitista. A educação foi dirigida para uma minoria objetivando criar representantes para a igreja, para a nobreza e para o governo, que conforme Ribeiro (1998, p. 37)

A estrutura social do Brasil-Colônia já foi caracterizada como sendo organizada à base de relações predominantemente de submissão. Submissão externa em relação à metrópole, submissão interna da maioria negra ou mestiça (escrava ou semiescrava) pela minoria ‘branca’ (colonizadores). Submissão interna refletindo-se não só nas relações de trabalho como também nas relações familiares [...].

Com a vinda da família Real, em 1808, para o então Brasil-Colônia, a educação e a cultura tiveram avanços significativos com o despontar de instituições culturais e científicas, conforme Garcia (2011) o “ensino técnico e dos primeiros cursos superiores, como os de medicina”, o que acarretou uma “marginalização” do ensino primário.

Com a conquista da independência, em 1822, mudanças se fizeram presentes no ambiente sócio-político e econômico brasileiro, além dos primeiros passos de uma política educacional.

Em 1824, surge a constituição que iria assegurar a educação primária e gratuita a todos os cidadãos. Assim nascem escolas em todas as cidades. Entretanto, o ensino fundamental ainda permaneceu em desamparo que, de acordo com Gadotti (1997.p. 1), o país tinha cerca de “14 milhões de habitantes, dos quais 85% eram analfabetos”.

Foi com a Lei Geral do Ensino, implementada em 1827, que surgiram ideias do dever do Estado com relação à educação, contudo, outras ações comprometeram a educação básica. Primeiro a ideia de universidade que começou pelos cursos

jurídicos em São Paulo e em Olinda, o que contribuiu, em caráter definitivo, para fortalecer os cursos voltados para as áreas profissionais. Segundo o Ato Adicional em 1834 que deram as chamadas províncias a liberdade ou a autonomia de ter ou não educação básica. Esse atraso chegou à tona, de acordo com Gadotti (1997, p. 2) "através de Rui Barbosa, em 1882 que comparava o ensino brasileiro com as nações europeias, nos Estados Unidos e no Japão."

Em 1890 emerge a questão sobre o modelo educacional, assim, o governo provisório, criou o chamado "Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos". Posteriormente outros ministérios assumiram a educação.

Em 1920, após a primeira Grande Guerra, o Brasil começa a repensar a educação, e com isso houve grandes reformas no ensino básico. Surgem Escolas Normais de Formação de Professores Primários. Nesse contexto, de acordo com Gadotti (1997, p. 2) em 1932 nasce a

Associação Brasileira de Educação - ABE, em que reunia conhecidos nomes de educadores brasileiros [...]. Essa entidade impulsionou o movimento renovador da educação, que culminou com o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", em favor do ensino fundamental público, laico, gratuito e obrigatório.

Esse documento apresentado redefine o papel do Estado com relação à política educacional. Portanto, no período de 1930 a 1945, houve uma evolução do ensino público. Em 1948 surge o primeiro Projeto de Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) aprovado em 1961, Lei nº. 4.024, o que traria o movimento em defesa da escola pública, universal e gratuita.

De 1945 até o golpe de 1964 o sistema educacional brasileiro passou por mudanças significativas, pois despontaram grandes campanhas como: "Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, a Erradicação do Analfabetismo, de Surdos, Rural e a que teve maior repercussão: o movimento de alfabetização de adultos que teve em Paulo Freire o seu percussor". O chamado Método Paulo Freire desperta atenção e isso, na visão do Regime Militar comprometia o governo.

O regime militar, também, apresentou duas grandes reformas: a do ensino superior e a do ensino básico o que fortaleceu a educação tecnicista e burocrática na educação.

Na década de 70 vem a Reforma Universitária, Lei nº. 5.692/1971 (BRASIL, 1971), quando reformula o ensino de 1º e 2º graus. Essa reforma modificou de forma radical a estrutura anterior, reforça Piletti (2014. p. 212), "o antigo curso primário e o

ginásio tornam-se 1º grau. Surge o 2º grau com cursos profissionalizantes e 3º grau para o chamado ensino superior." Até 1995 ainda a educação brasileira apresentava dificuldades e os inúmeros desafios de modernização ficaram no papel.

A Constituição de 1988 estabelece a educação como um direito de todos e dever do Estado. Os sistemas dos Estados abrangem a rede pública e privada, assim como o sistema de ensino nos municípios, como também a democratização do acesso e permanência nas escolas é ampliada, com a chamada escola em tempo integral.

Em 1996, vem uma nova LDB, Lei nº. 9.394/1996 (BRASIL, 1996), e traz com ela, em seus diversos graus a gestão democrática, autonomia pedagógica, administrativa e financeira. Continua Piletti (2014, p. 226) "surge o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio, ensino técnico e a obrigatoriedade do ensino médio, a educação profissional, a Educação especial, Educação Inclusiva, Educação de jovens e adultos - EJA, a Educação à distância, Educação Escolar Indígena [...]".

A nova LDB, também, vê a Educação Superior como uma formadora social indispensável para o discente visando contribuir, de forma efetiva, através do ensino, da pesquisa e da extensão, uma sociedade justa e democrática. Essa educação até a presente data é dividida em três modalidades de cursos e programas: cursos de graduação, pós-graduação e pós-doutorado.

A Educação hoje é universalizada e tem na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), como uma de suas principais organizações em favor de uma educação, conforme a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) objetivando "o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais". A UNESCO, uma das agências que compõem o sistema Organização das Nações Unidas (ONU) colabora de modo propositivo na formação de professores objetivando, entre outros, a redução do analfabetismo no mundo.

Em seu Relatório sobre a Educação para o Século XXI a UNESCO (2010) apresentou, exclusivamente, um capítulo sobre a importância da Educação para o crescimento econômico e o desenvolvimento humano, destacando "[...] a ciência e a Educação como os motores principais do progresso econômico". Valorada, a Educação passa a ser "de importância fundamental para a humanidade", além disso, ela contribui estrategicamente para o crescimento científico e tecnológico que, atrelada ao desenvolvimento econômico, deve ser examinada com maior profundidade.

Para que a Educação, ainda segundo a UNESCO (2010, p. 31), "contribua ao longo da vida ela deve ser constituída de quatro pilares: Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a conviver e Aprender a ser."

Esses pilares vão ao encontro de Paulo Freire (1967) em seu livro Educação como prática da liberdade, que fundamenta toda sua práxis, onde ratifica que a Educação só se realiza com a existência de condições econômicas, sociais e políticas. Com isso tem-se uma perspectiva da educação que parte da práxis, enquanto dialética entre a ação e a reflexão.

Paulo Freire (1983) conceitua a práxis no universo pedagógico, como capacidade do sujeito de atuar e refletir, ou seja, de transformar a realidade de acordo com as finalidades delineadas pelo próprio ser humano.

Freire (1967, p. 34) reforça que "ensinar exige compreender que a Educação é uma forma de intervenção no mundo" e esta só acontece quando se aprende a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, saberes necessários à prática educativa. E ratifica: "A Educação que, por isto mesmo, não aceitará nem o homem isolado do mundo – criando este sua consciência -, nem tampouco o mundo sem o homem – incapaz de transformá-lo. (FREIRE, 1967, p. 34)

Essa Pedagogia Freireana de fortalecer o indivíduo através da educação também já era destacada por Durkheim (1977) quando afirmava que a finalidade da educação seria formar o "ser social" na perspectiva, através de um trabalho educativo, para a "dimensão social e moral da sociedade, por isso a Educação o seria, também, um método de gestão do homem moderno que respeita a sua individualidade. É fundamental superar o modelo educacional bancário, onde o ensino vem de fora para dentro, isto é, o aluno é simples repositório.

Essa educação diferente, progressiva, da atualidade, que responde às necessidades das sociedades perpassa pela Extensão Universitária, por meio de suas atividades, principalmente os programas e projetos visam trabalhar no seio da sociedade como instrumento de mudança.

São esses projetos sociais que buscam a produção e difusão dos conhecimentos filosóficos, científicos e tecnológicos e pretendem, também, estreitar a relação universidade-sociedade. Esses espaços extensionistas que deseja formular e reformular alternativas políticas, sociais e culturais, isto é uma ação com reflexão pautada numa proposta educativa.

A universidade, enquanto entidade que tem como finalidade o ensino, a pesquisa e a extensão sabe que ou pelo menos deveria saber que os discentes partícipes de projetos de extensão têm a oportunidade de estar frente a frente com os problemas sociais e com isso a EU completa, não só a sua formação profissional como contribui para o exercício efetivo da cidadania na busca de uma educação, como ferramenta, voltada para dirimir as desigualdades sociais.

A Lei nº 9.384/1996¹⁸ conceitua a Educação como:

Processos formativos que se desenvolvem tanto na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, como também nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

Então educar é formar, é transformar homens em pessoas mais sábias e fortes na busca de equilibrar os sentimentos, as emoções e o conhecimento. Enfim é "a transformação do senso comum em bom senso, em sabedoria". (SALES, 2010, p. 55). Assim, a Educação busca construir, através de processos educativos, formas "solidárias, igualitárias e plurais de convivência" entre os seres humanos.

Em 1993, no Seminário sobre a Crise dos Paradigmas e a Educação, organizado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, veio à tona o conceito de Educação como "o conhecimento ligado à formação do homem, tendo em vista um modelo, um paradigma" (BRANDÃO, 2002, p. 104). Este paradigma perpassa pelo entendimento das relações entre a Modernidade e as transformações no processo de produção do conhecimento científico.

A modernização da Educação transcorre pela autonomia, descentralização, competitividade, equidade, desenvolvimento e democratização, esses novos paradigmas, são referenciais obrigatórios para a realização de uma Educação e desenvolvimento sustentável, que conforme a UNESCO (2005) deve ser constituída de sete estratégias: Consulta e apropriação no nível local; Parcerias e redes; Capacitação e treinamento; Pesquisa e inovação; Uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação; e Monitoramento e avaliação.

A Educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social (DELORS et al., 2010). Entretanto, a Educação ainda é insuficiente

¹⁸ A Lei trata das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20.12.1996.

para eliminar as desigualdades sociais, mas vem provando ser uma importante ferramenta para o seu combate. Desta forma, a função da educação freiriana nesse processo, isto é, através da Extensão Universitária, é abrir caminhos que forneçam elementos para uma reflexão sobre o conhecimento, tanto o já existente como o que venha a surgir através das atividades extensionistas.

Freire (1987, p. 9) afirmava que o homem é “agente, sujeito e responsável por suas ações no mundo”, e continua Silva (2011, p. 35) reiterando:

O papel social da educação é ajudar o homem a ser sujeito. Esse estudioso é consciente de que a educação é instrumento de dominação da classe dominante, mas acredita que sua teoria, a pedagogia libertadora, possa ser fator de mudança social revolucionária.

A Extensão Universitária dá ao discente a oportunidade de compreender que ele pode contribuir, enquanto sujeito histórico, humanizado e cultivando a politização que nada mais é que um processo “histórico que exige ação e reação de todos sobre o mundo” para uma prática dialógica que pode despertar a sua consciência para a sua formação integral de pessoa humana.

Educação, segundo Freire (1987) é um processo “humanizante, social, político, ético, histórico e, cultural”. Por isso a universidade deve, cada vez mais, introduzir a extensão em seus currículos, não por obrigatoriedade da Lei nº.13.005/2014 (BRASIL, 2014), mas pela oportunidade de enriquecer a formação profissional dos discentes.

Os desafios da Educação são fortalecer os avanços sociais, sempre atentos à formação do sujeito humano, na busca de um futuro democraticamente sustentável. Fica claro que, os princípios freirianos da prática educativa devem ser críticos, libertadores, conscientizadores, científicos, éticos e especialmente humanísticos.

3 O SISTEMA SIEXBRASIL: A Tecnologia à Serviço da Extensão Universitária

Esta seção refere-se à descrição da plataforma SIEXBRASIL (2003-2010) e do seu percurso histórico em atendimento ao primeiro objetivo deste estudo. Esta plataforma é a principal fonte documental para a pesquisa desenvolvida no segundo objetivo que trata sobre a experiência de aprendizagem dos discentes egressos que participaram de projetos de extensão para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional no período supracitado. Foi nesta plataforma onde coletamos os atores sociais, isto é, os egressos, que concederam as entrevistas na perspectiva das fontes orais.

3.1 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO SIEXBRASIL

Em 1987, as universidades foram incentivadas a organizar e sistematizar a extensão, quando foi realizado o I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras onde, de acordo com Nogueira (2000, pag. 11), estiveram presentes “33 universidades públicas que aprovaram o documento final que definia conceito de extensão, a sua institucionalização e seu financiamento”. Além disso, houve a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas (FORPROEX) que possibilitou uma maior presença da extensão na pauta das discussões de âmbito nacional. Conforme Dalben e Vianna (2009, pág. 9):

em “1988 a PROEX - Pró-Reitoria de Extensão, da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, começou um histórico de registro das atividades de extensão na universidade, e que devido à chegada dos primeiros computadores, resultou, mais à frente, em um banco de dados que objetivava facilitar o cadastramento e armazenamento das informações na UFMG de maneira mais sistematizada”.

O sistema foi desenvolvido, em 1990, pela Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) da UFMG, intitulado de “Sistema de Informações Acadêmicas da CPPD – INA”, e implantado em 1992. Entre 1993 e 1996, as produções da extensão foram registradas em relatórios anuais. Entretanto, ao final desse período, foram detectados alguns problemas no sistema, como também, as informações de extensão não alcançaram a visibilidade desejada dentro da Instituição. Assim, em 1997 foi

implantado, pela PROEX, o Sistema Informação da Extensão da UFMG (SIEX/UFMG). Figura 08.

Figura 8 - Logomarca do SIEX - UFMG



Fonte: Turine (2007, p. 1)

Esse novo sistema foi distribuído, em 1998, para teste em todos os Centros de Extensão das Unidades Acadêmicas da Universidade Federal de Minas Gerais (CENEX). Nesse mesmo ano, o software, Livre, foi também apresentado no Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX), sendo distribuído, de forma gratuita, a todas as Universidades Públicas Brasileiras.

O SIEX, sistema conceituado como um conjunto de componentes que se comunicam objetivando coletar, recuperar, processar, armazenar e distribuir informações com a propósito de favorecer o planejamento, o controle, a coordenação, a análise, a avaliação e o processo decisório de informação da extensão, veio contribuir para os registros de forma padronizada com relação às terminologias aplicadas às ações extensionistas em consonância com as diretrizes do Plano Nacional de Extensão (PNExT) além de estar em consenso com Soares e Ferreira (2012, p. 23). Os autores esclarecem que:

Faz parte dos objetivos da política nacional de extensão atualizar os sistemas de informação e de avaliação da Extensão Universitária vigentes, superando a prática de registro de dados isolados e construindo indicadores que incorporem as dimensões Política de Gestão, Infraestrutura, Relação Universidade - Setores Sociais, Plano Acadêmico e Produção Acadêmica. (Soares; Ferreira, 2012, p. 23).

Além disso, o sistema contribuía oportunizando as avaliações das ações de extensão da política de Extensão Universitária das IES - Instituições de Ensino Superior (PNExT) e o Censo da Educação Superior INEP/MEC, na perspectiva de

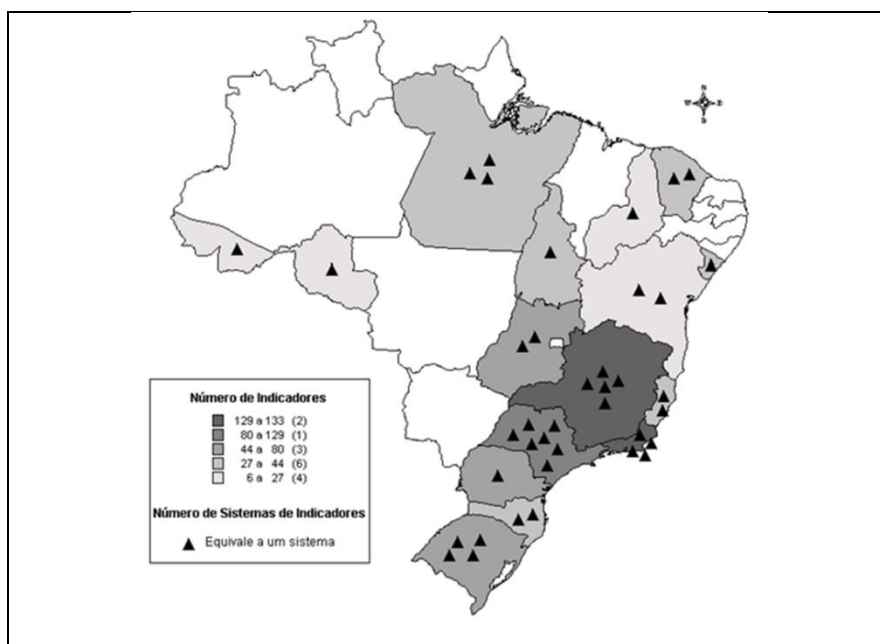
difundir a universalização do acesso e uso dos meios eletrônicos visando administrar as informações sobre a Extensão Universitária.

Foi durante o XV Encontro do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, realizado em Campo Grande – MS, nos dias 17 e 18 de maio de 1999, e com o surgimento de novas tecnologias de informação e de comunicação, que o FORPROEX constituiu diversos grupos técnicos, entre eles, o GT Sistema de Dados e Informações e Rede Nacional de Extensão (RENEX)¹⁹, que tinha a tarefa de reformular o SIEX/UFMG e finalizar a padronização das ações de extensão nas universidades.

A UFMG, em 2003, após revisões, ampliou seu sistema, em parceria com o FORPROEX e o MEC/SESU disponibilizado, livremente, para as universidades que participavam do FORPROEX, renomeando de SIEXBRASIL, com o endereço eletrônico <http://www.siexbrasil.renex.org.br>, administrado pela UFMG, que de acordo com Prof. Edilson Correa, na época Pró-Reitor de Extensão da UFMG, contribuía para "moldar os conceitos de extensão e institucionalizar a política e registros de atividades extensionistas no país" (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Extensão, 2009, p.10).

Em 2004 foi ofertado o sistema, de forma mais ampla, para as instituições de nível técnico e superior, isto é, instituições públicas na esfera estadual e federal. Segundo com Dalben e Vianna (2009, pág. 10) “na época foram em torno de 37 universidades Federais (Figura 9) que aderiram ao SIEXBRASIL e a UFMG passou a gerenciar o processo de informações da Extensão no FORPROEX”. Desta forma criou-se a comunidade SIEXBRASIL (Figura 10). A entrada no *website* era feita pelo endereço www.webcollege.com.br/siex, com o propósito de minimizar recursos financeiros de implementação, além de integrar as informações de forma uniforme.

¹⁹ Mais informações sobre o RENEX acessar a URL: <https://www.ufmg.br/proex/renex/>

Figura 9 - Mapa dos Sistemas Instalados nas Universidades

Fonte: Turine (2007, p. 4)

Figura 10 - Página Inicial do SIEXBRASIL

O que é | Participantes | RENEX | Consultas | Área restrita

siexBRASIL

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DE EXTENSÃO

O SIEX BRASIL é um aplicativo web que foi criado especialmente para atender à demanda de registro das atividades de extensão desenvolvidas nas Universidades participantes do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. A consulta a esse rico banco de dados é aberta a toda a comunidade, sem a necessidade de cadastro prévio, senhas ou login, basta clicar no item consultas do menu e formular a pesquisa.

Área restrita para registro de informação

Código

Senha

[Ainda não tenho senha >>](#)

[Esqueci minha senha!](#)

MEC SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Núcleo Internet 2004

Fonte: Turine (2007, p. 10)

3.2 O SIEXBRASIL E SUAS PRÁTICAS OPERACIONAIS

O SIEXBRASIL foi, conforme Souza (2003. p. 20), “um aplicativo web que utilizava a tecnologia XML, sigla para *Extensible Markup Language*, que significa em português Linguagem Extensível de Marcação Genérica, que tinha a função de gerar linguagens de marcação para necessidades especiais”. Um dos pontos XML era a sua estabilidade, pois seguia uma metodologia que tem como base o uso de classes e de arquivos XML/XSL, solução composta de um núcleo básico para layout e rotinas de integração entre sistemas. Com a utilização dessa tecnologia, havia a possibilidade do sistema ser executado em vários ambientes, tais como Windows e Linux, em ambos o sistema suportava gerar códigos de *Structured Query Language*, (SQL, ou Linguagem de Consulta Estruturada), é a linguagem de pesquisa declarativa padrão para banco de dados relacional, o que oferecia as universidades alternativas e soluções para execução em servidores compartilhados ou internos, inclusive, acessando a base de produção, descrevendo diversos tipos de dados. Sua utilidade era a facilidade de compartilhamento de informações através da Internet. Em resumo, o sistema tinha ambiente *LINUX* e Banco de Dados *ORACLE*.

Suas características principais eram a de fornecer o registro e a consulta de atividades extensionistas tais como: Programas, Projetos, Cursos, Eventos, Prestação de Serviços, Publicações e Outros Produtos Acadêmicos desenvolvidos pelas universidades, centros técnicos e fundações públicas estaduais e federais. As consultas, no banco de dados, eram abertas à sociedade em geral, de forma simplificada, sem a necessidade de cadastro prévio, ou código e senha.

O software era alimentado a partir de dados inseridos pelo preenchimento de um formulário, em geral, pelos docentes e técnicos das instituições cadastradas. Seu preenchimento era permitido só aos usuários que possuísem uma senha, previamente cadastrada e aprovada pelo gestor local, que eram as Pró-Reitorias de Extensão. Os formulários passavam a integrar o banco de dados após suas aprovações

O Sistema era constituído de várias etapas e instâncias de aprovação. O usuário preenchia o formulário on-line e submetia para aprovação do chefe do departamento que, entrava no sistema e aprovava, ficando o registro liberado para o banco de dados acessível na Internet, ou aprovava com restrição, o que significava retornar para o usuário objetivando retificar textos e/ou incluir documentos.

Os formulários apresentavam 6 opções de atividades extensionistas para registro classificadas, conforme Correia (2007), no livro: Extensão Universitária: organização e sistematização/Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras eram: Programa, projeto, curso, evento, prestação de serviço, publicação e outros produtos acadêmicos e, obedeciam às seguintes definições:

I - PROGRAMA “Conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino”.

II – PROJETO “Ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado”. O projeto pode ser: • vinculado a um programa (forma preferencial) • Não-vinculado a um programa (projeto isolado).

III - CURSO “Ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, presencial ou à distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos”. Estes poderiam ser classificados em três categorias: 1ª - presencial ou à distância; 2ª - pela carga horária até 30 horas ou superior a 30 horas; 3ª – classificados como: Iniciação, atualização, treinamento e qualificação profissional, aperfeiçoamento e especialização.

IV - EVENTO “Ação que implica na apresentação e/ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade”.

V - PRESTAÇÃO DE SERVIÇO “Realização de trabalho oferecido pela Instituição de Educação Superior ou contratado por terceiros (comunidade, empresa, órgão público, etc.); a prestação de serviços se caracteriza por intangibilidade, inseparabilidade processo/produto e não resulta na posse de um bem”.

VI-PUBLICAÇÕES E OUTROS PRODUTOS ACADÊMICOS “Caracterizam-se como a produção de publicações e produtos acadêmicos decorrentes das ações de extensão, para difusão e divulgação cultural, científica ou tecnológica”. (CORREIA, 2007, pag. 35-43)

Os usuários eram obrigados a preencher dois campos comuns em todas as atividades conforme abaixo:

a) Campo das Informações Básicas:

- Ano base:
- Título:
- Instituição:
- Unidade:
- Departamento:
- Grande Área – a seleção é feita automaticamente pelo Sistema;
- Área Temática/Área Principal – selecionar a partir das oito opções listadas, o nome da área temática em que o Programa se classifica em primeira opção. (Preenchimento Obrigatório);

- Área Temática/Área Secundária – selecionar a partir das sete opções restantes listadas, o nome da área temática em que o Programa se classifica em segunda opção. (Preenchimento Opcional);
- Linha Programática – selecionar a partir das 50 opções listadas, o nome da linha programática em que o Programa se classifica. (Preenchimento Obrigatório);
- Palavra-chave:
- Descrição da atividade:
- Público Alvo:
- Período de Realização:
- Público Atingido:
- Data e Órgão Colegiado de Aprovação:
- Local de Realização:
- Abrangência: Intradepartamental, Interdepartamental, Interunidade Interinstitucional.
- Situação: Em aberto, encaminhado para aprovação, aprovado pela unidade, aprovado pela universidade.
- Recursos Financeiro:
- Motivo da Solicitação:
- Alunos Participantes:
- Equipe de Trabalho:
- Opções de Forma de Participação:

b) Cadastro de Pessoal (equipe de trabalho envolvida nas atividades de extensão). Tipo: discente, docente, técnico-administrativo e externo a instituição.

As outras informações necessárias ao preenchimento dos formulários eram diferentes, pois variavam de acordo com a atividade a ser executada tais como:

- Projeto: Projeto de extensão, projeto de ação comunitária, projeto de ação social, projeto cultural, projeto tecnológico.
- Curso:
 - 1- Classificação: Iniciação, Atualização, Treinamento e Qualificação Profissional, Aperfeiçoamento, Especialização.
 - 2-Subclassificação: Presencial, Semipresencial, À distância.
 Inclui: oficina, workshop, laboratórios, treinamentos, qualificação, capacitação.
 Prestação de Serviços realizada como curso deve ser registrada como curso, além de:
 - Classificação: iniciação, atualização treinamento e qualificação profissional, aperfeiçoamento, especialização.
 - Subclassificação: presencial, semipresencial, à distância.
- Evento os usuários especificavam entre:
 - Congresso, encontro, jornada, simpósio, fórum, colóquio e reuniões, ciclo de debates, semana de..., campanha, escola de férias. Exposição: feira, mostra, lançamento, exibição. Mesa redonda inclui: painel, debate, palestra, conferência, teleconferência. Seminário: workshop, assembleia, oficina, laboratório. Espetáculo: recital, concerto, show, apresentação artística, apresentação cultural. Evento esportivo: campeonato, torneio, olimpíada, apresentação esportiva. Festival: artísticos e culturais.;
- Prestação de serviços: os usuários escolhiam entre as opções:

- Assistência ambulatorial à saúde, veterinária, hospitalar a saúde, hospitalar veterinária, judiciária e jurídica; Consultoria; exames laboratoriais em saúde; laudo técnico; perícias; pesquisa encomendada; restauração e conservação de bens; visitas monitoradas, não orientadas.

Por fim, o preenchimento do formulário para Publicações e Outros Produtos Acadêmicos, caracterizado entre outros como:

- Anais; artigos; boletim; capítulo de livro, cartilhas, livretes ou libretos, fascículos, cadernos; comunicação; jornal; livros; manual: produção audiovisuais; programas de rádio e TV; relatório técnico; revista (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Extensão, 2012)

Como todo sistema, seu banco de dados permitia a emissão de diversos relatórios impressos em: RTF (Documento neutro, que funciona em *Word*, *StarOffice* e *Lotus*); CSV (Documento neutro, que funciona em *Excel*, *StarOffice* e *Lotus*) e HTML (salvo em formato lido pelo navegador). Os dados viabilizavam uma avaliação quantitativa da produção da extensão, o que resultava em relatórios (Figura 11), que através de filtros permitia a consulta por: especificações: região, estado, universidade/unidade/departamento, programa, projeto, cursos, eventos, prestação de serviços, publicações e outros produtos acadêmicos, área do conhecimento, área temática principal, área temática secundária, linha programática, palavra chave e ano base, parcerias, etc.

Em virtude da grande adesão, passando de 37 para 82 instituições de nível superior (estadual e federal), o SIEXBRASIL, apresentou problemas com relação a informações referentes às atividades extensionistas. Segundo Dalben e Vianna (2009, p. 11) só em projetos “houve um aumento de 38% entre 2007 e 2009”, além da necessidade da criação de indicadores da extensão.

Figura 11 - Relatório SIEXBRASIL

Consulta de Atividades

Page 1 of 2

Consulta Avançada								
Campos Pesquisados: Região : Nordeste Estado : Pernambuco Instituição : UFPE - Universidade Federal de Pernambuco								
Código	Ano Base	Tipo Atividade	Caracterização	Título	Instituição/Unidade/Departamento	Período de realização	Coordenador (a)	Público Atingido
53209	2008	Projeto			Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE CLÍNICA E ODONTOLOGIA PREVENTIVA	1/7/2008 à 1/6/2009	Sara Grinfeld -	700
3328	2003	Projeto		"Arte Cidadã: Uma Experiência Pioneira na Comunidade de Roda de Fogo"	Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS SÓCIO-FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO	1/7/2002 à 30/4/2003	Xavier Uytendbroek -	0
2936	2003	Eventos	Congresso	1º Congresso Regional de Extensão Universitária - Cidadania e Extensão ANEXU - Ação Nacional de Extensão Universitária (Design)	Universidade Federal de Pernambuco PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	3/11/2003 à 5/11/2003	Fernanda Oliveira do Nascimento -	150
8541	2004	Eventos	Congresso	9º Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física (Hospedagem)	Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	12/9/2004 à 15/9/2004	Edilson Fernandes de Souza -	0
5241	2003	Cursos	Iniciação	A Arte de Personalizar Produtos de Madeira (Divulgação)	Universidade Federal de Pernambuco NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS DEPARTAMENTO DE DESENHO	24/11/2003 à 23/12/2003	-	0
9102	2004	Projeto		A Arte no Ambiente Hospitalar (Design)	Universidade Federal de Pernambuco NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS DEPARTAMENTO DE TEORIA DA ARTE E EXPRESSÃO ARTÍSTICA	1/11/2004 à 30/11/2005	Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti -	40
8941	2004	Projeto		A Capoeira e sua contribuição social: um projeto de extensão na escola Anibal Fernandes, no bairro de Santo Amaro	Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	1/6/2004 à 31/3/2005	Edilson Fernandes de Souza -	0
7773	2004	Eventos	Outros	A caracterização econômica do setor financeiro e seus efeitos sobre o investimento (Divulgação)	Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS	21/6/2004 à 21/6/2004	Marcos Ferreira da Costa Lima -	220
8898	2004	Projeto		A Comunicação como Estratégia de Fortalecimento Institucional e Desenvolvimento Social no Projeto Municípios Saudáveis	Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL	1/5/2004 à 1/5/2005	-	0
8709	2004	Projeto		A comunicação como instrumento de formação de cidadãos nos morros da Zona Norte do Recife	Universidade Federal de Pernambuco NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	1/6/2004 à 30/6/2005	Luiz Anastácio Momesso -	0
3479	2003	Projeto		A Educação Ambiental na Escola Cândido Duarte: Um Instrumento de Identificação com o meio no Bairro de Apipucos	Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS	1/7/2002 à 30/4/2003	Vanice Santiago Fragoço Selva -	0
					Universidade Federal de Pernambuco			

Em 2005 a UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na busca de melhorias na gestão da Extensão Universitária e avanço das tecnologias, iniciou o desenvolvimento de um sistema tendo como base o SIEXBRASIL e criou, em 2006, um novo **SIEXBRASIL** (<http://siex.ledes.net>) na gestão das ações de extensão. O novo SIEX/UFMG, (Figura 12) mais robusto, mais apropriado para uma “realidade múltipla e complexa” era mais “dinâmico, com interface amigável e fácil navegabilidade”, além de fazer o georeferenciamento²⁰ automático da extensão.

Figura 12 - Página do Novo SIEXBRASIL



Fonte: UFMG

²⁰Georreferenciamento de uma imagem ou um mapa ou qualquer outra forma de informação geográfica é tornar suas coordenadas conhecidas num dado sistema de referência.

Este sistema também, devido ao grande número de informações, começou a apresentar dificuldades no fornecimento de relatórios, o que impossibilitava a emissão de indicadores. Por isso, o Ministério da Educação, em parceria com a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) criou, em 2011, o Sistema de Informação e Gestão de Projetos (SIGPROJ) (Figura 13), com a finalidade de auxiliar o planejamento, a gestão, a avaliação e a publicização de projetos de extensão, de pesquisa, de ensino e assuntos estudantis desenvolvidos e executados nas universidades brasileiras (BRASIL. Ministério da Educação, 2017a). Vale ressaltar que o SIGPROJ não é um sistema utilizado por todas IES.

O SIEX/UFMG foi desativado em 27 de fevereiro de 2012, contudo, salientamos que a grande maioria das instituições deixou, automaticamente, de utilizar o sistema a partir do início de 2011.

Figura 13 - Página do SIGPROJ



Fonte: Brasil. Ministério da Educação (2017b)

3.2.1 O SIEXBRASIL na UFPE

Na UFPE, o SIEXBRASIL sofreu modificações quanto a seu fluxo e a suas instâncias de aprovação. Com relação às instâncias de aprovação, além do chefe de departamento já estabelecido no sistema, foi criado o cargo de Coordenador Setorial de Extensão (CSE), em todos os centros acadêmicos ligados diretamente ao Diretor do Centro. Esse cargo passou a existir na gestão da Prof^a. Célia Maranhão Campos (1999-2003) com a função de conferir e analisar as atividades extensionistas.

Essa coordenação passou a ser fundamental nas análises, principalmente, de mérito, pois os projetos eram predominantemente de pesquisa e, frequentemente retornavam aos usuários, objetivando esclarecimento e inclusão de mais atividades extensionistas. Além disso, os Coordenadores Setoriais de Extensão (CSEs) tinham entre suas atribuições fazer a ponte entre os centros e a Pró-Reitoria, como também:

- a) Estimular a integração comunidade x universidade;
- b) Estimular outros professores nas diversas atividades de extensão;
- c) Criar condições para a realização de projetos, cursos, serviços e eventos que contemplem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e;
- d) Participar e coordenar o planejamento, implantação e avaliação dos projetos institucionais da PROExC.

Com relação ao fluxo, a PROExC, desde o início da implantação do sistema, teve uma estrutura diferenciada das demais universidades quanto ao preenchimento dos formulários on-line. A gestão da Pró-Reitoria criou, na Coordenação de Gestão da Extensão (CGE), um setor denominado *de* Registro e Monitoramento objetivando registrar as ações e controle da produção extensionista (projetos, cursos, eventos, serviços, etc.), além de emissão de certificados de todas as atividades de extensão. Esse setor tinha como atribuições:

- 1. Registrar as atividades extensionistas no SIEXBRASIL;
- 2. Criar instrumentais de acompanhamento e controle da produção extensionista registrada;
- 3. Fazer os registros e anotações referentes às atividades encaminhadas para registro;
- 4. Analisar processos e dar parecer quanto à regularidade do registro da ação;
- 5. Fazer levantamentos da produção extensionista registrada;
- 6. Sistematizar a estatística mensal / anual da produção extensionista registrada;
- 7. Atender e orientar professores, técnicos e alunos em informações e solicitações pertinentes ao registro de ações extensionistas e encaminhá-las à coordenadora, quando necessário. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão, 2015a, p. 2-3).

Esse Setor de Registro e Certificação (SRC) era constituído de um servidor e dois bolsistas que tinham como atribuições digitar os formulários EXT1 sofreu, ao longo dos oito anos, duas alterações em 2007 e em 2009, **(ANEXO D)**, em, que eram transformados em processos e encaminhados, via malote, para a PROEXC.

Para procedimento para registro das atividades extensionistas os proponentes (docentes ou técnicos de nível superior) seguiam os seguintes passos:

- a) Baixávamos formulário de Registro denominado EXT 1, disponibilizado no site da Pró-Reitoria e fazia o seu preenchimento ou a mão ou no word;
- b) O docente / técnico interessado encaminhava proposta para aprovação no órgão colegiado da unidade onde estava lotado o proponente e do respectivo Coordenador Setorial de Extensão do Centro de vinculação, se houver. Em caso de Órgão Suplementar a aprovação se dava pelo Diretor da Unidade;
- c) Preenchia o Formulário EXT 1 (Figura 14), e posteriormente assinado pelo coordenador responsável pela ação; pelo chefe do departamento ou pelo diretor do órgão suplementar e pelo coordenador setorial de extensão do centro de vinculação do responsável.
- d) Anexava a documentação solicitada junto ao formulário: cópia da ata de aprovação no pleno, projeto detalhado, plano de curso ou programação do evento, conforme o caso e resumo do projeto em disquete; e
- e) Formava processo e encaminhando para a PROEXC, objetivando registro pelo setor competente;
- f) Após o seu registro no sistema pelo SRC os processos eram devolvidos aos proponentes para execução;
- g) Finalizada a atividade o proponente anexava, no processo, o relatório final, o formulário de registro de bolsista de extensão-EXT-05²¹, além de um disquete com toda a documentação, encaminhava ao chefe de Departamento que o apresentava em reunião de Pleno do Departamento para aprovação;
- h) Aprovado pelo colegiado, este era encaminhando a Setorial de Extensão para análise e assinatura e posterior envio para a Pró-Reitoria;
- i) O SRC recebia o processo, conferia a documentação e passava para um servidor da CGE que lia os relatórios e anotava em uma planilha de Excel as informações referentes à quantidade de docentes, discentes, público beneficiado ou participantes, bolsistas, voluntários, parceiros, quantos certificados e/ou declarações, etc.

²¹ Este formulário posteriormente passou a ser Registro de Bolsista de Extensão – EXT 03

- j) Finalizada a análise, os processos eram devolvidos ao proponente para arquivamento, exceto os projetos de extensão que eram arquivados na Pró-Reitoria.

Figura 14 - Formulário EXT1 - Registro de Projeto de Extensão -2003

P/uso da PROEXT
58-3500/2003

FORMULÁRIO EXT 1 - REGISTRO DE PROJETO DE EXTENSÃO

A - IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO (anexar projeto)

1 - Principal linha de atuação (escolha apenas uma)		
☐ Comunicação	☐ Meio ambiente	☐ Tecnologia
☐ Cultura	☐ Direitos Humanos	☐ Trabalho
☐ Educação	☐ Saúde	☒ Outra (especificar): Desenvolvimento Local
2 - Unidade administrativa proponente (Centro/Depto./órgão supletivo)		3 - Outras unidades envolvidas/ Parcerias Departamento de Arquitetura e Urbanismo - PAPE /UFPE
Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social		Prefeitura Municipal de Bezerros
4 - Título: Planejamento Básico Urbanístico /Estratégia de Desenvolvimento Sustentável em Serra Negra Bezerros - PE.		
5 - Local de realização (Endereço, Telefone/FAX) NUSP /UFPE Av. Prof Moraes Rego, s/n HC 4º andar Cidade Universitária, tel 3271-8552 Distrito de Serra Negra - Bezerros - PE		
6 - Período de Realização	7 - Público beneficiado	8 - Fonte de financiamento
Junho/2003 a março/2004	Direto: 300 famílias do Distrito de Serra Negra Indireto: Turistas e população local	UFPE/PROEXT
9 - Outras informações, se necessário ESTE PROJETO É UMA PROPOSTA DE CONTINUIDADE DO ANTERIOR DE 2002		

B - RESUMO DO PROJETO (com até 200 palavras)

Este projeto visa contribuir para o desenvolvimento sustentável do município de Bezerros/PE, mediante ações de planejamento urbanístico, participativo através das ações interdisciplinares de capacitação nas áreas de associativismo e cooperativismo, educação ambiental, do turismo ecológico e da comercialização de produtos artesanais locais, que se constituirão fatores de geração de renda para a comunidade do distrito de Serra Negra.

C - PALAVRAS CHAVES

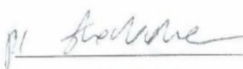
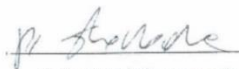
Planejamento Urbanístico	Associativismo	empreendedorismo
Desenvolvimento Sustentável	Cooperativismo	Turismo ecológico

D - EQUIPE DE TRABALHO

10 - Coordenador Prof Zenildo SENA Caldas	11 - Maior titulação (título e local de obtenção) Mestre em Desenvolvimento Urbano UFPE	12 - Matrícula	Fone	Fax	e-mail
13 - Participantes Maria do Socorro Machado Freire Antonio Carlos de Almeida Cavalcanti	14 - Maior titulação (título e local de obtenção) Mestre em Serviço Social /UFPE Graduando em Administração	15 - Matrícula SIAPE	16 - Função no projeto Coordenação Técnica Coordenação Administrativa	Fone	e-mail
17 - Aluno(s) envolvido(s) Roberto do Nascimento Coelho Susiane Michelle dos Santos	18 - Curso Arquitetura turismo 19 - Graduação	20 - Pós-graduação	21 - Função no projeto Bolsistas		

(X) Bolsa de extensão (conforme edital) Quantificar (4)
() Certificado (lista em anexo)

Recife, 05 de 05 de 2003


Responsável Chefe da unidade proponente Coordenador setorial de extensão

Fonte: PROExC

A Pró-Reitoria, também, em 2008, elaborou e disponibilizou, no seu site o manual de extensão (**ANEXO E**) que tinha por finalidade informar como registrar as atividades Extensionistas, anexando os modelos dos formulários EX1, o modelo de resumo de projeto e o formulário EXT 2, que visava oferecer ao proponente um serviço de design apoiando as atividades com projetos gráficos na perspectiva de aumentar qualidade e maior visibilidade as atividades ofertadas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e cultura, 2008).

Outros apoios institucionais eram oferecidos pela PROExC, tais como: divulgação regular interna e externa e espaços institucionais da Pró-Reitoria para a realização das atividades.

3.3 - PUBLICIZANDO OS NÚMEROS DO SISTEMA SIEXBRASIL

A Diretoria de Apoio à Gestão da Extensão da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG- (PROEX), forneceu, em abril de 2016, para todas as universidades cadastradas no SIEXBRASIL, via *e-mail*²², em *pdf*, todas as suas atividades realizadas no período de 2003 a 2010, em anexo.

As informações referentes à UFPE foram encaminhadas para a PROExC, que se encontram no servidor da Pró-Reitoria, sob a responsabilidade da Coordenação de Gestão da Extensão.

Entretanto, para que pudéssemos fazer uma análise geral do sistema e sua publicização neste trabalho foi solicitado, e prontamente atendido, pela PROEX/UFMG o envio de um levantamento das universidades que tiveram atividades de extensão registradas no SIEXBRASIL, com o status aprovado pela instituição. Portanto, segue abaixo uma análise quantitativa sobre o sistema.

Durante esses oito anos de existência, 2003 a 2010, foram 82 Instituições Públicas de Ensino Técnico e Superior cadastradas no sistema (Quadro 01). Dessas, 51 foram Instituições Federais e 31 Universidades Estaduais, significando 62% e 38% respectivamente conforme a Quadro 01.

²² *E-mail* da PROEX: siex@proex.ufmg.br.

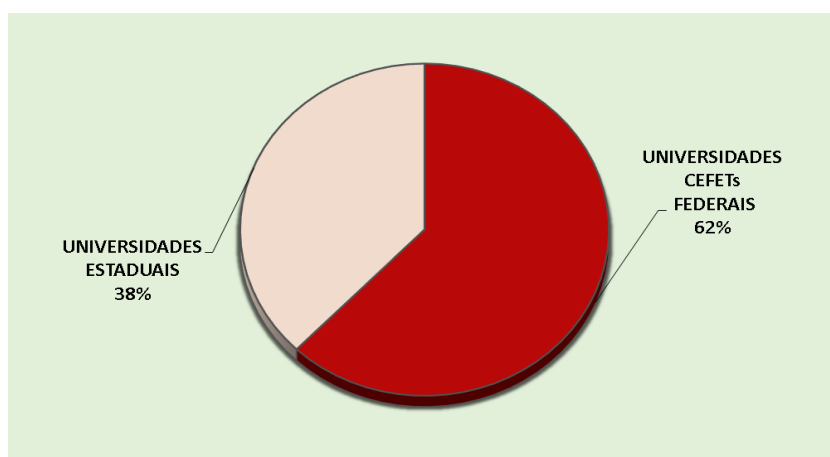
Quadro 1 - Relação de Instituições Públicas de Ensino Técnico e Superior Registradas no SIEXBRASIL

INSTITUIÇÃO
CEFET/RJ- Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro
CEFET/RS- Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Sul
CEFET/MG- Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
FUFAC- Fundação Universidade Federal do Acre
FURG- Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UDESC- Universidade do Estado de Santa Catarina
UEA- Universidade do Estado do Amazonas
UECE- Universidade Estadual do Ceará
UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana
UEG- Universidade Estadual de Goiás
UEL- Universidade Estadual de Londrina
UEMA- Universidade Estadual do Maranhão
UEMG- Universidade do Estado de Minas Gerais
UEMS- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UENF- Universidade Estadual do Norte Fluminense
UEPG- Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UERR- Universidade Estadual de Roraima
UESB- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC- Universidade Estadual de Santa Cruz
UESPI- Universidade Estadual do Piauí
UFAL- Universidade Federal de Alagoas
UFAM- Universidade Federal do Amazonas
UFBA- Universidade Federal da Bahia
UFC- Universidade Federal do Ceará
UFCG- Universidade Federal de Campina Grande
UFES- Universidade Federal do Espírito Santo
UFF- Universidade Federal Fluminense
UFG- Universidade Federal de Goiás
UFGD- Universidade Federal da Grande Dourados
UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora
UFLA- Universidade Federal de Lavras
UFMA- Universidade Federal do Maranhão
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso

INSTITUIÇÃO
UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas
UFPI - Universidade Federal do Piauí
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFRA - Universidade Federal Rural do Amazonas
UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRR - Universidade Federal de Roraima
UFRRJ - Universidade Rural do Rio de Janeiro
UFS - Universidade Federal de Sergipe
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFScar - Universidade Federal de São Carlos
UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
UFT - Universidade Federal do Tocantins
UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU - Universidade Federal de Uberlândia
UFV - Universidade Federal de Viçosa
UnB - Universidade de Brasília
UNCISAL - Universidade Estadual Ciências da Saúde de Alagoas
UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas
UNEB - Universidade do Estado da Bahia
UNEMAT - Universidade do Estado do Mato Grosso
UNESP - Universidade Estadual Paulista

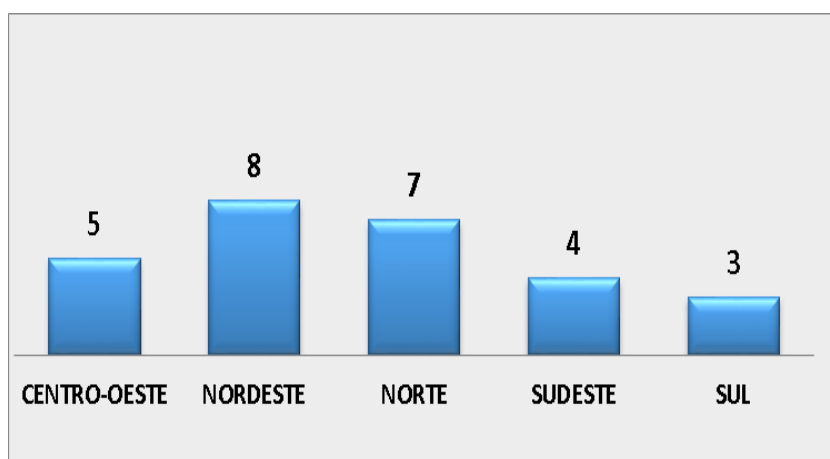
Fonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Pró-Reitoria de Extensão (2016)

Observa-se no (gráfico 1) que as maiores adesões ao SIEBRASIL foram pelas universidades e centros tecnológicos federais, totalizando 51 instituições e 31 instituições eram formadas por universidades estaduais.

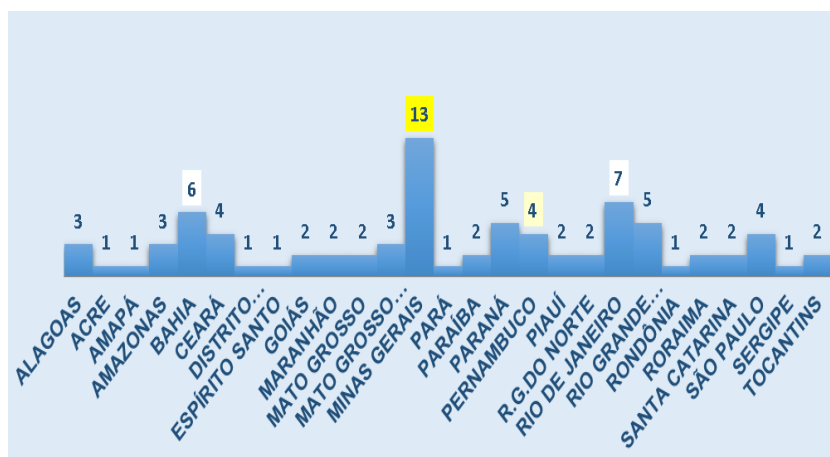
Gráfico 1 - Instituições Registradas no SIEXBRASIL

Fonte: a autora

Todas as cinco regiões brasileiras (Gráfico 2) aderiram ao sistema, totalizando 27 estados (gráfico 3), onde o Estado de Minas Gerais apresentava o maior número de Instituições registradas, seguido pelo Rio de Janeiro, Bahia.

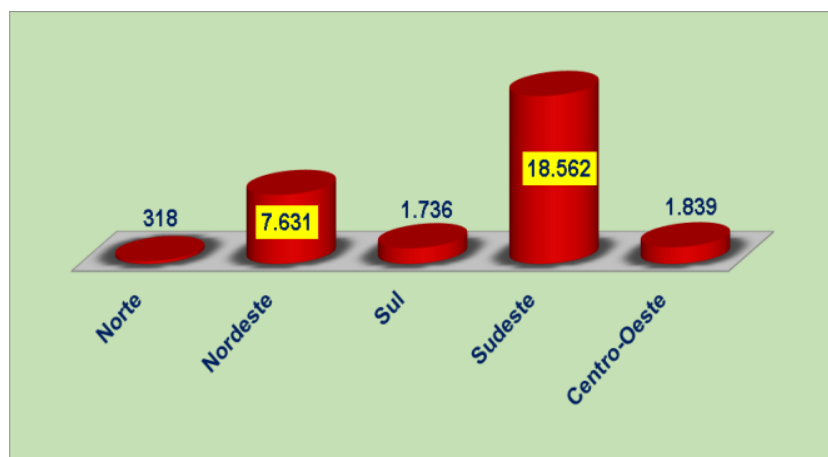
Gráfico 2 - Estados por Regiões

Fonte: a autora

Gráfico 3 - Instituições por Estados Registrados no SIEXBRASIL

Fonte: a autora

Das cinco regiões cadastradas no sistema, foram registradas 31.086 atividades. Em primeiro lugar, o Sudeste com 19.562 e, em segundo, o Nordeste com 7.631, significando 63% e 24% respectivamente, seguido pelo Sul e Centro-Oeste com 6% e a região Norte com 1% (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Total de Registros de Atividades por Região no SIEXBRASIL

Fonte: a autora

Dos 27 estados cadastrados no sistema, só 23 participaram efetivamente do SIEXBRASIL, no período analisado (Quadro 2). Desses estados, os que mais se destacaram foram: em primeiro lugar, Minas Gerais com 16.256 atividades, significando 52% do total. Acredita-se que este percentual expressivo se deve ao fato

de que foi em Minas Gerais, através da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, que surgiu o SIEEX. Em segundo lugar, Pernambuco com 5.179 atividades, com 17% e, em terceiro, o Espírito Santo com 3.124 registros (10%).

Quadro 2 - Estados x Atividades Extensionistas - continua

ESTADO	ATIVIDADES
ACRE	21
ALAGOAS	208
BAHIA	643
CEARÁ	331
ESPÍRITO SANTO	3.124
GOIÁS	930
MATO GROSSO	469
MATO GROSSO DO SUL	420
MINAS GERAIS	16.256
PARÁ	293
PARAÍBA	484
PARANÁ	864
PERNAMBUCO	5.179
PIAUÍ	1
RIO DE JANEIRO	150
RIO GRANDE DO NORTE	45
RIO GRANDE DO SUL	762
RONDÔNIA	1
RORAIMA	3
SANTA CATARINA	110
SÃO PAULO	32
SERGIPE	740
TOCANTINS	20
TOTAL	31.086

Fonte: a autora

Das 31.086 atividades extensionistas registradas, no período analisado, (Gráfico 5), observa-se que houve uma linha de crescimento até 2006, com cerca de 6.363 atividades, o que equivale a 21% do total de registros.

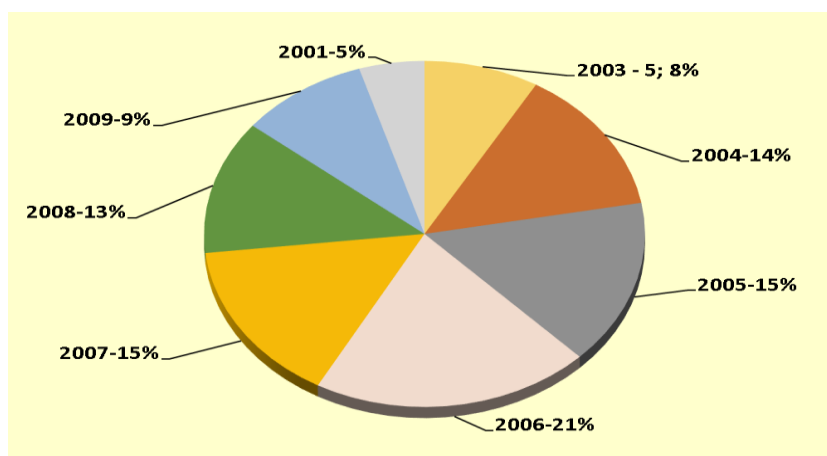
Gráfico 5 - Total de Registros de Atividades de Acordo com o Ano Base no SIEXBRASIL



Fonte: a autora

O Gráfico 6 apresenta um decréscimo e, que pós 2006, chegou a 5%, o que equivale 1.490 atividades registradas.

Gráfico 6 - Ano x Percentual de Atividades Extensionistas



Fonte: a autora

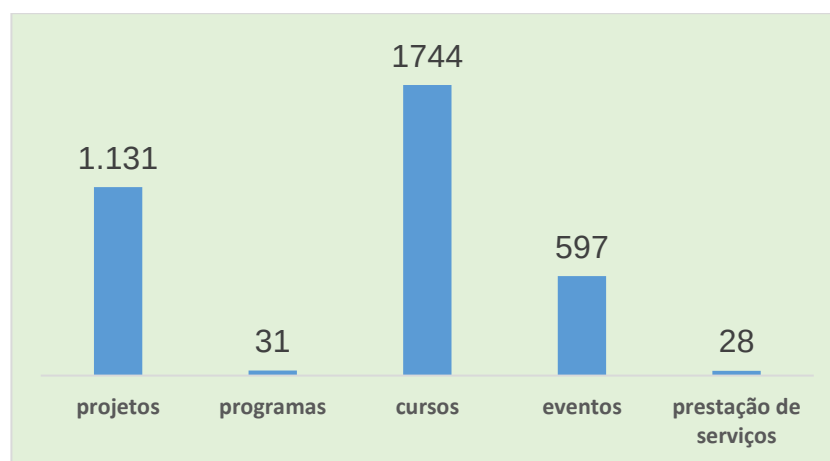
O Sistema SIEXBRASIL seja na primeira ou segunda versão foram iniciativas exitosas, pois o seu surgimento e sua evolução tinham por objetivo integrar as instituições públicas de ensino na perspectiva de troca de informações, superando o registro de dados fragmentados, e construção de indicadores que contribuíssem para incluir as dimensões quantitativas, qualitativas e acadêmicas das ações

extensionistas, bem como os seus resultados sociais através do público beneficiado por curso e eventos e atendidos por programas, projetos e prestação de serviços.

3.3.1 As Atividades Registradas no SIEXBRASIL/UFPE

De 2003 a 2010, de acordo com o gráfico 07, a PROExC registrou 3.537 atividades extensionistas com índice maior para cursos (1.744) correspondente à 49%, seguido de 1.131 projetos de extensão (33%) e 597 eventos (17%).

Gráfico 7 - Atividades de Extensão/UFPE Registradas no SIEXBRASIL 2003 -2010



Fonte: a autora

Com relação ao público, esclarecemos que o quantitativo era uma estimativa informada pelo proponente. A realidade dos números, nesse item, encontrava-se nos relatórios finais. Então, pelos registros dos proponentes, o número de pessoas atendidas ou beneficiadas era de 8.770.196 (Quadro 3), onde 98% refere-se a projetos registrados.

Quadro 3 - Atividades Extensionistas x Público

ATIVIDADES	PÚBLICO
Cursos	35.468
Eventos	94.868
Programas	24.595
Projetos	8.614.419
Serviços	846
TOTAL	8.770.196

Fonte: a autora

O SIEXBRASIL/UFPE registrou 38 órgãos conforme Quadro 4, contendo 05 Pró-Reitorias, visto que a PROADM - Pró-Reitoria de Apoio Administrativo passou a ser denominada PROGEPE, 12 centros acadêmicos, 10 órgãos suplementares e 9 órgãos diversos como núcleos, coordenações, etc.

Quadro 4 - Órgãos Registrados no SIEXBRASIL – UFPE continua

ÓRGÃOS
BC - BIBLIOTECA CENTRAL
CAV - CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
CAA - CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
CAC - CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CB - CENTRO DE BIOCÊNCIAS ²³
CCS - CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CCEN - CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
CCJ - CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS
CCSA - CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
CCONV - CENTRO DE CONVENÇÕES
CE - CENTRO DE EDUCAÇÃO
CFCH - CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CIN - CENTRO DE INFORMÁTICA
CTG - CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS
CECINE - COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE
EU - EDITORA UNIVERSITÁRIA
FADE - FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE
GB - GABINETE DO REITOR
HC - HOSPITAL DAS CLÍNICAS
LIKA - LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI
NAI - NÚCLEO DE ATENÇÃO AO IDOSO
NB - NÚCLEO DE BIOLOGIA
NDMS - NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS
NEFD - NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
NHT - NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO
NUSP - NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA
NTI - NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
NT - NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NUTES - NÚCLEO DE TELESÁUDE
NTVR - NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS
PROADM - PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO

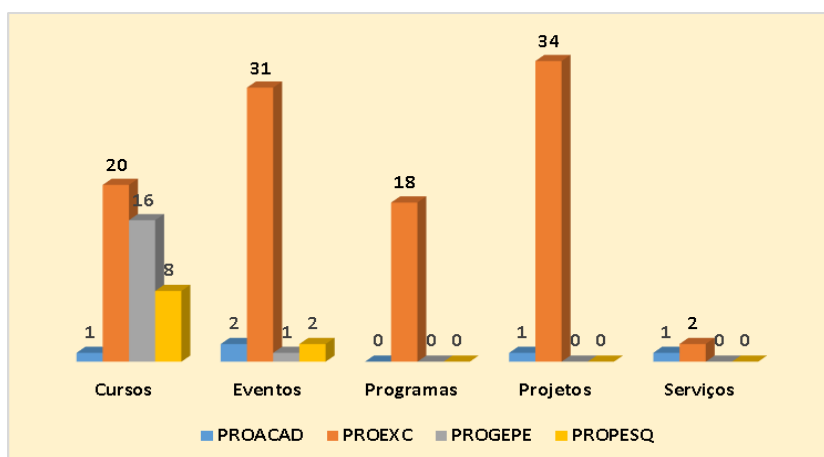
²³Anteriormente denominado Centro de Ciências Biológicas - CCB

PROExc - PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA ²⁴
PROGEPE - PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA
PROPLAN - PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS
PROPESQ - PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROACAD - PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
UnATI/PROIDOSO - UNIVERSIDADEABERTA DA TERCEIRA IDADE
VIRTUS - LABORATÓRIO DE HIPERMIDIA DA UFPE

Fonte: a autora

As Pró-Reitorias totalizaram 137 atividades registradas (gráfico 8), o que significa dizer que: 77% eram da PROExc; 12% da PROGEPE e 17% da PROPESQ. Entretanto, ressaltamos que as atividades mais executadas eram: cursos (45), eventos (36) e projetos (35), significando nessa ordem, 26% projetos/eventos, 33% cursos, 13% programas e 2% prestação de serviços.

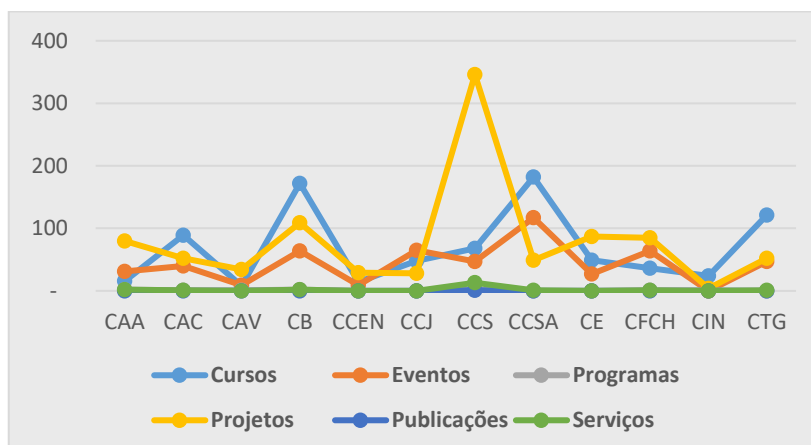
Gráfico 8 - Pró-Reitorias x Atividades Extensionistas



Fonte: a autora

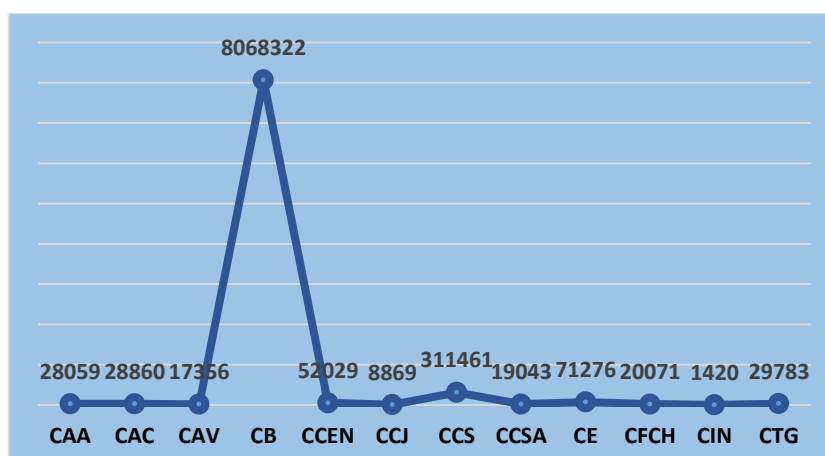
Os maiores volumes de registro foram encontrados nos centros acadêmicos, ou melhor, 2.334 atividades extensionistas, com um público estimado de 8.656.549 (gráfico 9).

²⁴Anteriormente denominada PROEXT- Pró-Reitoria de Extensão

Gráfico 9 - Centros Acadêmicos x Atividades Extensionistas

Fonte: a autora

Com relação às atividades, em primeiro lugar está o Centro de Ciências da Saúde - CCS (20%); em segundo, o Centro de Biociências - CB e o Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA (15% cada); e em terceiro, o Centro de Tecnologia e Geociências - CTG (10%). No item público participante (para cursos e eventos) e 'beneficiados' (para projetos e serviços) destaca-se o CB (93%) e o CCS com 4% (Gráfico 10).

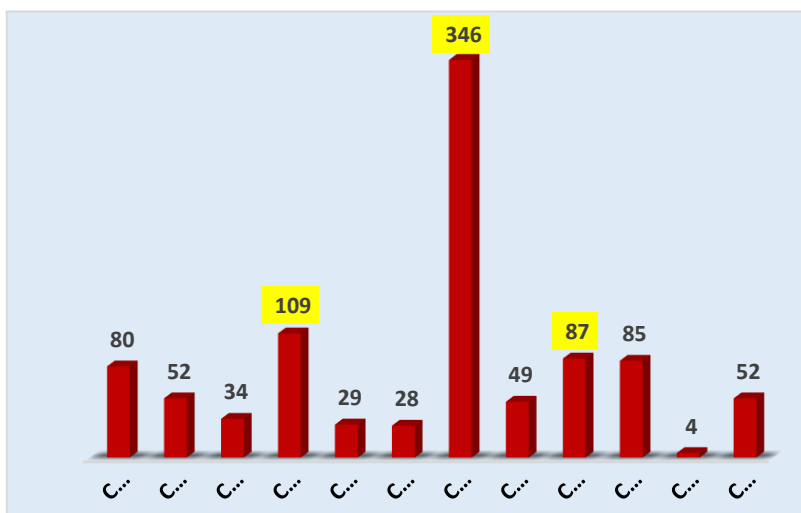
Gráfico 10 - Centros Acadêmicos x Público Beneficiado/Participante

Fonte: a autora

Quando analisamos as atividades, separadamente, constatamos que o CB e o CCS estão em destaque principalmente na modalidade projetos (Gráfico 11), reforçando que a área de saúde tem evidência quando a temática é extensão, onde

o CCS apresenta um percentual de 36%, seguido do CCB (11%) e o Centro de Educação - CE com 9%.

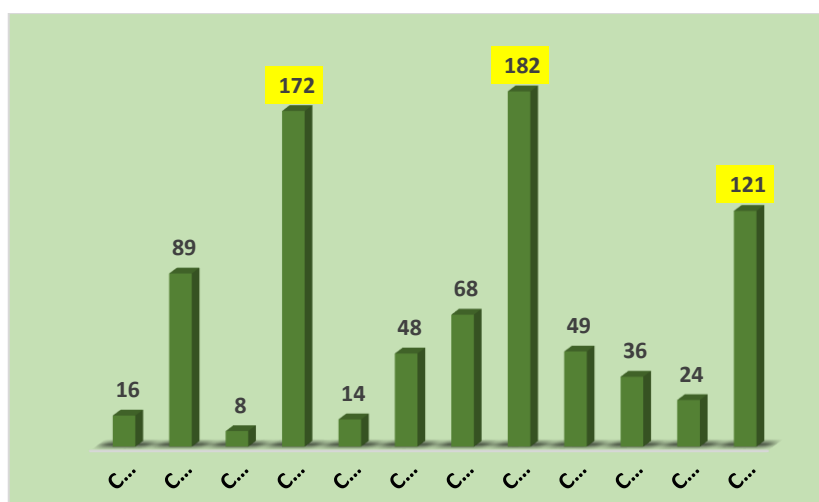
Gráfico 11 - Centros Acadêmicos x Projetos de Extensão



Fonte: a autora

Na modalidade curso (Gráfico 12), encontramos o CCSA no topo com percentual de 26% (182 registros) seguido pelo CB (24%) e CTG (14%).

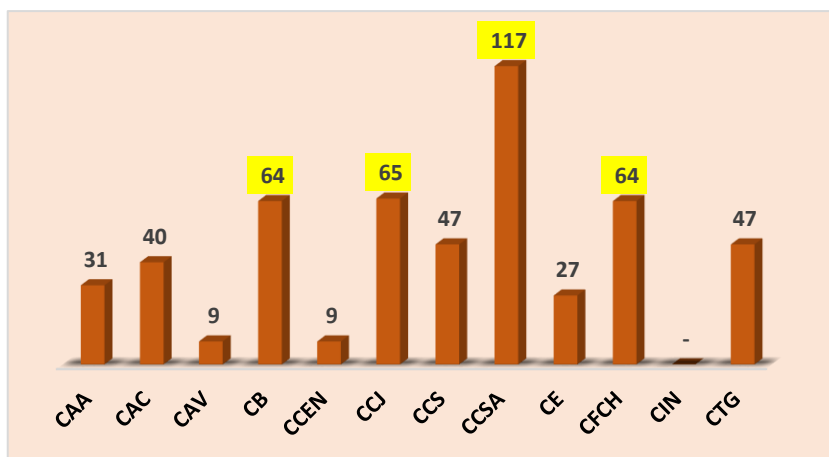
Gráfico 10 - Centros Acadêmicos x Cursos de Extensão



Fonte: a autora

Para eventos, conforme o Gráfico 13, permanece como primeiro do ranking o CCSA (23%), seguido do Centro de Ciências Jurídicas - CCJ (12%) e, posteriormente, o CFCH e CTG, ambos com 12%.

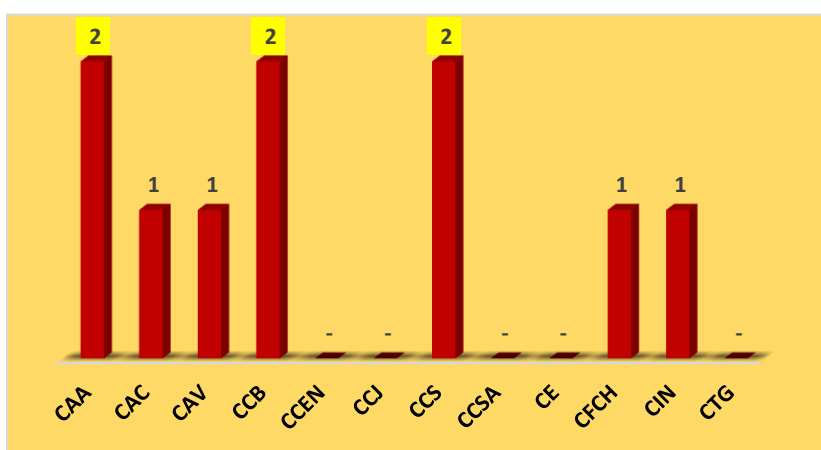
Gráfico 13 - Centros Acadêmicos x Eventos Extensionistas



Fonte: a autora

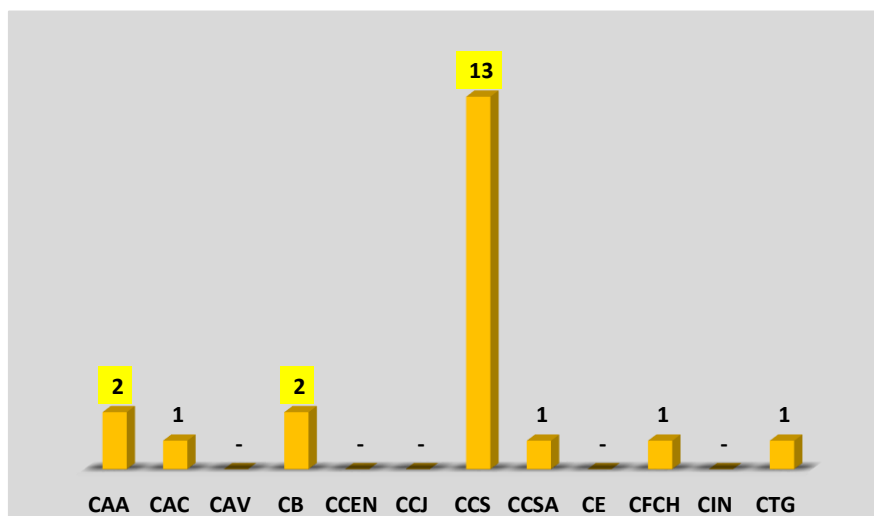
A categoria Programas (Gráfico 14) apresentam percentuais iguais os Centro Acadêmico do Agreste-CAA, o CCB e o CCS, perfazendo um total de 20% cada, nas duas modalidades. Vale salientar que o CAA deu início ao seus registros a partir de 2007, o que significa dizer que, quatro anos após o início do SIEXBRASIL, o CAA atingiu patamares expressivos.

Gráfico 14 - Centros Acadêmicos x Programas Extensionistas



Fonte: a autora

Na categoria Prestação de Serviços, o Gráfico 15 indica um percentual bastante expressivo para o CCS correspondendo a 62% dos 20 registros, ressaltando-se ainda o CAA e CCB, ambos com percentuais de 9%.

Gráfico 15 - Centros Acadêmicos x Prestação de Serviços

Fonte: a autora

Finalizando a análise quantitativa do SIEXBRASIL/UFPE no período, foram 19 órgãos entre: suplementares, núcleos e coordenações, conforme quadro 5 abaixo.

Quadro 5 - Órgãos Suplementares, Núcleos e Laboratórios

ÓRGÃOS	PÚBLICO	ATIVIDADES
BC	0	1
CECINE	7.180	63
EU	0	1
FADE	547	2
GR	8.575	10
HC	615	7
LIKA	2.860	5
NAI	0	0
NDMS	39.800	296
NEFD	350	2
NHT	2.171	4
NTI	4.134	314
NT	2014	189
NTRU	53.103	16
NUSP	2.893	20
NUTES	251	6
UNATI	8.692	112
VIRTUS	239	15
TOTAL	133.424	1.063

Fonte: a autora

Com relação ao público, vale a pena corroborar, que os números são uma aproximação da realidade, visto que os registros, de modo geral, eram feitos antes das atividades serem realizadas.

Encontramos o Núcleo de TV Universitária despontando com 53.103, o que significa dizer que as atividades se referem às audiências na TV e rádios. Outro órgão que se destaca é o Núcleo de Documentação dos Movimentos Sociais com 30% de público. Este núcleo pela sua especificidade trabalhava com vários cursos e centros, e isso contribuiu para uma taxa elevada. E por fim, a Universidade Aberta a Terceira Idade com 7%, que semestralmente atendia mais de 600 idosos.

No tocante às atividades extensionistas foram um total de 1.063, destacando-se o Núcleo de Tecnologia da Informação com a oferta de cursos de informática para a comunidade interna e externa, perfazendo 314 (30% do total), seguido do NDMS com 28% e o Núcleo de Tecnologia/Centro Acadêmico do Agreste com 18%.

3.4 OS DIFICULTADORES DO SISTEMA SIEXBRASIL

O Sistema SIEXBRASIL apresentou a algumas limitações quanto à exatidão dos dados fornecidos, quando confrontados com os relatórios da PROExC, apontavam divergências no seu quantitativo, para mais ou para menos, pois, após inseridas e as ativadas no sistema, as informações do formulário EXT 1 não poderiam sofrer complementações ou retificações. Então, conforme Quadro 6 constatamos que:

Quadro 6 - Atividades Extensionistas - SIEXBRASIL x PROExC

ATIVIDADES	SIEXBRASIL	PROExC
Cursos	1.625	3.245
Eventos	555	1.802
Programas	11	1
Projetos	1.092	1.321
Publicações	1	6
Serviços	24	32
TOTAL	3.308	6.407

Fonte: a autora

- a) No total de atividades extensionistas houve aumento de 94%;
- b) Em relação aos cursos ocorreu um incremento de 100%;
- c) Eventos, aumento de 100%;
- d) Prestação de Serviços, acréscimo de 33%;

- e) Projetos de Extensão passa de 1.092 para 1.321, o que equivale uma redução de 21%;
- f) Os programas verificam-se um crescimento de 182% nos dados analisados.

O item Público, por sua vez, refere-se a: pessoas capacitadas para cursos, participantes para eventos, e público beneficiado para projeto e serviços, e neste, verificou-se um percentual negativo de 75%, ou seja, a estimativa era de 8.770.196, e os relatórios apontaram um quantitativo real de 2.188.128 pessoas, isto é, o coordenador da atividade fazia uma projeção do público beneficiado, posteriormente verificava a sua real quantidade.

Ressalta-se ainda, que o sistema não oferecia informações sobre recursos financeiros, o que dificultava aos gestores do sistema, uma noção de valores referentes ao custo de cada projeto.

Outro agravante foi acerca de informações dadas pela equipe de trabalho, onde, os relatórios **(ANEXO A)** só informavam o nome do coordenador (Figura 15), sem a possibilidade de localizar algum docente, técnico, discente ou parceiro participantes das atividades.

Figura 15 - Relatórios do SIEXBRASIL

Consulta de Atividades

Page 1 of 2

Consulta Avançada								
Campos Pesquisados: Região : Nordeste Estado : Pernambuco Instituição : UFPE - Universidade Federal de Pernambuco								
Código	Ano Base	Tipo Atividade	Caracterização	Título	Instituição/Unidade/Departamento	Período de realização	Coordenador (a)	Público Atingido
53209	2008	Projeto			Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE CLÍNICA E ODONTOLOGIA PREVENTIVA	1/7/2008 à 1/6/2009	Sara Grinfeld -	700
3328	2003	Projeto		"Arte Cidadã: Uma Experiência Pioneira na Comunidade de Roda de Fogo"	Universidade Federal de Pernambuco CENTRO DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS SÓCIO-FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO	1/7/2002 à 30/4/2003	Xavier Uytendenbroek -	0

Fonte SIEXBRASIL

É importante reiterar que o SIEXBRASIL foi um sistema exclusivamente para registro das atividades, por isso não havia gerenciamento dos dados e, conseqüentemente, isso dificultava o cruzamento de informações e impedia a construção de uma variedade de relatórios.

Apesar desses dificultadores existentes, o sistema foi um avanço para sua época, pois deu condições às Pró-Reitorias, e ao FORPROEX, identificar, com mais agilidade, o quantitativo de atividades de extensão que existiam nas instituições públicas de nível superior, fossem elas, federais ou estaduais, e com isso perceber que se tinha condições para avançar, ir além de uma extensão numérica, ou seja, avaliar a qualidade dessas atividades.

Foi a partir do próprio SIEXBRASIL que foram introduzidos indicadores como: número de projetos desenvolvidos, público estimado, eventos realizados, número de certificados expedidos, número de municípios atendidos, entre outros, numa perspectiva de elaboração e consolidação de instrumentos de avaliação da Extensão Universitária.

Saber quem, quantos éramos e onde estávamos foi fundamental para pensar em fazer uma avaliação da Extensão Universitária. A avaliação só acontece quando atribuímos um valor e, principalmente, se atuamos na direção da melhoria dos desempenhos que não foram alcançados. Por isso que o SIGPROJ, o sistema que substituiu o SIEXBRASIL, é um conjunto de componentes inter-relacionados cujo objetivo é, não só coletar, recuperar, processar, armazenar e distribuir informação com a finalidade de facilitar o planejamento, o controle, a coordenação, a análise, mas também, contribuir na avaliação e no processo decisório, e assim, beneficiar as instituições integradas ao sistema, objetivando a condução de uma gestão mais comprometida, não só com a quantidade, mas principalmente com qualidade e gestão dos resultados.

4 A EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM DOS EGRESSOS PARTICIPANTES DE PROJETOS DE EXTENSÃO

Esta seção dissecar o segundo objetivo de nossa pesquisa que é: investigar a experiência de aprendizagem dos discentes egressos que participaram de projetos de extensão para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional, no período de 2003 a 2010. Ele vai apontar os caminhos percorridos ao longo da pesquisa e os atores envolvidos na busca de mostrar a percepção dos egressos com relação a sua participação em projetos extensionistas na perspectiva de aprimorar o fazer acadêmico na esfera da Extensão Universitária.

4.1 OS CAMINHOS E OS ATORES DA PESQUISA

Nesse capítulo abordaremos nossa caminhada, ou seja, a metodologia utilizada, e os egressos participantes, com esses elementos iremos esclarecer como se processou a pesquisa e quem são os nossos atores.

4.1.1 Os Caminhos...

Segundo Duarte (2002, p. 140) uma pesquisa é “sempre um relato de uma longa viagem”. Esta tem o olhar do pesquisador na busca de novos matizes, uma forma de perceber a realidade a partir de experiências pessoais ou de outrem. Entretanto, por estarmos envolvido na pesquisa esquecemo-nos de relatar o processo metodológico de forma clara e objetiva dificultando o entendimento do leitor.

No geral, no decorrer da pesquisa algumas questões são apresentadas de forma imediata, e na medida em que vamos caminhando com o trabalho de campo outros questionamentos vão surgindo como também os obstáculos cometidos e as dificuldades descobertas. Por isso, metaforizando Duarte (2002), apresentaremos a partir de agora os caminhos percorridos nessa viagem.

De acordo com Gil (2008, p. 45) pode-se definir pesquisa como um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científicos”. Com base nesse conceito o autor, vai mais além, e define a pesquisa social como “o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade”. (GIL, 2008, p.45)

Minayo et al. (1994, p. 25) destaca que, também "a pesquisa é um labor artesanal", que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. Contudo, este conceito ainda padece de pequenas mudanças, objetivando ajustar seu foco específico, dependendo da área de pesquisa. Essa atividade deve ser crítica, criativa, e permanente, na busca de um diálogo realista.

Uma investigação científica depende de um "conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos" e para que seus objetivos sejam atingidos, é essencial a utilização de métodos científicos.

Assim sendo, apresentamos a metodologia utilizada em nossa pesquisa no quadro abaixo, na perspectiva de clarificar os caminhos percorridos e as teorias em que eles foram sedimentadas.

Quadro 7 - Classificação de Antônio Carlos GIL

CLASSIFICAÇÃO (GIL - 2002)			
QUANTO A NATUREZA	PESQUISA APLICADA		
FORMA DE ABORDAGEM	PESQUISA QUALI-QUANTITATIVA		
PESQUISA COM BASE EM SEUS OBJETIVOS	OBJETIVO GERAL	Analisa Extensão Universitária na Formação dos Egressos da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, no período de 2003 a 2010.	PESQUISA EXPLORATÓRIA
	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	Descrever o <i>Sistema de Informação em Extensão Universitária</i> - SIEXBRASIL para o cadastramento e gerenciamento de atividades de extensão na UFPE.	PESQUISA DOCUMENTAL
		Investigar a experiência de aprendizagem dos discentes egressos que participaram de projetos de extensão para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional, no período de 2003 a 2010.	ESTUDO DE CASO

Fonte: a autora em Gil (2002)

Com relação à natureza, a pesquisa em tela é aplicada, pois o investigador é movido pela necessidade de colaborar para fins práticos dirigidos à solução de

problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais. Aspira transformar em ação concreta os resultados de seu trabalho. Enfatiza Ferrari (1982, p. 171) que: “não obstante a finalidade prática da pesquisa, ela pode contribuir teoricamente com novos fatos para o planejamento de novas pesquisas ou mesmo para a compreensão teórica de certos setores do conhecimento

A pesquisa aplicada tem menos preocupação com o desenvolvimento de teorias de “valor universal” e sim sua “utilização e consequências”, seu objetivo primordial é descobrir como resolver o problema e/ou entender como ele aconteceu.

A pesquisa, segundo Gil (2002), quanto a sua forma de abordagem é quantitativa e qualitativa, conceituada para Queiroz (2006, p.88) como: “Duas correntes paradigmáticas que “alicerçam as definições metodológicas da pesquisa em ciências humanas nos últimos tempos. São elas a visão realista/objetivista (quantitativa) e a visão idealista/subjetivista (qualitativa) ”.

A pesquisa quantitativa, esclarece Martinelli (1994, p.34) serve de:

Fundamento ao conhecimento produzido pela pesquisa qualitativa. Para muitos autores a pesquisa quantitativa não deve ser oposta à pesquisa qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua, sem confinar os processos e questões metodológicas a limites que contribuam os métodos quantitativos exclusivamente ao positivismo ou os métodos qualitativos ao pensamento interpretativo, ou seja, a fenomenologia, a dialética e a hermenêutica.

Os resultados das pesquisas quantitativas podem ser mensurados, atualmente são grandes e considerados representativos da população, os resultados são apresentados como um “retrato real de toda a população alvo da pesquisa”. Esse tipo de pesquisa é caracterizada pelo emprego da quantificação, isto é, na coleta de informações quanto no seu tratamento mediante técnicas estatísticas.

Ela visa à validação das hipóteses empregando as informações estruturadas estatisticamente. Entre suas principais características encontramos: uma abordagem focalizada e pontual e estruturada, utilizando-se de dados quantitativos; utiliza-se de instrumentos fechados que permitam a quantificação do objeto de estudo; as informações são colhidas por meio de um questionário estruturado ou entrevista fechada com perguntas claras e objetivas.

Já pesquisas qualitativas não tem preocupação com a representação numérica, e sim com a compreensão sobre um grupo social. O que significa trabalhar com um universo de motivação, significação, valores e crenças. Para Minayo (1994,

p. 14) a pesquisa qualitativa é criticada por “seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador”. O pesquisador deve sempre está atento para que seus julgamentos e preconceitos não afetem a sua pesquisa. Ele tem obrigação de observar os aspectos da realidade, convergindo para uma compreensão e a elucidação da dinâmica das relações sociais. Por isso um dos objetivos da pesquisa qualitativa, segundo Martinelli (1994, p. 21) é:

- Trazer à tona o que os participantes pensam a respeito do que está sendo pesquisado e;
- Não é só a visão de pesquisador que é importante, mas também o que o sujeito tem a dizer em relação ao problema.

Isso significa dizer que a abordagem qualitativa, é um exercício não estruturado, pois permite que a imaginação e a criatividade fluam e leve os pesquisados a vislumbrar o diálogo do pesquisador com os sujeitos pesquisados.

Essa analogia entre o quantitativo e o qualitativo permeia o mundo da pesquisa, elas se complementam, uma vez que os elementos quantitativos permitem uma compreensão sobre os fenômenos como um todo, enquanto os elementos qualitativos fornecem subsídios para conhecer o significado que as pessoas conferem aos fenômenos. Assim, reforça Malhotra (2001, p. 155) quando afirma que: “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”.

Segundo Gil (2002, p. 41) com relação ao objetivo geral que, em nosso estudo é: “Analisar a Extensão na Formação dos Egressos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no período de 2003 a 2010”, apresenta-se como pesquisa exploratória, uma vez que pretende dar uma maior familiaridade com ao problema com vistas a clarificá-lo.

Os estudos exploratórios buscam descobrir, acima de tudo, ideias e intuições, objetivando permitir maior familiaridade com o elemento a ser pesquisado. Além disso, eles necessitam definir o problema com maior exatidão, além de permitir criar novas hipóteses e com isso realizar novas pesquisas amplas e versáteis.

Uma das características significativas da pesquisa exploratória, conforme Raupp e Beuren (2003, p. 80) consiste na investigação em minuciosa dos conceitos preliminares sobre uma questão não contemplada de modo satisfatório anteriormente,

o que auxilia para o esclarecimento de temas que foram abordados de forma superficial.

A pesquisa exploratória tem, também, entre outras características a de dar maior clareza aos conceitos e ideias na formulação dos problemas, geralmente envolvem levantamento, pesquisas bibliográficas, documentais e estudo de casos.

Na sua forma de abordagem a nossa pesquisa no que se refere ao *primeiro objetivo*, ou seja, **Descrever o sistema de informação em extensão universitária - SIEXBRASIL para a cadastramento e gerenciamento de atividades de extensão na UFPE** é quantitativa, pois, faz uso de recursos e de técnicas estatísticas e procura descrever significados que são considerados como essenciais aos objetos e atos, conseqüentemente permite uma abordagem focalizada, pontual e estruturada. E o *segundo objetivo* é: **Investigar a experiência de aprendizagem dos discentes egressos que participaram de projetos de extensão para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional, no período de 2003 a 2010**, é qualitativa pois, está na perspectiva de ter elementos descritivos sobre pessoas e lugares buscando interpretar os fenômenos que lhes cercam.

No que se refere aos procedimentos técnicos no primeiro objetivo é uma pesquisa documental, visto utilizar materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetos da pesquisa. Ao mesmo tempo, os documentos constituem uma fonte “não-reativa”, o que significa dizer que todas as informações permanecem sempre as mesmas, independentemente do tempo. Portanto, são fontes naturais de informações, e também, não tem existe nenhuma ameaça de alteração dos dados. A pesquisa documental é constituída de dados em fonte primária, isto é, documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos; arquivos particulares de instituições e domicílios, fontes estatísticas, etc.

Além disso, a pesquisa, com relação ao segundo objetivo, se apresenta como um estudo de caso, pois trata de compreender melhor os fenômenos individuais da Extensão dentro da Universidade Federal de Pernambuco que tem, utilizando os conceitos de Meihy (2007, p. 51) “como universo ou comunidade de destino” os egressos bolsistas ou voluntários de graduação que participaram de projetos extensionistas.

Segundo Yin (2001, p. 23) classifica o estudo de caso “uma estratégia de pesquisa que compreende um método que envolve tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados”. Essa investigação é fato atualizado dentro de um

contexto da vida real. Ainda reforça o autor que: “Esse tipo de pesquisa é utilizada quando o pesquisador investiga como e o porquê sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle. (YIN, 2001, p. 28)

Assim, observa-se que a trajetória metodológica de uma pesquisa, revela uma lógica entre os objetivos do estudo, as escolhas teóricas do pesquisador e os instrumentos de coleta para a conquista das metas de investigação. Fundamentando-se nesse princípio, é vital que a abordagem metodológica e que cada um dos instrumentos utilizados na coleta estejam compatíveis com o quadro teórico.

Após aclarar a classificação da pesquisa, vamos mais além, mostrar os caminhos e os atores de forma mais detalhada. Portanto, utilizamos o Sistema de Informação em Extensão Universitária - SIEXBRASIL para a cadastramento e gerenciamento de atividades de extensão na UFPE, como fonte documental de onde retiramos nosso público alvo, isto é, os discentes egressos de projeto de extensão.

Desta forma, após diagnóstico, constatou-se que, no SIEX, no período de 2003 a 2010 foram 1.131 projetos registrados. Foram feitas leituras de todos os projetos, e selecionado todos os nomes e e-mails, o que acarretou a elaboração de uma planilha, o que resultou em 1.713 discentes egressos entre voluntários e bolsistas. (Quadro 8). Após o cruzamento dos dados foi constatado que as participações dos discentes variavam de 01 a 04 anos (Quadro 9).

Quadro 8 - Projetos por Ano x Quantidade de Discentes egressos

ano	projetos	discentes
2003	141	268
2004	106	163
2005	149	139
2006	157	297
2007	179	293
2008	225	251
2009	178	157
2010	186	145
TOTAL	1.131	1.713

Fonte: a autora

Quadro 9 – Participação por tempo em projeto

ANO	1 ano	2anos	3anos	4anos	total
2003	245	19	3	1	268

2004	132	20	10	1	163
2005	45	72	18	4	139
2006	182	88	23	4	297
2007	141	122	27	3	293
2008	106	120	22	3	251
2009	120	21	16	0	157
2010	133	8	4	0	145
	1104	470	123	16	1713

Fonte: a autora

O tempo de participação dos bolsistas ou voluntários, em sua grande maioria foi de 01 (um) ano, isto é 65%, 27% foram com 2(dois) anos e 3 (três) e 4 (quatro) anos, respectivamente 7% e 16% de participação.

Analisando os dados do sistema verificou-se que dos 1.713 discentes, 1.220 tinham e-mails, restando 493 discentes (Quadro 10) que não tinham e-mails registrados nos formulários.

Quadro 10 - Discentes c/e-mail e sem/e-mail

Ano	Discentes	c/e-mail	s/email
2003	268	115	153
2004	163	121	42
2005	139	133	6
2006	297	199	98
2007	293	194	99
2008	251	194	57
2009	157	151	6
2010	147	114	34
TOTAL	1.713	1.220	493

Fonte: a autora

Após, novo cruzamento com o Sistema de Informação e Gestão de Projetos - SIGPROJ ficou comprovado que dos 1.220 emails, 776 eram de docentes, coordenadores dos projetos, o que fez com que a amostra apresentasse uma redução para 444 e-mails registrados de discentes.

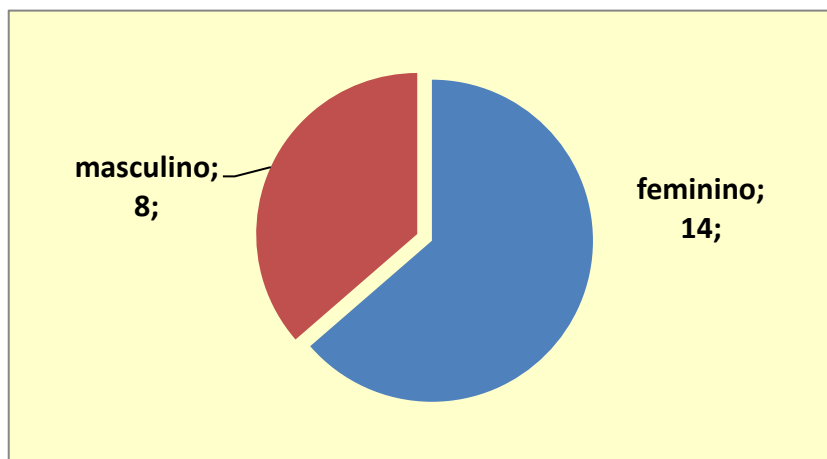
Assim posto, objetivando acelerar a pesquisa qualitativa, em primeira chamada, foram enviados, em lotes, 444 questionários eletrônicos (apêndice) para os discentes egressos, através da ferramenta *Google docs*. Questionários estruturados com conteúdos não disfarçados²⁵, contendo diversos tipos de perguntas (abertas, fechadas, e semiabertas) que levaram cerca de dois meses para serem recebidos (maio/junho-2015) e posteriormente foram tabulados e tratados com as informações fornecidas pelo público selecionado.

Desses 444 questionários enviados, obtivemos 22 respostas que nos deram subsídios para que pudéssemos fazer a segunda pesquisa, e com isso busca de atingir o **2º objetivo**: investigar a experiência de aprendizagem dos discentes egressos que participaram de projetos de extensão para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional, no período de 2003 a 2010.

4.1 2 Os Atores...

Analisando os dados recebidos da primeira pesquisa, isto é, as 22 respostas apensadas, verificou-se que 64% eram bolsistas e voluntários do sexo feminino e 36% masculino (Gráfico 16).

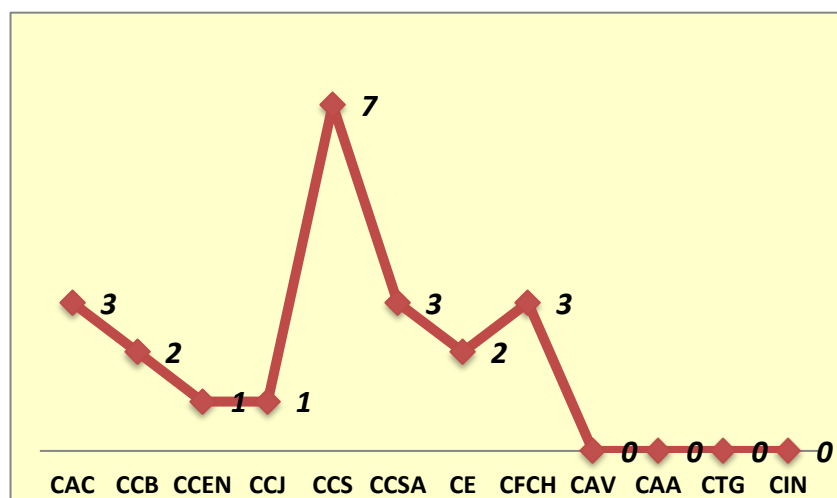
Gráfico 16 - Quantidade participantes x gênero



Fonte: a autora

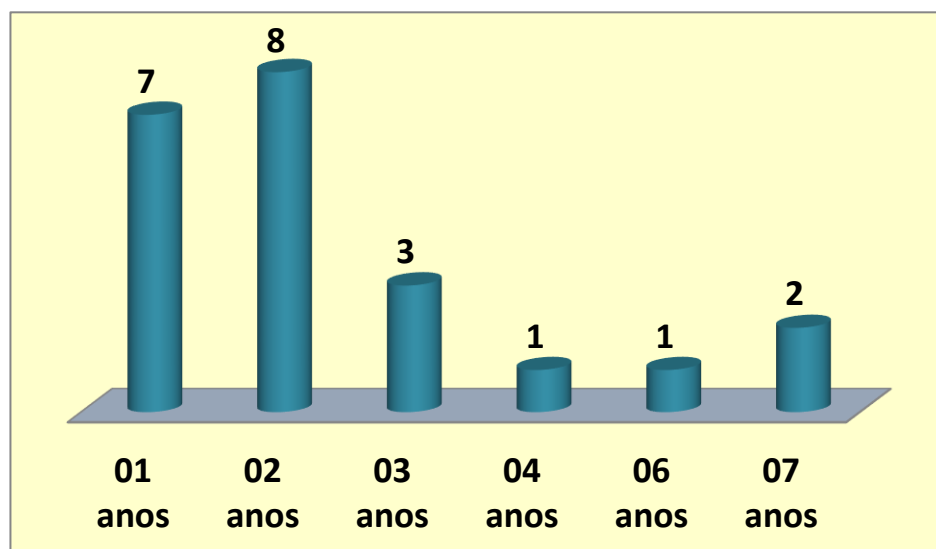
Com relação à participação dos discentes por centro, observou-se que o Centro de Ciências da Saúde apresentou o maior número de participantes na pesquisa preliminar envolvendo os discentes dos cursos Enfermagem, Fonoaudiologia e Medicina, e Biomedicina do Centro de Biociências. (Gráfico 17).

²⁵ Os objetivos da pesquisa estão explícitos no questionário

Gráfico 17 - Quantidade de Participantes x Centros Acadêmicos

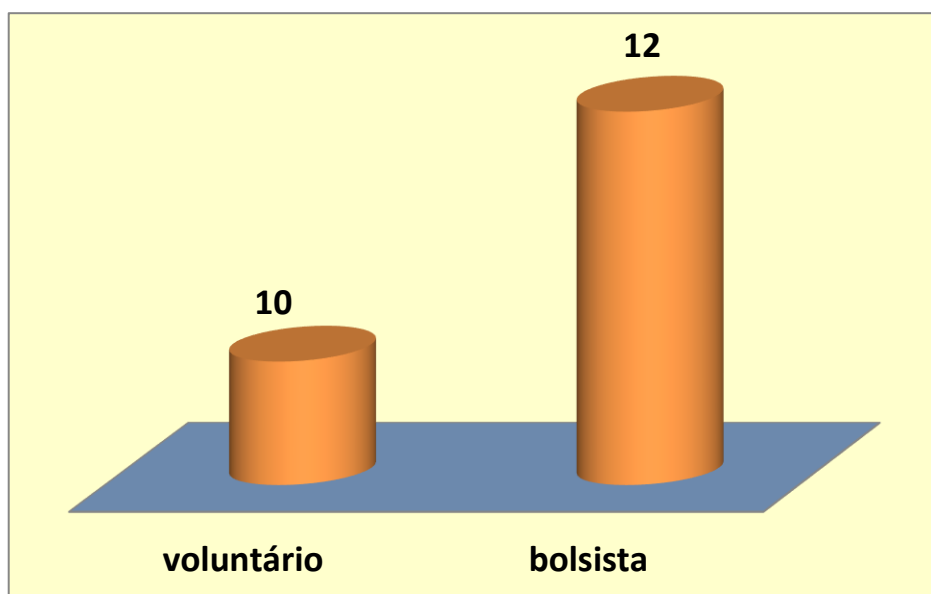
Fonte: a autora

Outro elemento fornecido pela pesquisa foi o tempo de permanência em projetos de extensão que varia de 01 a 7 anos, sendo que o período de 2 anos tem o maior nº de discentes participantes (Gráfico 18).

Gráfico 18 - Quantidade Participantes x Tempo de Permanência em Projetos

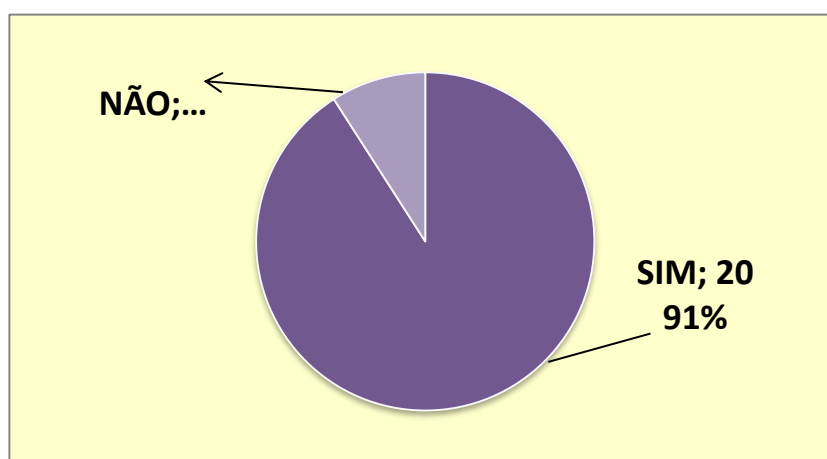
Fonte: a autora

Das 22 respostas da pesquisa 12 eram bolsistas e 10 voluntários (Gráfico 19.)

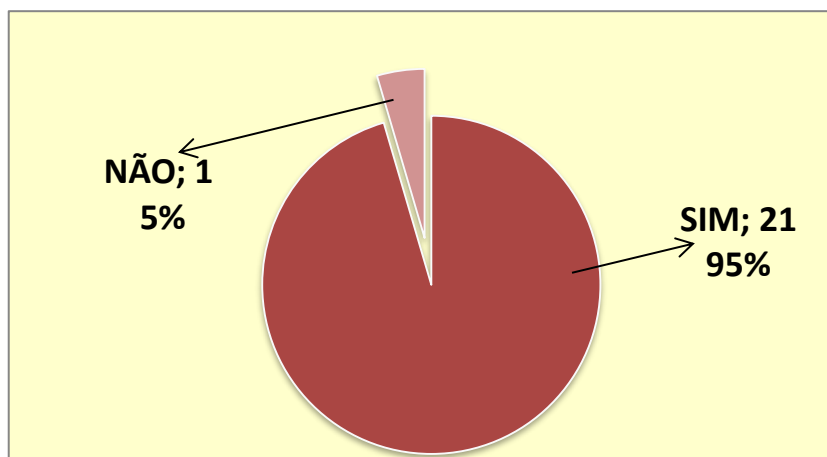
Gráfico 19 Quantidade x Participação de discentes

Fonte: a autora

As respostas positivas, isto é, as que os discentes confirmaram que os projetos de extensão contribuíram para o crescimento acadêmico e profissional foram 91%, e 95% respectivamente. (Gráfico 20 e 21).

Gráfico 20 - Número de Respostas X Crescimento Acadêmico

Fonte: a autora

Gráfico nº 21 - Número de Respostas X Crescimento Profissional

Fonte: a autora

Com base nas respostas acima citadas passamos para a segunda fase da pesquisa que era entrevistas os 22 discentes egressos, objetivando compreender, de forma efetiva, qual a contribuição dos projetos de extensão na formação acadêmica e profissional desses egressos no período estudado.

Esta etapa trata-se de uma pesquisa de caráter social, na qual os procedimentos adotados e a seleção dos instrumentos metodológicos se inserem, como já citado, no paradigma de uma pesquisa qualitativa e com isso assegurou a visualização do fenômeno com riqueza de dados.

Seguindo a classificação de Meihy (2007) em seu livro *Historia Oral: como fazer-como pensar*, optamos pela história oral pura²⁶ de vida com recorte temático²⁷.

Esta fase seguiu os procedimentos abaixo:

- a) Entrevistas, através de gravações com os discentes-egressos;
- b) Análise e tratamento do corpus documental e;
- c) Análise dos resultados.

A análise das respostas forneceu dados, muito significativos, e para que isso transcorresse, as interpretações foram feitas através de análise de conteúdo que de acordo com Bardin (1977, p.42) é:

²⁶ Valoriza o discurso como fonte peculiar

²⁷ Metodologia ou técnica que admite o uso do questionário. Sempre de caráter social.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Esta técnica, que surgiu no início do século XX nos Estados Unidos, busca analisar o que é explícito no texto para encontrar indicadores que permitam fazer inferências. Para esse tipo de entrevista o pesquisador deve fazer uma primeira leitura das entrevistas a serem analisadas, almejando codificar (salientar, classificar, agregar e categorizar) trechos das entrevistas transcritas. O que significa desmontar a estrutura e as informações, no caso, os depoimentos objetivando clarificar a sua significação. Entretanto, Laville e Dionne (1999, p. 21) advertem que:

A análise de conteúdo não é um método rígido, no sentido de uma receita com etapas bem circunscritas que basta transpor em uma ordem determinada para ver surgirem belas conclusões. Ela constitui, antes, um conjunto de vias possíveis nem sempre claramente balizadas, para a revelação – alguns diriam reconstrução – do sentido de um conteúdo. Assim, pode-se, no máximo, descrever certos momentos dele, fases que, na prática, virão às vezes entremear-se um pouco, etapas no interior das quais o pesquisador deve fazer prova de imaginação, de julgamento, de prudência crítica.

As entrevistas, apensadas, dos depoentes foi do tipo semiestruturada, uma técnica de aproximação que coleta dados bastante utilizada nas pesquisas qualitativas, e visa, esclarece Dauster (1999, p. 2) “compreender as redes de significados a partir do ponto de vista do outro”. Além disso esse tipo de entrevista permitiu colocar perguntas ao longo da conversação que não estavam previstas.

Dos 22 questionários recebidos na primeira fase, resultaram entrevistas com 15 depoentes. Os 7 restantes apresentaram algum tipo de dificuldade: 1 depoente, docente da UFPE, não demonstrou interesse em participar; 3 estavam impossibilitados devido a graves problemas de saúde, e 3 os e-mails retornaram por diversas vezes.

Ficou explícito, no formulário referente aos dados dos depoentes que, a grande maioria, ainda tinham lembrança dos títulos dos seus projetos, nos períodos em que participaram e os nomes dos coordenadores, com os quais, um percentual, ainda alimentam alguma ligação, com objetivos acadêmicos ou pessoais.

Todos os egressos são da área de humanas, e estão distribuídos por curso conforme quadro 11 abaixo.

Quadro 11 - Curso x Quantidade de Egresso

CURSOS	QUANT. EGRESSOS
BIBLIOTECONOMIA	1
BIOMEDICINA	2
DIREITO	1
ENFERMAGEM	2
FONOAUDIOLOGIA	1
HISTÓRIA	1
LETRAS	1
LICENCIATURA EM CIÊNCIA BIOLÓGICAS	1
MEDICINA	1
PEDAGOGIA	1
PSICOLOGIA	1
SECRETARIADO	1
SERVIÇO SOCIAL	1

Fonte: a autora

Desses 15 depoentes, só uma permaneceu com a graduação, a sua grande maioria seguiu a carreira acadêmica dentro da UFPE com pós-graduação - 33%, mestrado - 27%, e doutorado - 33%, todos dentro de das suas áreas de atuação. (Quadro 12).

Quadro 12 - Titulação dos Depoentes -2016

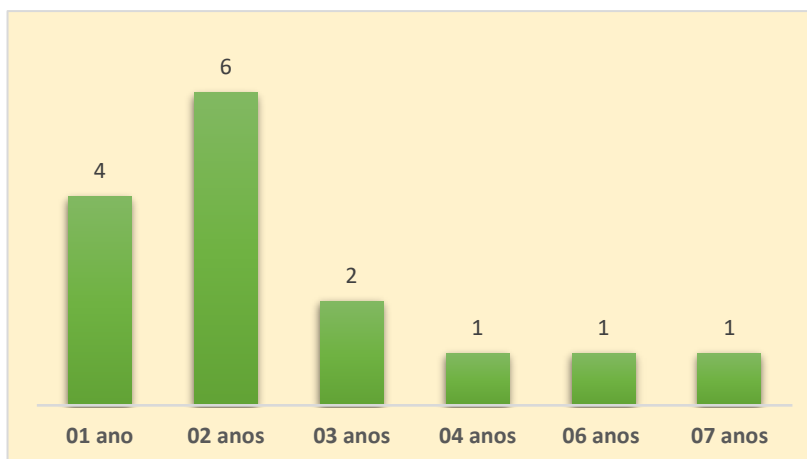
TITULAÇÃO	QUANT
Graduação	1
Pós-Graduação	5
Mestrado	4
Doutorado	5

Fonte: a autora

Com relação ao sexo, foram 10 egressos femininos e 5 masculinos. Ainda, desses depoentes, seis foram bolsistas, o que equivale a 40%, quatro voluntários, 27% e cinco foram em momentos diferentes bolsistas e voluntários, 33%, isto é, quando o projeto perdeu o apoio financeiro na questão a bolsa, eles resolveram continuar na perspectiva crescimento acadêmico. Dos egressos entrevistados foram 5 do Centro de Ciências da Saúde, 2 para: CAC, CB, CCSA, CFCH e para o CCJ e CE foram 1 para cada centro.

Dos 15 egressos conforme gráfico nº 22, abaixo, observou-se que a maioria, isto é 40% permaneceram durante 02 anos e 27% continuaram durante 1 ano. Um dos egressos permaneceu no projeto durante 4 anos, pois o mesmo foi renovado e posteriormente o docente entrou com um outro projeto dentro da mesma temática, o que fez com que ele permanecesse mais 2 anos. Outros 2 egressos permaneceram em projetos durante 6 e 7 anos. O discente com 6 anos participou como bolsista e posteriormente como voluntário em projetos na área de Odontologia, o outro discente participou durante um longo período no projeto de assessoria jurídica. Este se desvinculou do projeto no final da pós-graduação e hoje professor de instituição pública federal continua com o mesmo tipo de projeto em sua universidade.

Gráfico 22 - Egressos x Tempo de Participação em Projeto de Extensão



Fonte: a autora

A partir da identificação desses 15 egressos e de posse de suas entrevistas passamos para a análise de conteúdo. Laville e Dionne (1999) reforçam que a AC é constituída por três diferentes etapas, que são: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados e interpretação.

A primeira etapa é a fase de organização do material, o que significa a leitura que envolve procedimentos como levantamento de hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que baseiem a interpretação.

A segunda etapa, por sua vez, corresponde ao momento de codificar os dados a partir das unidades de registro e a última etapa é hora de caracterizar, ou seja, classificar os elementos a partir das semelhanças e diferenças e de agrupá-los em

função das características em comum. A partir dessa coleta dar início a análise das entrevistas na perspectiva de encontrar respostas.

Os caminhos percorridos foram árduos, pois nos levaram a ler todos os 1.131 projetos. Entretanto, esse momento nos deu a dimensão da riqueza, através de seus objetivos, que os projetos extensionistas proporcionam para os estudantes de graduação envolvidos. São verdadeiros processos de aprendizagem na construção de conhecimento indissociáveis à pesquisa e ao ensino. Essas atividades corroboram na construção de projetos educativos, científicos e sociais da UFPE.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

De acordo com Moraes (1999, p. 9) a análise de conteúdo (AC) é composta de uma metodologia que visa descrever e interpretar o teor de uma classe de dados, e essa análise, enfatiza o autor, vai: "Conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, que ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum".

Essa metodologia de pesquisa, ainda, afirma Moraes (1999), faz parte de uma busca teórica com um significado especial no campo das investigações sociais. Não podemos esquecer que a AC é uma compreensão pessoal do pesquisador no que tange aos elementos informados.

A linguagem utilizada na análise de conteúdo é crítica e dinâmica, pois trata-se de uma construção real de toda a sociedade que deve ser atrelada a uma significação teórica. Desenvolvida na pesquisa social a AC tem, assevera Bauer (2002, p. 212-213) forças e fraquezas. Entre suas principais vantagens estão: "sistemática e pública, faz uso de dados brutos e podem lidar com grandes quantidades de dados". No entanto, suas fragilidades, entre outras, são: "a separação de unidades de análise introduzindo inexatidões de interpretação, citações fora de contexto facilmente enganadoras e a relação entre unidades de textos segmentadas". Todavia, mesmo com esses dificultadores a AC ainda se apresenta como um método flexível e de fácil adaptação.

Assim, continua o autor (1999, p. 2), objetivando "reinterpretar as mensagens, buscando responder, de forma mais legitimista" ao segundo objetivo, entrevistamos 15 egressos, codificados de acordo com a data de resposta do primeiro questionário,

a seguir, como depoentes: D-01, D-02, D-04, D-05, D-07, D-08, D-09, D-10, D-12, D-14, D-15, D-18, D-20, D-21, D-26.

A categorização, nesta pesquisa foi um procedimento fechado, pois optou-se por um sistema de categorias prévia, ou seja, *a priori*, que se prende com um enquadramento teórico previamente estabelecido, esclarece Franco (2005, p. 58) que "são indicadores predeterminados em função da busca a uma resposta específica do investigador".

O questionário foi constituído de nove perguntas, abertas, na busca de responder quais foram as aprendizagens encontradas pelos discentes egressos que participaram de projetos de extensão para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional, no período de 2003 a 2010.

Cinco perguntas estão relacionadas com a Política Nacional de Extensão Universitária que criou um conjunto de cinco diretrizes: Interação Dialógica; Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; Impacto na Formação do Estudante; e Impacto e Transformação Social. São elas:

- a) Houve, ao longo do seu projeto de extensão, a **interação dialógica**, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade? Sim - Não. Por quê?
- b) Existiu em seu projeto de extensão a **interdisciplinaridade e a interprofissionalidade**? Sim - Não. Por quê?
- c) Você identificou a presença da **indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão** no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?
- d) Você observou que o seu projeto de extensão trouxe **impacto e transformação social**? Sim - Não. Por quê?

Uma das diretrizes, acima citadas, é Impacto na Formação do Estudante que buscamos responder, de forma mais detalhada, com as duas perguntas:

- a) O projeto de extensão contribuiu para o seu **crescimento acadêmico**, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?
- b) O projeto de extensão contribuiu para com o seu **crescimento profissional**? Sim - Não. Por quê?

E por fim, nossa curiosidade, enquanto pesquisadora, nos levou a elaborar mais três perguntas na perspectiva de entender: quais foram às **aprendizagens mais importantes** que esses egressos desenvolveram no projeto de extensão? Qual a **motivação** que levaram estes egressos a participarem de projetos extensionistas? E também, quais seriam as **sugestões para melhoria** da participação dos discentes em projetos extensionistas?

A partir das respostas foi iniciado o primeiro passo para a AC: a preparação das informações recebidas que, no caso em questão, foram as respostas fornecidas pelos discentes egressos, isto é, identificar as diferentes amostras de informação a serem analisadas. Em seguida os dados foram submetidos ao segundo passo, o processo de unitarização, que significa, ler e reler, de forma cuidadosa, as informações identificando as unidades de análise. Vale salientar que estas passam a ser interpretadas sem ajuda de qualquer informação adicional. Elas serão examinadas fora do contexto da mensagem original, e devem, posteriormente, fazerem parte de novos conjuntos de informações.

Posteriormente, vem a terceira etapa, a análise de contexto, considerada como pano de fundo apresenta o significado às unidades de análise. É a parte mais ampla do conteúdo a ser analisado. Ela é considerada por Franco (2005, p. 44): “Uma unidade básica para a compreensão da codificação da unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões são excelentes para a compreensão do significado exato da unidade de registro”.

Além disso, reforça Bardin (1977, 104-105) que é “possível testar as unidades de contexto em pequenas amostras”, neste caso são as respostas do questionário. Assim sucessivamente surgem as unidades de registros que, ainda conforme o autor são: “ Uma unidade de significação a ser codificada e corresponde ao menor segmento de conteúdo a ser considerado como unidade de base, visando à categorização, podendo ser de natureza e dimensões variadas. (BARDIN, 1977, p. 104-105).

A quarta etapa: a categorização, que neste caso, lembramos, foi a priori, ou seja, classificação os elementos a partir das semelhanças e diferenças e agrupamento em função das características em comum.

Reforçamos, que a categorização final das unidades de análise se refere a uma análise de reconsideração da aplicabilidade dos conteúdos e sua categorização é a partir de um processo iterativo característico de uma pesquisa qualitativa. O

processo permite, destaca Laville e Dione (1999, p. 223) uma análise mais profunda dos recortes com base em critérios discutidos e incorporados e complementa: “Trata-se de considerar uma a uma as unidades à luz dos critérios gerais de análise, para escolher a categoria que convém melhor a cada uma”.

E por fim, a quinta etapa da Análise de conteúdo, à interpretação dos dados, onde o pesquisador retorna ao referencial teórico, que nessa pesquisa, são: Paulo Freire na temática Educação, Luiz Síveres quando o objeto for Aprendizagem, e Extensão temos vários autores como: Eliete Santiago, Boaventura Santos, Pedro Demo, Edneide Jezine, Sílvia Botomé, Dóris Santos de Farias entre outros, com isso visamos validar a pesquisa pela comunidade científica da área.

A análise de conteúdo foi constituída por seis categorias e vinte e seis subcategorias no quadro a seguir. São elas:

- a) Características dos projetos de extensão;
- b) Motivação para participação dos egressos em projetos de extensão;
- c) Aprendizagens mais importantes percebidas pelos egressos nos projetos de extensão;
- d) Importância da participação dos egressos nos projetos de extensão para o crescimento acadêmico;
- e) Importância da participação dos egressos nos projetos de extensão para o crescimento profissional;
- f) Sugestões para a melhoria apresentadas pelos egressos para a participação nos projetos de extensão.

Quadro 13 - Categorias e Subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
CARACTERÍSTICAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO	Interdisciplinaridade
	Interprofissionalidade
	Interação Dialógica
	Impacto e Transformação social
	Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão
MOTIVAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE EXTENSÃO	Adquirir conhecimentos e/ou Experiências
	Currículo
	Temáticas dos Projetos
	Bolsas de Extensão

APRENDIZAGENS MAIS IMPORTANTES	Interação Dialógica
	Adquirir Conhecimentos e/ou Experiências
	Olhar Crítico
	Fazer Adaptações
IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO PARA O CRESCIMENTO ACADÊMICO	Adquirir Conhecimentos e/ou Experiências
	Choque de Realidade
	Visão Crítica
IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO PARA O CRESCIMENTO PROFISSIONAL	Interação Dialógica
	Confiante/Apto para a Vida Profissional
	Visão Crítica
	Currículo
SUGESTÕES PARA MELHORIA DA PARTICIPAÇÃO DOS DISCENTES EM PROJETOS DE EXTENSÃO	Projetos mais Práticos e Conectados com a Realidade
	Mais Divulgação dos Projetos
	Bolsas de Bolsas
	Orientações Sistemáticas/Envolvimento dos Docentes
	Carga Horária Inserida na Grade Curricular
	Prática da Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão

Fonte: a autora

4.2.1 Categoria: Características de um Projeto de Extensão

Essa categoria, como citado anteriormente, está relacionada com as diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária (PNExt) (FÓRUM DE PRÓ-REITORIAS DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012). Elas são a materialização do compromisso das universidades, que compõem o FORPROEX, na busca de transformar a universidade pública em instrumento de mudança social, mudança esta que vai na direção da justiça, da solidariedade e da democracia. Essas diretrizes são características, tabela 01, que devem orientar a formulação e implementação de ações, no caso, projetos de Extensão Universitária.

Tabela 01 - Características de um Projeto de extensão

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUENCIA	%	FREQUENCIA	%
		RESP. SIM		RESP. NÃO	
CARACTERISTICAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO	Interdisciplinaridade	13	87	2	13
	Interprofissionalidade	13	87	2	13
	Interação Dialógica	12	80	3	20
	Impacto e Transformação social	12	80	3	20
	Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão	11	73	4	27

Fonte: autora

4.2.1.1 Subcategoria: *Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade*

De acordo com o PNExt uma das características é Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade para as ações extensionistas, que "busca superar essa dicotomia, combinando especialização e consideração da complexidade inerente às comunidades, setores e grupos sociais, com os quais se desenvolvem as ações de Extensão, ou aos próprios objetivos e objetos dessas ações" (FÓRUM DE PRÓ-REITORIAS DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012, p. 49). O provável é que a união da especialização e visão holísticas podem, ainda conforme o PNEU (2012, p. 49) ser "materializada pela interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento, assim como pela construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais" (FÓRUM DE PRÓ-REITORIAS DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012, p. 49).

A interdisciplinaridade é a qualidade daquilo que é interdisciplinar, isto é, que se realiza com a cooperação de várias disciplinas. Conforme Ferreira (2017) o termo foi assim apelidado pelo sociólogo Louis Wirtz e foi publicado pela primeira vez em 1937. Ela sugere a existência de um conjunto de disciplinas interligadas, processo dinâmico que procura solucionar diversos problemas de investigação. Complementa Gusdorf (1985, p. 8):

O prefixo inter não indica apenas uma pluralidade, uma justaposição; ele evoca um espaço comum, um fator de coesão entre saberes diferentes. Os especialistas das diversas disciplinas devem estar animados de uma vontade comum, e de uma boa vontade.

É neste sentido, ou seja, na busca de solucionar questões de mérito investigativo, pode-se inserir a prática interdisciplinar, que compreende uma interação das disciplinas, englobando os conceitos, a metodologia, complementa Japiassu (1992, p. 7) quando assegura que: “ Esta experiência torna-se válida, uma vez que “[...] o interdisciplinar não é algo que se ensine ou que se aprenda. É algo que se vive”.

Observou-se que 13 Depoentes, significando 87%, afirmaram ter encontrado a Interdisciplinaridade nos projetos extensionistas. Entre eles foram eles D-05, D-08, D-20 e D-21:

- Participavam alunos de graduação na área de Biomedicina que é a minha área, e também alunos na área de Enfermagem, Farmácia e Nutrição isso porque é importante a visão de cada profissional diante de uma doença, assim aumentar o conhecimento. (D-05)
- Sim, porque a gente tinha professores da própria parasitologia que era onde eu estava e da Saúde Pública. (D-08)
- Era constante, principalmente a gente, que tinha uma cabeça meio diferente, a gente era meio como de patinho feio do CE, mas queria algo diferente com outras perspectivas e a gente relacionava outros conteúdos. (D-20)
- Sim, para levar professores de disciplinas diferentes irem para a sala de aula para poder discutir. (D-21)

Como observa-se os depoentes encontraram na interdisciplinaridade um componente importante de articulação entre o ensinar e o aprender. É o que reforça o Depoente D-05: "Bastante interdisciplinar porque constantemente nós estávamos dialogando com outros grupos de extensão na das disciplinas, por exemplo de Economia, de Informática em áreas completamente diferentes, mas queriam se comunicar". Essa visão integrada do social é um aprendizado único vivenciado na troca de saberes e experiências, independentemente do ambiente, dos grupos ou disciplinas para a aprendizagem.

Mas não é uma trajetória fácil. Segundo Gadotti (1999, p. 5) “o conceito de interdisciplinaridade não é unívoco e está sujeito a conflito de interpretações. E, apesar do seu desenvolvimento, ainda não se firmou como um novo paradigma”.

Entretanto, dois depoentes (13%) afirmaram que não encontraram a característica Indisciplinaridade.

- Não todos eram de Biblioteconomia. (D-02)
- Interdisciplinaridade ela estava muito mais a ver com nossa formação intelectual do que com as práticas ou núcleo. Estudantes das faculdades de Direito a gente tinha pouca gente de outros cursos ou não tinha na verdade. (D-07)

Com relação ao egresso D-02 ficou caracterizado que o seu projeto em que estagiava era fechado, apenas de pesquisa e o resultado foi transformado em livro. O Depoente D-07 foi bolsista e voluntário, durante sete anos, cinco de graduação e dois de mestrado, nesse período ficou como coordenador do projeto, um núcleo voltado para assessoria jurídica só trabalhava com estudantes da área jurídica.

Os dois depoimentos acima mostram que projetos que trabalham exclusivamente com uma disciplina, ou uma área do conhecimento tendem a ser mais limitados e, conseqüentemente, não oportunizam ao egresso uma visão múltipla da realidade.

Além disso, das leituras realizadas sobre o pensamento freiriano (1987) reconhecemos que a interdisciplinaridade transcorre como um processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com a conjuntura, com a realidade, com sua cultura.

Finalizando, ratificamos Silva (2016, p. 100) quando afirmou que a interdisciplinaridade ocorre através de "dois movimentos dialéticos: a problematização da situação, pela qual se desvela a realidade e a sistematização dos conhecimentos de forma integrada.

Outro item dessa subcategoria intitula-se a Interprofissionalidade, vinculada, geralmente, a interdisciplinaridade, pois se supõe que disciplinas diferentes, cursos e profissionais diferentes. No caso do projeto de extensão, a interprofissionalidade acontece quando diversos profissionais de cursos diferentes participam de um mesmo projeto. Essa equipe de profissionais, reunidos buscam a resolução de problemas e negociação nos processos decisórios, a partir da construção de conhecimentos, de forma dialógica e com respeito às singularidades e as diferenças dos diversos saberes e práticas educacionais.

Na tabela 01 ficaram os mesmos percentuais, entretanto foram egressos diferentes. Foram 13 depoentes, (87%) que afirmaram encontrar a interprofissionalidade e 2 depoentes (13%) não encontraram esta característica.

- Porque eu tive que lidar com os profissionais que trabalham na escola. (D-01)
- Para prática a gente tinha que se comunicar muito com enfermeiras com dentista, com essas outras profissões que estavam. (D-09)
- A interprofissionalidade de certa forma existe também porque a minha orientadora uma era odontóloga e a outra era nutricionista e eu um estudante de medicina. (D-12)
- A gente aprendeu com vários profissionais que estavam dentro do projeto e todos eles iam fazer atividades na comunidade. Então todos eles estavam em diálogo tomando frente no projeto. (D-14)
- Foi muito importante o diálogo com os outros profissionais. Então no projeto de inserção tinham pessoas com formação em psicologia, serviço social, design, comunicação social. (D-26)

Fica claro que os depoentes acima, acreditavam que participar nos projetos em que existam a interprofissionalidade contribuíam, de forma efetiva, para o enriquecimento da aprendizagem e consequentemente, a comunidade, objeto do projeto, recebe uma assistência mais completa, pois são vários conhecimentos, olhares diferentes para um mesmo problema.

Nos últimos anos, observou-se que as práticas interprofissionais despertaram bastante interesse, tanto no governo como nas instituições de Ensino Superior formadoras dos profissionais, principalmente da área de saúde. Defende Peduzzi (2013, p. 7) que a perspectiva compreendida como Educação Interprofissional se dá “quando estudantes ou profissionais de dois ou mais cursos ou núcleos profissionais aprendem sobre os outros, com os outros e entre si”. Apesar das discussões sobre interprofissionalidade venham se acentuando nos últimos anos, este movimento ainda se mostra gradual quando o panorama analisado passa a ser o componente prático.

Quando os depoentes não encontram a interprofissionalidade, no caso 13% fica evidente que os projetos foram exclusivos de uma área do conhecimento.

- Não havia interação com outros cursos (D-02)
- Interprofissionalidade acredito que não porque todos os estudantes envolvidos eram do curso de Biomedicina (D-08)

Essa dimensão subjetiva, a interprofissionalidade, é composta de atitudes e crenças essenciais que podem contribuir para beneficiar as relações dos profissionais, quer dizer, discentes das diversas áreas de atuação, que se deslocam da sua zona de conforto para práticas diferentes de sua realidade profissional. Ao ouvir os egressos extensionistas, podemos afirmar que a interprofissionalidade é tão importante quanto a interdisciplinaridade e que ambas contribuem para o promover o alargamento do espaço de aprendizagem.

4.2.1.2 Subcategoria: *Interação Dialógica*

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2012, p. 46) conceitua a interação dialógica como o diálogo entre a Universidade e os setores sociais. Essa relação orienta o desenvolvimento de ambas na perspectiva de produzir juntas novos conhecimentos, que vão, paulatinamente, buscando superar as desigualdades sociais.

Essa interação dialógica, desses atores acadêmicos e sociais, voltados para diferentes atividades, na universidade e na sociedade, contribuem de forma efetiva para a troca de saberes. Tavares e Freitas (2012, p. 8) afirmava que a extensão moderna objetiva a formação do sujeito cidadão, enquanto vai oportunizando novas experiências que permitem a "construção e reconstrução dos saberes a partir da problematização da realidade e da interação entre os que estão inseridos nela"

Como se tem conhecimento, as atividades extensionistas são promotoras da aproximação da universidade com a comunidade, e com isso possibilita a articulação dos saberes acadêmicos e sociais e vai mais além, complementando Garcia, Bohn e Araújo (2013, p.173) que:

Estimula para a reflexão e para a crítica, indo além do espaço tradicional da sala de aula, e promotoras do deslocamento do espaço de formação para outros locais, favorecendo, assim o desenvolvimento humano e a transformação social.

Observou-se que nesta subcategoria 80%, significando doze depoentes, responderam positivamente para essa característica. Entre eles estão:

- Conseguimos trazer o pessoal da escola pública para a universidade, para eles terem contato com a universidade. O diálogo foi com as pessoas da universidade [...]. Entre as pessoas aqui dentro. (D-04)

- Já tinha uma bolsa de iniciação científica então já trabalhava no laboratório né, porém eu sentia falta disso de sair da universidade levar o conhecimento que a gente aprende na universidade para fora e houve essa troca de diálogo. (D-05)
- Gente teve oportunidade de visitar a comunidade. Saber quais eram as dificuldades de conscientização sobre a prevenção das doenças que a gente estava trabalhando no projeto então houve diálogo no sentido dessas visitas que a gente fazia. (D-08)
- Para mim foi muito importante, me desenvolveu bastante a minha forma de ver o mundo, de trabalhar, de conhecer novas realidades, de ter outros conhecimentos adquiridos da comunidade. (D-10)
- Então o projeto de extensão me proporcionou muito isso, de estar na prática, estar fazendo coisas que eu só aprendia teoricamente, porque o projeto de extensão ele está em uma interface interessante, que é com a prática. (D-20)
- Eles não conheciam o que era a verdadeira a universidade, era um sonho ou muitas vezes eu penso distante para eles se a gente conseguia mostrar a ele que a universidade não é algo tão distante o que está próximo que eles podiam alcançar [...] eu acho que é essa troca que conseguimos fazer e aprender o cotidiano de cada um sabe respeitar o espaço e a história de cada um deles. (D-21)
- Quando eu estou com a comunidade me sinto realizada. (D-26)

A importância da Interação Dialógica ficou clara nos depoimentos dos egressos acima citados, pois eles conseguem vislumbrar que a extensão é um campo de atuação para essa relação dialética.

Essa dialogicidade é a chamada ação de mão dupla onde todos podem crescer, isto é, o aluno pode desenvolver habilidades e aprender a lidar com as dificuldades do cotidiano, criando e recriando possibilidades na perspectiva de contribuir para melhoria de uma determinada coletividade, na certeza de que essa coletividade pode avançar na direção de um desenvolvimento sustentável.

Esses egressos entenderam a importância da ID para a socialização e a construção do conhecimento é o que reforça o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2012, p. 30).

Pressupõe uma ação de mão dupla: da Universidade para a sociedade e da sociedade para a Universidade. Isto porque os atores sociais que participam da ação, sejam pessoas inseridas nas comunidades com as quais a ação de Extensão é desenvolvida, sejam agentes públicos (estatais e não estatais) envolvidos na formulação e implementação de políticas públicas com as quais essa ação se articula, também contribuem com a produção do conhecimento.

Essa convivência, mais estreita, com a comunidade é de grande relevância para os egressos, pois eles aprendem a reconhecer e conviver com as diferenças, sejam sociais, políticas, culturais, étnicas, religiosas etc., essa multiplicidade se manifesta conforme Souza (2001, p. 188):

De maneira emblemática, em proporções maiores e mais intensas, nas grandes cidades do mundo, mas suas influências se derramam e condicionam todas as outras situações socioculturais [...] nesse sentido no interior de nossas comunidades locais identificamos suas contradições, ambiguidades, e debates de trans/pluri/multi/inter-culturalidade.

Essa complexidade desafia os egressos, principalmente, quando eles buscam estabelecer uma ligação, ou seja, cada ação pensada, construída e posta em prática vai vislumbrando uma forma de saber-fazer em cada sujeito dentro de um processo de aprendizagem. Reforça, entre outros, os egressos D-09, D-10, D-12, D-21.

- Pois para mim projeto de extensão tem que ser na comunidade ... se não for na comunidade não adianta. Quem é necessitado de conhecimento é a comunidade. (D-09)

- Para mim foi muito importante, me desenvolveu bastante a minha forma de ver o mundo, de trabalhar, de conhecer novas realidades, de ter outros conhecimentos adquiridos da comunidade, a gente tem que saber que existe várias culturais diferentes que a gente tem que saber entrar e sair dessas culturas respeitando-a, mas também levando ensinamento. (D-10)

- Uma das coisas mais marcantes foi o contato inter-relacional, muitas vezes eu saía da oficina com a impressão que eu tinha recebido mais do que eu tinha deixado de conhecimento e essa troca era muito rica e isso foi muito marcante para mim até em influenciar a minha escolha profissional e é por isso que hoje eu sou geriatra. (D-12)

- Foram muitas [...] uma das principais foi esse contato com as pessoas, com todo mundo que envolvia o projeto no momento que é um o grande aprendizado [...] é você saber lidar a cada situação com cada pessoa e além de tentar buscar entender o que uma passa, o que é cada momento, e cada grupo desse requer uma dinâmica diferente (D-21)

Ainda nessa subcategoria três egressos (D-01, D-02, D-15) afirmaram que não identificaram a interação dialógica. O Depoente D-15 afirmou: "Não, porque era só administrativo". O depoente D-01 asseverou que " O diálogo foi pouco, quase nada, poderia ter sido mais elaborado, e poderia ter sido melhor". Verificamos que os

egressos em tela eram do Programa Bolsa de Incentivo Acadêmico (BIA)²⁸. Esse programa faz parte da Política Institucional da UFPE, de natureza afirmativa e assistência estudantil ao aluno oriundo de escola pública, é uma parceria da PROExC e a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

Conforme a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (2009) o BIA tem como objetivo " contribuir para a ampliação de políticas de acesso, manutenção e sucesso dos alunos ingressantes na UFPE, oriundos da rede pública municipal e estadual de ensino".

O primeiro Depoente D-15 foi bolsista de secretariado e estagiou dando suporte a PROExC e o segundo Depoente D-01, do curso de Letras, estagiou em um projeto organizando os textos para o projeto. E finalmente, o Depoente D-02 relatou que: " No período não. Agora esse projeto virou livro [...] não havia essa troca não". A Depoente D-02 foi estudante de biblioteconomia, e trabalhou como voluntária durante um ano, um trabalho de pesquisa documental. O livro, também, é considerado um produto extensionista, mas fica caracterizado que o projeto se voltou exclusivamente para a pesquisa.

Ainda temos muito chão pela frente, caminhar de forma a fortalecer a ID na perspectiva de, cada vez mais, conscientizar nossos pares da importância dessa via de mão dupla, essa troca de saberes, uma das características fundamentais da pedagogia freireana, que é o caminho indispensável para a realização da humanização, e o reconhecimento pelos egressos da necessidade de repassar os conhecimentos acadêmicos demonstrando uma preocupação com uma prática educativa para que ela se estenda além dos espaços escolares, o que significa afirmar, que a Extensão Universitária pode proporcionar aos discentes aprendentes reflexões com o processo de inserção na comunidade, e, assim transformá-lo, em profissionais qualificados, mas acima de tudo preocupados com os interesses sociais e coletivos. Por isso destacamos Freire (1982, p. 99):

²⁸ Para uma explicação detalhada ver: Universidade Federal de Pernambuco. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (2009).

No fundo, uma das radicais diferenças entre a educação como tarefa dominadora, desumanizante, e a educação como tarefa humanizante, libertadora, está em que a primeira é um puro ato de transferência de conhecimento, enquanto a segunda é ato de conhecer.

4.2.1.3 Subcategoria: *Impacto e Transformação Social*

Para o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2012, p. 35) o Impacto e a Transformação Social ratificam a EU como:

O mecanismo por meio do qual se estabelece a inter-relação da Universidade com os outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional, assim como para o aprimoramento das políticas públicas.

Essa característica consolida e orienta cada ação da Extensão Universitária, portanto, espera-se que ela contribua para o processo de construção ou reconstrução de uma comunidade a que se está direcionada, e ainda, de acordo com o PNExt (2012, p. 36) o Impacto e a Transformação Social apresentam atributos tais como:

- Privilegiamento de questões sobre as quais atuar, sem desconsideração da complexidade e diversidade da realidade social;
- Abrangência, de forma que a ação, ou um conjunto de ações, possa ser suficiente para oferecer contribuições relevantes para a transformação da área, setor ou comunidade sobre os quais incide;
- Efetividade na solução do problema. ”

Assim sendo, a universidade contemporânea necessita estar atenta à dinâmica da sociedade, pois, em um panorama de dificuldades movido pelo desenvolvimento do capitalismo, não é possível desconsiderar o papel da Extensão na produção e disseminação do conhecimento.

Precisa a comunidade acadêmica agir de forma ágil e eficaz contribuindo para a transformação da sociedade, por meio da extensão, e com certeza essa ação acarretará mudanças sociais e com isso propiciará aos discentes oportunidades de colaborar nessa transformação.

A indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão favorece a difusão do conhecimento acumulado, o que acarreta na sua socialização e interação com a

comunidade e vai mais além, assegura canais interativos multidimensionados entre a universidade e a sociedade, comprovando que estes funcionam como componentes catalisador desse processo.

Essa comprovação do impacto e transformação social se fez presente para os 80% dos quinze depoentes. Alguns declararam que:

- Eu acredito que sim ele trouxe vem trazendo impacto e transformação social grande né porque na comunidade quilombola agente observou que enquanto nós estávamos lá no presente acompanhando as crianças elas já começaram a mudar os hábitos né desde os hábitos alimentares hábitos de higiene isso se refletiu dentro de casa porque as crianças aprendiam na escola e na casa passavam para os pais. (D-05)

E concluiu:

- Nós íamos nas casas da comunidade dos parentes familiares para falar um pouco da doença não é para falar não só falar de doenças parasitárias, mas também de outras doenças na hipertensão. Então a gente fazia pesquisa aferia pressão é questões nutricionais então isso é um impacto muito grande para eles porque como eles moravam na comunidade quilombola lá não tinha posto de saúde. Então é a presença do nosso grupo na comunidade trouxe o impacto social para eles muito, muito grande. (D-05)

- O projeto pelos impactos e transformação social sim porque a gente levava até a comunidade conhecimento informação até a própria atenção que eles não tinham. A gente teve um trabalho bem legal de conscientização da prevenção de parasitoses nessa comunidade. Trabalhou com crianças conscientizando também pais e professores sobre higiene sobre transmissão de doenças. (D-08)

-Acredito que impactou bastante o fato só da Universidade estar no local de extrema pobreza, em que não havia nenhuma possibilidade de desenvolvimento local, já de fato é um impacto. (D-26)

Observa-se que a EU é uma condição que oportuniza em primeiro lugar um maior acesso ao conhecimento que as universidades propiciam, e em segundo lugar dá ao discente a oportunidade de estudar e praticar, *in loco*, a aprendizagem da sala de aula. Assim, os discentes, na medida em que, participam de projetos extensionistas, vão vislumbrando a chance de preencher inúmeras lacunas do conhecimento e com isso trazer reflexões sobre seu papel como protagonista na mudança da realidade e as necessidades sociais. É o que encontramos em alguns depoimentos:

- Sim bastante que é o meu Projeto era voltar para escola. Eu trabalhei com gente que estava terminando o ensino médio estava no terceiro ano e assim tinha muita vontade de aprender a fazer um texto aprender, aprender a ler, isso me aproximou deles então, trouxe o impacto para eles muito. (D-01)

- Que alguns projetos tinham resultados positivos, pois as pessoas mudaram a forma de ver aquele fato [...] da hipertensão e da diabetes e nas comunidades carentes já viram de outra forma [...] Entre outras coisas que mudou a cultura deles. (D-10)

Desta forma, a extensão possibilita o aprendizado em sua concepção mais ampla e profunda, superando a dicotomia teoria-prática para propor a prática pedagógica inter, trans e multidisciplinar. A universidade deve, destaca Jantke e Carol (2013, p. 97) fortalecer uma "Extensão Universitária preocupada com as questões sociais que estejam diretamente relacionadas com o desenvolvimento da cidadania dos seus participantes". Confirmado pelos depoentes abaixo:

- Numa esfera individual daqueles seres que participaram daqueles grupos de idosos que a gente foi, talvez a gente tenha deixado uma sementinha em relação a prevenção, ao controle de saúde. (D-12)

- Acompanhávamos muitos os alunos que entraram na universidade, porque encontrávamos ele no cotidiano [...] A gente notava que estava mudando, não só a cabeça deles com perspectiva de ensino ou da área, mas também no que mudou dentro da casa dele, e até mesmo no cotidiano deles em influenciar os irmãos jovens para estudar. (D-21)

- Então elas (participantes da comunidade) conseguiram ter um empoderamento, se veem como agente social, sujeitos de direito e conseguiu desenvolver a sua renda a partir de tudo que tinha no local. (D-26)

Não podemos deixar de enfatizar que a universidade não pode substituir as políticas sociais, operacionalizadas nos mais diversos campos, pois se não o fazer-universitário volta a ter visão assistencialista de outrora, por isso é fundamental observar o papel da universidade na condução e solução dos problemas sociais que se apresentam através dos projetos extensionistas. Reforça Santiago (1990, p. 40) quando afirmou que é necessário “empreender uma educação para a compreensão e intervenção na realidade, em função da construção de uma escola pública e democrática”.

As diferentes maneiras de ensinar e de aprender permitem uma maior aproximação entre a Universidade e a sociedade, e isso contribui para uma educação

qualitativa o que possibilita aos discentes uma formação acadêmica mais completa. Entretanto, três depoentes foram contrários, e destacaram que não encontraram, durante os projetos de extensão que participaram, o impacto e a transformação social. O primeiro depoente D-02 alegou que o projeto "virou uma publicação, isto é um livro, com isso não viu impacto na sociedade", o D-15 afirmou que "era um projeto interno, ou seja, só dentro da universidade", e finalmente o depoente D-20 complementou afirmando que:

- Infelizmente não. Infelizmente eu acho que não trouxe impacto e nem transformação social. Desde o manejo dos projetos de extensão que eu participei, desde como ele é pensado, e, essa resposta também que a gente tem que dar a todo momento, que é da academia né. Porque o projeto de extensão ele está em uma interface interessante, que é com a prática, no entanto os dois lados, o social de um lado, a prática, e a academia de outro, elas não andam de mão juntas muitas vezes. O tempo e espaço é diferente. (D-20)

E concluiu:

- Porque enquanto eu tenho que fazer um projeto de extensão burocraticamente, tendo que responder à academia, eu tenho um prazo, né? Eu tenho prazo do edital, eu tenho um financiamento, que muitas vezes não há também, eu tenho uma série de critérios burocráticos para responder enquanto academia. Enquanto prática eu tenho outra coisa. Eu tenho um tempo e espaço que é muito diferente. (D-20)

Realmente, a universidade trabalha com editais e a PROExC segue esta linha, que tem em média um ano de duração. Os projetos extensionistas, geralmente, são compostos: da pesquisa, da análise, dos resultados, e depois a sua aplicabilidade na comunidade. Então, fica insuficiente, em alguns desses projetos, vislumbrar essa característica, nesse espaço de tempo, seria necessário, pelo menos, mais um ano para essa observação. É o que assevera o depoente D-20:

- Porque eu não estou mais lá no social, não estou mais lá na comunidade por exemplo. Eu já saí. Então o impacto e a transformação podem até acontecer, mas eu não vi, porque voltei para a academia, porque não deu tempo, porque o projeto acabou, porque o edital acabou, porque não tem financiamento. (D-20)

É preciso que os docentes e a gestão da UFPE tenham a compreensão de que buscar o conhecimento, seja ele acadêmico ou popular, deve ser um processo prazeroso para os discentes, onde a burocracia acadêmica deve ser observada para não prejudicar o crescimento dos mesmos, isso fica claro quando o depoente D-20

declara que existem dois tempos o acadêmico e o social, e isso faz com que a interação com a sociedade não aconteça, e se acontece é de forma precária.

Portanto, considerando que “a extensão é educativa” (FREIRE, 1992, p. 22), cabe a ela encontrar uma maneira própria de educar. Esse *modus operandi* exige uma sensibilidade frente a realidade e uma compreensão dos conhecimentos e um compromisso com a sociedade, aspectos que, enfatiza Síveres (2013, p. 31) “confirmam o princípio da aprendizagem por meio do jeito de ser, da maneira de dialogar e da possibilidade de aprender.”

4.2.1.4 Subcategoria: *Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão*

A extensão na universidade brasileira é uma atividade acadêmica presente há quase um século. A própria Constituição Federal de 1988, no Artigo 207, promulgada em 05 de outubro de 1988, pontua, como o mais importante marco legal da Extensão Universitária: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988, art. 207).

A indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão foi aplicada ao mesmo tempo em que foi aplicado o princípio da autonomia universitária na Constituição Federal. Constitucionalmente, no Brasil, as universidades realizam suas atribuições firmadas no princípio da indissociabilidade, e trabalham objetivando que essas instituições possam cultivar uma relação diferenciada com a sociedade, na perspectiva de contribuir de forma direta para o desenvolvimento de sua região. Reforça Magalhães quando afirma que: “Não há como a universidade interferir na comunidade se ela não for capaz de dialogar com as necessidades da região em que está inserida, e isso só se faz através da pesquisa, da extensão e do ensino contextualizados. (MAGALHÃES, 2007, p. 8)

Entretanto, apesar de toda legitimidade da indissociabilidade, mediante a Lei nº. 5.540/68 (BRASIL, 1958) e do artigo 207 da CF (BRASIL, 1988), constata-se que ela se apresenta mais como uma frase de efeito do que como uma prática que consiga transformar os processos de ensino-aprendizagem na universidade.

Silva (2000, p. 108) destaca que a integração ainda encontra dificuldades em sair do plano teórico para o ideal, sendo em parte atribuída às normalizações e à

própria estrutura e funcionamento das universidades. Reforça, também, que tem feito parte dos processos de avaliação ou dos planos de carreira docentes o exercício institucional integrado, com pontuações mínimas, o que reforça as reflexões Freireanas: “ Ainda que o trinômio ensino-pesquisa-extensão seja bradado aos quatros ventos, ainda existe uma hierarquia implícita (mas não explícita), de que em primeiro lugar vem o ensino, depois a pesquisa e por fim a extensão (FREIRE, 2001, p. 23).

Para Botomé (1996, p.123), a função da universidade é a transmissão do conhecimento. O ensino, pesquisa e extensão são três diferentes momentos da atividade universitária, entendidos como indissociáveis. Serrano (2001, p. 26) complementa que:

A institucionalização de uma extensão verdadeiramente acadêmica exige, naturalmente, uma intensa articulação interna e externa às universidades; tanto na formulação de uma política pedagógica onde de fato a indissociabilidade entre a extensão, o ensino e a pesquisa se materializem, quanto na formulação de parcerias de dimensão interinstitucional, e na integração com os agentes sociais dos projetos de extensão.

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras ratifica a Extensão Universitária como um processo acadêmico. Seguindo este ponto de vista, a EU só acontece de forma efetiva quando suas ações são vinculadas ao ensino e a pesquisa, por isso Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2012, p. 33) vê essa diretriz como uma maneira da universidade ofertar uma formação técnica mais humanizada, e completa:

Apenas ações extensionistas com esses formatos permitem aos atores nelas envolvidos a apreensão de saberes e práticas ainda não sistematizados e a aproximação aos valores e princípios que orientam as comunidades. Para que esses atores possam contribuir para a transformação social em direção à justiça, solidariedade e democracia, é preciso que eles tenham clareza dos problemas sociais sobre os quais pretendem atuar, do sentido e dos fins dessa atuação, do ‘arsenal’ analítico, teórico e conceitual a ser utilizado, das atividades a serem desenvolvidas e, por fim, da metodologia de avaliação dos resultados (ou produtos) da ação e, sempre que possível, de seus impactos sociais.

Em nossa pesquisa, onze depoentes, afirmaram ter encontrado essa característica nos projetos em que participaram. Entre eles estão D-01 e D-05.

- Consegui ver os três eu consegui aprender o que era cada um deles o que era ensino, o que era trabalhar com o ensino, trabalhar com pesquisa o que era trabalhar com a extensão qual é a ideia deles e como eles têm que está interligado. (D-01)

- Com toda certeza esses três pilares caminharam juntos durante o projeto. A gente ia numa comunidade quilombola para ensinar mas sobre as doenças a gente também estava fazendo uma pesquisa. A gente na visita para essas comunidades além de fazer palestras. Projeto ele realmente era bem focado nessa questão de ensino, pesquisa e extensão. (D-05)

Os egressos observaram que a dinâmica da indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão, agregaram valor ao seu processo formativo, melhor dizendo, ao seu pleno desenvolvimento enquanto educando, no exercício da cidadania e na capacitação para o trabalho. E outros depoentes afirmaram:

- Talvez na época eu não identificasse, mas hoje sim eu vejo ensino-pesquisa-extensão estão totalmente relacionados. Foi possível observar isso na prática mesmo a aplicação de um conteúdo que era levado a sociedade que a gente trazia isso como resultado de uma pesquisa que foi bastante importante para nossa formação. (D-10)

E conclui:

- Para mim tanta a gente estudou para aprender a pesquisa [...] A extensão porque foi fora dos muros da universidade e o ensino [...] tivemos o tripé. (D-10)

- Identifiquei sim. Era muito interessante. E isso era muito legal, assim, porque a gente ia para a prática, já tendo visto o ensino, então depois voltávamos para fazer pesquisa. Ver como esse olhar crítico é interessante ser criado e o projeto de extensão ajuda nisso, porque como a gente pode olhar para a teoria de um outro jeito, não com uma verdade absoluta. (D-20)

Os depoimentos ratificaram essa relação dialética entre teoria e prática, homem e mundo, homem e trabalho. Os docentes carecem de aplicar estratégias metodológicas através da indissociabilidade, pois elas precisam ser vividas como fruto de uma construção cotidiana. Defende Fortuna (2016, p. 71) que:

O educador/a e educando/a devem estar abertos e socializarem com seus pares os saberes e anseios obtidos em suas caminhadas e formações epistemológicas. A construção conjunta fortalece a educação emancipadora na sociedade, propondo desdobramento que qualificam a atuação e intervenção entre sujeitos.

Outros egressos reafirmaram a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, essa ação extensionista que inter, trans e multidisciplinar trata a produção do conhecimento de forma integrada.

- Sim, pela questão realmente de poder abrir a cabeça para ambos pesquisa e extensão. Com o projeto video-video consegui ter outro leque [...]. Ter outras coisas [...] chegar um pouco muito mais para educação [...]. Ver esse lado. (D-04)
- A gente fazia o possível para interligar todos os conhecimentos ou saberes.... Saberes que amoldam (D-18)
- Eu acredito que participar de todos os projetos de extensão que eu participei, ajudaram muito para que eu entendesse o funcionamento de muita coisa, e principalmente aprendesse a fazer pesquisa, e pesquisa aplicada. (D-20)

Assim, a extensão fortalece a formação acadêmica e com isso favorece a interdisciplinaridade e a indissociabilidade, oportunizando de acordo com Almeida; Sampaio (2010, p. 40) que “novas experiências e pesquisas que, partindo de práticas vivenciadas na realidade social, podem apontar novas direções à ciência e imprimir mudanças societárias significativas”.

Como observa-se a extensão desenvolve, porém, um modo específico de aprender, porque propicia a ampliação do espaço, a otimização do tempo e a significação do processo. A universidade, através dos projetos de extensão podem promover por meio da extensão, experiências diferenciadas e conhecer novas realidades.

Outra realidade encontrada nessa característica foram quatro depoentes, 27% que informaram não constatarem a chamada indissociabilidade. Os Depoentes D-02, D-14, e D-21, questionaram a falta e fizeram críticas à condução do projeto.

- Acho que mais pesquisa e ensino. Não houve extensão. Depois do projeto finalizado na publicação do livro. (D-02)
- Não. Comigo no projeto não existiu essa relação. (D-14)
- Não. Eu vejo a gente tinha mais o ensino e a extensão (D-21)

Do tripé ensino-pesquisa-extensão, a extensão evidencia ter a maior capacidade de inovação, pois representa um espaço de abertura para novas experiências e novos procedimentos da universidade em relação à comunidade. Por isso, devemos ficar atentos para que a extensão não tenha os mesmos vícios do ensino e da pesquisa, de acordo com Freire (1985 apud GURGEL, 1986, p. 162):

A extensão pode ser entendida como transmissão, envolvendo um sujeito ativo, um conteúdo escolhido por quem promove a extensão; como entrega de algo que é levado por alguém que se encontra atrás do muro, àquele que se encontra além do muro, fora do muro, como messianismo (por parte de quem se estende), sendo caracterizada pela relação entre alguém superior e alguém inferior, e finalmente, como invasão cultural, posto que há uma superposição dos valores dos que se entendem em relação aos valores dos beneficiados.

Isso ficou claro na fala do depoente D-07 quando afirmou:

- Não havia na faculdade de [...] Professores implicados, de verdade implicados com a prática cotidiana dos projetos de extensão existentes. Eles assinavam, pontualmente apoiavam atividades uma ou outra, mas não participavam organicamente do núcleo [...] então havia uma afinidade política entre alguns sujeitos na faculdade do que de fato uma interface entre a indissociabilidade entre ensino pesquisa extensão. (D-07)

Alguns docentes na UFPE, ainda não conseguiram entender que não basta promover alguns projetos de pesquisa e de extensão para cumprir o preceito constitucional da indissociabilidade, é preciso ir além, fazer com que o tripé possa contribuir para buscar soluções na construção de uma sociedade mais justa e solidária, oportunizando para que os discentes tenham uma visão crítica e problematizem a realidade social. Esse é o caminho, o exercício acadêmico e a formação profissional juntos, por isso a participação docente é fundamental no cotidiano do projeto. O diálogo deve existir, enfatiza Mendonça (2006, p. 104) quando lembra que "este é a mais pura possibilidade de encontro, da convivência democrática", pois a práxis, como compromisso ético, social, político e religioso, precisa de acordo com Jorge (1981, p. 30): "Levar o homem à discussão corajosa da sua problemática, advertí-los dos perigos de seu tempo e lhes dar força e coragem para lutar ao invés de serem levados a perdição do próprio "eu" submetido às prescrições alheias.

Assim, acredita-se que cabe a PROExC, através do Grupo de Técnico de Acompanhamento de Projetos de Extensão (GTAPE), acompanhar, os projetos de extensão, de forma mais efetiva, para que esses discentes não se vejam abandonados pelos coordenadores dos projetos. Isto posto, fica a nossa concordância com Freire (1987) quando ressalta que a educação, como movimento da práxis pedagógica e que o diálogo é a base de tudo, e complementa:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 79)

4.2.2 Categoria: *Motivação para Participação em Projetos de Extensão*

A segunda categoria a ser analisada refere-se aos motivos que levaram os egressos a participarem dos projetos de extensão. Esta foi constituída de quatro subcategorias de acordo com a Tabela 02.

Tabela 02 - Motivação para Participação

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUENCIA	%
MOTIVAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE EXTENSÃO	Adquirir Conhecimentos e/ou Experiências	14	60
	Currículo	4	18
	Temáticas dos Projetos	4	18
	Bolsas de Extensão	1	4

Fonte: a autora

Entender o que motivava os discentes a participarem de um projeto de extensão sempre foi uma questão que me instigava, já que os valores financeiros das bolsas de extensão eram menores do que a do ensino e da pesquisa. Então, o que levaria um discente a desenvolver uma atividade que renderia nada ou bem pouco financeiramente? Seria aumentar o conhecimento? Ter experiência?

A palavra motivação vem do latim *movere*, significando “mover”, que na língua portuguesa é definida como “motivo”, expressa tudo aquilo que move um indivíduo. De acordo com Carvalho e Síveres (2013, p. 39) a motivação são os “porquês do comportamento humano, são eles que irão manter as atividades e determinar a orientação geral das ações”. Esse conceito está fundamentado em Cabanach, et al. (1996, p.45) quando garante que a motivação é "o conjunto de processos que implicam a ativação, a direção e a persistência da conduta; daí a importância do professor como mediador desses processos".

Sabemos que existem diferentes teorias sobre essa temática, e que a motivação vem, geralmente, de fatores internos, e estes são percebidos através do comportamento constituídos por fenômenos emocionais, biológicos e sociais. Portanto, a motivação é um processo que contribui para iniciar, direcionar e manter comportamentos relacionados com o cumprimento de metas e objetivos.

4.2.2.1 Subcategoria: *Adquirir Conhecimentos e/ou Experiências*

Foram quatro fatores que motivaram os depoentes a participarem de projetos extensionistas, onde adquirir conhecimentos e/ou experiências atingiu 60%, quatorze depoentes.

Muitos dos depoimentos tratavam essa subcategoria como uma forma de estar melhor inserido no mercado de trabalho preocupação presente, que a extensão, através de sua proximidade com o mundo real, traz, dando a certeza de que estarão mais qualificados profissionalmente e com isso minimizam possíveis dificuldades no cotidiano. Os projetos extensionistas favorecem a ampliação do conhecimento e dá a experiência necessária para utilizar a teoria relacionada a práxis (relação teoria/prática). Costa et al. (2013, p. 64) destaca que: “A extensão estabelece uma relação teoria/prática, simula o mercado de trabalho e se constitui o campo de aplicação prática, possibilitando a vivência de conteúdos e qualificando a aprendizagem curricular.

Essa relação freireana entre teoria e prática é focada na articulação dialética entre ambas. Seria uma relação que se dá na contradição, ou seja, destaca Carvalho e Síveres (2013, p. 446) que:

Um movimento de interdependência em que uma não existe sem a outra, cada coisa exige a existência do seu contrário, como determinação e negação do outro; na superação, em que os contrários em luta e movimento buscam a superação da contradição, superando a si próprios, isto é, tudo se transforma em nova unidade de nível superior; e na totalização, em que não se busca apenas uma compreensão particularizada do real, mas coordena um processo particular com outros processos, em que tudo se relaciona.

Essa ação-reflexão-ação freireana coloca teoria e a prática, numa relação de unidade, impõem-se como uma relação dialética, pois essa formação mais aberta, através do contato com a comunidade, fortalece a transmissão do conhecimento e dá ao discente a possibilidade de que ambas as partes possam sair diferentes, modificadas dessa relação, ou seja a educação transmitida na universidade deve ser significativa e contextualizada com uma realidade que orienta a vida do discente. Isso fica claro em alguns depoimentos:

- Maior motivo que me levou a participar desse projeto foi passar o conhecimento sobre essas doenças principalmente para as comunidades mais carentes. Motivo maior exatamente esse de através de um projeto extensão levar o conhecimento que eu obtive durante a minha graduação de biomedicina né na faculdade e passar isso para a sociedade. (D-05)
- Ficar na monitoria e foi um dos caminhos que chegaram até a extensão. (D-04)
- Foi mais legal porque era mais prático, eu sou mais prática aí eu acho que a extensão assim encaixou melhor. (D-09)
- Já entrei no intuito de ter uma formação mais aberta pensando em pesquisa, extensão e ensino. Tinha uma ideia do tripé da universidade e eu achava que isso seria muito importante para minha formação. (D-12)
- Então queria reunir todas as experiências possíveis, para que eu pudesse ter uma bagagem para fazer mestrado, doutorado. (D-26)

4.2.2.2 Subcategoria: *Currículo*

Outras duas subcategorias motivacionais tiveram percentuais iguais foram o currículo e a temática do projeto, 18% cada. De acordo com Schmidt (2003, p. 61)

considerando o sentido etimológico da palavra currículo, termo latino (currículo) que expressa:

Movimento progressivo, o andamento de uma corrida de bigas, uma estrada a ser percorrida, pode-se dizer que não houve alteração profunda até hoje, variações que surgiram no vocabulário, no uso e na apropriação do mesmo pelo vocábulo pedagógico.

Pedra (1992, p. 3) classificou o currículo como: "Resultados esperados; conjunto de experiências sob o comando da escola e princípios essenciais de uma proposta educativa". Realmente, essa classificação ratifica Schmitd (2003, p. 60) mostra que o currículo é o elemento "nuclear do projeto pedagógico da escola viabilizando o processo de ensino e aprendizagem", por isso ele vem, ao longo dos anos sendo estudado por especialistas objetivando, de forma efetiva, apresentar resultados. Os depoentes nos explicitam que os currículos alavancaram suas vidas acadêmica e, principalmente, a profissional:

- O principal motivo era a questão do currículo. Se eu queria ser professor eu precisava praticar de alguma forma. (D-04)
- Foi contando muito pelo currículo. Foi mais legal porque era mais praticou sou mais prática aí eu acho que a extensão assim encaixou melhor. (D-09)
- Você tem que fazer projeto de extensão para melhorar o seu currículo, já visando um mercado de trabalho. (D-10)

E continua:

- Você tem que fazer isso para melhorar o seu currículo, então já visando um mercado de trabalho que não estava tão fácil eu já pensei em fazer o projeto de extensão. (D-10)

As universidades devem estar atentas no que acontece no mundo e suas novas tecnologias na perspectiva de atualizar os currículos. Corroboramos com Torres (1995, p. 16) quando assevera que:

O currículo necessita ter uma determinada proposta pedagógica, que deve estar sempre buscando novas formas de ensinar, aprender ou avaliar, o papel dos diferentes sujeitos envolvidos. Tudo isso e reflete uma determinada concepção, não só do educativo, mas do social, do político, do cultural etc.

A UFPE está atualizando seus currículos com a colaboração do Núcleo de Formação Continuada Didático-Pedagógica dos docentes (NUFOPE) que vem, paulatinamente, oportunizando aos professores reflexões sobre a prática pedagógica

no contexto na universidade, com base nas concepções de ensino, aprendizagem, planejamento, estratégias e avaliação. Diante disso, ratificamos Cool (1999, p. 33-34) quando enfatiza que o “currículo é um elo entre a declaração de princípios gerais e sua tradução operacional, entre a teoria educacional e a prática pedagógica, entre planejamento e a ação, entre o que é prescrito e o que realmente se sucede nas salas de aula. ”

4.2.2.3 Subcategoria: *Temáticas dos Projetos*

A subcategoria temática do projeto foi citada por quatro depoentes, o que mostra que a temática escolhida pelos docentes para desenvolverem suas atividades extensionistas precisam ter estreita relação com o currículo. Confirmam, entre eles estão os depoentes D-02, D-04, D-08, D-12:

- Eu achava interessante a temática do projeto [...] Era uma disciplina que acabava de cursar e a temática do projeto além do que a professora que fazia o projeto [...]. Eu achava ela muito coerente, correta, muito didática [...] Era uma forma de aprender com ela, essa forma de ensino, coordenar projetos. (D-02)
- E o que também me levou pelo título do projeto [...] A intenção do projeto me levou a seguir o projeto de extensão. (D-04)
- A princípio foi a vontade que eu tinha de atuar na área de colocar em prática aquele que a gente aprende em sala. Própria área em si do projeto o objetivo dele me levou a me interessar. (D-08)
- Participação enquanto ganho de conhecimento que eu tive pelos estudos, pelo projeto, pela temática do projeto. (D-12)

Essas temáticas escolhidas pelos docentes quando da elaboração dos projetos perpassam, também, pela atualização dos docentes. O NUFOPE acima citado vem capacitando esses profissionais para levarem aos seus cotidianos acadêmicos conteúdos significativos.

As temáticas dos projetos extensionistas tem um papel fundamental para agregar valor aos currículos, além de possibilitar o desenvolvimento das competências humanas, pedagógicas e profissionais e essa forma transversal defende Arduini (2007, p. 127) “ promove uma educação que ensina a pensar, a pesquisar, a dialogar, a criar, a viver e conviver”.

4.2.2.4 Subcategoria: *Bolsas de Extensão*

É claro que a subcategoria bolsa de extensão não poderia deixar de estar presente, mas apenas um depoente (D-20) colocou como objetivo principal, pois necessitava dos recursos para se locomover para a UFPE. Entretanto, concluiu dizendo que "o projeto de extensão, eu sempre achei quando estava na faculdade muito interessante, porque era possível participando dele que eu pudesse colocar em prática alguns conceitos, algumas coisas que teoricamente eu aprendia".

Enfim, a instituição carece de ser a grande incentivadora para o crescimento da motivação da comunidade universitária, nesse caso os discentes, por isso logo no primeiro ano de curso a universidade deve buscar apresentar a Extensão Universitária e suas contribuições para o enriquecimento do currículo, mostrar que a EU vai mais além, permite conhecer a realidade local, junto às comunidades de seu entorno, com o propósito de ouvir e criar condições de melhoria de qualidade de vida. É o enfatiza Carvalho e Síveres (2013, p. 37):

O ambiente da educação superior, ao promover espaços de aprendizagem diversificados, contribui diretamente com a *motivação* para o aprender dos estudantes [...]. Nesse caso, a organização curricular no contexto acadêmico, os editais para participação em projetos de pesquisa e de extensão, entre outras ações institucionais, são essenciais para a motivação dos alunos. Tudo isso favorece o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos estudantes.

4.2.3 Categoria: Aprendizagens Mais Importantes

A terceira categoria refere-se as aprendizagens mais importantes encontradas pelos egressos nos projetos extensionistas. Mas, antes de detalharmos sobre as subcategorias faz-se necessário conceituar o termo aprendizagem, que conforme Oliveira (1993, p. 57), é "o processo pelo qual o sujeito adquire informações, habilidades, atitudes, valores e etc. a partir do seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas".

Demo (2001, p. 141) já enfatizava que o processo de aprendizagem era "um horizonte reconstrutivo e político", significa dizer que, o conhecimento é uma interpretação pessoal das informações recebidas. Então, as aprendizagens que mais se destacaram desenvolvidas pelos egressos varia de acordo com a seletividade de

cada indivíduo no recebimento das informações, e isso faz com que ele reconstrua seu conhecimento, esse processo criativo, que dá a cada ser uma valoração diferente de mundo, ou seja, o contato da realidade é tão importante para os egressos, pois eles vão ter uma percepção de mundo diferente dos olhares acadêmicos.

Foram criadas, de acordo com os depoimentos quatro subcategorias apresentadas na tabela 03. Observa-se que a aprendizagem mais importante na percepção dos egressos foram: a interação dialógica com 48%, seguida da necessidade de adquirir conhecimentos e/ou experiências com 30%.

Tabela 03 - Aprendizagens mais importantes

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUENCIA	%
APRENDIZAGENS MAIS IMPORTANTES	Interação Dialógica	13	48
	Adquirir Conhecimentos e/ou Experiências	8	30
	Olhar Crítico	5	19
	Fazer Adaptações	1	4

Fonte: a autora

4.2.3.1 Subcategoria: *Interação Dialógica*

É através da interação dialógica, isto é, a interação com a realidade, que defende Costa et all (2013, p. 66) os discentes se colocam "frente a frente sua subjetividade individual com a subjetividade social." O que significa dizer que os discentes têm sua percepção de mundo através do conhecimento adquiridos dentro e fora da universidade. São sujeitos com emoções, interesses e motivações. Entretanto por intermédio dos projetos de extensão eles vislumbram uma realidade social, um mundo que está fora do seu mundo. Portanto, conclui Cenci e Costas (2011, p. 1):

O sujeito individual está constituído pela subjetividade social, mas a subjetividade social também se constitui a partir das ações do sujeito nesse espaço. Assim, o sujeito não somente se conforma a uma subjetividade social, mas também as consequências de suas ações criativas podem transformá-la.

Essas ações criativas se dão com uma relação teoria/prática, pois contribui para aprendizagem e, também, se constitui um campo que oportuniza a vivência de

conteúdo, além de potencializar o currículo. Foram 48% dos depoentes que apontaram ter encontrado a dialogicidade:

- Foi a questão de desarmar do professor, da didática [...] com manuseio, com o contato com o público principalmente foi muito bom. (D-04)
- Aprendemos a lidar em grupo saber passar informações de forma mais precisas diretas para as comunidades mais carentes. (D-05)

E continua:

- A maior aprendizagem foi aprendizagem pessoal de dialogar com as pessoas, saber escutar de trabalhar em equipe coisas que as graduações em si não proporcionam. (D-05)
- A interação com a comunidade a vivência com a comunidade onde a gente atuava fazendo os atendimentos. (D-08)
- Eu acho que a gente aprende mais é ver a realidade porque as vezes a gente está dentro da universidade e a gente imagina, idealiza um cenário lá fora e quando a gente vai para a ação a gente vê que não como a gente imagina ... idealizava. (D-09)
- Adquiri conhecimento popular. (D-10)
- Aprende a ter empatia com aquelas pessoas que estavam ali internadas. É entender que todo mundo tem uma história de vida e que a gente tem que ver o ser humano como uma coisa complexa, e integral. (D-14)
- Com todo mundo que se envolvia o projeto era um o grande aprendizado... é você saber lidar a cada situação, com cada pessoa e além de tentar buscar entender o que uma passa, cada momento, cada grupo requer uma dinâmica diferente. (D-21)
- Então esse fato de aprendizado, de como trabalhar com as mulheres, de como desenvolver um trabalho que elas despertassem aquilo que elas têm de melhor (D-26)

E finaliza:

- O principal é saber que nós aprendemos com a comunidade foi em relação a como eles faziam artesanato, de que era um modelo único, o módulo deles fazerem era único. Então assim, até os estudantes de outras áreas como design, eles aprenderam a forma como eles estavam fazendo artesanato, e nós levamos o conhecimento em relação a como trabalhar com cooperativismo, a questão do custo, do lucro, de como ver a questão da marca. (D-26)

Observa-se que a aprendizagem é um processo mais amplo que adquirir conhecimento. Os discentes aprendem não só a aplicar, como também, a adequar os conhecimentos recebidos em sala de aula, veem a importância do diálogo com as pessoas que compõem a comunidade e com isso aprimoram os seus conhecimentos. Desta forma, concordamos com Zanella (2003, p. 25) quando destaca que "a aprendizagem significa a própria mudança que vai se operando no sujeito através das experiências".

A dialogicidade, também, perpassa em trabalhar e gerenciar pessoas. Dos quinze entrevistados, três depoentes afirmaram que aprenderam, através de sua participação nos projetos, a trabalhar e gerenciar pessoas sejam elas colegas ou pessoas das comunidades.

De acordo Motta (1991, p. 151) gerenciar é arte de pensar, decidir, agir, fazer acontecer e obter resultados, que podem ser definidos, previstos, analisados e avaliados, mas são alcançados por meio das pessoas e em uma interação humana constante. Então, lembrando Oliveira (1993, p. 57) quando define aprendizagem que tudo acontece quando os sujeitos têm "contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas". Entre esses depoimentos está:

- Sem dúvida o trabalho em equipe porque a gente trabalhava vários estudantes de alguns professores. Acho que foi aprendizagem mais importante tanta relação com outras pessoas, o trabalho em equipe como a participação em eventos relacionados ao projeto de extensão. (D-08)

4.2.3.2 - Subcategoria: *Adquirir Conhecimentos e/ou Experiências*

Adquirir conhecimentos e/ou Experiências, também, foi uma das preocupações de oito dos quinze depoentes quando a temática é aprendizagem, significando 30%. A Extensão Universitária, através dos projetos abre um leque de informações e experiências que dá às discentes competências diferenciadas. É através da EU que a educação, enfatiza Freire (1987, p. 119), serve como "instrumento do educando e não só do educador e que identifica o conteúdo da aprendizagem com o processo mesmo da aprendizagem". O autor continua reforçando "a educação autêntica, repitamos, não se faz de "A" para "B" ou de "A" sobre "B", mas de "A" com "B", mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1987, p. 48). É o que nos relata os depoentes abaixo:

- Eu pude me inteirar mais de alguns conhecimentos que eu ia usar durante o curso (D-01)
- Eu via no projeto de extensão essa possibilidade [...]. Assim foi a parte prática de uma disciplina que havia cursado. Aprendizado de como fazer um vídeo [...] colocou isso em prática. (D-02)
- Como eu disse o projeto ele foi a minha universidade [...] se tinha que aprender algo na Faculdade de Direito de fato eu aprendi em razão das demandas jurídicas e políticas que se apresentavam a partir do projeto. (D-07)
- Eu participaria de projeto de extensão sem bolsa [...] Só pela experiência [...] com certeza [...] pois aprendizado nunca é demais ... São sempre bem-vindo. (D-15)
- Sim a desenvolvura para falar em público para apresentar depois dos resultados tudo isso me levou a um crescimento dentro da universidade. (D-08)

4.2.3.3 Subcategoria: *Olhar Crítico*

Paulo Freire, ao longo de sua obra, enfatiza que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem, um espaço que possibilite o desenvolvimento dos discentes que, entre outras coisas, deve fazer reflexões críticas sobre a sociedade seu papel dentro dela, principalmente, no enfrentamento da realidade marcada pelas desigualdades sociais. A Extensão Universitária dá aos discentes a oportunidade de olhar de forma crítica o que acontece ao seu redor. Essa subcategoria - olhar crítico foi citada por 19% dos depoentes afirmando:

- Eu pude pensar como intelectual orgânico, como dizia Grammes [...] desses sujeitos e me reconhecer inclusive como um desses sujeitos. (D-07)
- Foi importante para a gente conseguisse ver é choque de realidade. (D-08)
- Então acho que isso me ensinou a ter empatia com as pessoas, a entender que todo mundo tem uma história de vida. (D-14)
- Olha aprendi que a realidade é um pouco mais diferente[...] com o olhar mais aguçado das pessoas [...] me dedicar mais ao outro isso é

bem importante [...] aprendi muito com eles e que cidadania se constrói além da universidade. (D-18)

- Porque muita coisa na prática se mostrava diferente, então quando a gente olha para a teoria tendo feito a prática é interessante porque a gente aprende a ter um olhar crítico sobre a teoria. (D-20)

Isto posto, corroboramos com Gautier (1999, p.24) quando defende que “cada dispositivo do olhar e da observação modifica o objeto de estudo [...] por isso, nunca estudamos um objeto neutro, mas sempre um objeto implicado, caracterizado pela teoria e pelo dispositivo que permite vê-lo, observá-lo e conhecê-lo.

O que se deseja é uma universidade onde seus docentes e discentes possam contribuir para as mudanças na perspectiva de uma sociedade justa e igualitária, e isso perpassa por uma proposta pedagógica que propicie aos discentes a capacidade de agir e refletir.

4.2.3.4 - Subcategoria: *Fazer Adaptações*

Apenas 4%, isto é, um depoente fez menção a essa subcategoria, mesmo sendo um percentual baixo, tem valor quando estamos falando de aprendizagem, pois destaca La Rosa (2003, p. 15), que “todas as aprendizagens são importantes, porém a sua relevância depende de seu conteúdo e do que significa para o aprendiz – quer dizer – o quanto ela modifica o indivíduo e em que sentido ela o faz”. Fazer adaptações demonstrou que o egresso aprendeu a teoria, fez a pesquisa e, através do projeto de extensão, buscou aplicar os resultados de modo eficaz para a comunidade envolvida. É o que relatou o depoente D-09 quando afirmou que:

- Gente realmente perceber o que a gente aprende é muito importante tudo, mas a gente tem que fazer muitas adaptações para conseguir levar o que a gente aprende para fora. Tem que adaptar muito a realidade do que a gente vive, pois lá fora é muito diferente da realidade acadêmica. (D-09)

As atividades extensionistas favorecem e ampliam a aprendizagem, e esta não está limitada às instituições de ensino e aos conteúdos curriculares, isso quer dizer, que todas as práticas e as trocas que vivenciamos são processos educativos e pedagógicos. A Extensão Universitária, junto com o ensino e a pesquisa, tem, a função de oportunizar uma pluralidade de experiências de aprendizagem, por isso concordamos com Síveres (2013, p. 31) quando afirma que a EU deve ter uma postura educacional exigindo:

Uma sensibilidade diante da realidade, uma compreensividade dos conhecimentos e um compromisso com a sociedade, aspectos que confirmam o princípio da aprendizagem por meio do jeito de ser, da maneira de dialogar e da possibilidade de aprender.

4.2.4 Categoria: importância do projeto de extensão para o crescimento acadêmico

Uma das características de um projeto de extensão, intitula-se: o impacto na formação do estudante, que está relacionada com as diretrizes estabelecidas pelo FORPROEX, através da Política Nacional de Extensão Universitária, e conforme o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2012, p. 52) as atividades extensionistas constituem:

Aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira.

Em nossa pesquisa esta característica foi dividida em duas questões: Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico. Sim - Não. Por quê? E o projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê? Essa divisão se fez necessária, pois gostaríamos de entender se os egressos tinham clareza quanto ao seu crescimento seja acadêmico e/ou profissional, e de que forma ele transcorria no seu cotidiano escolar e/ou dentro de projetos extensionistas.

Como sabemos a UFPE, tem, entre seus objetivos estratégicos, definidos pelo Plano Estratégico Institucional - 2013-2027 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio Ao Planejamento Estratégico, 2013) a integração da universidade com a sociedade dentro do programa de pesquisa, extensão e inovação e com isso reconhece a "relevância e do potencial da Extensão Universitária para a formação integral do discente, ampliando a sua capacidade crítico-reflexiva, criativa, científica, profissional e ético-política" UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, p. 2-3). Por isso, reiteramos Cunha (1988, p.9-10) quando afirma que: "O aluno é o centro do processo ensino-aprendizagem [...]. Numa

aprendizagem significativa, é ele o principal ator, interagindo com a cultura sistematizada de forma ativa, como partícipe do próprio processo que se constrói”.

Com base nessa afirmação é preciso que os docentes busquem, cada vez mais, avaliar e renovar, quando necessário, seus processos de ensino, seja em sala de aula ou fora dela, principalmente, quando os discentes são partícipes de projetos extensionistas. Concordamos com Conceição (2006, p. 79) quando assegura que:

Avançar na (re) construção do conhecimento e dos próprios seres humanos, o professor tem um papel imprescindível [...]. Partindo-se desse pressuposto, pode-se afirmar que a qualidade do ensino só se dará com docentes, política e pedagogicamente preparados.

Esse crescimento acadêmico dos discentes passa não só pela qualidade docente, mas também pela qualidade da grade curricular. Muitos cursos estão reformulando seus currículos na perspectiva de atender não só as necessidades desses novos discentes, esses sujeitos que vem mostrando através de seus posicionamentos perante a instituição, uma visão crítica, como também o mercado e a sociedade.

A nova Resolução nº 9, de 2017, que regulamenta a inserção e o registro da Ação Curricular de Extensão (ACEx) como carga horária nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Graduação da UFPE, vem na direção de contribuir para o fortalecimento de uma prática político-pedagógica na construção de saberes. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2017a). Moreira (1995, p. 19) complementa que:

Associação dessa visão de trabalho docente somada a do professor como intelectual transformador poderá resultar na possibilidade de algumas articulações com ensino e pesquisa teoria e prática cotidiana e Vida acadêmica competência pedagógica e compromisso social Universidade escola conteúdos educacionais conteúdos instrumentais e conteúdos operativos.

Observou-se na categoria crescimento acadêmico, foi constituída de três subcategorias conforme tabela abaixo, e as que mais se destacaram foram: adquirir conhecimento e/ou experiências alcançou 59% e choque de realidade com 23%, equivalendo a treze e cinco depoentes respectivamente.

Tabela 04 - Importância dos Projetos de Extensão para o Crescimento Acadêmico

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUENCIA	%
IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO PARA O CRECIMENTO ACADÊMICO	Adquirir Conhecimentos E/Ou Experiências	13	59
	Choque de Realidade	5	23
	Visão Crítica	4	18

Fonte: a autora

4.2.4.1 Subcategoria: *Adquirir Conhecimentos e/ou Experiências*

A subcategoria adquirir conhecimento e/ou experiências, também, é encontrada quando a temática é o crescimento acadêmico dos egressos. Os depoentes abaixo reforçaram que participar de projetos de extensão lhes deram mais segurança no trato com a comunidade e fortaleceram os conhecimentos adquiridos em sala de aula:

- Eu já estava com uma base muito melhor eu estava muito mais segura me senti muito mais segura do que se eu tivesse entrado em contato com a educação lá na frente e sem ter tido experiência da extensão. Foi uma super oportunidade de entrar em contato com o que ele queria fazer para o resto da vida. Então ajudou muito no meu crescimento acadêmico me ajudou a entender como preparar um projeto. (D-01)

- De estar no projeto extensão com parasitologia e isso me ajudou a fortalecer o conhecimento e ter segurança para um diagnóstico dessas doenças e só para falar. (D-05)

- A vivência prática projeto me proporcionou me deu experiência naquela área de atuação fazendo com que desenvolver e se de fato as práticas que a gente aprendeu no curso em uma das áreas em uma das disciplinas, então projeto contribuiu sim para o meu crescimento Acadêmico houve um impacto Positivo na minha formação enquanto estudante porque eu puder entender a partir daquela vivencia qual era o meu papel como profissional da minha área o que é principalmente o que a gente podia fazer pela sociedade então eu vi aqui como aplicação do que eu estudava. (D-08)

- Caminho era um projeto de humanização e eu acho que me sensibilizou hoje e de certa forma influencia hoje também na minha

prática profissional na minha atuação enquanto enfermeira. Foi muito importante também porque eu podia conhecer professores e alunos de outros cursos de conhecer assim entender como funciona academia. (D-14)

- Já promoveu que eu tivesse uma boa conduta com relação a como trabalhar com a comunidade. Porque mesmo que você esteja na sala de aula, você está vendo a questão teórica e tal, quando você vai para a prática é totalmente diferente, você utiliza claro o que está na teoria, porque não dá para dividir teoria e prática, elas estão juntas. (D-26)

A universidade deve buscar, de forma contínua, despertar nos discentes, assevera Síveres (2013, p. 28):

A potencialidade e a capacidade de aprender [...] nas vivências diárias nos distintos tempos e espaços de aprendizagem, bem como fortalecer a ação e a reflexão nos diversos processos, por meio dos projetos de ensino, pesquisa e extensão, objetivando efetivar propostas e práticas de desenvolvimento pessoal e social, com base em critérios de responsabilidade, ética e justiça social, [...].

A UFPE tem o papel social de fomentar ações educativas na perspectiva de colaborar na construção de uma cidadania que objetiva a transformação social num constante diálogo com a sociedade, e a extensão, como produtora do conhecimento, permite que esses discentes possam experienciar e com isso fortalecer os conhecimentos assimilados no espaço acadêmico.

4.2.4.2 Subcategoria: *Choque de Realidade*

Essa subcategoria chamou atenção, porque nos fez refletir e, conseqüentemente, nos questionar: Será que ainda estamos construindo projetos distantes da realidade?

Sabemos que a participação da sociedade nas atividades de extensão favorece a produção de novos conhecimentos, pois os discentes entram em confronto com diversos níveis da realidade. Em função disso, as práticas extensionistas, de cunho acadêmico, nos faz refletir sobre a possibilidade de uma Pedagogia dos entre-laços de saber. Esta destaca Júnior (2013, p. 25): “Visa articular saberes, conhecimentos e vivências a fim de contribuir para a prática de um trabalho/ação solidário tendo em vista que o entre-laços só acontece a partir do encontro, da partilha e, acima de tudo, com/no diálogo”.

Quando desenvolvemos atividades na sociedade percebe-se que existe uma grande diferença entre o que pensam os educadores e a realidade da sua prática, isto é, entre a reflexão e a ação. É o que reforça os depoentes:

- Então esse choque de realidade foi o que mais impactou e o que botou, bota a gente ficar com os pés no chão né da gente sair da universidade entendendo melhor como é o mercado de trabalho principalmente na área de saúde coletiva. (D-09)
- Dentro da universidade você fica [...] se for se deter a teoria [...] as aulas teóricas. Você só vai ficar com limitação só achar que existe só aquilo ali do livro [...] E na verdade não é [...] E no projeto de extensão você conhece outros mundos, conhece a comunidade, conhece realidades diferentes, realidades que muitas vezes é diferente de suas próprias [...]Je isso é um crescimento. (D-10)
- Acha que é mesmo que o dono da verdade, mas aí a gente vai ver que existem várias realidades várias verdades e que não existe é que a gente precisa ver o ser humano. Esse projeto me impulsionou para aprender a correr atrás das suas que eu queria. (D-14)
- Houve sim [...]. Este no projeto me fez querer mais entender o que era aquele meio da sala de aula então ela impactou nessa minha busca pela docência de entender o que é ser um professor e qual era os métodos que eu poderia utilizar ...então isso me instigou mais a busca educação. (D-21)

Ratificamos Freire (1987, p. 92) quando afirma que só a partir de conhecer a realidade, de fato, dentro de um contexto social vivenciado através dos projetos de extensão é que os discentes podem se transformar em “seres criadores, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, coisas sensíveis, objetos, mas também instituições, ideias, concepções”.

4.2.4.3 Subcategoria: *Visão Crítica*

A última subcategoria no que se refere ao crescimento acadêmico dos egressos é a visão crítica, que alcançou 18%, isto é, quatro depoentes. Estes afirmaram que participar de projetos extensionistas lhes deram uma "visão crítica, uma visão de mundo diferente" (D-10), e vão mais além: " A extensão é o lugar institucional possível para que a política que se quer fazer Universidade [...] aos movimentos sociais e o sujeito subalternizados socialmente oprimidos tem um lugar na institucional. (D-07). Outros declaram que:

- Eu de cara tive oportunidade de entrar em contato com aquilo que eu ia fazer pelo resto da minha vida com aquilo que eu ia trabalhar no

curso isso me deu uma outra visão. É uma visão mais crítica a partir dali com relação ao que eu estava estudando, ao que eu ia trabalhar, o que eu encontrar lá na frente né isso me ajudou com as disciplinas. (D-01)

E conclui:

- Eu já tinha entrado em contato com o que eu ia trabalhar então ela me ajudou até uma visão mais acadêmica, mais crítica. (D-01)

- Passava a pensar a oportunidade de realizar atividades, trabalhos de educação popular a gente começava a ler Paulo Freire então a gente lia. Pedagogia do oprimido, Pedagogia da Autonomia, extensão ou comunicação e passaram então a criticar tanto a concepção de extensão que é de regras executadas pelas pró-reitorias, fórum de extensão, pelos projetos. (D-07)

- Teve Impacto sobre tudo o olhar mais atento a comunidade ali mais ouvir comunidade no bairro periférico. Fiz extensão fiquei com o olhar mais aguçado [...] foram aprendizagens que não vou esquecer. (D-18)

- Eu acho que projeto de extensão realmente foi importante, o olhar crítico criado no projeto de extensão é realmente muito importante. O vínculo que você cria com a prática, essa vivência prática é muito importante. (D-20)

Pode-se notar que na extensão, o discente participa ativamente do processo de ensino, destacando o conhecimento como uma condição essencial da trajetória acadêmica e potencializando uma inclusão crítica e criativa na sociedade por meio do compromisso social. Assim, surge uma educação problematizadora, onde se tem a realidade de uma educação, a valorização do diálogo, a reflexão e a criatividade, assinala Freire (2005, p. 80) quando enfatiza que:

Enquanto a prática bancária, como enfatizamos implica em espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora de caráter autenticamente reflexivo, implica em constante ato de desvelamento da realidade.

4.2.5 Categoria: importância dos projetos de extensão para o crescimento profissional

O crescimento profissional é a quinta categoria, com quatro subcategorias, a ser analisada nessa pesquisa. O objetivo foi vislumbrar o que os projetos de extensão agregaram aos egressos com relação a essa temática, ver tabela abaixo.

Tabela 05 - Importância dos Projetos de Extensão para o Crescimento Profissional

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUENCIA	%
IMPORTANCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO PARA O CRESCIMENTO PROFISSIONAL	Interação Dialógica	9	32
	Confiante/Apto para a Vida Profissional	8	29
	Visão Crítica	7	25
	Currículo	4	14

Fonte: a autora

Com a regulamentação das atividades de extensão como carga horária nos Projetos Pedagógicos nos cursos de graduação da UFPE, acreditamos que a Extensão Universitária poderá, cada vez mais, oxigenar os espaços universitários, possibilitando a comunidade acadêmica não só uma reflexão sobre práxis, mas também, uma atualização curricular objetivando ampliar a formação integral dos discentes.

O Impacto na formação do estudante, através das atividades extensionistas, constituem aportes decisivos nessa formação, conforme o PNExt, (2012, p. 19) seja “pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com grandes questões contemporâneas que possibilitam”. Além disso, enriquece o discente e reafirma e materializa os compromissos “éticos e solidários da Universidade Pública Brasileira” (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012, p. 34).

4.2.5.1 Subcategoria: *Interação Dialógica*

A Interação dialógica foi, mais uma vez, uma das subcategorias apontadas quando a o tema é o crescimento profissional dos egressos. Foram 32%, nove depoentes, afirmaram que a ID se fez presente nos projetos extensionistas, é o que relata o egresso D-04: " Tive contato com o público, conversar [...] foi muito bom. " Essa conversa com a comunidade amplia a visão de mundo e reforça Síveres et al (2012, p. 89) quando esclarece que “as atividades extensionistas contribuem para o

aprofundamento dos conceitos, ou seja, aquilo que se deve saber para o exercício de sua profissão, como também para o desenvolvimento pessoal."

Paulo Freire, ao longo dos seus estudos, defende que os discentes devem construir seus próprios conhecimentos e que só a partir da prática, principalmente, com a comunidade, eles adquirem o verdadeiro conhecimento popular. Assim, a teoria mais a prática cria um movimento positivo, dialético e regular. Isso fica presente nas falas dos egressos:

- Porque a prática junto aos movimentos, o esforço de tentar realizar educação popular, as leituras de Paulo Freire nos levaram a outras leituras e as novas tomadas de posição. (D-07)
- Ter uma consciência muito importante no sentido da extensão em si de levar a comunidade aquele que a universidade ensina aquele que a universidade prática. (D-08)
- Eu acredito que há essa mudança de vivenciamento das culturas e isso vai influenciar no crescimento profissional como pessoa. (D-10)

Ainda, Almeida (2012, p. 74), ressalta que "o estudante, à medida que se propõe à participação das atividades extensionistas, redescobre o mundo em que vive, compreendendo que a formação profissional deve ir além do fazer técnico".

A extensão tem um papel essencial na formação profissional, pois favorece a construção de instituições de ensino comprometidas com sua missão social, isto significa formar profissionais qualificados, mas acima de tudo, cidadãos comprometidos com a realidade social. Essa realidade constituída de diversidades favoreceu alguns egressos. É o que relataram os depoentes D-10 e D-21:

- Eu acredito que há essa mudança de vivenciamento das culturas e isso vai influenciar no crescimento profissional como pessoa. (D-10)
- No projeto a gente pega alunos de diversos lugares, diversos contextos diferentes, diversos acontecimentos. (D-21)

Os projetos extensionistas transmitiram aos egressos uma vivência que trouxeram reflexos profundos em sua vida profissional. Essa realidade, traz a certeza de que a teoria e a prática devem andar de mão dadas para que eles tenham, de acordo com Almeida e Sá (2013, p. 198) a oportunidade de "perceber a complexidade das questões sociais, políticas e econômicas correlacionadas ao seu campo de atuação profissional." Apontam os depoentes:

- Foi perceber que a prática é muitas vezes mais importante, mais interessante do que somente a teoria, que a prática e a teoria não se dissociam, não se separam. (D-20)

- A gente trabalhava com aquele brilho nos olhos. Além do fato de ter aprendido como trabalhar em comunidade e ter sido uma prática já durante a graduação. Eu estava ali dialogando com comunidade. Aprendendo como trabalhar com eles. (D-26)

A formação do discente da atualidade, destaca Demo (1999, p. 132), deve:

Contemplar a preparação para a atuação na sociedade moderna, imprimindo que a visão e a ação devam estar sempre renovadas em termos de inovação científica e tecnológica, nas quais capacidade laboratorial, experimental, é crucial.

4.2.5.2 Subcategoria: *Confiante /Apto para Vida Profissional*

Com os depoimentos dos egressos surgiu a subcategoria: Confiante e/ou Apto para Vida Profissional. Foram 29% dos depoentes que, nos surpreenderam, com testemunhos, corroborando com Freire (2014, p. 9) quando afirmava que "compromisso do profissional com a sociedade, teremos que reconhecer que ele, antes de ser profissional, é homem. Deve ser comprometido por si mesmo." O autor, continua, e aprofunda o conceito de práxis no universo pedagógico, "como sendo a capacidade do sujeito de atuar e refletir, isto é, de transformar a realidade de acordo com as finalidades delineadas pelo próprio ser humano". (FREIRE, 1983, p. 17).

Observamos isso, quando alguns depoentes sinalizaram, também, que as participações deles nos projetos contribuíram para o seu crescimento pessoal.

- E além disso o motivo maior pessoal porque essa a participação na além de beneficiar a população mais carente também dá um benefício próprio isso faz com que a pessoa amadureça não é tanto a sua vida profissional como pessoal. Proporcionou com que eu me tornasse uma pessoa mais sociável em grupos. (D-05)

- Para mim a projeto enquanto pessoa, porque eu via a visão do paciente. Além disso, deu uma destravada já que era um pouco travado[...] muito proveitoso. (D-04)

- No ganho de e formação humana dentro da estrutura. Eu considero um ganho para minha formação pessoal e profissional com certeza. (D-12)

- Consegui entender mais o outro sobretudo [...] apesar de que eu era muito tolerante, fiquei mais complacente com a realidade. (D-18)

A aprendizagem na extensão não está limitada a técnicas profissionais, mas favorece outros conhecimentos colaboram tanto para o desenvolvimento profissional quanto o pessoal para os discentes extensionistas. É o que os depoentes evidenciam:

- Contribuiu para o meu crescimento profissional com toda certeza quando eu terminei minha graduação eu já tinha essa experiência. Não só a questão do projeto extensão para ganhar pontos, mas o fato de você vivenciar palestras e trabalhos isso dá a pessoa mais segurança então quando eu fui fazer a defesa né do meu pré-projeto na seleção do mestrado me senti uma pessoa mais segura. (D-05)
- Com certeza. Houve impacto na minha formação quanto estudante, é tanto influenciando na minha área de interesse da formação, após a graduação, como também no meu desenvolvimento humano quanto profissional. (D-12)
- Como a gente é pedagogo e com vivência na comunidade e outras vivências isso influencia muito na hora de fazer questões [...]. (D-18)
- Então hoje eu tenho uma formação de qualidade, claro Extensão é que me fomentou como agir com a comunidade. (D-26)

A interação ensino-pesquisa-extensão é o suporte em que se apoia a formação humana/profissional, bem como a interação universidade e sociedade, no cumprimento da função social da universidade. Uma prática freireana: educativa, libertadora, conscientizadora, ética e humanista.

4.2.5.3 Subcategoria: *Visão Crítica*

A subcategoria visão crítica, também alcançou a marca dos 25% dos depoentes. Cada vez mais, os processos de construção do conhecimento na universidade através da participação em projetos extensionistas impactam, reforçam os depoentes abaixo, na profissão escolhida, na formação pessoal, na visão crítica da academia e da sociedade, e isso vai possibilitando novos conhecimentos e uma adequação profissional aos discentes.

- Projeto extensão me deu a oportunidade de entrar em contato com aquilo que eu ia fazer para o resto da vida e isso foi grandioso assim eu tive oportunidade e entrar em contato com isso cedo né então quando eu fui para vida profissional eu não me assustei, eu não fui despreparada. (D-01)

E acrescenta:

- Sim teve menos Impacto a forma como a extensão me ajudou a entrar em contato com minha vida profissional. Ajudou muito me ajudou a tem muita segurança mais tarde quando eu quando eu fui para o trabalhar mesmo. (D-01)
- Sim é verdade que o projeto contribuiu para meu crescimento profissional isso sou professor de hoje eu devo isso ao projeto certamente mas contribuiu sobretudo com as tomadas de posição ou aprendizagem e pedagogia do núcleo ela foi uma pedagogia na minha vida eminentemente política, como é toda pedagogia, política transformadora revolucionária. (D-07)
- Sim buscar adaptar um método o que eu tenho presente dentro da sala de aula então o grande impacto foi isso entender quem são esses alunos. O impacto do projeto foi a partir dessa busca e esse entendimento. (D-21)

Os depoentes, aprendem, dentro dos projetos, que a realidade é diferente e que pensar uma educação universitária crítica colabora no exercício da cidadania e com isso os enfrentamentos dos desafios, na busca de cooperar para minimizar os profundos desajustes da sociedade contemporânea. Os depoentes D12, D-14, D-26

- Olha aprendi que a realidade é um pouco mais diferente [...] com o olhar mais aguçado das pessoas[...]. Me dedicar mais ao outro isso é bem importante ...aprendi muito com eles e que cidadania se constrói além da universidade. (D-12)
- Atuando dentro da assistência também eu acho que contribuiu bastante para ter uma visão mais ampliada né do sistema de saúde entender melhor a população que eu estou assistindo. (D-14)
- Mesmo que eu não utilize o método bambu em si, mas os seus princípios de empoderamento, desenvolvimento local, tudo isso eu levo para minha vida enquanto profissional que trabalha no âmbito da questão social, no combate da desigualdade. (D-26)

E finaliza:

- Foi crucial para me tornar uma assistente social e tivesse uma possibilidade de combater as desigualdades. Você tem que se reinventar eu não precisei disso porque eu já tive prática enquanto na graduação então quando me formei eu já tinha um arcabouço teórico metodológico, prático. (D-26)

Essa visão diferenciada, onde a cidadania tem importância no fazer universitário, evidencia o papel da humanização nos projetos extensionistas. Os egressos demonstraram uma preocupação em colaborar, de forma efetiva, dentro do

exercício da profissão. A EU, através dos projetos, permite aos discentes o desenvolvimento interpessoal, a valorização do capital humano e a sua independência na solução dos desafios.

4.2.5.4 Subcategoria: *Currículo*

Última subcategoria citada no crescimento profissional é o Currículo. Esta, já esteve presente, também, na categoria motivação dos discentes. Aqui, ela obteve 14% dos depoentes.

De acordo com Sacristán (2000, p. 113) o “currículo é determinado quanto a seus conteúdos e a seus códigos, em suas diferentes especialidades, expressa o conteúdo base da ordenação do sistema, estabelecendo a sequência do progresso pela escolaridade e pelas especialidades que o compõem”. Entretanto, este também, tem no docente um mediador, e com isso, o currículo, igualmente, passa pela cultura do professor. Por isso, defende Moreira e Silva (1995) que o currículo não é um “elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social”. E reforça:

O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (MOREIRA; SILVA, 1995, p. 7-8)

Os depoentes abaixo confirmaram que ter um bom currículo é um dos elementos fundamentais para a construção de uma vida profissional de sucesso. As experiências, o desempenho, e a prática que foram adquiridas através dos projetos extensionistas são únicas e que o enfrentamento dos desafios diários os deixam mais preparados para o mercado.

- Para seu crescimento profissional muito, muito mesmo é como eu disse foi a minha oportunidade de entrar em contato com o que eu faria na minha vida profissional o resto da minha vida profissional. Tive oportunidade de entrar em contato de uma maneira mais amena quando fui jogada numa sala de aula. (D-01)

- E isso contou muitos pontos para o meu currículo. Então eu fiquei à frente de muitas pessoas na seleção porque eu tinha esses projetos de extensão. Eu estou no meu doutorado né e isso se deve aos meus esforços na iniciação científica, mas também a participação no projeto extensão ele contribuiu efetivamente para isso. (D-05)

- Projeto contribuiu muito para o meu crescimento profissional foi assim foi inclusive uma porta ter o projeto meu currículo me abriu várias outras oportunidades. (D-08)

E conclui:

- Sim contribuiu muito foi a partir do projeto de extensão que eu me interessei pela pesquisa a partir daí fiz mestrado em área relacionada aos faço doutorado. (D-08)
- Você tem que fazer isso para melhorar o seu Currículo, já visando um mercado de trabalho que não estava tão fácil eu já pensei em fazer o projeto de extensão. Você fica mais preparado para o mercado de trabalho... (D-10)
- Com toda certeza o projeto extensão contribuiu bastante para o meu crescimento profissional. Projeto de certa forma me abriu as portas para entender que existe outras possibilidades tanto é que hoje né eu acabei entrando uma pós-graduação e residência também na federal aqui na universidade federal fiz mestrado e agora estou fazendo doutorado então eu despertei que eu poderia ser enveredar por essa área acadêmica. (D-14)
- Desde que eu entrei na universidade, eu sempre tive um objetivo de traçar a minha trajetória acadêmica, então queria reunir todas as experiências possíveis, para que eu pudesse ter uma bagagem para fazer mestrado, doutorado. (D-26)

E encerra afirmando:

- Tudo que eu aprendi na extensão eu levo até hoje como método de trabalhar com as comunidades. A gente começar a desenvolver a comunidade, foi acho o que deu um “boom” para minha vida profissional. (D-26)

Pensar em um currículo linear, baseado na ideia de um percurso gradual de aprendizagem é possível, mas complementa RICHTER et al. (2006) “ se tivéssemos a possibilidade de nos alienar no próprio mundo em que vivemos, e se todos nós fossemos iguais na forma de pensar, apreender e receber informações do mundo que nos cerca”. A Extensão Universitária vem, através da curricularização oxigenar, e reforçar as práticas curriculares, mas de acordo com Tavares e Freitas (2010, p. 9) “não substituirá os estágios mas deverá promover a integração ensino-pesquisa-extensão”.

4.2.6 Categoria: sugestões para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão

Quando iniciamos nossa pesquisa, não estava prevista a pergunta que resultou na última categoria. Entretanto, na primeira entrevista, já ao longo do

depoimento, o egresso se posicionou com relação a essa temática. Assim, na perspectiva de ter outras informações que pudessem complementá-la, perguntamos se gostaria de fazer algumas considerações. E o egresso, de pronto, falou sobre sugestões para melhoria, e o que tinha sentido falta ao longo de sua participação. Então, de imediato, criamos nossa última pergunta: quais seriam, na sua opinião, as sugestões para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão? É bom lembrar que durante o período da pesquisa e, já citado anteriormente, dos quinze entrevistados, cinco fizeram pós-graduação (33%), quatro fizeram mestrados (27%) e cinco fizeram doutorados (33%) todos na UFPE. Os egressos afirmaram que, mesmo estando distantes da extensão, ainda mantinham contato com os coordenadores e com extensão através de colegas da universidade.

Com essas informações, e com os depoimentos, foi possível criar a última categoria: sugestões para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão. Também é bom rememorar que estamos falando sobre o período de 2003 a 2010.

De acordo com as respostas dos egressos foram criadas seis subcategorias. As que mais se destacaram foram projetos mais práticos e conectados com a realidade e mais divulgação dos projetos e bolsas de extensão, todas alcançaram 20%, cada, conforme tabela abaixo.

Tabela 06 - Sugestões para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUENCIA	%
SUGESTÕES PARA MELHORIA DA PARTICIPAÇÃO DOS DISCENTES EM PROJETOS DE EXTENSÃO.	Projetos mais Práticos e Conectados com a Realidade	6	20
	Mais Divulgação dos Projetos	6	20
	Bolsas de Extensão	6	20
	Orientações Sistemáticas/ Envolvimento dos Docentes	5	17
	Carga Horária Inserida na Grade Curricular	4	13
	Prática da Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão	3	10

Fonte: a autora

4.2.6.1 Subcategoria: *projetos mais práticos e conectados com a realidade*

Nessa subcategoria os egressos, em torno de seis depoentes, 20%, apontaram que muitos projetos, ainda tinham pouca praticidade e conectividade com a sociedade. Entre eles os depoentes abaixo foram mais claros com relação a temática.

- Eu também sinto eu gostaria de ver projetos de extensão mais práticos, de ir para realmente aquele povo que está precisando de verdade às vezes eu sinto um pouco a extensão, mas a extensão é dentro da UFPE, extensão que acontece lá na universidade ainda um pouquinho distante da realidade. (D-01)

- Eu senti falta foi porque a universidade passa uma realidade que não existe uma realidade só de dentro da universidade. No campo de trabalho não existe [...]. A dificuldade no início é que a gente sai formado da universidade, mas o mercado de trabalho exige outro profissional. Então você vai ter que se adaptando [...] correndo atrás do que é necessário para o mercado. (D-02)

E complementa afirmando:

- Mas as vezes ela fica muito no utópico, uma coisa irreal, é a falha do projeto que participei. E observo que ainda hoje acontece na universidade. Os professores-coordenadores tem que buscar mais. Tem que entender a realidade ir para a sociedade, saber como é o mercado lá fora, até porque as vezes as pessoas que estão lá fora lhe dá um conhecimento muito maior. (D-02)

- É que muitos projetos que tem na universidade eles são círculos viciosos do próprio umbigo impressionante isso como esse diálogo de fato não é um dado não é algo obvio. Porque ainda que haja um tipo de intervenção social de regras de intervenção é assistencial e não propõe o possibilita oportunizam diálogo, uma construção dialógica da prática, e da experiência do projeto, dos projetos. Percebo isso hoje com professor avaliando projetos de extensão na [...] mas percebia isso também como estudante ficava muito incomodado quando ia participar desses ENEXT não tinha nem esse nome era outro nome para o evento de projetos de extensão e percebia o modo como certa a retórica da assistência ainda perfazia experiências desses projetos extensão. Era de pronto visto como o maléfico como uma noção pejorativa né o assistencialismo foi de pronto tomado como algo relativo. (D-07)

- Agora eu acho que precisa ser pensado que tipo de extensão a gente quer né porque eu acho que também importante eu não sei se isso é feito, mas fazer uma consulta à população aquela população. (D-15)

- Sempre tem alunos querendo dar aula, mas sim uma das coisas que mais eles mais pedem o período que eles passam dando aula no projeto servissem para a discussão da disciplina do [...]. Porque as

práticas de docência porque querendo ou não lá. Eles tão fazendo prática. (D-21)

O professor é e continuará sendo o elemento primordial do processo educativo formal, o dinamizador, o mediador, da aprendizagem. Entretanto, defende Maçaneiro (2009, p. 502) que “nem por isso atribuem aos professores toda responsabilidade a respeito dos resultados educacionais, mas admitem que mudança alguma ocorrerá sem que estes assumam a responsabilidade pelo que fazem e o comando de sua profissionalidade”.

Contudo, mesmo que a PROExC faça editais dentro das áreas temáticas previstas na Política Nacional de Extensão Universitária, em consonância com a função social da Universidade, e com critérios de julgamento baseados em: “Relevância Acadêmica e interfaces com o ensino e a pesquisa; Interdisciplinaridade/Interprofissionalidade; Alcance Social da Proposta; Metodologia e Resultados e finalmente Articulação e envolvimento de outros parceiros” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2017, p. 5-6), ainda assim, os projetos que são executados fora dos editais podem sofrer por falta de praticidade e conectividade com a realidade. Por isso, corroboramos com a depoente D-02 quando finaliza dizendo:

- Projetos que de fato possam contribuir e dialogar mais com a sociedade. Não adianta o professor idealizar um projeto que é muito bem feito, bem teórico, mas que não atende a realidade, não atende a sociedade. Fica utópico. Ver quais os problemas e como você pode contribuir através de um projeto de extensão.

4.2.6.2 Subcategoria: *mais divulgação dos projetos*

No período de 2003 a 2010 os egressos sentiram falta de divulgação dos projetos de extensão. Como vemos, em alguns depoimentos, abaixo, a divulgação não seria só por parte da Pró-Reitoria, através de sites, cartazes nos centros e departamento, mas, principalmente, a divulgação pelos próprios docentes. É fundamental que estes compreendam a importância da extensão dentro do fazer universitário, e que essas experiências marcam a vida acadêmica dos discentes e influenciam de forma positiva ou negativa na sua formação, pois muitas vezes os discentes entram nos cursos sem ter a certeza se essa são as profissões que desejam

abraçar pelos restos das suas vidas. É o que nos disse a Depoente D-01 quando afirmou: “tinha muita gente também que sentia dificuldade com relação ao nível da universidade, como também sentia dificuldade de se encaixar, e se isso era o desejava fazer”. Entre os depoentes que indicaram uma maior divulgação dos projetos estão:

- O site que ele precisa a procurar para se informar mais e também apresentar o tripé ensino-pesquisa-extensão e vocês precisam conhecer e incentivar. (D-26)
- Pouca divulgado pelos próprios docentes da universidade. A própria PROEXT ir aos centros [...] Ir de sala em sala, mas colocar uma listagem na porta da secretaria, ou fazer encontro semestrais para divulgar os projetos [...] como tem o congresso da PROEXT. (D-03)
- A PROEXT poderia fazer mais material para divulgar [...] E o que tem de divulgar mais. Fica entre nós [...]. Ninguém dos meus amigos do laboratório não conhecia o projeto, nem o ENEXT. (D-04)
- Tem que ter uma divulgação maior[...] mesmo que não tenha bolsa para todos, mesmo que seja voluntário. Para o aluno conseguir fazer um projeto de extensão ele é que ia catar o projeto, as oportunidades, não era divulgado amplamente em quadros de avisos, no departamento. Se o aluno não fosse aquele que ia atrás, buscar o professor. Falar com um outros. Ficar procurando. Ele não consegue fazer um projeto de extensão. (D-10)
- Bem eu acho que antes de tudo é necessário em ampliar o número de projeto de extensão. Estimulada por parte dos docentes também né porque, pois, ainda não é tão valorizado quanto a iniciação científica eu acredito que seja tão importante quanto. (D-14)

Portanto, reforçamos que, quando um professor vai a uma sala de aula e apresenta um projeto de extensão, e suas possibilidades de conhecimentos, ele dá credibilidade a atividade, e reforça que independente dos recursos financeiros, esta poderá contribuir de forma efetiva para vida profissional. Ele sinaliza, também, ao discente que a sua participação agregará valor ao seu processo de aprendizagem.

Outros egressos relatam a importância de começar a divulgação logo no primeiro período, isto é, quando os discentes entram na universidade, pois como a valorização da pesquisa dentro da instituição é maior, haja visto os valores das bolsas de iniciação científica, a extensão necessita ter outros estímulos para que possa despertar interesse nos nossos discentes da importância dos projetos para suas vidas acadêmicas e profissionais. É o que reforçam os egressos abaixo.

- Em relação aos discentes em específico eu acho que precisa ser feita uma campanha de conscientização sobre o que é um projeto de extensão na verdade. (D-12)

- Então eu acho que é o estímulo a essa participação tem que ser o mais precoce possível agora não apenas dizendo assim olha eu tenho um projeto de extensão, mas dizer qual é o significado daquilo e o que pode repercutir na sua vida profissionalmente e acabei na vida acadêmica porque você chega é um mundo completamente novo. (D-14)

- Eu fui atrás aí saí procurando para ver se eu conseguia sempre participando de vários cursos, minicursos para conseguir me integrar algum projeto de extensão. Funcionamento vindos dos professores porque no meu centro no departamento são poucos professores que fazem projetos de extensão. (D-26)

Finalizando, acrescentando:

- E eu acredito em relação a participação dos estudantes em si seria interessante quando por exemplo os estudantes está primeiro período o coordenador de algum projeto vai apresenta como funciona a universidade. (D-26)

Quando falamos em divulgação podemos afirmar que a Pró-Reitoria desde 2003, tem buscado dar mais visibilidade as atividades extensionistas, principalmente os programas e os projetos. Nesse período, já existia o Bureau de Design, que tem a finalidade de apoiar todas as ações de extensão através de peças gráficas. Além disso, as atividades são, regularmente, divulgadas nas redes sociais, todas devidamente registradas no SIGPROJ.

Atualmente, fora o site da Pró-Reitoria, as redes sociais da PROExC, boletins mensais e extras, temos a parceria com a Assessoria de Comunicação - ASCOM²⁹, uma agência de notícias que reúne notícias e reportagens, enviadas diariamente, para toda a comunidade acadêmica e a empresas pernambucanas de comunicação, como também veiculação nas Rádios Universitária AM e FM.

Outra forma de divulgação pela Pró-Reitoria são as publicações³⁰, através de artigos, em formato impresso ou e-book de livros entre eles estão: Anais dos Encontros de Extensão (ENEXT), Cadernos de Extensão nas áreas de saúde, educação e meio ambiente, Revista Estudos Universitários, Séries Extensão, Étnico-racial, Brasil-África, Universidade & Sociedade em Diálogo.

²⁹ Sobre o assunto ver o site: <https://www.ufpe.br/agencia/sobre>.

³⁰ Sobre o assunto ver o site: <https://www.ufpe.br/proexc/publicacoes>.

A PROExC, faz algum tempo, já participa da recepção dos novos alunos que acontece, geralmente, com uma apresentação por cada Pró-Reitoria de suas ações. Entretanto, isso ainda é pouco, o que pode-se sugerir é, depois da aprovação dos programas e projetos, nos diversos editais, uma equipe da Pró-Reitoria conjuntamente com os docentes fazerem uma campanha de divulgação dos seus programas e projetos nos auditórios ou espaços disponibilizados dos centros acadêmico e nesse momento poderíamos, também, receber voluntários. Isso nos remete a depoente D-05 quando afirmou: “Durante todo projeto de extensão que participei, orgulhosamente por 3 anos, gostaria de deixar claro que essa minha participação foi voluntária”.

Essa proposta não é nova, já foi utilizada pela Pró-Reitoria no ano de 2000, com o projeto intitulado: UFPE PARA TODOS. Foi uma atividade que tinha por objetivo estimular a participação da comunidade acadêmica nas atividades extensionistas modalidade programas e projetos. Contudo, este só ocorreu naquele período, então, talvez a sua retomada possa ser mais uma ação para motivar a participação discente. Sabe-se que com a aprovação da curricularização, através da Resolução nº 09/2017 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2017a), regulamentando a inserção e o registro da Ação Curricular de Extensão (ACEEx) como carga horária nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Graduação da UFPE, os discentes serão obrigados a participar, mas quando o interesse vem deles, isto é, o interesse pela atividade, fica mais fácil, ao nosso ver a sua implantação.

Portanto, a PROExC tem feito o seu trabalho de forma crescente quando a temática é divulgação, mas jamais poderemos esquecer que esta feita de *boca a boca*, pelos docentes em sala de aula, faz toda a diferença.

4.2.6.3 Subcategoria: *bolsas de extensão*

Até a presente data não temos um órgão de fomento no MEC, o que significa dizer que dependemos dos recursos liberados pela UFPE, hoje, devido ao novo Estatuto estes recursos já tem um percentual assegurado. De 2003 a 2017 foram 6.705 bolsas de extensão (UFPE/Convênios). Entretanto, ainda é pouco se formos analisar o percentual de projetos. De 2011 a 2017 foram 2.679 projetos registrados o que significa menos de uma bolsa para cada projeto. A PROExC precisa recorrer, cada vez mais, a parcerias externas para poder ampliar seu percentual de bolsas.

Uma das estratégias para alcançar este patamar foi adotar novas modalidades de editais para projetos foram eles: com 1 ou 2 bolsas, com recursos mais bolsa e com recursos mais sem bolsa. Vale salientar que, ainda, existe um percentual de projetos que ficam fora dos editais giram em torno de 20%.

Essa subcategoria não poderia deixar de existir correspondendo a 20% dos depoentes reforçando a importância das bolsas de extensão. Entre eles estão:

- Infelizmente né é o dinheiro vale um pouco mais altas vezes, talvez para incentivar a participação dos alunos no projeto extensão seria o maior número de bolsas oferecidas. (D-05)
- Independentemente do valor da bolsa, e talvez essa questão seja dar caráter multiprofissional (D-08)
- Era alguma ampliação de bolsas porquê. Acredita que incentivo a bolsas uma das prioridades também. (D-26)
- Mas eu acho que bolsa de extensão pode ser bastante interessante, para que haja essa melhor participação dos discentes em projetos de extensão. (D-20)

A conjuntura atual, onde os órgãos de comunicação estão, a todo momento, falando sobre o sucateamento de muitas instituições públicas de ensino, a falta de salário dos seus servidores, redução de serviços terceirizados como segurança e limpeza, as bolsas não ficaram de fora e sofreram cortes (OLIVEIRA, 2016). O orçamento 2017 para as Universidades Federais, segundo consta no Projeto de Lei Orçamentária (PLOA), teve um corte de 20% (SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE NÍVEL SUPERIOR DAS IFES, 2017). Portanto, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura deve buscar parceiros na sociedade, isto é, em empresas privadas e/ou fundações nacionais e/ou internacionais, para que estas possam, de alguma forma, dar continuidade ao programa de bolsas de extensão.

4.2.6.4 Subcategoria: *orientações sistemáticas / envolvimento dos docentes*

Durante nossa experiência na PROExC, realmente escutávamos alguns discentes questionar a forma de participação de docentes que estavam a frente dos projetos. Em outros momentos, os discentes vinham em busca de outros docentes, pois os mesmos não estavam mais interessados em coordenar e, muitas vezes, buscávamos outros acadêmicos para dar continuidade as atividades. Foram 17% dos depoentes que apresentaram esta subcategoria. Muitas vezes eram docentes que

estavam como figurantes, isto é, apenas assinavam as documentações exigidas, entre elas, os relatórios. É o que nos falaram os depoentes abaixo:

- A gente quer professor para assinar papel em tese é isso. Que a gente fazia que a gente tocava o projeto. Fazíamos planejamento, as ideias, aí eu organizava a passava para os colegas e a gente ia trocando ideias... porque os professores que alegam que não tem tempo [...] não sei se eles têm tempo não[...]. É porque não querem realmente [...]. É porque professor pensa que a universidade é o reduto deles sabe. (D-18)

- Não havia na faculdade [...] Professores implicados, de verdade implicados com a prática cotidiana dos projetos de extensão existentes. Eles assinavam, pontualmente apoiavam atividades uma ou outra, mas não participavam organicamente do núcleo. (D-07)

- Porque era uma coisa que era organizada pelos próprios alunos, tanto é que eu não sei, nunca vi a professora responsável pela extensão, no período que eu fiquei, eu não entrei em contato com ela. (D-14)

O depoente D-14 foi mais além afirmando:

-Eu não conhecia o professor que era o coordenador, eu sabia que existia, mas eu não cheguei a conhecer, então entre a gente que era aluno, que fazia parte, existe essa interação. Já foi bom porque eu pude perceber bem cedo que a universidade as coisas não iriam cair no meu colo que eu ia atrás de professor de projeto de extensão. (D-14)

Acompanhamento foi a palavra-chave para outros egressos:

- O que eu gostaria de ver mais era a presença do docente do acompanhamento desses discentes. Você é encontrar o professor você ia atrás do professor, você não sentia o professor muito perto muito próximo (D-01)

Conclui:

- Eu sugiro é que o professor que seja orientador mesmo sabe que oriente os aqueles alunos afinal de contas a gente enquanto aluna está muito verdinho então tem muita coisa muita dúvida que acho que é isso uma orientação mais efetiva do professor acho que isso sim é um papel vital para a universidade. (D-01)

- Acompanhamento [...]. Acompanhar melhor. Tentar encaixar um pouco mais os discentes nos projetos [...]. Saber o que eles estão fazendo [...] como estão fazendo o que eles podiam melhorar. (D-15)

Acreditamos que esse dificultador ainda exista, mas em menor proporção, entretanto precisamos ter esperança de que os docentes da UFPE, trabalhem numa

postura de formadores de opiniões, mediadores e mobilizadores das mudanças sociais.

4.2.6.5 Subcategoria: *carga horária inserida na grade curricular*

Essa subcategoria surgiu com um percentual 13% dos depoentes. Isto se justifica porque desde 2003 até a presente, os discentes participavam dos projetos extensionistas sempre em horários fora da grade curricular. Então os depoentes abaixo levantaram as sugestões e os dificultadores:

- Na formulação da grade né geral a gente tinha muita dificuldade de ter tempo para fazer coisas. (D09)
- Flexibilidade de horário, porque dependendo do horário do curso que a pessoa faça [...]. Fica impossível o aluno está lá. Nós tínhamos que sacrificar nosso horário de almoço [...]. Para ir para o laboratório para pesquisar, feriados e fim de semana [...] ou então tinha que faltar aula teórica para ir implementar essas atividades do projeto de extensão, de uma certa forma a gente saia prejudicada. (D-10)
- Sugestão está a questão do respeito da carga horária não é que a gente sabe que é difícil conciliar várias atividades. A gente sabe que alguns cursos têm uma carga horária teórica muito grande de ensino está aí vai fazer extensão como? Está certo? Então a gente é só uma e tem que ser uma carga dentro do Currículo, ela tem que fazer parte da carga horária curricular do estudante. (D-12)
- Se contabilizassem essa carga horária para crédito para as disciplinas de práticas, ou abater na carga horária de eletivas livre. (D-20)

Com certeza esse dificultador será, aos poucos, solucionado com a Resolução nº 09/2017(UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2017), que terá o prazo de quarenta e oito meses, isto é, quatro anos para estar totalmente implantado. Ratificamos a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná (2016) quando afirma que:

A creditação da Extensão Universitária não é, portanto, a nosso ver, a sua disciplinarização como parte do currículo. Representa, sobretudo, a superação da compartimentação dos saberes disciplinares e da massificação da sala de aula. Creditar não é disciplinarizar. Trata-se, sobretudo, de definirmos, com a creditação, uma política de extensão na UFPR que promova, baseado nos cinco princípios (respeito aos direitos humanos, à sustentabilidade socioambiental, à valorização da diversidade e da inclusão e à valorização dos profissionais) que a definem, a melhoria da formação cidadã de todos os envolvidos.

4.2.6.6 Subcategoria: *prática da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão*

A Extensão Universitária, como forma de produção do conhecimento, pode e deve ser incorporada em todas as etapas da vida acadêmica, desde a graduação até a pós-graduação, pois é instrumento de mudança na busca da melhoria da qualidade de vida. A indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão se consolida como um processo de aprendizagem que deve ser aplicada de forma contínua, articulada e permanente, por isso não se idealiza um projeto de extensão sem esse tripé. Entretanto, mesmo assim, essa última subcategoria foi apontada por 10% dos depoentes. Alguns dos depoentes argumentaram:

- Projeto de extensão é muito importante [...]. Acho que já disse tudo. É uma questão de mudança de mentalidade. (D-10)

- Por outro lado, havia também uma orfandade, não havia um respaldo institucional por parte de um professor que de fato compreender esse muito bem que a gente estava fazendo. Então você pode combinar essa autogestão dos Estudantes como apoio dos Professores que agem muito mais na retaguarda desse processo para garantir a formação, para garantir os processos de inserção nas discussões, e o que é preciso ter de mínimo do acúmulo do campo de conhecimento específico. Enfim, a junção dessa gestão protagonizada pelos estudantes com o apoio dos professores. Talvez seja o melhor estímulo é assim que tem que ser usado na Paraíba onde sou professor e vem funcionando bem. O problema desse tipo de abordagem está na produção de um tipo de prática extensionista que acaba desconectada do fazer da pesquisa. (D-07)

- Capacitação obrigatória quando o estudante entrasse na universidade que o tripé da universidade ensino pesquisa extensão ne muitas vezes só a só lhe é apresentado ensino a pesquisa e extensão quiser que corra atrás para saber como é que faz. Então precisaria de uma orientação inicial sobre isso e a partir de aí né facilitar os caminhos para o acesso. (D-12)

E a depoente D-18 evidenciou que: “Havia aqui um discurso que teoria e prática não se junta [...] e isso me perturbou muito durante a graduação [...] a gente tem que colocar em prática [...]”.

Em publicação do MEC/SESu, o FORPROEX conceitua a extensão como “uma práxis educativa, com base no princípio da indissociabilidade, enfatizando a necessidade de um currículo dinâmico, flexível e transformador” (BRASIL. Ministério de Educação. Secretária de Educação Superior, 2006, p. 21). Portanto, a sua efetivação só acontece através de metodologias de ensino-aprendizagem nas

instituições de ensino na certeza de que esses conhecimentos sejam a mola propulsora para que as IES executem de forma qualitativa sua função. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão tem papel fundamental no processo de institucionalização da Extensão Universitária.

Finalizando, observa-se que a nossa análise de conteúdo foi constituída de vinte seis subcategorias, de acordo com a tabela 07, constatamos que adquirir conhecimentos e/ou experiências e interação dialógica foram as subcategorias mais citadas pelos egressos, ao longo da AC, o que equivale a 35% e 34% respectivamente.

Tabela 07 - Subcategorias da Análise de Conteúdo

SUBCATEGORIAS	FREQUENCIA	%
Adquirir Conhecimentos e/ou Experiências	35	18,30
Interação Dialógica	34	17,80
Interdisciplinaridade	13	6,80
Interprofissionalidade	13	6,28
Impacto e Transformação social	12	6,28
Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão	11	5,76
Visão Crítica	11	5,76
Confiante/Apto para a Vida Profissional	8	4,19
Currículo	8	4,19
Bolsas de Extensão	7	3,66
Mais Divulgação dos Projetos	6	3,00
Projetos Mais Práticos e Conectados com a Realidade	6	3,00
Choque de Realidade	5	2,60
Olhar Crítico	5	2,60
Orientações Sistemáticas/Envolvimento dos Docentes	5	2,60
Carga Horária Inserida na Grade Curricular	4	2,09
Temáticas dos Projetos	4	2,09
Prática da Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão	3	2,00
Fazer Adaptações	1	1,00

Fonte: a autora

O que podemos observar que essas duas subcategorias se complementam: adquirir conhecimentos e/ou experiências e interação dialógica vão ao encontro de uma praxis freireana, onde enxerga a prática “nas condições materiais de sua existência, para, em seguida, ver o que se pode fazer de melhor, nas mesmas

condições” (FREIRE, 1981, p. 31). Essa praxis³¹ é reflexão e ação transformadora de uma realidade, e essa ação só se realiza quando adquirimos conhecimentos e/ou experiências e colocamos esses a serviço do outro, isto é, da sociedade.

Os novos desafios impostos aos novos docentes, ou seja, os professores do século XXI, não é só a capacitação profissional dentro de suas áreas de atuação, mas pensar uma educação onde existam novos espaços de formação e a Extensão Universitária tem esse papel. O processo pedagógico da praxis reuni teoria e prática, onde o diálogo com a sociedade contribui para a construção de novos saberes, onde o educador e o educando possam ser permanentes pesquisadores que vão, paulatinamente, construindo um novo sujeito, um novo discente, uma nova sociedade, mais coerente e solidária entre o pensar e o agir. Por isso, corroboramos com Fortuna (2016, p. 64-72) quando destaca que:

O ser humano é um ser da práxis, com a capacidade de conhecimento/transformação pelo trabalho que realiza, já o diálogo é um pacto para a liberdade, que provoca a mudança da realidade.

³¹ Para Freire, práxis significa que, ao mesmo tempo, o sujeito age/reflete e ao refletir age, ou se desejarmos, o sujeito da teoria vai para a prática e da sua prática chega à nova teoria, sendo assim, teoria e prática se fazem juntas, perpetuam-se na praxis.

5 PERSPECTIVAS PARA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A universidade é uma instituição social com mais de quinhentos anos, e desde sua origem possui um caráter inovador, inquietador e revolucionário. Entretanto, as velozes transformações do mundo contemporâneo fazem-se necessário que estejamos sempre atentos à função primordial da universidade, isto é, seu caráter civilizatório, buscando promover os valores culturais, morais, éticos e intelectuais.

A atual realidade conjuntural brasileira nos mostra que, entre outras áreas, o ensino superior nas instituições públicas vem perdendo espaço para as instituições privadas. Esse crescimento explosivo está abrindo a educação superior, contudo algumas são pouco mais que fábricas de diplomas de qualidade duvidosa. Essas instituições, em sua grande maioria, trata o ensino como mercadoria, onde muitos cursos são voltados para as necessidades locais, e a extensão é vista como uma fábrica constituída, quase exclusivamente, de cursos, eventos e prestação de serviços. Atividades estas que objetivam o crescimento financeiro de quem as promove. Essa mercantilização da extensão é justificada pela sobrevivência que engrossa a teoria de que quantidade está acima da qualidade no fazer educacional.

A Extensão Universitária vem desafiando a comunidade acadêmica, desde a década de 80, convivendo, concomitantemente, com uma natureza emancipatória e assistencialista, revelando posteriormente um cunho mercantilista. Essas diferentes percepções da EU vai além das questões conceituais, pois apontam para concepções ideológicas vigentes em diferentes momentos históricos e, conseqüentemente, atuam na legislação, nas políticas públicas e nas instituições universitárias transitando do poder do conhecimento acadêmico das universidades para a inserção na realidade social e política brasileira.

É fundamental que a IES estejam, conscientes de que o desafio maior, para os que se dedicam a educação é desenvolver e implantar mecanismos que resgatem a legitimidade da universidade perante a sociedade, que sustenta esse ensino superior, gratuito e de qualidade, na busca de uma reflexão crítica de seu papel materializando a constitucionalidade da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Reforça Botomé (2001, p. 692) que:

ao refletir sobre o papel social desempenhado pelas instituições de ensino superior (IES) e em especial sobre o cumprimento da função de produzir conhecimento, social e cientificamente relevantes, e tornar o conhecimento existente acessível a todos.

Diante da deficiência dos sistemas sociais e educacionais, as universidades públicas devem, através de sua comunidade acadêmica, trabalhar a relação universidade/sociedade com vistas às políticas integrativas, e a extensão junto à pesquisa devem construir propostas que estreitem essa relação de forma a estabelecer uma cadeia de produção e difusão do conhecimento. Essa “fértil simbiose” pode transformar a realidade local, regional ou nacional, corrobora Silva (1997, p. 148) quando afirma que a universidade, também, renova constantemente, “sua própria estrutura, seus currículos e suas ações, criativamente, conduzindo-os para o atendimento da verdadeira realidade do país”. Acrescenta Soares (2003, p. 8) quando assevera que:

a atividade de extensão deve ser um dos principais componentes para a reflexão quanto ao papel do ensino superior neste novo milênio, pois quando as necessidades forem naturalmente percebidas pela comunidade acadêmica e incluídas no seu fazer, as IES estarão cumprindo com a sua finalidade.

Esses debates construtivos, que visam demandar das IES articulações internas e externas, estão focados, principalmente, em metas com vistas à perspectiva de futuro como: marco legal, indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, flexibilização curricular, sistema de informações único, financiamento, indicadores e avaliação da extensão para que estas possam cooperar para a integração das funções básicas e indissociáveis da universidade: a Função Acadêmica e a Função Social.

Salientamos que fazer Extensão no século XXI não é só integralizar essas duas funções é também cultivar uma relação de parceria com a sociedade, buscando contribuir no processo organizativo de forma a amenizar as desigualdades sociais, econômicas e políticas ratificando os valores democráticos e éticos na formação dos indivíduos.

5.1 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A legislação na Prática

Como foi já citado anteriormente a Extensão Universitária nasceu a partir do Decreto-Lei nº 19.851 (BRASIL, 1931), e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/1961 (BRASIL, 1961) ambos centrados na modalidade de transmissão de conhecimento e assistência através de cursos, eventos e serviços. Como também, já mencionadas, a Lei nº 5540/1968 (BRASIL, 1968), referente à Reforma Universitária, e a Constituição Federal (BRASIL, 1988, art. 207), institucionalizando o princípio de Indissociabilidade entre – ensino-pesquisa-extensão e sua prática no cotidiano (BRASIL, 1988, art. 212) e institucionaliza que as atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do poder público. Contudo para que possamos entender melhor essa trajetória da legislação da Extensão Universitária e sua prática, segue abaixo, um quadro em que apresentamos a EU no seu no âmbito nacional e o local, isto é, na UFPE.

Quadro 14 - Legislação da EU ao longo dos anos

ÂMBITO	LEGISLAÇÃO		NA PRÁTICA
NACIONAL	Lei 19.851/1931	Estatuto das Universidades Brasileiras, com a primeira conceituação sobre extensão	Centrada na Modalidade Cursos, Eventos e Serviços.
	Lei 4.024/1961	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB	Centrada na Modalidade Cursos, Eventos e Serviços.
	Lei 5540/1968	Reforma Universitária - RU	Obrigatoriedade das atividades de extensão.
	Constituição Federal 1988	Art. 207	Princípio de Indissociabilidade entre — ensino-pesquisa-extensão e sua prática no cotidiano.
		Art. 212.	§ 2º As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio.
	Lei 9.394/1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	Promoção Aberta a Participação da População -Compete às Universidades, no exercício de sua autonomia determinar os currículos de seus cursos e programas.

			Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições: I - criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino; II - fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes
	Medida Provisória nº 2.020/2000		Criação da Gratificação de Incentivo à Docência para professores de 1º e 2º nas instituições Federais
	Lei 10.172/2001	Plano Nacional de Educação - PNE	Aprovação do Plano Nacional de Educação.
	Lei 13.005/2014	Plano Nacional de Educação - PNE	2014-2024 - Estabelecer sua duração como decenal. 12.7. Assegurar, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de Extensão Universitária.
LOCAL	Projeto de Extensão 1 e 2 (IN351 e IN352) /2002		Disciplina Eletiva aprovada pela PROACAD.
	Resolução 06/2005		Creditação de atividades de extensão nos cursos de graduação.
	Resolução 09/2007		Regulamentação das normas para Extensão Universitária na UFPE.
	Resolução 4/2008		Estabelece normas para a progressão horizontal e vertical para as classes de Professor Auxiliar, Assistente, Adjunto e Associado , e pontuação da extensão para a progressão docente
	Resolução 12/2013		Inclusão da extensão como atividade complementar para fins de integralização de carga horária.
	Resolução 03/2014		Progressão funcional e promoção na carreira do magistério superior.

Fonte: a autora

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96 1996 (BRASIL, 1996, grifo do autor), nos fala que a Educação Superior tem entre outras finalidades as de:

VI – Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII – Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica geradas na instituição.

O que significa estimular a relação universidade/sociedade na busca de difundir o conhecimento acadêmico visando contribuir, através da Extensão Universitária, para a solução dos problemas sociais.

Ainda a LDB, no seu art. 53, reconhece que compete às universidades, entre outras responsabilidades, a autonomia para:

I - Criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino; (Regulamento)

II - Fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes.

Na prática, quer dizer que: cabe a gestão local a responsabilidade de determinar os currículos de seus cursos e programas. A UFPE vem trabalhando, ao longo dos anos, através de um diálogo interno, costurando a integração do ensino-pesquisa-extensão, esclarece Jezine (2004) tripé esse que se torna parte orgânica do currículo na formação de educadores e profissionais, e vai mais além:

A partir de sua dinâmica social se dá a produção das relações interdisciplinares entre as práticas de ensino e pesquisa, caracterizando-se como elo de integração do pensar e fazer, da relação teoria-prática na produção do conhecimento. (JEZINE, 2004, p. 1)

Um marco, que não pode ser esquecido, quando abordamos a legislação envolvendo a Extensão foi o Decreto nº 6.096/2007 (BRASIL, 2007), que trata do Projeto de Reestruturação e Expansão das Universidade Públicas Federais. O REUNI, veio colaborar para o processo de melhoria na qualidade do ensino objetivando além do aumento de vagas, medidas como a ampliação ou abertura de cursos noturnos, o

crescimento do número de alunos por professor, a redução do custo por aluno, o combate à evasão e, também, a flexibilização de currículos.

Outra medida que favoreceu a extensão foi a provisória nº 2.020/2000, criando a Gratificação de Incentivo à Docência para professores (GED), nas IES (BRASIL, 2000). Essa gratificação era um sistema que concedia pontos às atividades realizadas pelos docentes, de acordo com o regime de trabalho e a sua titulação. Assim, para fazer jus à gratificação integralmente, o docente teria que perfazer pelo menos 140 pontos, destes, 120 poderiam resultar de suas atividades de ensino e os demais pontos seriam atribuídos às suas atividades de pesquisa e de extensão. Então significa dizer, que o docente era obrigado a ter alguma atividade de extensão para atingir o mínimo de pontuação exigida.

Outro dispositivo legal, fundamental, para a consolidação da Extensão foi o Plano Nacional de Educação, Lei nº 10172/2001 (BRASIL, 2001), o qual estabelece que no mínimo, 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no país sejam reservados para a atuação dos alunos em ações extensionistas. Esse Plano, no dizer de Nogueira (2000, p. 121) reafirma que a Extensão:

Como um processo definido e efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade, o que implica em relações multi, inter ou transdisciplinar e inter-profissional.

Demo (2009, p. 83) já propunha, em seu artigo “Desafio educativo e currículo intensivo na Universidade”, um ordenamento curricular que poderia ser executado pela modalidade projeto de extensão, sugerindo que:

- As universidades adotassem em todo o semestre pelo menos uma disciplina que venha da prática;
- Reservasse um ano para o exercício profissional *stricto sensu*, para que os alunos pudessem assumir o desempenho profissional de maneira mais íntegra possível;
- Durante esse ano pudessem elaborar sua monografia teorizada nas bases do exercício profissional, significando a confluência entre a capacidade de formular e de intervir.

Em 2002, a UFPE, através da Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (PROACAD), criou uma linha de incentivo à prática extensionista nos cursos de graduação, uma disciplina eletiva institucional denominada Projeto de Extensão 1 e 2

(IN351 e IN352), ambas com 2 créditos e 60 horas de carga horária, que até hoje é um instrumento com pouca receptividade junto aos docentes. Relata Villarroel, Oliveira e Nunes (2016, p. 29) que a GED e as disciplinas eletivas (IN351 e IN352) foram:

Um embrião inspirador da inclusão da meta 23 no Plano Nacional de Educação, instituindo com “Universidade para Todos” a oportunidade de fortalecimento da extensão em todas as Universidades Públicas Brasileiras. Iniciativa, que contou com o apoio do Reitor Mozart Neves Ramos, que exercia, na época, o cargo de Presidente da Associação Nacional de Dirigentes das Instituições do Ensino Superior-ANDIFES.

Já em 2005, foi aprovada pelo CCEPE a Resolução 06/2005 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2005), que dispõe sobre procedimentos para creditação de atividades de pesquisa, extensão e monitoria nos cursos de graduação da UFPE. Posteriormente há o desdobramento desse dispositivo para a resolução 12/2013 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2013), quando dispõe sobre os processos para a creditação de atividades complementares nos cursos de graduação da UFPE.

Por fim, no âmbito nacional, encontramos o PNE, com a Lei nº 13.005/2014 (BRASIL, 2014) em que estabelece sua vigência por 10 (dez) anos assegurando no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de Extensão Universitária, norteando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande interesse social.

O PNE tem, portanto, a responsabilidade de buscar eliminar as desigualdades que, ainda hoje, são históricas no País. O que significa dizer que são:

orientadas para enfrentar as barreiras para o acesso e a permanência; as desigualdades educacionais em cada território com foco nas especificidades de sua população; a formação para o trabalho, identificando as potencialidades das dinâmicas locais; e o exercício da cidadania. A elaboração de um PNE não pode prescindir de incorporar os princípios do respeito aos direitos humanos, à sustentabilidade socioambiental, à valorização da diversidade e da inclusão e à valorização dos profissionais que atuam na educação de milhares de pessoas todos os dias. (BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino, 2014, p. 9).

O FORPROEX foi basilar para a construção das metas do PNE, pois reconhece que atividades extensionistas contribuem para que o conhecimento produzido pelas universidades, fortaleçam a formação cidadã dos seus estudantes.

A temática curricularização vem, paulatinamente, crescendo nas IES na busca de atender Lei nº 13.005/2014 (BRASIL, 2014). Cada instituição deve que trabalhar, dentro de suas instâncias acadêmicas, para reformar currículos. Entretanto, de acordo com Apple (1994, p. 59): “ O currículo nunca é um conjunto neutro de conhecimentos, ele é parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo”.

O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social, o que significa dizer, cada universidade vai construindo seus curriculuns, conseqüentemente, sua grade curricular, com visões, constituídas por grupos diferentes, localizados em regiões e com necessidades diferentes. Isso reforça Ramalho, Nunes e Gauthier (2004, p. 176) quando afirma que:

[...] não é possível continuar formando um professor para uma realidade diferente daquela que ele terá que enfrentar; por isso, a questão da prática, no contexto da realidade escolar do exercício da profissão, torna-se um importante princípio formativo.

Por isso nossos *curriculuns* representam a coletividade em que a instituição foi criada para que estes possam atender e reverter as distorções de sua região. A curricularização, veio em boa hora, pois muitas grades curriculares estão defasadas, pois foram elaboradas quando da concepção dos cursos.

Algumas instituições como: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal do Paraná (UFPR) estão trabalhando de forma, mais célere, para a implementação da curricularização. Esta última reforça que:

a creditação da Extensão Universitária não é, portanto, a nosso ver, a sua disciplinarização como parte do currículo. Representa, sobretudo, a superação da compartimentação dos saberes disciplinares e da massificação da sala de aula. Creditar não é disciplinarizar. Trata-se, sobretudo, de definirmos, com a creditação, uma política de extensão na UFPR que promova, baseado nos cinco princípios que a definem, a melhoria da formação cidadã de todos os envolvidos. (CREMASCO, 2016, p. 5)

No âmbito da UFPE tem-se avançado na construção de normas, resoluções, que contribuam para a consolidação da EU como instância construtora na formação do discente. Essas ações integradas vêm fomentando e induzindo enfatiza Villarroel, Oliveira e Nunes (2016, p. 43)

as práticas sobre inovações pedagógicas, flexibilização curricular, interdisciplinaridade, a fim de que ocorram mudanças nos planos pedagógicos dos cursos (PPC), como implantar componentes curriculares institucionais obrigatórios com temáticas transversais a todos os cursos com enfoque na formação integral cidadã e humanizada.

Objetivando auxiliar nessa caminhada A PROExC criou um grupo de trabalho (GT) - Curricularização da Extensão na perspectiva de traçar “plano integrado entre as Pró-Reitorias finalísticas”.

Vale ressaltar que a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura criou, em 2012, o GTAPE constituído por técnicos em educação da PROExC e Coordenadores Setoriais de Extensão dos doze centros acadêmicos na perspectiva de acompanhar e avaliar as atividades extensionistas, em especial os programas e projetos. Além disso, o grupo elaborou uma publicação denominada “Diretrizes para as ações de Extensão Universitária” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Grupo Técnico de Acompanhamento de Projetos de Extensão, 2012) que tem por escopo apresentar critérios para aprovação e avaliação de ações da EU, no âmbito da UFPE.

Em 10 de junho de 2014, o Conselho Universitário através da Resolução nº 03/2014 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2014), estabeleceu critérios e normas para fins de progressão funcional e promoção na carreira de Professor de Magistério Superior. O capítulo II trata da avaliação de desempenho e desenvolvimento na carreira que para fins de pontuação dos docentes. Essa avaliação de desempenho incide sobre as seguintes atividades acadêmicas

- I. Ensino na educação superior, assim compreendida qualquer atividade formalmente incluída nos planos de integralização curricular dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade;
- II. Desempenho didático, avaliado com a participação do corpo discente;
- III. Produção intelectual, abrangendo as produções científicas, artísticas, técnicas e culturais, representadas por publicações ou formas de expressão usuais e pertinentes aos ambientes acadêmicos específicos, para as diferentes áreas do conhecimento ou de organismos profissionais nos casos de profissões de cunho técnico;
- IV. Pesquisa, relacionada aos projetos aprovados pelas instâncias institucionais competentes da Universidade ou em editais de agências de fomento;

V. Extensão, relacionada aos programas, projetos, cursos, eventos e serviços de extensão aprovados pelas instâncias institucionais competentes da Universidade e registrados na PROEXT;

VI. Gestão, compreendendo atividades de direção, assessoramento, chefia e coordenação nas Instituições Federais de Ensino Superior - IFES ou nos Ministérios da Educação, da Cultura e da Ciência, Tecnologia e Inovação, ou outro relacionado à área de atividade docente;

VII. Representação, compreendendo a participação em órgãos colegiados da Universidade, ou em órgão dos Ministérios da Educação, da Cultura e da Ciência, Tecnologia e Inovação, ou outros órgãos, relacionados à área de atuação do docente, na condição de indicado ou eleito;

VIII. Envolvimento em outras atividades não incluídas no plano de integralização curricular de cursos e programas oferecidos pela Instituição, tais como orientação e supervisão, participação em Comissões examinadoras e outras desenvolvidas na Universidade, ou em outras instituições pelas quais o docente não tenha recebido remuneração adicional específica;

IX. Recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2014, p. 2-3).

Então, para avaliar os docentes é necessário considerar o somatório de três subgrupos que devem, obrigatoriamente, ser igual a 10 (dez). Esses subgrupos são:

Quadro 15 - Subgrupos para avaliação de desempenho docente

GRUPO	ATIVIDADE	VARIAÇÃO
1	Ensino	4-5
2	Pesquisa	3-5
3	Extensão	1-3

Fonte: a autora

Os centros através dos seus conselhos estabeleceram seus critérios, conforme tabela abaixo.

Quadro 16 - Pontuação para Progressão Docente

PONTUAÇÃO PARA PROGRESSÃO DOCENTE			
CENTRO	ENSINO	PESQUISA	EXTENSÃO
CAA	5	3	2
CAC	4	4	2
CAV	4	3	3
CB	5	3	2
CCEN	4	5	1
CCJ	5	3	2
CCS	5	3	2
CCSA	5	4	1
CE	5	3	2
CFCH	4	4	2
CIN	4	5	1
CTG	5	4	1

Fonte: a autora

Na prática essa resolução demonstra que, ainda, os centros classificam a extensão como atividade de menor relevância dentro do contexto formativo do discente. Apenas o Centro Acadêmico de Vitória (CAV) pontuou, a pesquisa e a extensão no mesmo patamar, o que reforça Villarroel, Oliveira e Nunes (2016, p. 46) quando assevera que:

muito ainda se tem a construir, visto que as ações desenvolvidas pela comunidade acadêmica refletem, em sua grande maioria, a dicotomia e a fragmentação, fruto de uma cultura que privilegia o individualismo em detrimento do coletivo. A extensão, enquanto elo do processo formativo, deve ser integrada organicamente ao pensar e ao fazer acadêmico concebido nos projetos político-pedagógicos de cursos de graduação, e reconhecida não como atividade complementar, mas como atividade curricular.

A baixa pontuação dentro da universidade para as atividades extensionistas em comparação ao ensino e a pesquisa reforça Lage (2015, p. 93) como um “olhar menos valoroso”. E continua:

Isto fazia/faz com que os docentes, de modo geral, invistam mais esforço nas atividades de pesquisa, pois esta rende mais frutos para aqueles/as que estão na pós-graduação e mais status acadêmico, ou mesmo no ensino, atividade principal que justificou a sua contratação. (LAGE, 2015, p. 94)

Muito ainda se tem a construir, pois as atividades desenvolvidas pela comunidade acadêmica demonstram uma pulverização baseada numa tradição onde os interesses pessoais estão acima dos interesses institucionais. A universidade ainda continua apoiada em estruturas e normas cartesianas, fragmentadas e descontextualizadas. A EU deve ser uma atividade curricular, na busca a sua integração orgânica com vistas no pensar e fazer acadêmico.

Por fim, o novo estatuto da UFPE, ainda não implementado, pautou no artigo 84 que a universidade irá reservar uns recursos para a extensão do orçamento vindo da união. Não obstante, houve um grande avanço no financiamento da extensão na UFPE, independente do seu Estatuto. Como as universidades gozam de autonomia didático-administrativa, significa que a UFPE decide, através dos seus critérios os percentuais destinados a extensão na divisão do orçamento do Governo Federal repassado às universidades federais.

O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras vem buscando criar políticas integrativas que reflitam tanto o compromisso das universidades na transformação da sociedade quanto a construção de uma nova institucionalidade da Extensão Universitária Brasileira. O Fórum, até presente data, enfatiza a necessidade de atualização voltada para:

- As linhas de reconceituação de Extensão;
- A atualização do seu contexto sociocultural;
- O fortalecimento da curricularização;
- Um espaço privilegiado dentro da estrutura do MEC;
- O monitoramento dos indicadores e avaliação da extensão e;
- Fortalecimento do debate nas questões de financiamento na matriz orçamentária governamental.

Não é só a ampliação orçamentária para a EU é muito mais, o FORPROEX luta pelo fortalecimento de uma Política Nacional para a Extensão, com uma secretaria própria dentro do MEC, com diretrizes e metas estabelecidas a partir do diálogo com a sociedade. A Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) vem fazendo esse papel, principalmente através de editais. Contudo é preciso estagnar esse processo de “rearranjos permanentes” quando a temática é a *extensão*. A Educação passa por um período de turbulência por isso enfatiza Maciel (2010, p.15), é imperativo que:

um novo patamar civilizatório demanda a construção de práticas mais republicanas e uma sociedade mais democrática, e o conhecimento da realidade é a base para o respeito às diferenças e para a construção da cidadania. A educação, enquanto instituição, deve aprender a dialogar com a realidade e se auto inovar, de forma a contribuir na construção de uma nova sociedade mais ética e plural.

5.2 DESAFIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFPE

É primordial que a UFPE persista nesse caminho, isto é, nas mudanças para regulamentar a inserção e o registro da Ação Curricular de Extensão como carga horária nos Projetos Pedagógicos de Curso de Graduação da UFPE. Essa busca pela construção da renovação pedagógica fortalecerá a Extensão Universitária, dentro das grades curriculares.

Institucionalizar a Extensão não é só buscar parceiros externos dentro dos Órgãos Governamentais objetivando resultados concretos; é, sobretudo, chegar de forma definitiva e produtiva às várias instâncias (colegiados de cursos, conselhos departamentais ou diretórios acadêmicos) dentro da universidade, de forma a reconhecê-la como parte de um todo, reafirmando institucionalmente a sua visão sistêmica de educação.

Os desafios da Extensão Universitária devem estar alinhados, nessa conjuntura, as demandas sociais e a reconfiguração dos currículos nas IES, o que significa dizer, reduzir o isolamento da educação e da universidade na busca de uma articulação entre a teoria e a prática visando atender às realidades sociais. Além disso, buscar elaborar currículos, a partir do tripé – ensino-pesquisa- extensão que possibilitem uma formação diferenciada e articulada com os diversos segmentos da sociedade.

Entretanto, afirma Magalhães (2007) que os dispositivos legais não são suficientes para garantir a articulação desses três eixos. A indissociabilidade é clara, em algumas áreas, a exemplo dos editais, pois existe uma visão fragmentada do todo, também, por parte dos órgãos financiadores das IES espelhados na UFPE. O trabalho da gestão local, através do novo estatuto, na ampliação dos recursos contribuirá de forma efetiva no que tange a extensão e a PROExC. Vllarroel, Oliveira e Nunes (2016, p. 43) reforçam que as ações efetivas para que a extensão se fortaleça perpassa pela consolidação da curricularização, além de:

- A consolidação da relação com as Coordenações Setoriais de Extensão;
- Criação do Fórum das Pró-Reitorias de Extensão em Pernambuco;
- Estímulo a inclusão dos parceiros de programas e projetos nas programações da PROExC, a partir da fase de planejamento;
- Intensificar a interlocução e apoio às cátedras e aos Núcleos Temáticos.
- Manter o acompanhamento e apoio as Unidades e aos Programas de Extensão em diálogo com os municípios e a sociedade;
- Uma maior aproximação da Universidade com outros setores da sociedade, ampliando o diálogo e a participação das comunidades e dos movimentos sociais nas atividades da extensão e;
- Valorização da extensão, com estímulo e maior visibilidade das ações realizadas nos diversos Centros Acadêmicos da UFPE.

É vital continuar a construir mais pontes de diálogos com a comunidade organizada. A PROExC e a PROACAD, que se fortalecidas pela administração central, poderão criar novas linhas de financiamento que contribuirão para desenvolver as atividades extensionistas na universidade. Ressalta ainda Magalhães (2007, p. 170) que: “em médio prazo, o que se pode pensar, em relação aos cursos, é organizá-los em núcleos de identidade comum, facilitando, assim, as interações entre discentes e docentes de cursos que apresentem interfaces entre si”.

Os desafios atuais da Extensão Universitária crescem à medida que a Extensão ganha aliados conscientes de sua importância, tanto para a formação acadêmica do aluno-cidadão quanto para o compromisso social da Universidade.

Para Melo (2010, p. 134), em sua análise sobre a produção extensionista na perspectiva docente de 2004 a 2009, já apontava que a UFPE tinha um longo caminho a percorrer, trabalhando na esperança de:

- Articular com as políticas públicas e os movimentos sociais locais e regionais;
- Consolidar e fortalecer o SIGPROJ para que seja adotado por todas as IES;
- Consolidar uma Política de Publicação e Visibilidade das produções da extensão;
- Consolidar uma Política de valorização do trabalho acadêmico da extensão como instrumento de mudança institucional e social, com foco, principalmente, na ampliação de bolsas para estudantes;
- Pressionar o FORPROEX para financiamento dentro da matriz orçamentária via MEC;
- Contribuir para a criar indicadores quantitativos e qualitativos consistentes para a avaliação da Extensão;
- Buscar, de forma efetiva, a curricularização, visando a construção colaborativa de conhecimento a partir das atividades de extensão;
- Garantir a participação de técnicos nas coordenações de ações extensionistas e;
- Oferecer capacitação a técnicos e docentes com relação a elaboração de projetos extensionistas;

A autora concorda com a política adotada pelo Plano Nacional de Extensão e as diretrizes estabelecidas pelo FORPROEX, mas reforça que tudo só será

concretizado quando, realmente, a extensão receber o mesmo status do ensino e da pesquisa, isto é, percentuais iguais em termos de progressão vertical para os docentes, recursos financeiros iguais para bolsas, infraestruturas iguais nas universidades e um órgão no MEC para dialogar com outros órgãos nos diversos ministérios. E corrobora também, que as proposições para a Extensão Universitária são muitas, todas voltadas para consolidar a extensão como instrumento adequado à formação humana numa educação democrática comprometida com a realidade social e ratifica Boaventura (2004, p. 73) sobre a importância da Extensão quando este defende que:

A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no Currículo e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.

Por isso validamos Villarroel, Oliveira e Nunes (2016, p. 24) quando assevera que:

para exercer a função social de universidade pública, gratuita e socialmente comprometida, a UFPE vem se posicionando, em seus Planos de Desenvolvimento Institucional ao longo desses últimos anos, com a missão de fortalecer uma educação pública de qualidade e a construção de conhecimentos e competências, e a sua transformação em possibilidade de desenvolvimento humano e sócio profissional. A concretização da missão e função social da Universidade se expressa através das atividades fins da Instituição, representadas pelo ensino, pesquisa e extensão.

Com a aprovação da curricularização, em 05 de julho de 2017, cresce uma esperança no coração dos extensionistas que, fortalecida pela Pró-Reitoria Acadêmica - PROACAD, poderemos ter um ensino de graduação flexibilizado, coerente com uma inter e multidisciplinaridade, e esses caminhos apontados devem caracterizar-se pela sua largueza de horizontes e ao mesmo tempo pelo espírito de unidade e de síntese na busca de projetos integradores, programas institucionais e principalmente estágios curriculares de extensão, só assim poderemos pensar em articular e conciliar teoria e prática (práxis) na perspectiva freireana na formação humana e profissional dos discentes da UFPE.

6 CONSIDERAÇÕES

Estamos atravessando uma das piores crises da história da República Brasileira. Tempos em que impera a corrupção, o desemprego, a fome, os desmandos, os atos insanos, onde os nossos representantes não mais nos representam. Então, o que poderemos esperar para o futuro do povo brasileiro? O que poderemos esperar para a Educação? E mais, como estarão, no futuro, as nossas Universidades Federais, públicas, gratuitas e de qualidade? Talvez, não tão públicas, não tão gratuitas, mas acredito, firmemente, com muita qualidade, pois ainda existem profissionais comprometidos com a Educação.

As instituições públicas, principalmente as Instituições de Ensino Superior estão definhando, sucateadas, estão vivendo nas mãos de terceirizados. Estamos presenciando o sucateamento do capital humano, ou seja, dos servidores. Aos poucos, estamos perdendo a memória de muitas instituições centenárias.

O sucateamento da Educação é visível. É inquietante pensar como será o futuro dos novos discentes que entrarão na universidade, depois de uma peneira desleal? A Educação deixou de ser prioridade, pelo menos, é o que vem demonstrando o governo que se encontra instalado. Hoje, com uma redução do orçamento para as universidades públicas, demora no repasse das verbas, e aliada a inflação traduzimos um 2017 sombrio, e a Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (apud BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal, 2017), vislumbra um 2018 de enfrentamento com cortes em vagas, cursos e até fechamento de campi.

É preciso pensar e repensar, que Educação e na Universidade que desejamos? Que profissionais vamos colocar no mercado? Freire, em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, assevera que “ensinar exige convicção de que a mudança é possível”. (FREIRE, 2006, p. 71). Sim, é possível mudar. E essa mudança passa pela universidade, ela serve, conforme Buarque (2013, p.9) “para libertar” e continua:

A razão de ser da universidade é participar deste propósito da vida, ampliando o horizonte de liberdade de cada indivíduo e das sociedades onde seu papel libertário decorre de cinco funções: ciência, tecnologia, artes, ética e política.

Entretanto, como ter liberdade se estamos perdendo fôlego? Como lutar se já estamos no limite? É nesse cenário, no qual a universidade está inserida fica evidente

um movimento em torno da educação que se manifesta, aponta Síveres (2006, p. 16), pelo “desencanto social, pela desvinculação do projeto educacional e pelo deslocamento do aspecto cultural”. E continua: “A universidade ajustou seu projeto institucional, de forma preponderante, na organização burocrática para atender às exigências internas, e na profissionalização mercantil para responder às demandas externas” (SÍVERES, 2006, p. 18)

A Universidade, mesmo dentro desse desencanto social, precisa manter o processo de educação vinculado a um projeto de compromisso social e com isso trazer de volta sua missão, que é, conforme Síveres (2006, p. 18) “restabelecer um clima de encantamento social, restaurar o vínculo educacional, e reafirmar a aliança com a cultura”. A UFPE através do seu Plano Estratégico Institucional, de 2013 a 2017, citado anteriormente, vem buscando perseverar esse encantamento, tendo como sua missão a de ser: uma instituição pública e de qualidade, voltada para a formação de pessoas e produção de conhecimentos, baseada em valores tais como: Cidadania, Cooperação, Criatividade, Sustentabilidade, Dignidade, Diversidade, Equidade e Integridade (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio Ao Planejamento Estratégico, 2013).

É preciso lutar e defender a educação e com ela a universidade, que é um sistema complexo, resultado de uma construção social, e como produto desta sociedade, se torna um agente público que contribui para o futuro dessa mesma sociedade. É um espelho, o *modus operandi* dessa sociedade, com opiniões, atitudes e projetos divergentes e conflitantes. As IES vêm, dentro dessa conjuntura, se esforçando para colaborar nas mudanças e transformações sociais, econômicas e políticas da sociedade.

Esse sistema complexo, formado por vários subsistemas interativos que denominamos comunidade acadêmica, que é estruturada por centro e núcleos, são constituídos por três categorias: docentes, técnicos e discentes, que formam um coletivo responsável por sua missão, que está alicerçada pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão, onde sua indissociabilidade é fundamental no fazer acadêmico e que precisa ser vivida como produto de uma construção cotidiana.

Com a aprovação, na UFPE, da curricularização (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2007) acreditamos que a Indissociabilidade possa vir a fortalecer, cada vez mais, o seu

projeto político pedagógico. Claro, que sua implantação será gradual, mas com projetos integradores, programas institucionais e estágios curriculares de extensão vamos avançar no fortalecimento do ensino na nossa instituição.

E para que a Extensão Universitária possa ser um elemento articulador dessa práxis, suas atividades devem ser promotoras da aproximação da universidade com a sociedade e articuladoras de saberes acadêmicos e sociais o que vem a contribuir para o desenvolvimento humano e a transformação social. A Extensão Universitária é, um instrumento não só de mudança, mas também, uma prática de ensino para uma mobilização social e democrática. É essencial estabelecer caminhos que oportunizem o compartilhamento de saberes e fazeres da sociedade e da universidade. A extensão como via de mão dupla, assume o papel de elo dessas relações e isso, com certeza, ajudará à práxis extensionista a ser uma articuladora que siga na direção da ressignificação do saber acadêmico.

É relevante compreender a extensão na visão Freireana, entendendo que existe uma sistemática inter-relação entre a teoria e a prática e para que esse processo de aprendizagem seja completo, universal e moderno, é fundamental a valorização da educação como um dos pilares basilar da sociedade.

A participação, sobretudo, de docentes e discentes nos processos extensionistas é essencial, pois não só possibilita uma mudança social, mas também, favorece ao discente uma vivência profissional o que com isso colabora na sua formação acadêmica de modo integral. Corroboramos com Costa-Renders e Silva (2013, p. 91) quando afirma que “se, por um lado, a extensão desafia a prática docente a uma forma inovadora de ensino, de outro, mobiliza o estudante a pensar além da teoria e o convida a relacionar esse conteúdo com a observação empírica”. Portanto, todos ganham, quando reconhecem que a extensão traz conhecimentos de diferentes naturezas para o currículo e possibilitam a socialização dos saberes e a realização de diálogos edificantes imprescindíveis para a formação cidadã. Por isso, defendemos que a universidade seja um espaço apropriado para socializar, descobrir e construir conhecimentos.

O relatório publicado, em 2016, pelo observatório de tendência de Coolhunting Community, na Espanha, apresentou as dez tendências para o futuro da Educação. Entre elas estão: tornar os alunos empoderados, felizes e saudáveis, que tenham aprendizagem contínua, que sejam empreendedores e tenham preocupação com o

mundo que os cerca. Essa é a Educação que desejamos, formando cidadãos felizes e comprometidos socialmente.

O futuro do Brasil está incerto, mas há futuro, e diante desses desafios a Educação de acordo com DELORS (1998, p. 5) “surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social”.

Ao longo desse trabalho buscamos mostrar a contribuição da Extensão Universitária na formação dos egressos da UFPE, de 2003 a 2010. Focamos, no segundo capítulo a Extensão Universitária, seu contexto histórico, do Serviço de Extensão Cultural (SEC) à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC), sua conceituação e sua interface com a educação freireana, humanizante preocupada com os avanços sociais, mas vigilantes à formação do sujeito humano.

Abordamos mais especificamente o SIEXBRASIL DE 2003 a 2010, constituindo-se no primeiro objetivo da pesquisa, período este, marco para a extensão, quando da criação do primeiro sistema de informação, plataforma empregada como fonte documental, que deu subsídios ao FORPROEX na identificação das atividades extensionistas realizadas pelas instituições públicas estaduais e federais. Além disso, apresentamos o sistema, suas práticas operacionais, seus números no Brasil e na UFPE, e de forma detalhada os dificultadores e as causas de sua substituição pelo SIGPROJ.

Apresentamos, no segundo objetivo, os caminhos e os atores da pesquisa, um estudo de caso, composto de quinze depoentes, desses quatorze com pós-graduação, todos na UFPE. A análise de conteúdo, compostas por categorias previamente estabelecidas, foram constituídas de nove perguntas resultando em seis categorias e vinte e seis subcategorias. Adquirir conhecimentos e/ou experiências e interação dialógica, foram as mais citadas pelos egressos. Além de se completarem comprovam que os depoentes acreditam que o conhecimento vem não só pelas mãos dos docentes, mais também, pelas mãos da sabedoria popular, pois é através da prática que vão fortalecer o saber acadêmico, e a interação dialógica contribui nesse processo pedagógico e com eles novas oportunidades de aprendizagem.

A participação dos egressos em projetos extensionistas, entre voluntários e bolsistas, favorece o fortalecimento dessa dialogicidade entre a formação profissional, criativa e inovadora e o compromisso social, corroborando que a extensão se consolida como espaço de ensino-aprendizagem na Educação Superior.

Na expectativa de contribuir, outra categoria que se destacou foram as sugestões para a melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão. Os egressos defenderam, com o mesmo percentual, a construção de projetos mais práticos e conectados com a realidade, mais divulgação dos projetos e o aumento de bolsas de extensão.

Finalizamos evidenciando as perspectivas da Extensão Universitária, sua legislação, que na prática, muitas vezes é deficitária, e os seus desafios à frente da curricularização. Entre eles estão: incluir 10% da extensão sem aumentar a carga horária total dos cursos; ampliar as ações extensionistas na graduação e pós-graduação e, finalmente, inserir na comunidade acadêmica uma discussão sobre a importância da Extensão Universitária para os discentes, na perspectiva de uma formação que caminhe para uma aprendizagem mais humana, mais ética, mais política em prol de uma sociedade que nos sustenta.

A curricularização chega, flexibilizando a graduação, mas enquanto a Extensão Universitária não tiver o mesmo percentual da pesquisa, ela sempre ficará a reboque de uma cultura que ainda resiste, principalmente, nas ciências exatas, em que a Extensão é um trabalho assistencialista e por isso de menor valoração.

Acredita-se que a curricularização só poderá fluir, com mais velocidade, dentro da comunidade acadêmica da UFPE, se esta deixar a departamentalização e passar para a nuclearização, isto é, fortalecer o sistema através de núcleos formativos constituído de cursos das mesmas áreas do conhecimento, com isso teremos um crescimento expressivo de projetos estruturadores.

A comunidade acadêmica deve entender que não cabe mais ver a extensão como um apêndice, de forma isolada, entre as funções da universidade, e sim incluída como parte indissociável do ensino e da pesquisa nas práticas pedagógicas de todos os currículos. A educação deve ser integral, isto é, o princípio da integralidade é basilar na Extensão Universitária, e isso só se concretizará quando deixarmos de olhar o currículo como um conjunto de disciplinas, e sim como um projeto político pedagógico integrado.

Foram vinte anos trabalhando na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, e seis anos estudando, mais profundamente, Extensão Universitária, com este estudo encerro um ciclo de amor, dedicação e respeito à extensão. É claro que a ligação será eterna. Quem é extensionista sempre será extensionista. Comprovei isto quando vi, nos olhos dos quinze egressos que entrevistei, após tantos anos fora da extensão,

um misto de saudade, alegria, entusiasmo e comprometimento. Esses sentimentos vão comigo pelo resto da vida, também com eles vão os ensinamentos do Mestre Freire que construiu uma pedagogia não só do diálogo, mas uma pedagogia de amor, amor ao ser humano, na busca de construir um mundo melhor para que a reflexão se torne ação mobilizadora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P. de. A Extensão Universitária: processo de aprendizagem do aluno na construção do fazer profissional. In: SÍVERES, L. (Org.). **Processos de aprendizagem na Extensão Universitária**. Goiânia: PUC, 2012. p. 53-77.

ALMEIDA, L. P. de; SÁ, S. M. de. Formação profissional no século 21: reflexões sobre aprendizagens a partir da Extensão Universitária. In: SÍVERES, L. (Org.). **A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília, DF, Liber Livro, 2013. cap. 4, p. 190-220.

ALMEIDA, L. P. de; SAMPAIO, J. H. Extensão Universitária: aprendizagens para transformações necessárias no mundo da vida. **Rev. Diálogos**, Brasília, DF, v. 14, n. 1, dez. 2010.

APPLE, M. W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional? In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 59-91.

ARAÚJO, E.; SILVA, A. R. da. Educação e cidadania: pressupostos para o compromisso social. In: SÍVERES, L. **A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília, DF: Liber Livro, 2013. p. 150-167.

ARDUINI, J. **Ética responsável e criativa**. São Paulo: Paulus, 2007.

BAKHTIN, M. **Estudos lingüísticos e literários**. [S. l.], 2012. Disponível em: <<http://aleletrasufal.blogspot.com.br/2012/11/mikhail-bakhtin.html>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOHRER, I. N. et al. A história das universidades: o despertar do conhecimento. In: JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO: a educação na sociedade dos meios virtuais, 14., 2008, Santa Maria. **[Trabalhos]**... Santa Maria: [s. n.], 2008. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/jne2008/Trabalhos/114.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

BOTOMÉ, S. P. Extensão Universitária: é necessário superar equívocos, identificar exigências, definir prioridades e ampliar as perspectivas para a universidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA: a identidade das IES Comunitárias, 9., 2003, Brasília, DF. **Anais...** Florianópolis: Univille, 2003. p. 71-103.

_____. **Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da Extensão Universitária**. Caixas do Sul: Ed. da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

BOTOMÉ, S. P. Sobre a noção de comportamento. In: FELTES, H. P. M.; ZILLES, U. (Org.). **Filosofia: diálogo de horizontes**. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 685-708.

BRANDÃO, Z. (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 35).

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. **Comissão analisa impacto de cortes no orçamento para universidades e institutos federais**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/05/31/comissao-analisa-impacto-de-cortes-no-orcamento-para-universidades-e-institutos-federais>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp>. Acesso em: 31 jan. 2017.

BRASIL. Constituição política do Império do Brasil (de 25 de março de 1824): carta de Lei de 25 de Março de 1824. Manda observar a Constituição Política do Império, oferecida e jurada por Sua Majestade o Imperador. Brasília, DF, 1824. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília, DF, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931**. Dispõe que, o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Brasília, DF, 1931. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19851.htm>. Acesso em: 15 maio 2013.

BRASIL. **Decreto-lei nº 53, de 18 de novembro de 1966**. Fixa princípios e normas de organização para as universidades federais e dá outras providências. Brasília, DF, 1966. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0053.htm>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BRASIL. **Decreto-lei nº 252, de 28 de fevereiro de 1967**. Estabelece normas complementares ao Decreto-Lei nº 53, de 18 de novembro de 1966, e dá outras providências. Brasília, DF, 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0252.htm>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BRASIL. **Decreto-lei nº 9.388, de 20 de junho de 1946.** Cria a Universidade do Recife e dá outras providências. Brasília, DF, 1946. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9388-20-junho-1946-417645-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 maio 2013.

BRASIL. **Decreto-lei nº 19.851, de 11 de abril de 1931.** Dispõe que, o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Brasília, DF, 1931. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19851.htm>. Acesso em: 15 maio 2016.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968.** Brasília, DF, 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm>. Acesso em: 20 dez. 2015.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001.** Aprova o plano nacional de educação e dá outras providências. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BRASIL. **Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012.** Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12612.htm>. Acesso em: 20 dez. 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de janeiro de 2014.** Aprova o plano nacional de educação – PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25 jan. 2014. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

BRASIL. **Medida Provisória nº 2.020, de 24 de março de 2000.** Institui a gratificação de incentivo à docência e dá outras providências. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/antigas/2020.htm>. Acesso em: 24 fev. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **O plano nacional de educação (2014/2024) em movimento**. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

_____. **ProExt**: apresentação. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12241&ativo=488&Itemid=48>. Acesso em: 17 jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sistema de informação e gestão de projetos: o que é**. Brasília, DF, 2017a. Disponível em: <<http://sigproj.mec.gov.br/?goTo=what&plataforma=5>>. Acesso em: 14 set. 2009.

_____. **Sistema de informação e gestão de projetos**: editais. Brasília, DF, 2017b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. **Planejando a próxima década**: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/conhecendo-o-pne>>. Acesso em: 24 de fev. 2016.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretária de Educação Superior. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas e Brasileiras**: indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Porto Alegre: UFGS; Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **Criada a gratificação de incentivo à docência**. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br/assuntos/relacoes-de-trabalho/noticias/criada-gratificacao-de-incentivo-a-docencia>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

BRASIL. Rede Nacional de Extensão. **Apresentação**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

_____. **O plano nacional de Extensão Universitária**. Brasília, DF, 2017. (Coleção Extensão Universitária, v. 2). Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

BUARQUE, C. et al. Prefácio e posfácio. In: MATOS, A. G. (Org.). **Pra que serve a universidade?** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

BUTZKE, N. **A universidade comunitária frente aos desafios de uma educação para a sustentabilidade ambiental**. 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2012.

CABANACH, R. G. et al. Uma aproximación teórica al concepto de metas académicas y su relación con la motivación escolar. **Psicothema**, Oviedo, v. 8, n. 1, p. 45-61, 1996.

CABRAL, R. C. **Mario Russo**: um arquiteto italiano racionalista em Recife. Recife: Ed. Universitária, 2006.

CARVALHO, Antônio Alfredo Teles de. **O pão nosso de cada dia nos dai hoje:** Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos no Brasil. 2007. 127 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARVALHO, F. G. B.; SÍVERES, L. A dinâmica motivacional no processo de aprendizagem na Extensão Universitária. In: SÍVERES, L. **A Extensão Universitária como princípio de aprendizagem.** Brasília, DF: Liber Livros, 2013. cap. 1, p. 37-54.

CAVALCANTI, F. A. R. **Educação para cidadania em tempos de esgarçamento da esfera pública.** 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

CENCI, A.; COSTAS, F. A. T. Subjetividade social e subjetividade individual nas dificuldades de aprendizagem. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 1., Curitiba, 2011. **Anais...** Curitiba: PUC, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5127_2476.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

COLL, C. **Psicologia e currículo:** uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. Tradução de Cláudio Schilling e revisão técnica de Monique Dehenzelin. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CONCEIÇÃO, F. M. da. O diálogo como elementos fundantes na construção de saberes. In: CONCEIÇÃO, F. M. da; MELO NETO, J. F. de (Org.). **Aprimorando-se com Paulo Freire em dialogicidade.** Recife: Bagaço, 2006. cap. 5, p. 79-94.

CORREIA, E. J. (Coord.). **Extensão Universitária:** organização e sistematização. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

CORREIA, E. J. et al. **Relatório do Grupo de Trabalho Sistema de Dados e Informações e RENEX.** In: FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 15., 1999, Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

COSTA, A. A. C. et al. Aprendizagem: o olhar da extensão. In: SÍVERES, L. et al. (Org.). **A Extensão Universitária como princípio de aprendizagem.** Brasília, DF: Liber Livros, 2013. cap. 2, p. 61-77.

COSTA-RENDERS, E. C.; SILVA, L. D. da. A extensão e o alargamento do espaço de ensino-aprendizagem na educação superior. In: SÍVERES, L. **A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem.** Brasília, DF: Liber Livros, 2013. cap. 2, p. 81-91.

CREMASCO, M. V. F. **Creditação curricular da extensão na UFPR:** fundamentos para uma proposta de resolução. [Curitiba], 2016. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2016/agosto/Projeto_Creditação_da_Extensao.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2016.

CUNHA, M. I. da. Aportes teóricos e reflexões da prática: a emergente reconfiguração dos currículos universitários. In: MASSETO, M. T. (Org.). **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 1998, p. 27-38.

DALBEN, Â. I. L. F.; VIANNA, P. C. M. **Manual do sistema de informação da extensão (SIEX/UFG)**. Belo Horizonte: UFG, 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/53848270/Manual-Siex-Ufmg>>. Acesso em: 31 maio 2015.

DAUSTER, T. A Fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores. **Rev. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 1-18, nov. 1999.

DELORS, J. et al. (Org.). **Um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Brasília, DF: Grupo Editorial UNESCO, 2010.

_____. _____. Brasília, DF: Grupo Editorial UNESCO, 1998.

DEMO, P. Desafio educativo e currículo intensivo na Universidade. **RBFP**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 71-89, maio 2009.

_____. **Desafios modernos da educação**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Lugar da extensão. In: FARIA, D. S. (Org.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília, DF: UNB, 2001. p. 141-158.

DELORS, J. et al. (Org.). **Um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília, DF: Grupo Editorial UNESCO, 2010.

DEZ tendências para o futuro da educação: a geração Z e as que virão ditam o perfil das instituições de ensino para os próximos anos. **Gazeta do Povo**, [S. l.], 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-tendencias-para-o-futuro-da-educacao-7892fycovfhuj8j2xo9qskbqb>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

DIAS SOBRINHO, J. Avaliação ética e política em função da educação como direito ou como mercadoria? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 103-725, out. 2004. Especial.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 115, p.139-154, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2012.

DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

FAGUNDES, J. **Universidade e compromisso social**: extensão, limites e perspectivas. 1985. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.

FARIA, D. S. de (Org.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, D. **A interdisciplinaridade**. Disponível em:
<<http://entrementes12c.blogspot.com.br/2012/11/a-interdisciplinaridade.html>>.
Acesso em 2 jul. 2017.

FORTUNA, V. A relação teoria e prática na educação em Freire. **Rev. Bras. Ensino Superior**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 64-72, 2016.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Extensão Universitária**: organização e sistematização. Belo Horizonte: Coopmed, 2001.

_____. **Manual sistema de informações de extensão (SIEX/UFMG)**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **Política nacional de Extensão Universitária**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. _____. Manaus, 2012. Disponível em:
<<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

_____. **Educação e mudança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Educação e Comunicação, v. 1).

_____. _____. 7. ed. Tradução de Moacir Gadottie e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a. (Coleção Educação e Comunicação, v. 1).

_____. _____. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 2014.

_____. **Educar como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. Escola. **Rev. da FAEEBA**, Salvador, v. 32, n. 7, p. 31-32, jan./jun. 1997. Disponível em: <<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero7.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. **Estudos Universitários**: revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v. 24/25, n. 5/6, p. 1-78, Dez. 2004/2005.

_____. **Extensão ou comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. _____. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa.** 34. ed. São Paulo: Paz e Terra 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. _____. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. _____. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b.

_____. _____. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. _____. 46. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

FREIRE, R. B. Extensão Universitária: do discurso à prática. **Participação**, Brasília, DF, n. 5, p. 22-24, 2001.

GADOTTI, M. **Educação brasileira contemporânea desafios do ensino básico.**

São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1997. Disponível em:

<http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3393/FPF_PTPF_01_0416.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. **Interdisciplinaridade: atitude e método.** [S. l.: s.n.], 1999. Disponível em:

<<http://ftp-acd.puc-campinas.edu.br/pub/professores/cchsa/lucianeoliveira/Planejamento%20de%20Ensino/Tema%202%20-%20Interdisciplinaridade/Texto%202%20-%20Interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

GARCIA, B. R. Z.; BOHN, L. R. D.; ARAÚJO, M. I. S. Universidade e Extensão Universitária: uma relação dialógica entre formação profissional e compromisso social. In: SÍVERES, L. (Org.). **A Extensão Universitária como princípio de aprendizagem.** Brasília, DF: Liber Livros, 2013. cap. 4. p. 171-182.

GARCIA, J. P. **Breve percurso histórico para pensar a questão dos PCNs na educação brasileira.** [S. l.], 2011. Disponível em:

<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0293.html>>. Acesso em: 08 ago. 2015.

GAUTHIER, J. O que é pesquisar: entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e culturas de resistência. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 20, n. 69, p. 13-33, 1999.

GENTILI, P.; ALENCAR, C. **Educar na esperança em tempos de desencantos: com um epílogo do subcomandante Marcos sobre as crianças zapatistas.** Petrópolis: Vozes, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 220p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILES, T R. **História da Educação**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária Ltda., 1987.

GONZATTI, S. E. M. Percurso aprendente do estudante na Extensão Universitária. In: SÍVERES, L. (Org.). **Processos de aprendizagem na Extensão Universitária**. Goiânia: PUC, 2012. p. 81-96.

GURGEL, R. M. **Extensão Universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez, 1986.

GUSDORF, G. Reflexões sobre a interdisciplinaridade. **Rev. Convivium**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 19-50, jan./fev.1985.

INSTITUTO PAULO FREIRE. Paulo Freire: patrono da educação brasileira. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

JANTKE, R. V. del R.; CARO, S. M. P. A extensão e o exercício da cidadania. In: SÍVERES, L. et al. (Org.). **Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília, DF: Liber Livros, 2013. cap. 3, p. 97-106.

JAPIASSU, H. A atitude interdisciplinar no sistema de ensino. **Tempo Bras.**, Rio de Janeiro, n. 108, p. 83-94, jan./mar. 1992.

JEZINE, E. **A crise da universidade e o compromisso social da Extensão Universitária**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2006.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a Extensão Universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

JORGE, J. S. **A ideologia de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1981.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAGE, A. Extensão e formação em perspectiva. In: VILLARROEL, D. B. M.; OLIVEIRA, J. S.; NUNES, M. C. de M. **NEXC-UFPE - Encontro de extensão e cultura da UFPE: história, memória e perspectivas**: 2015. Recife: Ed. Universitária, 2015. cap. 6, p. 90-103.

LARROSA, J. de. Introdução. In: _____. (Org.). **Psicologia e educação: o significado do aprender**. 7. ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LIRA, A. M. O que é Extensão Universitária? **Rev. Bras. Extensão**, João Pessoa, v.1, n. 2, p. ?, set. 1996.

LÚCIO, R. **Teatro Joaquim Cardozo UFPE**. Disponível em: <<http://teatrojoaquimcardozoufpe.blogspot.com.br/p/sobre-o-tjc.html>>. Acesso em: 20 maio 2016.

MAÇANEIRO, N. T. Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios. **Contrapontos**, Itajaí, v. 5, n. 3, p. 501-504, 2009.

MACIEL, L. R. Política nacional de extensão: perspectivas para a universidade brasileira. **Participação**, Brasília, DF, n. 18, p. 17-27, 2010.

MAGALHÃES, H. G. D. Indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão: tensões e desafios. **ETD**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 168-175, jun. 2007.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARTINELLI, M. L. **O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social**. São Paulo: NEPI, 1994. (Caderno do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade, n. 1).

MEIHY, J. C. S. B. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, J. R. **A Extensão Universitária na UFPE**: uma análise sobre a produção extensionista na perspectiva docente 2004-2009. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Pública para o Desenvolvimento do Nordeste) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

MELO NETO, J. F. (Org.). **Extensão Universitária**: diálogos populares. Ed. Universitária, 2002.

MINAYO, M. C. S. et al. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRANDA, G. L.; NOGUEIRA, M. D. P. (Org.). **Política nacional de extensão**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

MONROE, P. **História da educação**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Educação**: revista da Faculdade de Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, A. F. O currículo como política e a formação docentes. In: SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. (Org.). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 82-113.

MOREIRA, R. N. P. **História e memória**: algumas observações. [S. l.], 2012. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

MOTTA, P. R. **Gestão contemporânea**: a ciência e a arte de ser dirigente. Rio de Janeiro: Record, 1991.

NOGUEIRA, M. D. P. (Org.). **Extensão Universitária**: diretrizes conceituais e políticas: documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

_____. **Políticas de Extensão Universitária brasileira**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

NUNES, C.; ROSAS, J. **Panorama da extensão na UFPE**. Recife: Ed. Universitária, 2005.

OLIVEIRA, J. **Novo corte de verbas deixa universidades federais alarmadas**. [S. l.], 2016. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2016/08/12/internas_educacao,793358/novo-corte-de-verbas-deixa-universidades-federais-alarmadas.shtml>. Acesso em: 13 abr. 2017.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky**. São Paulo: Scipione, 1993.

PAULO Freire: biografia. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/biografia/07_biografia_cronologia.html>. Acesso em: 13 jul. 2012.

PEDUZZI, M. et al. Educação interprofissional: formação de profissionais de saúde para o trabalho em equipe com foco nos usuários. **Rev. Esc. Enferm. USP.**, São Paulo, v. 47, n. 4, p. 977-983, 2013.

PEDRA, J. A. **Currículo, conhecimento e suas representações**. 1992. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

PILETTI, C.; PILETTI, N. **História da educação de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2014.

QS world university rankings® 2015/16. Disponível em: <<https://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings/2015>>. Acesso em: 28 out. 2016.

QUEIROZ, L. R. S. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: perspectivas para o campo da etnomusicologia. **Claves**, João Pessoa, n. 2, p. 87-98, nov. 2006. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/claves/pdf/claves02/claves_2_pesquisa_quantitativa.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003. v. 3, p. 76-97.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 15. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 1998.

RICHTER, L.; LOPES, G. M. do N.; FREITAS, D. S. Currículo, formação de professores e uso de imagens no ensino. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 2., Santa Maria, 2006. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 2006. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/006e5.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2016.

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROSAS, P. **Papéis avulsos sobre Paulo Freire**. Recife: Ed. Universitária, 2003.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SALES, I. C. **Saber e poder: elementos de teoria e de metodologia**. Recife: COMUNIGRAF, 2010.

SANTIAGO, E. Cátedra Paulo Freire: reconhecimento institucional, preservação da memória e espaço de produção e socialização da pedagogia de Paulo Freire. **Estud. Univ.**, Recife, n. 24, p. 65-68, dez. 2009.

_____. Formação, currículo e prática pedagógica em Paulo Freire. In: BATISTA NETO, J.; SANTIAGO, M. E. (Org.). **Formação de professores e práticas pedagógicas**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006, p. 73-87.

SANTIAGO, E. et al. **Apresentação da cátedra Paulo Freire**. Recife: UFPE, 2015. Disponível em: <<http://www.catedrapaulofreireufpe.org/sobre-a-catedra/apresentacao/>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

_____. **Paulo Freire e a educação libertadora: memórias e Atualidade**. Recife: Ed. Universitária, 2013.

SANTIAGO, M. E. **Escola pública de primeiro grau: da compreensão à intervenção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SANTOS, B. de S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleções Questões da Nossa Época, v. 11).

SANTOS, B. de S. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, L. H. et al. (Org.). **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre Sulina, 1996. p. 15-33.

SANTOS, E. M. M. (Org.). **Atas do Conselho, da Assembleia Universitária e da Comissão Designativa do reitorado de João Alfredo e vice-reitorado de Newton Maia da Universidade do Recife-junho de 1959 a agosto e 1964**. Recife: Ed. Universitária, 2010.

SANTOS JÚNIOR, A. L. **A Extensão Universitária e os entre-laços dos saberes**. 2013. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SÃO PAULO. **Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934**. Crea a Universidade de São Paulo e dá outras providências. São Paulo, 1934. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/leginf/criacao/decreto6283.htm>>. Acesso em: 10 dez 2016.

SBARDELINI, H. B. **A Extensão Universitária: desenvolvimento e perspectivas**. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005.

SCHMIDT, E. S. Currículo: uma abordagem conceitual e histórica. **Publ. UEPG: Ciên. Hum. Linguist. Let. Artes**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 59-69, jun. 2003.

SERRANO, R. M. S. M. **Conceitos de Extensão Universitária: um diálogo com Paulo Freire**. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2010.

_____. Extensão Universitária: um projeto político e pedagógico em construção nas universidades públicas. **Participação**, Brasília, DF, ano 5, n. 10, p. 26-28, 2001.

SILVA, A. R. **A contribuição da extensão na formação do estudante universitário**. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2011.

SILVA, A. R. et al. (Org.). Extensão Universitária e formação profissional: processo de aprendizagem e procedimento de desenvolvimento sustentável. In: SÍVERES, L. et al. (Org.). **A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem: a extensão e a formação profissional**. Brasília, DF: Liber Livro, 2013. cap. 4, p. 183-194.

SILVA, C. I. O. et al. Interdisciplinaridade na Extensão Universitária e construção de saberes em assentamentos pernambucanos. **Veredas: rev. Eletrônica de Ciênc.**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 98-117, 2016.

SILVA, M. G. M. **Extensão: a face Social da Universidade?** Campo Grande: Ed. da UFMS, 2000.

SILVA, O. O que é Extensão Universitária. **Integração**: ensino, pesquisa e extensão, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-149, maio 1997.

SILVA JUNIOR, E. A. **O reitorado de João Alfredo na Universidade do Recife-UR (1959-1964)**: patrimonialismo populista e modernização científica. 2012. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE NÍVEL SUPERIOR DAS IFES. MEC anuncia corte de 20% no orçamento 2017 das universidades federais. Viçosa, MG, 2017. Disponível em: <<http://atens-sn.org.br/?clipping=mec-anuncia-corte-de-20-no-orcamento-2017-das-universidades-federais>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SÍVERES, L. A extensão como um princípio de aprendizagem. **Rev. Diálogos**, Brasília, DF, v. 10, n. 10, p. 8-17, dez. 2008.

_____. O princípio da aprendizagem na Extensão Universitária. In: SÍVERES, L. (Org.). **A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília, DF: Liber Livro, 2013. p. 19-33.

_____. **Universidade**: torre ou sino? Brasília, DF: Universa, 2006.

SÍVERES, L. (Org.). **A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília, DF: Liber Livro, 2013.

SOARES, L. T. R.; FERREIRA, L. F. G. (Org.). **Política nacional de Extensão Universitária**. Florianópolis: UFSC, 2012.

SOARES, V. L. A. O papel social das IES: contribuição do ensino superior particular. **Rev. CESA**, Belém, n. 6, p. 8, out. 2003.

SOUZA, A. L. L. O papel articulador da Extensão Universitária. **Participação**, Brasília, DF, v. 4, n. 7, p. 9-11, 2000.

SOUZA, S. M. G. Prefácio. In: SÍVERES, L. **A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília, DF: Liber Livro, 2013. p. 11-18.

SOUZA, J. D. de. **Manual de sistema de informações de extensão SIEXBRASIL**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2003.

SOUZA, J. F. de. **Atualidade de Paulo Freire**: contribuição ao debate sobre educação na diversidade cultural. Recife: Bagaço: Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular da UFPE, 2001.

SOUZA, M. R. et al. (Org.). **Extensão Universitária**: um canal em dupla-mão. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1986.

TAVARES, C. A. R.; FREITAS, K. S. de. Formação dos profissionais da educação básica: as contribuições da Extensão Universitária. In: CONGRESSO IBERO

AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 3., 2012, Espanha. **Anais...** Espanha: Anpae, 2012. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/ChristianeAndradeRegisTavares_res_int_GT3.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

TOALDO, O. A. **A dimensão humana da universidade**: fundamentação e estratégias. Santa Maria: Imprensa Universitária, 1977.

TORRES, R. M. **Que (e como) é necessário aprender?** Necessidades básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

TURINE, M. A. S. **Sistema de Informação da Extensão Universitária**: tecnologia a serviço da gestão de políticas públicas. In: ENCONTRO NACIONAL DO FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 13., 2007, Brasília, DF. Slides.

UNESCO. **Década da educação das Nações Unidas para um desenvolvimento sustentável, 2005-2014**: documento final do esquema internacional de implementação. Brasília, DF, 2005.

_____. **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI-2010. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

UNESCO. Comitê de Redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Paris, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso 15 de junho.2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Tecnologia a serviço da gestão de políticas públicas**. Brasília, DF, 2007. 1 folder.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Extensão. **Cadastro das universidades do SIEX** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jowania.rosas@hotmail.com> em 25 abr. 2016.

_____. **Manual do sistema de informação da extensão (SIEX/UFMG)**. Belo Horizonte, 2009.

_____. **Manual SIEX**. Belo Horizonte, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Galeria dos ex-reitores**. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ufpenova/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=190h>. Acesso em: 10 dez. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Assessoria de Comunicação Social. **Titulo**. Recife, ano. Disponível em: <>. Acesso em: 10 dez. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. **Linhas de pesquisa**. Recife, 2009. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/ppgedu/?pg=paginas|linhasdepesquisa-html>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão. Portaria nº 2, de 8 de fevereiro de 1962.

_____. Portaria nº 04, de 2005. Recife, 2005. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/index.php?option=com_content&view=article&id=%20468&Itemid=314>.

_____. **Resolução nº 03, de 10 de junho de 2014**. Estabelece critérios e normas para fins de progressão funcional e promoção na carreira de Professor de Magistério Superior. Recife, 2014. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ufpenova/images/conselhos_superiores/universitario/res%2003%202014%20consuniv%20progressao%20docente.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2015.

_____. **Resolução nº 04, de 10 de novembro de 1997**. Dispõe sobre as atividades de extensão e dá outras providências. Recife, 1997. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/progepe/images/boletins/Conselho/RESOLUCOES-CCEPE/1997/resolucoes1997%204.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

_____. **Resolução nº 06, de 1 de setembro de 2005**. Dispõe sobre procedimentos para creditação de atividades de pesquisa, extensão e monitoria nos cursos de graduação da UFPE. Recife, 2005. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/progepe/images/boletins/Conselho/RESOLUCOES-CCEPE/2005/resolucoes2005%205.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

_____. **Resolução nº 09, de 4 de julho de 2007**. Dispõe sobre as atividades de extensão e dá outras providências. Recife, 2007. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/proexc/images/documentos/resolucao%2009-2007-ccepe.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

_____. **Resolução nº 09, de 4 e 5 de julho de 2017**. Regulamenta a inserção e o registro da Ação Curricular de Extensão (ACEx) como carga horária nos Projetos Pedagógicos de Cursos de Graduação da UFPE. Recife, 2017a. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/398575/400862/Res+n%C2%BA+09+2017-CCEPE+%28Regulamenta+a+inser%C3%A7%C3%A3o+da+A%C3%A7%C3%A3o+Curricular+de+Extens%C3%A3o+no+PPC%29.pdf/fe75f6b0-fd31-4db7-be81-f43450671f38>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

_____. **Resolução nº 10, de 4 e 5 de julho de 2017**. Regulamenta a avaliação das condições de ensino na UFPE. Recife, 2017b. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/38962/592021/bo58.pdf/185fd6e2-7e2e-4166-9154-eb95b7216e1f>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 11, de 4 e 5 de julho de 2017.** Dá nova redação aos artigos 18, 22, 29 e 47 da Resolução nº 10/2008 CCEPE, alterada pelas Resoluções nº 01/2012 e 11/2014. Recife, 2017c. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/38962/592021/bo58.pdf/185fd6e2-7e2e-4166-9154-eb95b7216e1f>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

_____. **Resolução nº 12, de 4 e 5 de julho de 2017.** Altera a Resolução n 2/2011 do CCEPE, de 12 de abril de 2011. Recife, 2017d. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/38962/592021/bo58.pdf/185fd6e2-7e2e-4166-9154-eb95b7216e1f>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

_____. **Resolução nº 12, de 23 de maio de 2013.** Dispõe sobre procedimentos para creditação de atividades complementares nos cursos de graduação da UFPE. Recife, 2005. Disponível em: <https://www.ufpe.br/def/images/res_2013_12_ccepe_cred_ativ_compl_grad_1.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Grupo de Apoio Ao Planejamento Estratégico (Org.). **Plano estratégico institucional UFPE: 2013-2027.** Recife, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão. **Atribuições da Coordenação de Gestão da Extensão - CGE.** Disponível em: <<https://www.ufpe.br/proexc/images/documentos/equipe-organograma/atribuicoes%20cge.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2015a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **A Proexc.** Disponível em: <https://www.ufpe.br/proexc/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=71>. Acesso em: 08 jul. 2015b.

_____. **Cátedra UFPE Paulo Freire:** apresentação. Disponível em: <<http://www.catedrapaulofreireufpe.org/sobre-a-catedra/apresentacao/>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

_____. **Edital PROExC 03/2017 – PIBExC 2017:** bolsas e apoio financeiro aos projetos de extensão, de pesquisa-ação e/ou inovação. Recife, 2017. Disponível em: <https://www3.ufpe.br/proexc/images/editais2017/PIBExC_2017_DEFINITIVO_1.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.

_____. **Manual de extensão.** Recife, 2008. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/proexc/images/documentos/manual-extensao-2008.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____. **Programa Bia.** Recife, 2009. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/proexc/images/documentos/manual-extensao-2008.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Grupo Técnico de Acompanhamento de Projetos de Extensão. **Diretrizes para as ações de Extensão Universitária**. Recife, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Grupo Técnico de Acompanhamento de Projetos de Extensão. **Diretrizes para as ações de Extensão Universitária**. Recife, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA. . **Organograma da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura**. 2017. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/proexc>>. Acesso em: 01 set. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Creditação curricular da extensão na UFPR**: fundamentos para uma proposta de resolução. Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2016/agosto/Projeto%20Creditacao%20da%20Extensao.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

VERAS, D. B. **Sociabilidades letradas no Recife**: a revista estudos universitários (1962-1964). Recife: Ed. Universitária, 2012.

VERAS, D. B.; MENDONÇA, D. B. A. Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do serviço de extensão cultural. **Estud. Univ.**: rev. cultura, Recife, n. 24, p. 11-21, dez. 2009.

VIEIRA, M. C. **Memória, história e experiência**: trajetórias de educadores de jovens e adultos no Brasil. 2006. 384 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VILLARROEL, D. B. M.; OLIVEIRA, J. S.; NUNES, M. C. M. (Org.). **ENEXC-UFPE - Encontro de Extensão e Cultura da UFPE**: história, memória e perspectivas -2015. Recife: Ed. Universitária, 2016. No prelo.

WOLFF, R. P. **O ideal da universidade**. São Paulo: UNESP, 1993.

ZANELLA, L. Aprendizagem: uma introdução. In: LARROSA, J. de (Org.). **Psicologia e educação**: o significado do aprender. 7. ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2003.

XAVIER, M. E. S. P.; RIBEIRO, M. L. S.; NORONHA, O. **História da educação**: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994. (Coleção Aprender e Ensinar).

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookmam, 2001.

APÊNDICE A - Questionário ON-LINE**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO DA UFPE - Doutorado**

Prezado (a) Egressos da UFPE

Sou doutoranda da Pós-graduação em Educação e servidora da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura -PROExC. Gostaria de contar com sua colaboração no presente estudo que tem como título provisório:

**A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOS EGRESSOS
DA UNIVERSIDADE FEDERALDE PERNAMBUCO (2003-2010)**

Vale ressaltar que sua cooperação é voluntária e sigilosa, sendo os dados utilizados exclusivamente para fins da pesquisa, e que serão apresentados em eventos de natureza científica e/ou publicados, sem expor a identidade dos participantes.

É FÁCIL. ACESSE O LINK ABAIXO E RESPONDA O QUESTIONÁRIO ON-LINE.

Agradecemos, antecipadamente, a sua valiosa contribuição.

Jowania Rosas

e-mail Jowania.rosas@ufpe.br

cel 81-988118890



PESQUISA DE EXTENSÃO

A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOS EGRESSOS DE PROJETOS DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO NO PERÍODO DE 2003 A 2010.

*Obrigatório

Nome

Confirme seu e-mail. Caso tenha mais um favor informar *

Qual seu sexo? *

- ☐ Feminino
☐ Masculino

Qual foi seu Centro? *

- ☐ CAA
☐ CAV
☐ CAC
☐ CCB
☐ CCEN
☐ CCJ
☐ CCS
☐ CCSA
☐ CE
☐ CFCH
☐ CIN
☐ CTG

Qual era a sua participação no projeto? *

☐ Bolsista

☐ Voluntário

☐ Outro:

Quanto tempo participou de projeto de extensão? *

☐ 01 anos

☐ 02 anos

☐ 03 anos

☐ 04 anos

☐ Outro:

Participar de projetos de extensão contribuiu para seu CRESCIMENTO ACADÊMICO? *

☐ sim

☐ não

Caso positivo por que? *

Participar de projetos de extensão contribuiu para seu CRESCIMENTO PROFISSIONAL? *

☐ sim

☐ não

Caso positivo por que? *

Enviar

Nunca envie senhas em Formulários Google.

APÊNDICE B - Respostas da 1ª Pesquisa

nr.	Qual seu sexo?	Qual foi seu Centro?	Qual foi seu curso?	Qual era a sua participação no projeto?	Quanto tempo participou de projeto de extensão?	CRESCIMENTO ACADÊMICO?	Caso positivo por quê?	CRESCIMENTO PROFISSIONAL?	Caso positivo por quê?
D01	Feminino	CAC	Letras	Bolsista	02 anos	sim	Abriu portas para participação em eventos, possibilitou aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na Graduação, incentivou o aprofundamento teórico em áreas necessárias para o Projeto de extensão	sim	Ofereceu uma visão mais ampla da forma como poderia trabalhar
D02	Feminino	CAC	Biblioteconomia	Voluntário	01 ano	sim	Contribui para o processo de amadurecimento intelectual e social	sim	A extensão é uma projeção sobre a atividade profissional de um futuro próximo
D03	Masculino	CAC	Rádio e TV	Bolsista	02 anos	sim	Porque pude ter acesso a muitas áreas que um estágio não oferecia	sim	Acredito que a responsabilidade da execução e planejamento do projeto não foi delegado a uma empresa, supervisor, etc. ficou comigo
D04	Masculino	CCB	Licenciatura em Ciências biológicas	Voluntário	02 anos	sim	ajudou muito no currículo para as seleções da pós.	sim	serviu como aprendizado na prática como professor
D05	Feminino	CCB	Biomedicina	Voluntário	03 anos	sim	Pois é possível levar e aprender o conhecimento fora do centro universitário	sim	Com o projeto de extensão é possível aumentar e desenvolver aptidões como o compromisso e responsabilidade que são importantes para a vida profissional
D06	Feminino	CCEN	licenciatura em Matemática	Bolsista	03 anos	sim	Fez com que eu escolhesse a minha carreira, pois mudei de curso fazia engenharia e passei para a licenciatura	sim	a escolha da profissão
D07	Masculino	CCJ	Direito	Voluntário	07 anos - de 2002 a 2008 - durante os 05 anos da graduação e os 02 anos do mestrado	sim	Porque o Najup (o Núcleo de Assessoria Jurídica Popular Direito nas Ruas) oportuniza o contato dos estudantes com os sujeitos políticos organizados em movimentos sociais e com os conflitos que esses sujeitos atravessam. Enquanto a sala de aula da Faculdade de Direito manejavam as normas como abstrações; com o Najup era possível sentir as normas materialmente, na dureza da arma apontada por policial a uma liderança do MST, por exemplo. Mas esta não era uma aproximação entre "teoria" e "prática". Mais: tratava-se de uma Práxis que punha em xeque a validade da teoria.	sim	Porque apreendi o gosto pela educação, através de educação popular, o gosto pela reflexão e, claro, o encontro com as lutas sociais, das quais nunca mais me desliguei. Tornei-me professor universitário em razão do NAJUP, para que mais Núcleos pudessem existir
D08	Feminino	CCS	Biomedicina	Bolsista	01 ano	sim	Sim, pois tive oportunidade vivenciar a pesquisa científica, o que deu início ao meu interesse pela área acadêmica. Pude ainda dar uma retorno à sociedade durante a realização do projeto, aplicando os conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação.	sim	Sim, pois no projeto pude iniciar a prática da minha profissão, o que me despertou interesse em aprender cada vez mais. O projeto de extensão foi fundamental para confirmar a minha afinidade com a área de formação escolhida.
D09	Feminino	CCS	Fonoaudiologia	Bolsista	01 ano	sim	Porque me possibilitou ter uma prática diferente da clínica escola	sim	Trouxe uma visão mais ampla da realidade da profissão e como trabalhar em diversas áreas.
D10	Feminino	CCS	enfermagem	Bolsista	02 anos	sim	ampliou meu leque de conhecimentos extramuros	sim	desenvolveu minha paixão pela saúde pública
D11	Feminino	CCS	Fonoaudiologia	Voluntário	07 anos	sim	Principalmente pela troca de conhecimento	sim	Aprimoramento através da prática

D12	Masculino	CCS	MEDICINA	Voluntário	04 anos	sim	Estimulou a aquisição dos conhecimentos necessários à prática extensionista	sim	Estimulou a minha visão intersectorial /comunitária, entendendo o que conhecimento produzido na universidade é melhor validado quando empregado em ações que levem retorno à sociedade
D13	Feminino	CCS	enfermagem	Voluntário	01 ano	sim	permitiu ampliar conhecimentos, ir além da sala de aula	sim	Porque permitiu maior contato com determinantes e condicionantes de saúde
D14	Feminino	CCS	enfermagem	Voluntário	01 ano	sim	A extensão que participei me mostrou um aspecto pouco estudado no curso de graduação em enfermagem, o dos transplantes de órgãos e tecidos e todo o processo envolvido	sim	Além da expansão do conhecimento, através da extensão consegui identificar quais possíveis caminhos profissionais que poderia seguir, embora tenha optado por outra forma de atuação diferente daquela do projeto de extensão
D15	Feminino	CCS A	secretariado	Bolsista	02 anos	sim	consegui ter uma visão mais ampla do curso	sim	deu-me subsídios para ingressar no mercado de trabalho
D16	Feminino	CCS A	Serviço Social	Bolsista	02 anos	sim	A partir dos projetos de extensão participei de congressos, publiquei trabalhos e um artigo na Revista Estudos Universitários da UFPE. Meu desenvolvimento em sala de aula melhorou e aumentou meu interesse pela pesquisa, influenciando diretamente na minha continuidade na Universidade, hoje como Pós-Graduanda.	sim	Sem dúvidas o contato com a população nos projetos que participei foi primordial. O capital cultural e social das comunidades no qual estávamos inseridos contribuiu na minha formação profissional e humana. Aprendi a partir da extensão a importância do diálogo com a cultura popular e de como a universidade ganha com a continuidade desse diálogo.
D17	Masculino	CCS A	Administração	Bolsista	01 ano	sim	Currículo	não	Pouco valor mercadológico
D18	Masculino	CE	pedagogia	Bolsista	03 anos	sim	ficar mais próximo da realidade. porque estava na matriz.	sim	coloquei em prática o que aprendi
D19	Masculino	CE	Vestibular Solidário (Matemática)	Voluntário	02 anos	não	Já era formado	não	minha área profissional não tem relação com o ensino
D20	Feminino	CFC H	Psicologia	Bolsista	02 anos	sim	Os projetos de extensão que foi parte permitiram que eu realizasse atividades tanto no âmbito da pesquisa como atuasse no campo. Como pesquisa, contribuiu bastante para aprender a construção de pesquisas científicas.	sim	Para mim, como psicólogo, foi bastante interessante, pois pude fazer atendimentos psicológicos a partir de um dos projetos de extensão que fiz parte.
D21	Masculino	CFC H	história	Bolsista	06 anos	sim	Fez encarar a universidade de outra forma	sim	Sim, pois foi na prática que havia nele que pude encontrar diversas formas de trabalhar na minha área
D22	Feminino	CFC H	História	Voluntário	01 ano	sim	Atuei na área de educação.	sim	Foi a primeira vez que dei aula, foi à primeira experiência profissional e contribui em um projeto voluntário

APÊNDICE C – Roteiro da Entrevista**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO DA UFPE - Doutorado**

- 1. PREENCHER OS DADOS DO DEPOENTE**
- 2. ESCLARECER QUE A ENTREVISTA SERÁ GRAVADA, TRANSCRITA E ENVIADA PARA O DEPOENTE AUTORIZAR A CESSÃO**
- 3. SOLICITAR A ASSINATURA DA CARTA DE CESSÃO, ESCLARECENDO QUE A MESMA SERÁ TRANSCRITA E ENVIADA POR E-MAIL PARA LEITURA. CASO ESTEJA TUDO CERTO O DEPOENTE ENVIA UM E-MAIL AUTORIZANDO A UTILIZAÇÃO DA MESMA NA PESQUISA**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO DA UFPE - Doutorado**



APÊNDICE D - Dados do Depoente

NOME COMPLETO:
DATA DE NASCIMENTO:
EMAIL:
ENDEREÇO:
TELEFONE CEL:
CENTRO/CURSO:
CATEGORIA: ()BOLSISTA ()VOLUNTÁRIO
NOME DO PROJETO:
PERÍODO DE PARTICIPAÇÃO DO PROJETO:
NOME DO COORDENADOR:
FÊZ MAIS ALGUM CURSO: Graduação, mestrado, doutorado



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFPE - Doutorado



APÊNDICE E - Carta de Cessão de Direitos Autorais sobre o Depoimento

Pelo presente documento, eu, _____

CPF nº _____

_____, declaro, ceder ao [Programa de Pós-Graduação Em Educação DA UFPE – Doutorado,], sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao [Projeto **A EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (2003-2010)**].

O [PPGE/UFPE] fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do depoente



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFPE - Doutorado



APÊNDICE F - 2º Questionário para as Entrevistas

- 1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?
- 2) Quais foram às *aprendizagens mais importantes* que você desenvolveu no projeto de extensão?
- 3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?
- 4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? Sim - Não. Por quê?
- 5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?
- 6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?
- 7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?
- 8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?
- 9) Qual (ais) a (s) sua (s) *sugestão (ões)* para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

APÊNDICE G - Respostas dos Depoentes

DEPOENTE - D01	222
DEPOENTE - D02	225
DEPOENTE - D04	226
DEPOENTE - D05	228
DEPOENTE - D07	232
DEPOENTE - D08	239
DEPOENTE - D09	241
DEPOENTE - D10	243
DEPOENTE - D12	245
DEPOENTE - D14	247
DEPOENTE - D15	251
DEPOENTE - D16	252
DEPOENTE - D18	257
DEPOENTE - D20	259
DEPOENTE - D21	261

DEPOENTE – D01

1. Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Quando eu entrei na universidade, com a aluna escola pública, aí eu fui convocada pela PROEXT, para receber essa bolsa, era uma bolsa de incentivo acadêmico para incentivar a permanência dos alunos de escola pública na universidade, principalmente no primeiro ano dele a universidade. Então eu fui convocada para participar do projeto que tinha por premissa fazer com que os alunos permanecessem, porque eles observavam que o primeiro ano era o mais crítico para os alunos que vinham de escola pública. Tinha muita gente que passava, mas acabava abandonando no primeiro, no segundo período porque não conseguia se manter na universidade, porque tinha a questão de deslocamento, de passagem, de alimentação, para passar lá o dia, e tinha muita gente também que sentia dificuldade com relação ao nível mesmo da universidade, então sentia dificuldade de se encaixar, então era um jeito que eles encontraram em parceria com Secretaria de Educação do Estado com a Reitoria para poder manter esse pessoal.

2. Quais foram às *aprendizagens mais importantes* que você desenvolveu no projeto de extensão?

Eu pude me inteirar mais de alguns conhecimentos que eu ia usar durante, porque esse projeto extensão eu fiz logo no começo, no finalzinho do primeiro período, já no comecinho do segundo. Então eu tive a oportunidade de entrar em contato, para poder até para elaborar projeto, para ter uma noção das coisas, eu tive a oportunidade de entrar contato com várias teorias que foram importantes para mim ao longo de todo o curso. Então noções sobre o ensino de língua portuguesa, noções sobre o ensino de leitura, sobre ensino de produção de texto. Dentro dessas noções mais modernas, dentro da perspectiva do ensino. Então eu tive a oportunidade de entrar já no começo do curso, entrar em contato com essas teorias que eu ia ver, eu ia precisar para o resto do curso e eu preciso até hoje para meu trabalho.

3. Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? **Sim - Não. Por quê?**

Pouco, pouco. Eu acho que quando eu entrei no meu projeto, o projeto ainda era muito recente, ele tinha, acho que fui o segundo grupo, de segundo ano em que eles estavam aplicando esse projeto. Então eu achei ainda pouco esse diálogo, eu acho que poderia ter sido mais bem elaborado, poderia ter sido melhor. Fiquei sabendo depois que o projeto foi se aprimorando. Eu tive a oportunidade de saber como ele estava caminhando mais na frente e eu vi que ele melhorou muito, então assim, a forma de trabalhar, a aplicação do trabalho de extensão na escola melhorou muito. Na minha época eu achei um pouquinho vago. Eu acho que o diálogo foi um pouco falho. Poderia ter sido melhor. A da forma como eu voltei para a escola, a minha preparação para poder aplicar esse seu trabalho na escola, eu achei um pouco vago

4. Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? **Sim - Não. Por quê?**

Não é porque não era bem o foco do meu projeto acabou existindo a interdisciplinaridade porque eu voltei para escola ... acabei entrando em contato com outros profissionais, mas todos na área de educação ...e também interprofissionalidade porque eu tive que lidar com os profissionais que

trabalham na escola que era o meu caso... mas não era o foco do meu projeto mas não era p também não era especificamente a interdisciplinaridade mas assim não realmente não era o foco do projeto que eu participei não

5. Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Sim bastante eu tive que ver os três Campos na eu tive que trabalhar com a pesquisa, eu tive que me aprofundar no conteúdo para poder aplicar para poder ter a extensão, eu tive que trabalhar com ensino que era ensinado pela minha professora que foi minha orientadora para mim quanto eu para os alunos não é afinal de contas no projeto era trabalhar diretamente com alunos, então assim eu consegui viver perfeitamente a indissociabilidade, realmente não estava separado o ensino pesquisa extensão estar meio todo mundo trabalhando junto, então eu consegui perceber sim essa indissociabilidade E aí é isso eu consegui ver os três eu consegui aprender o que era cada um deles o que era ensino, o que era trabalhar com o ensino, trabalhar com pesquisa o que era trabalhar com a extensão Qual é a ideia deles e como eles têm que está interligado Tenho que pensar Quem é essa minha extensão que é esse público das extensão para poder pesquisar poder ensinar a passar de outro jeito então Percebi sim

6. Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Houve muito, muito mesmo ... como é projeto de extensão ele foi logo no começo do curso foi no estava no finalzinho do primeiro período para começar o segundo para mim foi importantíssimo, eu de cara tive oportunidade de entrar em contato com aquilo que eu ia fazer pelo resto da minha vida com aquilo que eu trabalhar no curso isso me deu uma outra visão... é uma visão mais crítica a partir dali com relação ao que eu estava estudando, ao que eu ia trabalhar, o que eu encontrar lá na frente me ajudou com as disciplinas Mas a frente quando eu fui trabalhar com disciplina de educação então eu já tinha passado eu já tinha tido contato com questões de educação eu já tinha entrado em contato com o que eu ia trabalhar então ela me ajudou até uma visão mais acadêmica, mais crítica e assim para mim, particularmente, e foi uma super oportunidade de entrar em contato com o que ele queria fazer para o resto da vida né então ajudou muito no meu crescimento acadêmico me ajudou a entender como preparar um como preparar um projeto né Qual é a importância de Pesquisar, a importância de procurar fontes sabe, de ler mais, de compreender melhor as questões de ensino, então quando mas na frente aí eu tive contato com outras disciplinas ou quando mais na frente eu fui realmente para sala de aula mesmo já numa visão mais profissionalizante Eu já estava com uma base muito melhor eu estava muito mais segura me senti muito mais segura do que se eu tivesse entrado em contato com a educação lá na frente e sem ter tido experiência da extensão

7. Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Sim bastante que é o meu Projeto era voltar para escola de onde eu tinha vindo ganhei bolsa por ter sido aluna de escola pública então eu voltei para escola pública de onde eu tinha me informado nem assim consegui trabalhar com jovens que realmente estavam interessados com seguir em frente com os estudos eu trabalhei com gente que estava terminando o ensino médio estava no terceiro ano e assim tinha muita vontade de aprender a fazer um texto aprender, aprender a ler,

assim interpretando o pessoal estava interessado em aprender a escrever e faltava alguém chegasse mais junto deles que que trabalhar se junto deles como era muito nova também isso me aproximou deles então, trouxe o impacto para eles muito grande foi assim poxa tem alguém interessado na gente tem alguém interessado em me ajudar e formal motivação Extra né para eles continuarem mesmo para fazer vestibular, para fazer para continuar estudando, para tentar novamente né e eu tive aluna uma menina com que eu trabalhei no projeto dessa vez que tá no doutorado hoje em dia então assim foi o impacto é uma pessoa que tinha vontade de aprender de a interpretar texto que um projeto era nesse sentido tem um tinha essa vontade de aprender a escrever de fazer uma produção não tinha quem corrige se a produção quem lesse para dar algumas dicas Olha a melhorar isso melhorar aquilo e eu podia ajudar eles a fazer isso, então assim foi o incentivo que ele estava precisando. Poxa tem alguém que está interessado por nós então, sabemos se te faz continuar e eu acho que sim trouxe um impacto trouxe teve uma transformação decidido que que eles se interessaram e alguns até que não estava entendendo se interessaram no começo, mas depois ouviram falar então eu vou ver como é que está o acompanharam

8. O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Para seu crescimento profissional muito muito mesmo é como eu disse foi a minha oportunidade de entrar em contato com o que eu faria na minha vida profissional o resto da minha vida profissional né para dali pra frente é assim foi a oportunidade de aprender a observar eu aprendi a ver o que dava certo analisar o que ia dá certo que não dava como eu precisava me ,como eu como é que eu tenho que lidar com ele está tá falando com jovens Estão lá dentro chegar com a linguagem formal então assim foram contribuições que eu trago até hoje foi a oportunidade de entrar realmente é o Projeto extensão me deu a oportunidade de entrar em contato com aquilo que eu ia fazer para o resto da vida e isso foi grandioso assim eu tive oportunidade e entrar em contato com isso cedo né então quando eu fui para vida profissional eu não me assustei se não me assustou tanto eu não fui despreparada né o teu te vi e outra tive a oportunidade de entrar em contato de uma maneira mais amena todo fui jogada numa sala de aula para vai lá agora aprendeste tudo que tinha na faculdade para aprender agora vai lá colocar em prática não foi sim teve menos Impacto a forma como a extensão me ajudou a entrar em contato com minha vida profissional então me assustou tem entrado é a forma como eu cheguei na educação profissional e como é como eu cheguei na sala de aula me ajudou muito me ajudou muito me ajudou tem muita segurança mais tarde quando eu quando eu fui pro trabalhar mesmo né

9. Qual (ais) a(s) sua (s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

O que eu gostaria de ver mais era a presença do docente do acompanhamento desses discentes desses alunos de extensão eu sinto eu sentir um pouco isso no meu projeto né era meio difícil assim você é encontrar o professor você ia atrás do professor, você não sentia o professor muito perto muito próximo então é uma coisa que eu sugiro é que o professor que seja orientador seja orientador mesmo sabe que Oriente os aqueles alunos afinal de contas a gente enquanto aluna tá muito verdinho então tem muita coisa muita dúvida que o professor esclarecia facilmente...e mas o aluno fica louco se tiver sozinho. Então é ter um pouco mais de cuidado do professor para com o aluno professor orientador nessa orientação eu acho que esse projeto de

extensão eles podem ser cada vez melhores ajuda um pouco da ajuda do professor e assim projetos de extensão Eu também sinto eu gostaria de ver projetos de extensão mais práticos mesmo assim de ir para realmente aquele povo que tá precisando de verdade às vezes eu sinto um pouco a extensão mas a extensão é dentro da UFPE, então público vai lá né Isso é um Pouquinho complicado isso é um pouquinho chato eu sei que tem muita EXTENSÃO que é na prática mesmo Vai lá no campo mesmo mas esses essas coisas assim extensão que acontece lá na universidade ainda um pouquinho distante da realidade. Então acho que é isso uma orientação mais efetiva do professor na participação mesmo professor chegar junto Professor orientador ...chegar junto do aluno e extensão que vão mesmo no lugar onde as pessoas estão precisando acho que isso sim é um papel Vital para a universidade

DEPOENTE - D02

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Eu acho interessante E a temática do projeto ... era uma disciplina que acabava de cursar e a temática do projeto além do que a professora que fazia o projeto Eu achava ela muito coerente, correta, muito didática Era uma forma de aprender com ela, essa forma de ensino, coordenar projetos

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Foi no âmbito da pesquisa mesmo, porque a gente tinha que ler várias fontes de informação sobre o tema. Então você tinha que pesquisar e era uma prática da graduação ... a gente estudou a disciplina e eu precisava de uma prática e eu via no projeto de extensão essa possibilidade ... assim foi a parte prática de uma disciplina que havia cursado.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

No período não. Agora esse projeto virou livro ... não havia essa troca não

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? Sim - Não. Por quê?

Não todos eram de biblioteconomia.... Não havia interação com outros cursos

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Acho que mais pesquisa... e ensino. Não houve extensão ... depois do projeto analisado ... na publicação do livro ...

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Eu aprendi a pesquisar mais e ver as possibilidades que tenho nas fontes de informação... naquele período, foi uma prática de uma disciplina

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Não ele foi bem restrito Mas hoje com a publicação do livro eu também não vejo impacto na sociedade

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Sim... na medida que você tem que ser pesquisadora também... não é só a parte de catalogação, indexação dos documentos você também tem que pesquisar... isso foi uma contribuição boa para minha vida profissional Hoje sou bibliotecária Essa parte de pesquisa para pós-graduação, mestrado...

9) Qual (ais) a (s) sua (s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Acho depende muito da área que você trabalha... a disciplina era restrita e não tinha como ter uma visibilidade social ... a disciplina e a pesquisa eram restritas.... Mas acho que quando você entra na universidade você percebe assim que aqui é um mundo e quando a gente vai trabalhar é outra coisa... eu senti falta foi porque a universidade passa uma realidade que não existe uma realidade só de dentro da universidade ... no campo de trabalho não existe... a dificuldade no início é que a gente sai formado da universidade, mas o mercado de trabalho exige outro profissional. Então você vai ter que se adaptando ...correndo atrás do que é necessário para o mercado.... A universidade é uma das melhores do Brasil, mas as vezes ela fica muito no utópico ... na coisa irreal, é a falha do projeto que participei ... e observo que ainda hoje acontece na universidade. Os professores -coordenadores tem que buscar mais Tem que entender ... a realidade ... ir para a sociedade ... e saber como é o mercado lá fora ... O que as precisam... pois a teoria é interessante. Mas as vezes as pessoas que estão lá fora lhe dá um conhecimento muito maior.... Que você não encontra na universidade ... pode não ser um conhecimento acadêmico, mas é válido para sua vida para sua formação ... a universidade tem que olhar a sociedade de uma forma mais ou menos teórica entender o real O que acontece lá fora realmente... para poder lançar no projeto que de fato possa contribuir e dialogar mais com a sociedade. Não adianta você idealizar um projeto que é muito bem feito, bem teórico, mas que não atende a realidade, não atende a sociedade ... fica utópico... ver quais os problemas e como você pode contribuir através de um projeto de extensão.

DEPOENTE - D04

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

O principal motivo era a questão do Currículo... por conta da seleção mestrado o que era falar por conta ... da concorrência... assim que comecei a me interessar não só pela extensão mas senti ficar na monitoria e foi um dos caminhos que chegaram até a extensão apesar com o segundo ponto foi me entusiasmar com publicou o vídeo para fazer um vídeo para fazer discussão no próprio CCB e o de anatomia que era a trabalhar com o pessoal ensino médio ... se eu queria ser professor eu precisava praticar de alguma forma... e o que também me levou pelo título do projeto... a intensão do projeto me levou a seguir os projeto de extensão.. Foi válido

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Foi a questão de desarmar do professor, da didática... com manuseio, com do contato com o público principalmente foi muito bom, pois deu uma destravada já que era um pouco travado...muito proveitoso... é questão também muitas culturas, mas é tudo muito bom fazer o vídeo-vídeo. Aprendizado também... de como fazer um vídeo ...colocou isso em prática... eu aprendi isso também... a questão de gerenciar as pessoas até no mestrado continuei como voluntário e consegui gerenciar ... isso foi muito bom.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Sim porque por exemplo... o de anatomia conseguimos trazer o pessoal da escola pública para a universidade, para eles terem contato com a universidade...com material que tem aqui com o centro e mostrar realmente essa realidade do que eles poderiam ter aí você fala as novidades das aulas práticas sobre essa questão deles poderia chegar até aqui ...que eles eram capazes de conseguir ...e são capazes. Para o do vídeo-vídeo não teve um diálogo mais assim ... das pessoas lá de fora Só teve esse contato quando nós ministramos os minicursos para explicar como fazer um vídeo para fazer um vídeo ... o diálogo foi com as pessoas da universidade... entre as pessoas aqui dentro. Mas fora foi alunos da escola pública que vinham aprender com a gente...como teve um ou dois encontros ... não foi muito diálogo ...de fora da universidade...

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? Sim - Não. Por quê?

No projeto de anatomia não ... coisa bem saúde biologia, fisiologia ...bem saúde. Para o vídeo-vídeo teve a participação pessoal designer pessoal ,de jornalismo que vai lá com a gente sair ,pessoas licenciatura que já se envolviam com o tema e também o pessoal da CCB que já era para o pessoal de saúde biologia mais teve sim essa questão das pessoas para trabalhar com a gente e teve uma voluntária aquela design ela passou muito tempo a gente, tem um pessoal do jornalismo também aqui do pessoal do CAC pra explicar como fazer um vídeo depois de fazer um vídeo como colocar isso na mídia e enfim teve questão de troca com outras disciplinas outras profissões também

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Sim para o de anatomia faltou um pouco mais de pesquisa colocar isso em vez de colocar em quantidades assim escreveu o projeto como colocar assim por exemplo ... colocar um questionário para os meninos lá para a gente ver a questão do aprendizado ... de ver que eles achavam daquelas aulas ...falta um pouco de pesquisa, mas a questão de ensino era praticado isso e extensão nem se fala, pois trazer as pessoas de fora da universidade ...foi muito bom , as pesquisas faltou um pouco mais ... para o vídeo-vídeo teve os três... Porque conseguimos muito material para fazer um artigo e poder explicar As aulas práticas ... as reuniões que tínhamos também ... Publicamos material no evento da PROEXT enfim teve tríade

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Sim pela questão de poder abrir a cabeça como sou biólogo ... eu só tinha cabeça para biologia com o projeto vide-vídeo o a consegui ter outro leque Puxei mais para educação me levou para isso e de anatomia ... também.... Para o vide-vídeo foi muito maior ...

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Sim bastante ... O de anatomia deu aquele destrave para o público para o aluno ... vide-vídeo também tive contato com o público, conversar ...foi muito bom

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Sim bastante ... O de anatomia deu aquele destrave para o público para o aluno ... vide-vídeo também tive contato com o público, conversar ...foi muito bom

9) Qual (ais) a (s) sua (s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Primeiro seria a busca do discentes ... desses projetos de extensão, além disso é pouco divulgado pelos próprios docentes .. da universidade além ampliar isso .. A própria PROEXT ir aos centros Ir de sala em sala, mas colocar uma listagem na porta da secretaria, ou fazer encontro semestrais para divulgar os projetos...como tem o congresso da PROEXT ... fica tão pequena a divulgação quem não participa de extensão tem dificuldade de encontrar os projetos Basicamente é divulgação. Realmente mostrar ao pessoal de fora o que se faz, e em contrapartida é que eu vejo extensão não é produtiva no sentido de pesquisa ... fica mais no papel na forma de artigo Os projetos de extensão e mostrar o quanto ele é válido para os cursos e para aqueles que participam dos projetos... os projetos que participei ...a maior dificuldade foi divulgar eles através de uma forma de artigo ... livro a PROEXT poderia fazer mais material para divulgar e o que tem de divulgar mais fica entre nós ninguém dos meus amigos do laboratório não conhecia o projeto, nem o ENEXT ... falar mesmo....

DEPOENTE - D05

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Primeira pergunta os motivos que levaram a participar do projeto de extensão é que o projeto extensão que eu participei é o projeto de pet parasitologia é a parasitologia a estuda as doenças que são causadas por parasitas e a maior parte desses parasitas acometem as pessoas mais carentes então o maior motivo que me levou a participar desse projeto foi passar o conhecimento sobre essas doenças principalmente para as comunidades mais carentes né que inclusive no trabalho nesse trabalho de extensão nós íamos visitar frequentemente uma comunidade quilombola onde tinha uma altos índice né nas crianças da escola da comunidade é dessas doenças então assim o motivo maior exatamente esse de através de um projeto extensão levar o conhecimento que eu obtive durante a minha graduação de biomedicina né na faculdade e passar isso para a sociedade não é que muitas vezes não têm as enviar as informações necessárias

como prevenção né E além disso o motivo maior pessoal porque essa a participação na além de beneficiar a população mais carente também dá um benefício próprio isso faz com que a pessoa amadureça não é tanto a sua vida profissional como pessoal

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Eu acredito projeto extensão que eu participei o aprendizado foi máximo não é porque era um trabalho que além de extensão ele visava a pesquisa e o ensino né então assim é aprendemos a lidar em grupo né saber passar informações de forma as precisas né diretas para as comunidades mais carentes né e deixa eu ver mais as que a maior aprendizagem essa de crescimento pessoal e profissional também porque em muitos momentos a gente também dava palestra né isso faz com que de uma certa forma a gente amadurecer durante a graduação né então a gente também aprendeu muito é porque realizávamos monitoria na então a gente aprendia mais sobre o assunto não é da parasitologia também a gente confeccionar cartazes, livretos mas uma forma geral a maior aprendizagem aprendizagem pessoal de dialogar com as pessoas, saber escutar de trabalhar em equipe coisas que a graduação em si não proporcionam então acredito que seja isso

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Durante todo projeto de extensão que participei orgulhosamente por 3 anos e gostaria de deixar claro que essa minha participação foi voluntária na então três anos né que eu participei do projeto foi voluntária é porque eu já tinha uma bolsa de iniciação científica então já trabalhava no laboratório né porém eu sentia falta disso de sair da universidade levar o conhecimento que a gente aprende na universidade para fora né e houve essa troca né de diálogo né que está é perguntado né então assim é a universidade apoiava né favorecendo que a gente fosse para as comunidades né através de ônibus na então a gente conseguir a isso né e assim o mais interessante que desse projeto é que a gente fez uma avaliação né como assim é como eu falei a gente ia para uma comunidade quilombola nessa comunidade quilombola tinha uma escolinha primária não é de criança assim uma faixa etária entre 4 a 10 anos de idade então a gente sabe que nessa faixa etária muitas vezes as crianças elas têm as verminoses né que são os parasitas e muitas vezes as crianças têm a doença por falta de informação como não saber como lavar uma mão como lavar as frutas né e as próprias mães né os familiares essas crianças eles não tinham esse conhecimento então a gente fez essa troca de saber entre o projeto extensão na universidade e a sociedade e a comunidade então e o primeiro momento quando a gente chegou lá a gente chegou falando sobre as doenças muitos deles não sabemos se quer lavar a mão de forma correta então a gente foi avaliando e com o passar do tempo essas crianças elas foram reconhecendo as doenças reconhecer a importância de lavar as mão de cozinhar bem os alimentos inclusive as mães e que não sabe dessas informações é que a gente também passava para elas ficavam muito agradecida por que o fato é que elas apresentava alguma doença era porque não tinha informação de como evitar na inclusive a professora da escola ela tinha pouco conhecimento sobre essa área e a presença do nosso grupo de extensão nesse local aumentou o conhecimento da professora possibilitando o que ela passasse essas informações adiante né então assim foi algo muito prazeroso então era engraçado que quando a gente chegava na comunidade a gente fazia jogos na jogos lúdicos sobre as doenças e a cada semana que a gente ia as crianças já reconheciam a doença sabiam falar o mínimo que for mas sabiam falar mas já

não comiam as coisas que caiu no chão né então elas entendi o porquê que não pode fazer então houve bastante essa troca né de informação de saber.

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade?

Sim - Não. Por quê?

O projeto pet parasitologia que eu participei é um projeto interdisciplinar né e Inter profissional porque eu falo isso não é porque no grupo pet parasitologia participavam alunos de graduação na área de biomedicina né que a minha área e também alunos na área de enfermagem, farmácia e nutrição na isso porque é porque é importante a visão de cada profissional diante de uma doença e assim aumentar o conhecimento né por exemplo a parte de nutrição e enfermagem se dedicava mais assistência ao cuidado né com as doenças parasitológicas não é para dar as doenças parasitárias né enquanto que farmácia estava relacionada a informações sobre os medicamentos que são utilizados para o tratamento dessas doenças e nós né na parte de biomedicina tínhamos aquela informação sobre o diagnóstico como são feito dos exames não é para que ocorra o diagnóstico da doença e o projeto em si projeto pet ele é bastante interdisciplinar porque constantemente nós estávamos dialogando com outros grupos de extensão na área por exemplo de economia, de informática em áreas completamente assim diferentes mas queria uma certa forma a gente se comunicar bastante por exemplo teve um caso do grupo de informática que quis fazer uma parceria com a gente para estabelecer jogos na informática sobre as doenças parasitárias então seríamos um soft que é um joguinho né você já ia envolver aí informática e parasitologia então assim é o projeto ele abrange o bastante essa questão interdisciplinar e Inter profissional.

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? **Sim - Não. Por quê?**

Então assim o grupo pet parasitologia ele era um grupo ele é um grupo alias ensino-pesquisa-extensão e com toda certeza esses três pilares caminharam juntos durante o projeto porque ao mesmo tempo que a gente ia numa comunidade quilombola para ensinar mas sobre as doenças a gente também estava fazendo uma pesquisa né sabendo entre eles o que é o que eles sabiam que não sabia quantos daqueles alunos tinham doenças inclusive aí a gente na visita para essas comunidades além de fazer palestras a gente fazia a coleta de amostras fecais né para fazer a pesquisa e saber o quanto que tinha de doenças parasitárias né se eles tinham lombriga Ameba e o interessante que é que muitos desses alunos não é no começo das nossas visitas eles tinham essas doenças e a gente então pensou o seguinte hora se essas doenças são mais prevalência comunidade então vamos direcionar o nosso ensino as nossas palestras para essas doenças porque assim fica mais claro para eles entenderem o que eles estão pensando, que eles estão sofrendo e assim evitar a doença né porque a melhor forma de ser saudável e evitar a doença é a prevenção e a prevenção ela anda junto com a informação na então é o projeto ele realmente era bem focado nessa questão de ensino e pesquisa.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? **Sim - Não. Por quê?**

Esse projeto extensão ele contribuiu bastante para o meu crescimento acadêmico porque foram três anos né de projeto e isso conta no currículo muito né e assim é proporcionou com que eu me tornasse uma pessoa mais sociável em grupos uma pessoa que de uma certa forma entendesse

melhor os conteúdos né é porque também a gente apresentou artigos então isso proporcionava um crescimento acadêmico muito grande, então foi uma formação muito importante para mim quando estudante de biomedicina até porque nos laboratórios de análise clínica né a gente faz muito diagnóstico doenças parasitárias então o fato de estar no projeto extensão com parasitologia e isso me ajudou a fortalecer o conhecimento e ter segurança para um diagnóstico dessas doenças e só para falar não sei se caberia aqui né mas eu cresci tanto academicamente em termos pessoal e profissional participando desse projeto de extensão de parasitologia que eu tenho muita vontade né se um dia alcançar ser professora universitária não é porque hoje eu faço doutorado e se um dia passar no concurso eu pretendo ser professora de extensão então acho isso muito bacana porque o projeto extensão me ajudou quanto graduação também facilitou muito a minha entrada na pós-graduação e se um dia eu me tornar professora universitária né eu pretendo trabalhar ainda com extensão eu acho muito completo também para o professor que trabalha.

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Eu acredito que sim ele trouxe vem trazendo impacto e transformação social grande né porque na comunidade quilombola agente observou que enquanto nós estávamos lá no presente acompanhando as crianças ela já começaram a mudar os hábitos né desde os hábitos alimentares hábitos de higiene isso se refletiu dentro de casa porque as crianças aprendiam na escola e na casa passavam para os pais e também nós iremos nas casas da comunidade dos parentes familiares para falar um pouco da doença não é para falar não só falar de doenças parasitárias mas também de outras doenças na hipertensão na então a gente fazia pesquisa aferia pressão é questões nutricionais então isso é um impacto muito grande para eles porque como eles moravam na comunidade quilombola lá não tinha posto de saúde então muitos tinham que se deslocar para o centro da cidade no caso em cabo de santo agostinho para ir ao médico onde muitas vezes não tinha ficha ou não era atendido então é a presença do nosso grupo na comunidade trouxe o impacto social para eles muito muito grande né e não só isso não é uma dos trabalhos que a gente fazer também no projeto extensão era convidar escolas de rede pública na escolas próximas a universidade federal aqui no bairro do engenho do meio é para fazer uma visita à universidade né quantos jovens hoje idealizam entrar na universidade então isso de uma certa forma a primeira porta para eles não entrar na universidade para muitos é um sonho então muitos alunos da rede pública eles puderam ir no nosso departamento de parasitologia lá no centro de ciências da saúde e a gente faz um evento assim bem interessante a gente mostrou os vermes um microscópio a gente fez uma dinâmica de brincadeira de perguntas e respostas teve apresentação de pôster né eles foram para lá na e de uma certa forma isso ajudou muito né muitos deles até diziam vai ajudar a gente também no vestibular na então a informação né que a gente passou também parece adolescente teve um impacto de transformação social.

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Contribuiu para o meu crescimento profissional com toda certeza quando eu terminei minha graduação na eu já tinha essa experiência toda do programa né de extensão e isso contou muitos pontos para o meu currículo não é porque hoje quando a gente faz uma seleção de mestrado tem a pontuação do currículo então eu fiquei à frente de muitas pessoas na seleção porque eu tinha esses projetos de extensão e não só a questão do projeto extensão para ganhar pontos mas o

fato de você vivenciar palestras e trabalhos isso dá a pessoa mais segurança então quando eu fui fazer a defesa né do meu pré-projeto na seleção do mestrado tenho me sentindo a pessoa mais segura não é porque como eu tinha frequentemente é apresentação de palestras seminários a gente vai se acostumando né então é uma contribuição muito grande mas se hoje eu tô no meu doutorado né e isso se deve aos meus esforços na iniciação científica mas também a participação no projeto extensão ele contribuiu efetivamente para isso.

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Infelizmente né é o dinheiro vale um pouco mais altas vezes, talvez para incentivar a participação dos alunos no projeto extensão seria o maior número de bolsas oferecidas né mas eu acho que isso não é o mais importante eu acho que na minha opinião é o professor e a divulgação do evento né a minha tutora né a professora Mônica Albuquerque uma pessoa excepcional que quando foi fazer a divulgação do projeto né pra gente se inscrever e fazer a seleção ela foi em sala de aula para falar da importância o que isso vai trazer para sua formação também pessoal não só profissional o quanto que você vai se sentir bem em fazer em promover em ajudar as pessoas né então eu acho que é necessário estampar quando fala de um projeto extensão vai fazer de bom com aquilo o quanto que você vai contribuir em uma certa forma para ajudar a sociedade né então eu acredito que seja isso as duas motivações importante não é para que o aluno ingresse no projeto extensão a primeira é uma bolsa né e a segunda é um incentivo do tutor, do professor responsável bom acredito que é isso né é só para finalizar na então eu gostaria de dizer que eu fico muito feliz de ter hoje né que fazer essa entrevista para você porque eu acho que o projeto extensão é algo que é muito amplo e envolve pesquisa envolve tudo e um aluno que faz um projeto de extensão é um aluno diferenciado ele é diferenciado tanto profissionalmente como pessoalmente ele tem uma energia melhor ele sabe lidar com pessoas e o mais importante também é que através de projeto extensão você tem contato com pessoas de várias áreas e isso faz um que você tenha conhecimento de pessoas diferentes que um dia você pode precisar para alguma coisa então é algo amplo e que não é só dentro da universidade porque eu acho que o mais importante não é o que a gente aprende na universidade é o que a gente aprende na universidade e leva para a sociedade de forma prática que isso seja útil para eles e que deu uma qualidade de vida melhor bom eu acho que é isso não é qualquer coisa qualquer dúvida eu posso falar novamente tá bom obrigada até mais.

DEPOENTE – D07

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Eu entrei em primeira experiência com extensão se deu no antigo direito nas ruas o direito nas ruas foi o primeiro projeto da faculdade direito da UFPE ser formalizados junto a PROEXT essa formalização ela aconteceu antes de eu entrar na faculdade de direito o direito nas ruas ele se formalizou ele foi formalizado recebeu sua primeira bolsa acho que 1999, posso tá errado, mas eu acho que foi nesse ano, e eu entrei na faculdade em 2002.1, aconteceu na verdade na verdade no segundo semestre de 2002 por conta de uma greve anterior a de 2001 que foi gigante uma das maiores greves da história. Assim que eu passei no vestibular e comecei a participar das atividades que eram promovidas pelo movimento estudantil da faculdade de direito a faculdade até hoje tem um movimento muito sólido e muito movimentado não é muito agitado que realiza

muitas atividades e os projetos de extensão da faculdade eles se originaram no movimento estudantil. Eu passei no vestibular e comecei a participar de curso de extensão que O INTERATIVA que era o grupo de movimento de que eu queria fazer parte organizava então havia curso de introdução ao estudo do direito ou cursos de extensão sobre temas que diziam respeito ao direito e que estudante que estava entrando na faculdade e consegui acessar sabe e numa dessas vezes a faculdade pode participar de um cursinho desses eu fui chamado para participar de uma ida do direito nas ruas que era esse projeto que já existia embora nesse ano não tivesse formalizado como havia sido antes, uma ida ao TOTÓ no Totó na comunidade de totó o direito nas ruas realizava projeto realizava uma atividade em parceria com a CUT o centro de formação da CUT era no Totó e havia curso de formação trabalhadores e um módulo desse curso era um módulo de discussão sobre cidadania direitos humanos e o direito nas ruas na época era o projeto que realizava esse pequeno módulo.

Esses cursos eram cursos profissionalizantes, eu não lembro muito bem porque já faz muito tempo eu não articulava isso porque eu estava entrando aí mas era uma parceria que existia entre a Central Única dos Trabalhadores e estudantes direito movimento estudantil da FDR, o direito nas ruas fez alguns módulos desses cursos mas acabou suspendendo as atividades porque como era um projeto ligado as pessoas do movimento estudantil ele ficava dependendo do ritmos do movimento e aí em razão disso dessa dependência ... em épocas de eleição sejam eleições do Diretório Acadêmico, sejam eleições mais gerais que os militantes e as militantes estavam implicados ... a extensão ficava de lado

De todo modo o meu primeiro contato com o projeto de extensão ou o que pode ser lido assim nessa atividade em maio ou abril de 2002 no Totó através do direito nas ruas hoje. O direito nas ruas depois se transformaria no NAJUP direito nas ruas eu vou ficar a explicar ... mas logo depois que eu participei do direito nas ruas eu fui chamado para participar do vestibular cidadão. Vestibular cidadão você deve saber é um dos cursinhos pré-vestibulares gratuitos que existem na UFPE na época além do vestibular cidadão havia mais um, eu acho, mas nós éramos pioneiros que se direcionavam a estudantes ou egressos escola pública o que ainda estivesse em escola pública e quisessem passar no vestibular da COVEST sobretudo. Eu fui dar aula de geografia humana no vestibular cidadão ainda nesse ano 2002 porque havia um vago o professor que então assumiu essa disciplina por algum motivo teve de sair e eu fiquei no lugar dele, então eu entrei no vestibular cidadão que também na época não era reconhecido formalmente pela UFPE como um projeto de extensão ainda em 2002

Então o que me levou tanto para o direito nas ruas como para o vestibular cidadão foi a minha intenção muito Inicial Quando entrei na faculdade na universidade de participar das atividades políticas ligadas a projetos de transformação, como assim como eu entrei no movimento estudantil eu entraria no vestibular cidadão e entraria também o direito nas ruas, mas isso essa intenção Inicial ela foi se transformando ao longo do tempo. Primeiro porque ela era recheado de alguma ingenuidade política e depois porque eu passei através por processo disputa política que me levaram algum amadurecimento já naquela época. Então por exemplo vestibular cidadão que existe até hoje né conversei com ele passou a ser objeto de algumas avaliações minhas, críticas minhas, mesmo enquanto eu coordenava o projeto. Sim porque o vestibular cidadão ele é assinado por um professor coordenador, mas quem realiza de fato a coordenação do projeto de extensão do cursinhos são estudante hoje em dia é uma coordenação colegiada mas na época antes de eu entrar na que eu entrei em 2002 coordenação era de uma pessoa também estudante quando virou o ano 2002/2003 a gente fez uma avaliação resolveu transformar essa coordenação

colegiado e eu também coordenador junto com Anali Almeida que hoje em dia é professora da UFPB comigo da faculdade direito UFPB também e Rodrigo de Figueiredo que também era do movimento estudantil e hoje em dia advogado. A gente formalizou o vestibular cidadão naquele ano e foi naquele ano que projeto ganhou uma bolsa essa bolsa ela não era destinada apesar de Rodrigo receber ele era o bolsista essa bolsa não era destinada a Rodrigo era destinada ao projeto era uma bolça muito pequena que servia na real pra gente pagar a xerox para os estudantes, em suma a gente usava a verba pequeníssima que é o UFPE destinava ao projeto através dessa bolsa para pagar a xerox para material didático da sala de aula do cursinho. A gente realizou essas inovações no cursinho vestibular cidadão mas começou nessa época a participar de atividades ligadas a extensão sobretudo a modalidade muito, muito presente nas faculdades de direito o que é Assessoria Jurídica Universitária popular e essa nossa participação nas atividades acabou engendrando uma crítica muito contundente ao tipo de extensão que era realizado por vestibular cidadão que era menos Paulo Freireana entre aspas do que a gente acreditava que deveria ser.

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

As aprendizagens mais importantes com o NAJUP foram todas né como eu disse o NAJUP ele foi a minha universidade eu... se tinha que aprender algo na Faculdade de Direito de fato eu aprendi em razão das demandas jurídicas e políticas que se apresentavam a partir do núcleo, mas o aprendizado real mesmo que o NAJUP possibilitou foi o da tomada de posição no mundo e nas disputas sociais e disputas políticas de que nós estamos, que nós queiramos que estamos imbricados isso é a síntese melhor. A NAJUP a experiência me ensinou, melhor que o movimento estudantil, inclusive ... a tomar posição e a saber o lado dos esfarrapados sabe, eu acho que em razão do NAJUP eu pude pensar como intelectual orgânico, como dizia Grammes... desses sujeitos e me reconhecer inclusive como um desses sujeitos

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Sim, houve muito diálogo entre a universidade e a sociedade. Essa pergunta você vai propor um projeto de extensão que não tenha diálogo com a sociedade ... é uma coisa que não faz o menor sentido Mas é um tipo de idiotice que eu compreendo. Você faz essa pergunta , na real é que muitos projetos que tem na universidade eles são círculos viciosos do próprio umbigo impressionante isso como esse diálogo de fato não é um dado não é algo obvio. Porque ainda haja um tipo de intervenção social de regras de intervenção é assistencial e não propõe o possibilita oportunizam diálogo, uma construção dialógica da prática, e da experiência do projeto, dos projetos. Percebo isso hoje com professor avaliando projetos de extensão na UFPB, mas percebia isso também como estudante ficava muito muito incomodado quando ia participar desses ENEXT não tinha nem esse nome era outro nome para o evento de projetos de extensão e percebia o modo como certa a retórica da assistência ainda perfazia experiências desses projetos extensão algo que pra gente que era da assessoria jurídica popular era de pronto visto como o maléfico como uma noção pejorativa né o assistencialismo foi de pronto tomado como algo relativo daí que o núcleo é de assessoria jurídica nacional porque estava desde pronto implicado essa noção de assessoria que possibilitaria uma tomada de posição. É obvio que é muito mais no campo do discurso da justificativa do que no campo da experiência porque a

realização efetiva de uma prática contundente de uma educação popular era muito, muito raro sequer inexistente. Mas a intenção nossa éramos muito revolucionários e esse diálogo acontecia sim não apenas a intensão, mais de fato acontecia sim. Mas lembro bem que esse diálogo acontecia muito mais fortemente com nossa articulação junto aos movimentos sociais que estão sujeitos políticos organizados do que nas atividades na ilha do destino ... nós íamos, fazíamos discussões.... Realizamos entre aspas...oficinas era como chamávamos na época esquematizávamos questões que eram importantes para aquela comunidade, mas no real, real mesmo aquela atividade era no muito solta muito despregada de uma disputa política mais orgânica a sua realidade. Então havia algum tipo de diálogo ali, mas o diálogo se adensava mais, se fortificava mais quando o sujeito político estava dialogando com a gente era um sujeito organizado. Na verdade, na verdade era com esse sujeito que a gente mais apreendia. Então no diálogo por exemplo com MST a relação abertamente pedagógica, mas era muito mais pedagógica na direção contrária deles, nos ensinaram muito, com eles nós aprendíamos muito, sabe, nós éramos estudantes de direito que estavam começando ... a aprender sentidos das disputas políticas naquelas primeiras experiências, no NAJUP ... que diferente dos militantes dos movimentos que são muito calejados com a estória de luta... muito maior do que a nossa, portanto conheciam os caminhos da reforma agrária de um modo que a gente não conhecia... no máximo o que a gente leu no código , no livro , no manual o que chamamos os livros na faculdade de direito, manuais.

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade?

Sim - Não. Por quê?

Sim havia interdisciplinaridade no núcleo ... sobretudo porque a gente acabava tomando como referência uma literatura que era muito mais sociológica do que teoria social de modo geral do que jurídica né mas a interdisciplinaridade ela estava muito mais muito mais a ver com nossa formação intelectual do que com as práticas ou núcleo... como era um núcleo de assessoria jurídica e a prática desses núcleos ainda que seja uma pessoa de outros cursos... Estudantes das faculdades de direito a gente tinha pouca gente de outros cursos ou não tinha na verdade nos anos em que eu estive não havia ninguém de outro curso no vestibular cidadão sim havia pessoas de outros cursos... Universidades dando aulas, de cursos diversos, mas também isso não é suficiente para garantir uma interdisciplinaridade, enfim a gente conseguir compreender ali os problemas existentes como no NAJUP como não exclusivamente jurídicos Essa é a questão ... a gente se articulava com núcleos de pesquisa de outros setores da universidade, então nós nos aproximamos em um certo momento do pessoal de arquitetura, estudantes de arquitetura para entender alguns conflitos urbanos em que nós estávamos implicados mas vejo isso de modo muito frágil também muito pontual muito, muito pontual

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

NAJUP, portanto acabou se tornando a minha faculdade de direito a minha universidade isso é um tipo de fala muito recorrente entre pessoas que compõem núcleos como o NAJUP que existe em todo país organizados normalmente através da RENA JUR é impressionante o modo como você fala é frequente nós ouvimos muito isso como professores. Eu estive muito pouca sala de aula com ela quando eu era estudante e muito nas oficinas nas atividades educação popular nas reuniões movimentos dos direitos humanos, nas articulações com o MST e com outros

movimentos sociais em defesa de direitos em Atos públicos eu tive muito também e sobretudo no movimento estudantil, mas sala de aula era apartada disso, meia oposição disso... Então se você pergunta como você pergunta se havia uma indissociabilidade visível entre pesquisa- ensino-extensão essa resposta pode estar de duas ordens a perguntar na verdade ele é bem ruinzinha, porque a assessoria jurídica Popular se mostrava como sendo uma contra hegemonia ao que era visto de regra nas atividades de ensino, nas atividades formais de ensino então aquilo quanto à sala de aula era ruim, era conservadora, nos formava de um modo aqui nós éramos contrários. Assessoria Jurídica Universitária popular possibilitava um contra olhar uma formação distinta e essa experiência de Assessoria Jurídica popular e era enquadrada como extensão na universidade naquele tempo também não estavam aplicadas em processos mais organizados de pesquisa, porque a posição dos professores que são quem capitaneia pesquisa de regra junto aos projetos de extensão era uma posição apenas formal de regra esses professores assinavam os projetos, mas não participavam deles. Então a gente realizar os projetos através de uma outra organização estudantil, mesmo hoje em dia, essa organização é um princípio da RENA JUR entre os núcleos associados a REJANUR como muitas pessoas que antes eram estudantes ligados aos projetos acabaram por se formar e se tornaram também professores universitários esse quadro mudou um pouco os núcleos continuam sendo regulado e auto organizados pelos estudantes pelos estudantes professores quando participam de atividades do núcleo quando chamados e participou também de orientação dos núcleo. Todo modo naquela época no início dos anos 2000 -2003- 2004- 2005 não havia na faculdade de direito professores implicados, de verdade implicados com a prática cotidiana dos projetos de extensão existentes. Eles assinavam, pontualmente apoiavam atividades uma ou outra, mas não participavam organicamente do núcleo ...é isso e eram esses mesmos sujeitos que coordenavam os pouquíssimos, pouquíssimos projetos de pesquisa de iniciação científica que haviam na faculdade direito. No direito à prática de pesquisa muita excepcional até hoje, hoje é melhor do que era naquela época de fato a sombra de dúvida, mas ainda hoje em dia é muito ruim. As faculdades de direito é um terreno muito infértil para a pesquisa. Também por isso essa articulação extensão e pesquisa era muito frágil, muito frágil ou inexistente naquele tempo.

Mas mesmo com essa fragilidade de algum modo existia ... eu estava aqui pensando ... uma das articulações do NAJUP nesses anos foi acompanhamento de uma rádio livre que era uma rádio se propunha a realizar por desobediência civil o acesso à comunicação social a compreensão da comunicação como direito humano. A gente acompanhou essa rádio livre da UFPE chegou a participar de organização de um evento sobre rádios livres e comunitárias, que foi financiado pela PROEXT inclusive se eu não me engano 2005/2006 e o meu trabalho de conclusão de curso minha monografia de final de curso foi sobre rádios comunitárias e um dos projetos do PIBIC que eu estiver vinculado a faculdade orientado por Gustavo Ferreira Santos, Professor até hoje na faculdade direito, chegou me orientar no mestrado inclusive era sobre o direito humano a comunicação e rádios comunitárias então algumas articulação havia mas muito frágil Gustavo e não estava no NAJUP ele era o professor mais ou menos Progressista de esquerda que possibilitará com o tema comunidade comunitárias fosse pautado na faculdade de direito que recebi um estudante de Esquerda do movimento estudantil, Como é o meu caso, preocupado com a assessoria jurídica popular e movimentos sociais entre seus orientamos .Então havia uma afinidade política entre alguns sujeitos na faculdade do que de fato uma interface entre a indissociabilidade entre ensino pesquisa extensão.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Essa crítica que a gente passou a formular o vestibular cidadão na época ela estava associada ao nosso amadurecimento político nosso processo de amadurecimento político então a gente começava atuava mais intensamente no movimento estudantil, se ligava mais intensamente as disputas políticas que incluíam disputas eleitorais programáticas de sociedade, passava a pensar a oportunidade de realizar atividades, trabalhos de educação popular a gente começava a ler Paulo Freire então a gente lia .. Pedagogia do oprimido, Pedagogia da Autonomia, extensão ou comunicação e passaram então a criticar tanto a concepção de extensão que é de regras executadas pelas para o-reitorias, fórum de extensão, pelos projetos de um modo geral inclusive a nossa própria experiência com vestibular cidadão. A real é que embora eu tenha feito extensão entre aspas durante da minha faculdade desde que se eu entrar na faculdade até o final a maior parte do tempo eu passei e hoje faço a mesma coisa na qualidade de professor universitário fazendo Assessoria Jurídica Universitária popular e não extensão além de ser um termo equivocado na marca de Paulo Freire o que estende não dá conta da prática que as jurídicas fazem. A extensão é apenas o lugar institucional possível para que a política que se quer fazer Universidade na Assessoria Jurídica aos movimentos sociais e o sujeito subalternizados socialmente oprimidos tem um lugar na institucional

Sim no meio dessas aproximações com Paulo Freire com a crítica que nós fundamos em setembro de 2003 o NAJUP direito nas ruas que existe até hoje desde 2003 na faculdade direito à cidade. Acaba de completar 13 anos. O NAJUP nasce do direito nas ruas com inspiração nas correntes o direito do direito alternativo do direito achado nas ruas por isso esse nome, na crítica né no campo crítico do direito, ou teoria crítica do direito algo assim com uma leve muito leve inspiração marxista como acontece com a teoria crítica do direito, ainda que muito muito de modo muito frágil, né muito inicial mas nasci com a intenção realizar atividades de educação popular. Nossa primeira atividade foi a atividade ...pretendia-se ser assessoria e educação popular, mas na verdade nunca chegou a ser, para gente na época era, mas nunca chegou a ser educação popular junto à comunidade da Ilha do Destino. A ilha do destino é uma comunidade periférica que se localiza ele por trás de Boa Viagem. Ela foi quase que pela metade ou mais eliminada com a via Mangue, mas ela ficava localizada ali por trás daquela imobiliária Paulo Miranda na Domingos Ferreira. A primeira parte dela ficava ali e o nosso acesso à comunidade estava através da paróquia da igreja anglicana porque Manuel Moraes que é um militante dos direitos humanos, um professor universitário, ele articulava o movimento Nacional Direitos Humanos e nós não conhecemos a partir daí, além dessa atividade na Ilha do destino que durou alguns anos foi de 2003 até 2006 a gente acompanhava o movimento nacional de Direitos Humanos e acompanhar também fóruns e atividades de outros movimentos sociais nesse período a gente se tornou muito próximo por exemplo sobretudo na verdade do MST movimento dos trabalhadores das trabalhadores sem-terra.

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Sim Projeto ele possuía Impacto e transformação social, mas um impacto muito particular né não dá para dizer que um projeto como NAUJ feito por alunos de direito promovam uma grande, ou profunda, ou radical transformação da sociedade, porque a transformação ela só é possível atravessado por outras experiências maiores e pro outros sujeitos, mas alguma transformação

sim, nós estivermos ligados a determinados conflitos que só aconteceram como aconteceu porque nós estávamos implicadas neles, então o NAJUP possibilitou por exemplo a não execução reintegração de posse que expulsar que expulsaria os famílias de Trabalhadores de uma ocupação no bairro do Recife, um NAJUP atuou junto a ocupações urbanas, movimento sem teto, NAJUP produzir um relatório de denúncia sobre violações direitos humanos em comunidades de Trabalhadores Rurais, NAJUP acompanhou casos de violação de direitos humanos Então esta atividade todas elas de alguma forma estão aplicadas em processos de escuta para a transformação na sociedade... Não dá para negar a isso mas é preciso reconhecer os limites dessa transformação entre aspas

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Sim é verdade que o NAJUP contribuiu para meu crescimento profissional isso sou professor de hoje eu devo isso NAJUP certamente mas contribuiu sobretudo com as tomadas de posição ou aprendizagem e pedagogia do núcleo ela foi uma pedagogia na minha vida eminentemente política, como é toda pedagogia, política transformadora revolucionária porque a prática junto aos movimentos, o esforço de tentar realizar educação popular, as leituras de Paulo Freire nos levaram a outras leituras e as novas tomadas de posição

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Mas eu acho assim que a melhora para participação de estudantes nos projetos extensão responde primeira questões estruturais né Eu acho que é Tá difícil falar sobre isso Nesse contexto de escassez profunda mas os projetos de extensão ele normalmente respondia a quantidade de estudantes bem maior do que os projetos de pesquisa de iniciação científica de pibic por exemplo e mesmo assim eles vem ou menos bolsas por exemplo então um estímulo Central para a melhoria da participação dos Estudantes nos projetos seria para oferecer mais bolsas não é isso tem bateria quando estudantes estabilizar Silos projetos a partir da garantia da assistência da permanência desses estudantes desses estudantes os projetos esquece a primeira questão de ordem estrutural os projetos eles precisam de uma melhor estrutura

Eu sinto que adesão das estudantes dos Estudantes os projetos ela acaba sendo maior a muito brinquei as estudantes tomo mais parte no processo de organização e realização do projeto então por exemplo Minha experiência como estudante ligado ao najup na UFPR ela foi sempre a experiência de um de um projeto autogestionado pelos estudantes a gente tomava as decisões programáticas sabe quando a estudante acerca do projeto então conquisto um jeito políticos atuar com que movimentos sociais está Que tipo de atividade realizar o fato de a gente ser responsável no esquema a horizontal né pela rescisões a serem tomadas eu acho que acabava estimulando o engajamento agência sabe a formação do sujeito estudante dentro do projeto por outro lado havia também uma vontade não havia um respaldo institucional por parte de um professor que de fato compreender esse muito bem que a gente estava fazendo então você pode combinar essa Auto gestão dos Estudantes como apoio dos Professores que agem muito mais na retaguarda desse processo para garantir a formação para garantir os processos de inserção nas discussões . Talvez seja o melhor estímulo é assim que tem que ser usado na Paraíba onde Sou professora como eu te disse funcionando bem então nós não temos nós não temos muitas bolsas nós temos alguns professores que se ligam ao mep que é o número digital vou falar aqui como se fosse o

najup de lá as estudantes ,estudantes protagonizam a gestão do núcleo e nós estamos sempre no apoio das atividades de formação das atividades acadêmicas Lauro de ação do trabalho de pesquisa ligados a extensão

Exatamente Essa minha última frase muitos estudantes apresentam no nos projetos mas acabam saindo porque vem que dá um tempo sabe contribuir aqui com extensão agora melhor de fazer pesquisa com problema desse tipo de abordagem está na produção tipo de prática Extensionistas que acaba desconectada do fazer da pesquisa então os estudantes de fato a gente por extensão os melhores de modo isolado do Fazenda pesquisa e acha quem virá o segundo momento em que eles farão pesquisa e que eles vieram bolsa isso é muito relevante né porque normalmente eles não dão bolsas nos projetos de extensão então Se a gente pudesse pensar a estrutura da universidade a ponto de conectar mais intimamente a atividade da pesquisa quantidade da extensão você poderia produzir atividade de pesquisa ser bolsista do pibic para exemplo e continuar ligado ao projeto de extensão ou seja você não seria não seria compactado apenas na pesquisa ou da extensão como se fossem lugares diferentes por exemplo e realizando um tipo de pesquisa sobre conflitos urbanos conflitos territoriais urbanos

DEPOENTE - D08

1) **Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?**

Eu acho que a princípio foi a vontade que eu tinha de atuar na área de colocar em prática aquele que a gente aprende em sala de aula e no meu caso eu passe pelo projeto em parasitologia que era a área que eu gostava na época e que desenvolver alguma atividade lá no departamento no laboratório onde eu já fazer monitoria então a própria área em si do projeto o objetivo dele me levou a me interessar

2) **Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?**

foram Sem dúvida eu trabalho em equipe porque a gente trabalhava vários estudantes de alguns professores a interação com a comunidade a vivência com a comunidade onde a gente atuava fazendo os atendimentos e o próprio Acho que sim a desenvoltura para falar em público para apresentar depois dos resultados tudo isso me levou a um crescimento dentro da universidade e acho que foi aprendizagem mais importante tanta relação com outras pessoas, o trabalho em equipe como a participação em eventos relacionados ao projeto de extensão

3) **Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?**

sim porque a gente o meu projeto era em uma creche avaliação parasitológica de crianças de uma creche e a gente teve oportunidade de visitar a comunidade onde essas crianças moravam então de conversar com as famílias do saber quais eram as dificuldades de conscientização sobre a prevenção das doenças que a gente estava trabalhando no projeto então houve diálogo no sentido dessas visitas que a gente fazia e também de algumas apresentações culturais que a gente fez na creche as crianças frequentavam tentando transmitir para as crianças conhecimentos sobre higiene transmissão de doenças

**4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade?
Sim - Não. Por quê?**

Interdisciplinaridade sim porque a gente tinha professores profissionais de da própria parasitologia que era onde eu estava e da Saúde Pública interprofissionalidade acredito que não porque todos os estudantes envolvidos eram do curso de biomedicina entre a gente não tem uma visão de outro Profissional não apenas da nossa área

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Talvez na época eu não identificasse, mas hoje sim eu vejo ensino-pesquisa-extensão estão totalmente relacionados E no caso específico do meu projeto foi possível observar isso na prática mesmo a aplicação de um conteúdo que era levado a sociedade que a gente trazia isso como resultado de uma pesquisa que foi bastante importante para nossa formação

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

a vivência prática projeto me proporcionou me deu experiência naquela área de atuação fazendo com que desenvolver e se de fato as práticas que a gente aprendeu no curso em uma das áreas em uma das disciplinas, então projeto contribuiu sim para o meu crescimento Acadêmico houve um impacto Positivo na minha formação enquanto estudante porque eu poder entender a partir daquela vivencia qual era o meu papel como profissional da minha área o que é principalmente o que a gente podia fazer pela sociedade então eu vi aqui como aplicação do que eu estudava

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

O projeto pelos impactos e transformação social sim porque a gente levava até a comunidade conhecimento informação até a própria atenção que eles não tinham. Eles diziam não ter dos órgãos públicos... a gente teve um trabalho bem legal de conscientização da prevenção de parasitoses nessa comunidade então trouxe para eles um impacto ao mesmo tempo que para a creche conseguiu também levar um certo Impacto a partir do momento em que a gente trabalhou com criança conscientizando também pais e professores sobre higiene sobre transmissão de doenças

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Que projeto contribui para o meu crescimento profissional -sim contribuiu muito foi a partir do projeto de extensão que eu me interessei pela pesquisa a partir daí fiz mestrado em área relacionada aos faço doutorado e tem uma consciência muito importante no sentido da extensão em si de levar a comunidade aquele que a universidade ensina aquele que a universidade prática, então projeto contribuiu muito para o meu crescimento profissional foi assim foi inclusive uma porta ter o projeto meu currículo me abriu várias outras oportunidades

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discente sem projetos de extensão?

Minha sugestão para melhoria da participação dos diferentes e talvez a interprofissionalidade projetos que envolvam estudante diversas áreas diárias inclusive aparentemente diversas nas diferentes não relacionadas e não deixando de destacar a importância do incentivo financeiro que é assim é um estímulo a mais né para estudantes no meu caso específico eu vim de uma família com bastante dificuldade financeira foi a bolsa de extensão ela foi o que me ajudou muito naquela época Então acho como sugestão a manutenção as importância cada vez mais difícil de se oferecer aos alunos bolsas de extensão independentemente do valor da bolsa, e talvez essa questão seja dar caráter multiprofissional

DEPOENTE - D09

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

foi contando muito pelo currículo né para ter uma atividade e Além eu queria um projeto de extensão ou um projeto de iniciação científica aí e esse foi e foi mais legal porque era mais prático porque iniciação você tem que é assim fazer uma pesquisa realmente nem esse era muito prático para a gente ir teu contato com os agentes comunitários de saúde então a coisa mais prática que eu sou mais prática aí eu acho que o extensão assim encaixou melhor eu não gostar tanto dessa parte muito acadêmica de fazer estudo porque é muita regra ABNT e tal e gostar de uma coisa mais prática mais de vivência do que é essa parte mais de pesquisa

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Eu acho que a gente aprende mais é ver a realidade porque as vezes a gente está dentro da universidade e a gente imagina, idealiza um cenário lá fora e quando a gente vai pra a ação a gente vê como a gente imagina ... idealizava, as falhas o que a gente tem que fazer a mais , foi importante para a gente conseguisse ver é choque de realidade né Para a gente realmente perceber que o que a gente aprende é muito importante tudo mas a gente tem que fazer muitas adaptações para conseguir levar o que a gente aprende para fora tem que ser tem que adaptar muito tudo a realidade do que a gente vive lá fora que é muito diferente da realidade acadêmica.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

sim porque sim porque a gente como tinha contato com os agentes de saúde a gente levou o conhecimento da fonoaudiologia para eles serem em como se fosse uma peneira para eles tentarem observar alguma coisa assim que pudesse ser um distúrbio de comunicação humana, mas a gente também aprendeu muito com eles com relação as coisas mesmo da comunidade de coisas práticas de funcionamento de política pública tudo isso a gente trocou muito né porque a gente levou o conhecimento de Fonoaudiologia e eles deram esse conhecimento muito da prática de como é e muito de como funciona a rotina e tudo de agente como é que agente comunitários de sair dos postos - unidade de saúde ,o então a gente aprendeu bastante essa coisa mais prática de saúde coletiva mesmo e passou esse conhecimento de comunicação humana da gente teve uma troca legal.

**4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade?
Sim - Não. Por quê?**

Assim da universidade... o projeto era de Hilton gente não teve muita ajuda de outros professores de outras áreas, mas quando a gente chegou para o projeto né para prática a gente tinha que se comunicar muito com enfermeiras com dentista, com essas outras profissões que estavam. Da Universidade Não muito, mas no projeto esse projeto não tinha aluno de outras áreas era só agente do curso de Fonoaudiologia que era eu e mais alguns

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Acho que sim ... pois a gente pegavas os assuntos das disciplinas para levar para o projeto que já era extensão e no final sempre faz aquele faz o trabalho que é a pesquisa né. Acho que teve os três.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Sim Eu acho que o que e como eu falei sobre que foi importante que teve de aprendizado Acho que foi o maior impacto de ver a realidade né .Realmente foi o maior impacto que a gente imagina, idealiza uma realidade que na verdade não existe né é outra totalmente diferente, A gente imagina que vai ter se for trabalhar para um consultório de com todas as luva com pia para lavar a mão às vezes nos postos de saúde... nem é uma pia dentro da sala tinha para poder lavar a mão antes de iniciar uma sessão de fono. Então esse choque de realidade foi o que mais impactou e o que botou, bota a gente ficou os pés no chão né da gente sair da Universidade entendendo melhor como é o mercado de trabalho principalmente na área de saúde coletiva.

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Sim, sim porque como até o nome do projeto dizia os agentes de saúde além irem para as casas todo o trabalho que eles já faziam eles também á levavam algumas orientações da gente então levou essa informação a população que muitas vezes não tinha nem ouvido falar de fonoaudiólogo não sabia que fonoaudiólogo trabalhava com o motricidade, com disfagia, com dificuldade de deglutição... achavam que fonoaudiólogo era só para cago e ai essas informações levou uma transformação, assim como se enxergar a comunicação e a fonoaudiologia.

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Sim, por causa da visão ... assim como eu não segui para área de saúde coletiva, não teve muito impacto na minha vida profissional, na minha visão fez uma diferença ...

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

É difícil essa pergunta ... a dificuldade maior era tempo né porque acho que agora já teve uma mudança na carga horária, na formulação da grade né geral a gente tinha muita dificuldade de ter tempo para fazer coisas.

DEPOENTE - D10

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

É inicialmente foi adquirir conhecimento e experiência e também porque na faculdade federal se colocou muito na cabeça do aluno a importância do tripe - ensino-pesquisa e extensão, você tem que fazer isso para melhorar o seu Currículo, então já visando um mercado de trabalho que não estava tão fácil eu já pensei em fazer o projeto de extensão e aí fui buscando, buscando e aí consegui entrar em dois.

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Os mais importantes que adquirir para além da extensão foi o desenvolvimento pessoal, o conhecimento popular, a forma de abordar a comunidade e trabalhar com a população no geral, o conhecimento popular de plantas e também eu pude ver que entre a teoria aprendida em sala e a prática existe um longo caminho, mas que é possível através de projetos de extensão. Participar de projetos de extensão é uma oportunidade enriquecedora para o currículo de qualquer aluno de qualquer área.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Sim, houve porque era a universidade e a comunidade carente alto cidade de Camaragibe, em diversos bairros de Camaragibe, geralmente era com a associação de moradores ou igrejas... houve essa troca de saberes, principalmente no de plantas medicinais, porque o pessoal de Camaragibe tem o conhecimento muito vasto ... de plantas então muita coisa que a gente não tinha nos livros eles trouxeram para gente para de algumas plantas e a gente foi pesquisar para dar respostas a eles se realmente que eles estavam usando, estava correto se tinha fundamento ... nesse tempo inclusive fui convidada por professor de fitoterapia da UFCE, mas ele veio para ajudar a gente na pesquisa.. Então houve essa troca de saberes, pois a gente adquiriu o saber da comunidade e também levamos o nosso.

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? Sim - Não. Por quê?

Veja na verdade ... são todos que participaram que participaram dos 2 projetos eram da área de enfermagem. O orientador era médico, os dois de ambos os projetos, não houve a interdisciplinaridade Não foi aberto para demais cursos ... assim não posso caracterizar que teve..., mas era só o pessoal de enfermagem. Agora o projeto de plantas medicinais ... como a gente foi fazer os testes em animais de cativeiros, ratos... aí o pessoal do dept de Fisiologia. composto de vários cursos na parti de canolização, trazer os ratos ativamente na pesquisa de ir na comunidade não teve.

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Sim para mim tanta a gente estudou para aprender a pesquisa ... a extensão porque foi fora dos muros da universidade e o ensino... tivemos os tripé

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Sim, aliado uma visão de mundo diferente ...dentro da universidade você fica se for se deter a teoria... as aulas teóricas ... você só vai ficar com limitação só achar que existe só aquilo ali do livro e na verdade não é... e no projeto de extensão você conhece outros mundos, conhece a comunidade, conhece realidades diferentes, realidades que muitas vezes é diferente de suas próprias ...e isso é um crescimento ... vivenciar o curso de outra forma... você fica mais preparado para o mercado de trabalho...

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Sim, sim houveram porque inclusive de plantas medicinais ...depois que a gente voltou para fazer a análise avaliar se houve impacto... pois quando a gente começou tanto num como no outro fiz um pré-teste do conhecimento da pessoas depois a gente levantou as necessidades, no caso dos primeiros socorros nós demos as aulas e depois nós voltamos para fazer o pós-teste, tinha que alguns projetos tinham resultados positivos, pois as pessoas mudaram a forma de ver aquele fato da hipertensão e da diabetes e nas comunidades carentes já viram de outra forma ...como fazer para lidar com os primeiros socorros ... básicos... antigamente colocava nos cortes borra de café.. por exemplo depois que a gente deu as palestras eles não faziam isso ...faziam torniquetes que está em desuso...entre outras coisas que mudou a cultura deles tanto num projeto como no outro

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

sim, eu acredito que há essa mudança de vivenciamento da culturas e isso vai influenciar no crescimento profissional da pessoa... por exemplo... hoje eu sou docente vou replicar o que aprendi... no projeto de extensão... hoje a gente ainda não tem projeto de extensão na casa , porque não é cultura da universidade, mas a gente tem esse entendimento, a importância, sabe que é importante para o aluno e quer implementar ... para mim foi muito importante , me desenvolveu bastante a minha forma de ver o mundo , de trabalhar , de conhecer novas realidades, de ter outros conhecimento adquiridos da comunidade, o projeto do enfermeiro foi o caso da minha ... que vai lidar com a população seja na saúde pública seja na assistência da saúde hospitalar a gente tem que saber que existe várias culturais diferentes que a gente tem que saber entrar e sair dessas culturas respeitando-a, mas também levando ensinamento

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Eu acho que é além da maior divulgação, pois na época que estudei... não sei se está da mesma forma...para o aluno conseguir fazer um projeto de extensão ele é que ia catar o projeto, as oportunidades, não era divulgado amplamente em quadros de avisos, no departamento ... se o aluno não fosse aquele que ia atrás ... buscar o professor... falar com um outros... ficar procurando ... ele não consegue fazer um projeto de extensão Tem que ter uma divulgação maior ...mesmo que não tenha bolsa para todos, mesmo que seja voluntário... não sei se o pensamento do pessoal de necessariamente tem que ter bolsa, pois como tem essa importância do tripé ... ensino, pesquisa e extensão ... acredito que vai ter muitos alunos que vão querer participar, outra coisa

flexibilidade de horário, porque dependendo do horário do curso que a pessoa faça ... Fica impossível o aluno está lá ... nós passamos esse problema porque nosso curso é manhã e tarde. No meu caso e fazer ainda fazia licenciatura em outro departamento ... nós tínhamos que sacrificar nosso horário de almoço ... para ir para o laboratório para pesquisar, feriados e fim de semana ... ou então tinha que faltar aula teórica para ir implementar essas atividades do projeto de extensão, de uma certa forma a gente saía prejudicada... claro que cada um sabia , tinha consciência que estava perdendo aula e a gente fazia a nossa parte e estudava sozinha... mas tem que ter essa flexibilidade também, vai ser um chamativo para o aluno . Deixar pelo menos algum horário livre na grade, dois dias por semana.... Por exemplo. Eu terminei meu mestrado e fiquei como pesquisadora no departamento de enfermagem e de saúde da criança que são juntos ... fazem trabalhos é o projeto ... assistir e cuidar da enfermagem que tanto é um projeto de pesquisa quanto de extensão ... O que vejo que o horário que colocam para os alunos é 14h e tem dia tem que muita gente... e tem dia que não tem ninguém... pois estão ocupados com provas, outras atividades... projeto de extensão é muito importante.... Acho que já disse tudo ... é uma questão de mudança de mentalidade.... de implementar e continuar esses projetos de extensão ... como a gente aprendeu a fazer um projeto de extensão ... é fazer uma pesquisa ... conseguir o material ... implementar a pesquisa na comunidade... pois para mim projeto de extensão tem que ser na comunidade ... se não for na comunidade não adianta. Quem é necessitado de conhecimento é a comunidade

DEPOENTE – D12

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Eu quando entrei na universidade uma das coisas que me atraiu para a Federa e na UPE, foi a integração no Campus né nessa estrutura que a gente tem aqui, saúde, humanas, exatas essa proximidade E aí eu já entrei no intuito de ter uma formação mais aberta pensando em pesquisa, extensão e ensino tá já tem uma ideia do tripé da universidade e eu achava que isso seria muito importante para minha formação né E aí quando eu vejo isso até com um traço de personalidade, um traço meu de Jeito de ser o contato com a prática sempre foi uma coisa muito importante na minha formação, se eu for tirar por uma linguagem de aprendizado né eu tenho muito a parte da sinergia, do contato do aprender pela experiência né E aí a extensão atenção foi muito forte para mim né. Acho que foi um caminho que me levou para isso.

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Uma das coisas mais marcantes foi o contato inter-relacional, pois o projeto com idosos e a gente fazia umas oficinas com eles né via educação e saúde está, muitas vezes eu saía da oficina com a impressão que eu tinha recebido mais do que eu tinha deixado de conhecimento e essa troca era muito rica e isso foi muito marcante para mim até em influenciar a minha escolha profissional e é por isso que hoje eu sou geriatra

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Houve, além dessa troca de saberes com os indivíduos que participavam da pesquisa a gente saiu da Universidade e me visitou grupos de idosos em comunidades para fazer o mesmo trabalho estava fazendo aqui lá fora era uma forma de dar uma devolutiva para eles

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade?

Sim - Não. Por quê?

Interdisciplinaridade existia porque a gente trabalhava com uma temática bem diversa né não era um conhecimento, por exemplo era estudante de medicina e não era um conhecimento médico era escrito né então era um conhecimento de formação em saúde, de educação em saúde né e a interprofissionalidade de certa forma existe também porque a minha orientadora uma era odontóloga e a outra era nutricionista e eu um estudante de medicina

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Identifiquei. A gente teve que se capacitar tanto com metodologias para abordar a temática com os idosos, pois a gente não chegar com um slide para apresentar uma aula tradicional quando é com a temática aprofundar no estudo da temática que a gente estava discutindo ao aprofundar...então eu via ensino nisso, a extensão ...como a própria prática desenvolvida pelo projeto e a pesquisa no final a gente conseguiu coletar os dados e publicar esse artigo num periódico. Um artigo publicado na revista ciência, saúde coletiva.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Com certeza. Houve impacto na minha formação quanto estudante, é tanto influenciando na minha área de interesse da formação, após a graduação, como também no meu desenvolvimento humano quanto profissional

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

O projeto teve um tempo limitado de uso, foram 2 anos de atividade e assim, não consigo lhe dizer se numa esfera macro, maior, eu acredito que não por não ter tido continuidade, provavelmente, numa esfera individual daqueles seres que participaram daqueles grupos de idosos que a gente foi, talvez a gente tenha deixado uma sementinha em relação a prevenção, ao controle de saúde... a temática a que foi discutida eu acho que sim, mas se for pensar numa esfera maior, numa sociedade como um todo eu diria que não. Se eu for fazer uma análise bem superficial sabe ... não teve continuidade não... eu acho que repercutiu para eles, mas a propagação de forma continuada

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Contribuiu... com certeza... academicamente ... o projeto repercutiu um artigo científico que me ajudou no currículo né tem a participação enquanto ganho de conhecimento que eu tive pelos estudos que eu tive que ter, pelo projeto, pela temática do projeto e no ganho de e formação humana dentro da estrutura que eu considero um ganho para minha formação pessoal e profissional com certeza.

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Eu acho que uma das primeiras alternativas para estimular a participação discente nos projetos de extensão é você estimular os docentes a promoverem projeto extensão né e aí tem que ver onde é que eles onde é que a gente se sente estimulado na caracterização dos projetos né com editais de incentivo né com financiamento para facilitar os projetos não sabe que nessa crise está mais difícil mas é uma sugestão tá a questão do respeito da carga horária não é que a gente sabe que é difícil conciliar várias atividades e a valorização da atividade de extensão na progressão né que já é algo previsto mas aí a gente poderia discutir com universidades né quanto está sendo valorizado. Em relação aos discentes em específico eu acho que precisa ser feita uma campanha de conscientização sobre o que é um projeto de extensão na verdade. Qual a finalidade quinta a gente não sabe né não sabe para que serve não sabe qual o objetivo aí eu acho que isso é muito importante deveria ser feito como uma capacitação obrigatória quando o estudante entrasse na universidade que o tripé da universidade ensino pesquisa extensão ne muitas vezes só a só lhe é apresentado ensino a pesquisa e extensão a quem quiser que corra atrás para saber como é que faz. Então precisaria de uma orientação Inicial sobre isso e a partir de aí né facilitar os caminhos para o acesso a gente sabe que alguns cursos têm uma carga horária teórica muito grande de ensino está aí vai fazer extensão como? Está certo? então a gente é só uma e tem que ser uma carga dentro do Currículo, ela tem que fazer parte da carga horária curricular do Estudante Seria uma forma de estimular a participação dele também acho que é por aí

DEPOENTE – D14

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Bem, na época eu era primeiro período da faculdade, então todo mundo dizia que era importante fazer um projeto de extensão e o que a gente tem acesso era o caminho, para estudante de primeiro ano, e aí e como era um projeto que envolvia todas as graduações de saúde, que era um projeto de humanização dentro do Hospital das Clínicas. Inicialmente, o motivo que me levou, foi meio que assim: já que todo mundo vai fazer, eu também vou!

Bem aquela coisa de massa, eu entrei na faculdade muito jovem, entrei com 18 anos, então eu não tinha noção nem do que era uma extensão, Eu achava interessante porque a gente não tem contato nos cursos de saúde, porque assim, nos cursos de saúde, hoje com a reforma curricular não, mas quando eu fiz a graduação a gente só entrava em contato com o hospital e paciente já no quarto período, não tinha essa inserção logo no início. Então eu achava uma oportunidade de estar dentro do ambiente hospitalar, até para ver se era isso que eu queria mesmo na graduação, embora, hoje quando eu olho para trás, na verdade o que eu vivenciava no caminho não tinha muito a ver com a prática da gente. Porque a gente ia para conversar com os pacientes, ouvir história de vida, não era assistência, a gente estava ali para conversar com as pessoas. O que foi bom para mim a programação enquanto pessoa, porque eu via a visão do paciente, só que tudo isso, eu só vim processar muito depois, quando eu já estava na prática, era que eu vi qual tinha sido o meu papel lá atrás no projeto extensão, então inicialmente o motivo foi esse, e porque todos colegas iam, tinha muita gente da minha turma e porque ia conhecer outras pessoas, outro

ambiente e a oportunidade de me inserir no serviço, mas, tanto é que, assim, eu fiquei só no primeiro período. A gente tinha a oportunidade de continuar, mas eu optei por não ficar, fiquei só seis meses nessa extensão e assim, ele tinha uma lógica que você entrava no primeiro período, sem nenhuma atividade específica dentro do grupo, se você quisesse ficar, a partir do segundo semestre você já podia ser algo como um organizador dos demais, dos novatos, porque era uma coisa que era organizada pelos próprios alunos, tanto é que eu não sei, nunca vi a professora responsável pela extensão, no período que eu fiquei, eu não entrei em contato com ela.

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Eu acho que nesse período, na hora, no momento eu acho que nem percebi o tanto que eu tinha aprendido com aquilo, mas eu acho que foi muito, aprende a ter empatia com aquelas pessoas que estavam ali internadas. É entender que todo mundo tem uma história de vida e que a gente tem que ver o ser humano como uma coisa complexa, e integral, porque às vezes a gente chegava lá e a pessoa estava super triste, cabisbaixa, porque ela se sentir sozinha, não tinha com quem conversar, muita gente do interior, então acho que isso me ensinou a ter empatia com as pessoas, a entender que todo mundo tem uma história de vida, e que a gente ali, muitas vezes no hospital, a gente só vê a doença, o que que a pessoa tem, o que que eu posso fazer para tratar, mas na verdade ela tem toda uma história que pode estar refletindo no processo de adoecimento dela, porque muitas vezes, e hoje já atuando como profissional dentro dos hospitais, eu vejo a gente não, até pela correria do dia-a-dia não tem tempo de pegar esse outro lado dos pacientes que a gente atende.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Eu acho que sim. Eu nem tinha ideia de que fosse, mas pensando assim, eu acho que havia uma troca de saberes né? Entre a gente e a sociedade, porque ali a gente estava representando a universidade, né? E entrando em contato com pessoas comuns, né? Com a comunidade que é assistida pelo hospital. Eu acho que sim, tinha essa relação.

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? Sim - Não. Por quê?

Sim, existia, porque enquanto os alunos, tinham os estudantes de medicina, de teó, de fono. Todos os cursos de saúde estavam inseridos, de psicologia, muito forte o curso de teó e de psicologia, mas existiam todos os outros. Eu acho que tinha essa interdisciplinaridade entre a gente. Eu não sei dizer se tinha entre os coordenadores, porque como eu disse, eu não conhecia o professor que era o coordenador, eu sabia que existia, mas eu não cheguei a conhecer, então entre a gente que era aluno, que fazia parte, existe essa interação.

Pergunta: E no outro projeto que você fez, existia?

No outro projeto existe mais ou menos, porque o outro projeto, foi um projeto de extensão que eu participei ativamente na construção do projeto, de levar na reitoria, de fazer toda a burocracia. Era um grupo só de enfermeiros que era coordenado por uma professora de enfermagem, bem específico, mas quando a gente ia para as ações dentro dos hospitais, que era ação educativa a gente acabava interagindo com outros os profissionais e com outras áreas, mas não era assim tão misturado quanto era no projeto do Caminho.

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Não. Esse daí no Caminho eu não tive, eu não consegui enxergar isso, porque eu via muito a extensão, mas não via como estava relacionada a pesquisa dentro da Universidade. O meu acesso a pesquisa veio com a extensão de transplante. Ai sim, eu vi que tinha um link da extensão com a pesquisa, embora nesse momento em que fazia o projeto de extensão de transplante, não foi aí que deu o start para pesquisa, foi em outra coisa, mas assim, de certa forma despertou, eu vi que estava ligado o ensino, porque era uma professora que me dava aula na graduação, que tinham estudos voltados para doação de órgãos e tecidos, de órgãos para transplante, e tinha a questão da pesquisa, a gente levava trabalho para congresso, essas coisas, coisas que a gente não fazia no Caminho, pelo menos eu não fiz, eu não sei se houve algum aluno que conseguiu fazer, mas comigo no Caminho não existiu essa relação.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

eu acredito que o projeto extensão contribuiu de diversas maneiras para o meu crescimento acadêmico né então se ele representou assim uma contribuição e o porquê né Eu acho que ele contribuiu porque eu início o projeto de extensão Ainda é muito cedo na universidade como eu fiz um curso de saúde eu não tinha aproximação ainda com os ambientes que eu poderia trabalhar com pacientes com outros outros profissionais de saúde então foi um importante momento assim de inserção mesmo na realidade prática eu pude eu pude ver com mais ou menos o funcionamento do hospital como era como era aqui que as coisas funcionavam quem era o troco né se estava envolvido minha próxima e muitos pacientes né Porque até então a gente entra no posto de saúde e acha que nem é formado ainda acha que é mesmo que o dono da verdade mas aí a gente vai ver que existem várias realidades várias Verdades e que não existe é que a gente precisa ver o ser humano como um todo acho que foi muito importante e era realmente a proposta do projeto né quero o caminho era um projeto de humanização e eu acho que me sensibilizou hoje e de certa forma influencia hoje também na minha prática profissional na minha atuação enquanto enfermeira em relação ao crescimento acadêmico foi muito importante também porque eu podia conhecer professores e alunos de outros cursos de conhecer assim entender como funciona academia porque quando a gente chega na universidade a gente é muito jovem e muito Verde Então eu acho que isso proporcionou entender assim que eu não estava uma cartinha fechada lá isolado na enfermagem existe um mundo né com outros cursos outros professores outras perspectivas Então acho que me ajudou bastante e também assim já foi bom porque eu pude perceber bem cedo que a universidade as coisas não iriam cair no meu colo que eu ia atrás de professor de projeto de iniciação o que fosse porque eu não teria porque simplesmente as coisas são muito complicados na Universidade Federal em campos grandes são os professores nos alunos então é esse projeto me impulsionou para aprender a correr atrás das suas que eu queria

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Você observou que o projeto de extensão trouxe Impacto transformação social sim ou não bem como eu já disse anteriormente eu participei de dois projetos de extensão o caminho que foi assim

em 2007 e 2008 e um outro que era sobre a sensibilização da população para o transplante de órgãos né a doação de órgãos e tecidos para transplante no primeiro que esse outro de transplante eu acho que foi mais ou menos nos anos de 2009 da talvez 2009/2010 bem no primeiro projeto no caminho eu não conseguia ver acima de grande Impacto transformar qualquer que é na realidade apesar de ser um projeto de extensão A gente estava ainda na caixinha pequena da Universidade né dentro do Hospital das Clínicas entrar habilitando pacientes ainda tá eu não sei eu realmente nem na época nem hoje eu não consigo enxergar Qual é o impacto social desse projeto eu sei que o impacto assim social quando fica assim para a população porque eu acho que é uma população tendem restrita aquela população que acesso o serviço que tá internada certo talvez a transformação social maior seja realmente por parte dos alunos dos alunos que é realmente acredito que saíram transformado daquele do projeto né que ficou mais tempo agora já o segundo pensam que foi de transplante de fato eu acho que ele tem um potencial transformador social maior o que realmente era com a população era nas unidades de saúde da família nos hospitais Então eu acho que foi mais eu tenho uma representação maior e transformação da sociedade nesse transformação social nesse segundo projeto

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Porque com toda certeza o projeto extensão contribuiu bastante para o meu crescimento profissional Os dois tanto do Caminho com autotransplante mas talvez o transplante que tenha me feito com a melhor ideia sim e talvez eu acho que ele foi o melhor nesse ponto talvez até porque eu era mais madura né já estava no quinta e sexta não é quinta e sexta então eu já estava bem mais amadurecido de texto na universidade mas foi importante porque eu nunca tinha quando entrei na universidade eu pensei em fazer meu curso e depois que o mercado trabalho mas o projeto de certa forma me abriu as portas para entender que existe outras possibilidades tanto é que hoje né eu acabei deletando uma pós graduação e residência também na federal aqui na Universidade Federal fiz mestrado e agora estou fazendo doutorado então eu despertei que eu poderia ser enveredar por essa área acadêmica eu acho que basicamente a isso e depois é hoje né quando como profissionalmente né atuando dentro da assistência também eu acho que contribuiu bastante para ter uma visão mais ampliada né do sistema de saúde entender melhor a população que eu tô assistindo

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Quais ações para melhoria da participação dos docentes em projetos extensão bem eu acho que antes de tudo é necessário aniversário em ampliar o número de projeto de extensão porque ainda o número eu não sei hoje mas eu me formei há 5 anos atrás e até então era o número pelo menos o meu departamento era um número bem reduzido de projetos e bem limitado a pouquíssimos a anos no máximo 10 então fica complicado para um curso que por exemplo para enfermagem aqui todo o ano entre os 60 80 alunos então é o número bem restrito e eu acho assim que a senhora deve ser estimulada por parte dos docentes também né porque testemunha muda a pesquisa científica a iniciação científica Mas eu acredito que a extensão pelo menos no meu ponto de vista Ainda tá um pouco ainda não é tão valorizado quanto a iniciação científica eu acredito que seja tão importante quanto eu acho que realmente Preciso desses alunos e até o fim no início do curso tem uma introdução do que a Universidade do que o que é que a universidade pode proporcionar

ao projeto de extensão que esse ensino-pesquisa-extensão porque a gente fica muito jovem e a gente só vai se dar conta das coisas quando voltar concurso bem adiantado então às vezes você já tá quando você já tá com o desejo de outras coisas que não a extensão Então eu acho que é o estímulo a essa participação tem que ser o mais precoce possível agora não apenas dizendo assim olha eu tenho um projeto de extensão mas dizer qual é o significado daquilo q a q a q pode repercutir na sua vida profissionalmente e acabei na vida acadêmica porque você chega é um mundo completamente novo você vem de um de um cursinho para vestibular que você não sabe você nem sabe direito também se é isso mesmo que você quer ir porque você entrou e eu acho que a extensão é uma bosta idade para você ter contato mais próximo com a sua profissão ou com a sua futura profissão com outras profissões e até é emergir mesmo para ver se é isso mesmo que você quer e além do mais acho que é um contato assim porque como a universidade pública é uma oportunidade de executar o retorno né porque as pessoas estão pagando para estudar e aí é a população não recebe e não recebe o benefício com isso na maioria das vezes então acho que é extensão é algo benéfico tanto para o aluno para a universidade para a população agora eu acho que precisa ser pensado que tipo de extensão A gente quer né porque eu acho que também importante eu não sei se isso é feito mas fazer uma consulta à população aquela população eu vejo assim a população daquela daquele bairros próximos à universidade sendo muito explorado por projeto extensão pesquisa mas eu não sei se essa população é consultada para saber que tipo de fazer aquela Gostaria de participar o que é que a população gostaria de saber se assistindo como então eu acho que também era importante se for por exemplo um projeto com a população vem por aquelas comunidades como tem muitos é muito jogos né que eu conheço eu acho que é importante saber da população que é que ela acha que é que ela acha que é importante qual moto né do projeto Eu acho que isso precisa ser visto né e avaliado

DEPOENTE - D15

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Além da ajuda de custo que a gente recebia, foi a oportunidade de vivenciar a minha área dentro da faculdade... como era na coordenação, na parte de arquivamento, tudo que estava vendo de teórico eu estava vendo na prática.

2) Quais foram às *aprendizagens mais importantes* que você desenvolveu no projeto de extensão?

Organização e disciplina

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Não porque ... era só administrativo... porque assim ... geralmente os projetos lhe pedem para fazer relatório ...saber como você está... o que está acontecendo o que está desenvolvendo ... eu não percebi isso

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? Sim - Não. Por quê?

Com outros profissionais ... os professores do curso de artes visuais ...

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Voltados para eu desenvolver ... não porque o meu trabalho era meramente administrativo ... voltados para os estudantes...auxiliar na matrícula ... Fazer algumas coisas voltadas para o SIGA.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Ajudou Pude visualizar algumas coisas de algumas disciplinas... não todas consegui visualizar melhor na prática

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Não ... porque era interno ...

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Profissional sim ... porque foi minha primeira experiência ... foi como comecei a aprender coisas voltadas para a área de secretariado ... Eu ajudava a coordenadora ... acompanhei algumas reuniões ... foi quando eu tive a primeira vivência profissional. Contribuiu, embora não esteja trabalhando na área agora, no estágio que fiz numa empresa particular ...contribuiu...

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Acompanhamento acompanhar melhor ... tentar encaixar um pouco mais os discentes nos projetos... saber o que eles estão fazendo ...como estão fazendo o que eles podiam melhorar ... dentro da área em que colocaram ele... se está aprendendo ou não ... Aprendi muito, gostei muito, juntei a teoria e a prática ...tinha bolsa e ajudou muito ... eram muitos materiais para pagar ... pois era o valor da bolsa que eu consegui comparar o material... Eu participaria de projeto de extensão sem bolsa... só pela experiência...com certeza... pois aprendizado nunca é demais ... são sempre bem-vindo.

DEPOENTE – D16

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Desde que eu entrei na universidade, eu sempre tive um objetivo de traçar a minha trajetória acadêmica, então queria reunir todas as experiências possíveis, para que eu pudesse ter uma bagagem para fazer mestrado, doutorado, e aí por conta disso, eu fui procurando me encaixar em alguma coisa. Então a partir de eventos eu conheci o NUSP e fiz a seleção do NUSP, e tive realmente o interesse por conta desse trabalho direto com as comunidades. Eu também tenho o interesse em pesquisa? Tenho! Por isso que eu fiz o mestrado, mas o interesse em trabalhar e comunidade falou mais alto.

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Eu acredito que o principal tenha sido o método que a gente utilizava para trabalhar com as comunidades, que eu utilizo até hoje no meu ambiente profissional. Então, o método que a gente utilizava, que era o método bambu, que é o método que foi criado pela NUSP juntamente com a JICA, que é a agência de cooperação japonesa. Esse método que até hoje eu utilizo para trabalhar com qualquer comunidade, aonde quer que eu esteja. Mesmo que eu não utilize o método em si, mas os seus princípios de empoeiramento, desenvolvimento local, tudo isso eu levo para minha vida enquanto profissional que trabalha no âmbito da questão social, no combate da desigualdade. Então assim, tudo que eu aprendi na extensão eu levo até hoje como método de trabalhar com as comunidades. Então esse foi o principal aprendizado em relação ao método utilizado. De como você conversar, chegar, “vamos fazer uma oficina?”, “vamos dialogar em relação as potencialidades da comunidade”, sempre partindo do que a comunidade oferece, para a gente poder trabalhar com eles. Então o principal aprendizado foi o método utilizado no âmbito do NUSP, né? No âmbito do local onde era elaborado o projeto de extensão, e a gente assim ia tendo um diálogo maior com a comunidade. Também a questão que me chamou muita atenção, foi porque, como o projeto era para mulheres, e eu sempre tive muito interesse por ser feminista, então a gente sempre trabalhava com aquele brilho nos olhos né? Então trabalhar com mulheres, para mim sempre foi muito interessante. Então esse fato de aprendizado, de como trabalhar com as mulheres, de como desenvolver um trabalho que elas despertassem aquilo que elas têm de melhor para a gente começar a desenvolver a comunidade, foi acho o que deu um “boom” para minha vida profissional.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Sim. O projeto em si, ele sempre ia nas oficinas trabalhando, assim, na verdade o que eu acho é que tinha uma certa dependência em si das cooperativas estarem sempre ligadas à universidade. E isso não era o que a gente queria, a gente queria trabalhar com eles numa forma de encubação de cooperativa e depois que eles andassem com os próprios pés. Eu acho que teve uma certa dependência do trabalho de universidade si, mas em contrapartida, ele se motivava exatamente pela universidade estar trabalhando com eles, uma comunidade pobre, do semiárido né? Então assim, esse fato da Universidade chegar nessa comunidade, para eles foi muito importante. Então quando o carro da universidade chegava toda comunidade olhava, ficava feliz, as pessoas faziam um almoço para a gente. Era aquela motivação, aquele “boom” na comunidade. Diziam assim: A universidade está olhando para gente, a universidade está trabalhando com a gente. Então eu sei que tem uma dependência, mas para eles era muito importante. Tinha sempre esse diálogo. A gente sempre estava em contato com a comunidade. A gente estava fazendo oficina, trouxe eles para fazer apresentação na Fenearte, então a universidade estava sempre em contado. O problema é esse, é quando eles não conseguem andar com os próprios pés e dependem sempre da universidade para conseguir fazer suas atividades.

O principal saber que nós aprendemos com a comunidade foi em relação a como eles faziam artesanato, de que era um modelo único, o módulo deles fazerem era único. Então assim, até os estudantes de outras áreas como design, eles aprenderam a forma como eles estavam fazendo artesanato e nós levamos o conhecimento em relação a como trabalhar com cooperativismo, a questão do custo, do lucro, de como ver a questão da marca. O pessoal de designer fez a logomarca da comunidade, mas isso inspirado na história da comunidade que era a arte calango. Então assim, eles tinham uma marca, eles passaram para a gente como eles desenvolveram essa

marca. Então teve essa troca de aprender como era feito o artesanato deles e nós levamos um pouquinho de como desenvolver essa cooperativa.

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade?

Sim - Não. Por quê?

Sim. Como eu acabei de citar, foi muito importante o diálogo com os outros profissionais. Então no projeto de inserção tinham pessoas com formação em psicologia, serviço social, design, comunicação social. Então eu tive uma experiência muito boa de formação antes de eu ir para a comunidade, por exemplo, eu tive uma formação com Gorete, que ela é jornalista e ela ensinou a todos nós, inclusive de outras áreas que não era de comunicação, com todos os bolsistas de como fazer um texto jornalístico, então a gente aprendeu isso. O pessoal de design também, de como fazer um banner, um folder para trabalhar com a comunidade. Tudo isso a gente aprendeu com vários profissionais que estavam dentro do projeto e todos eles iam fazer atividades na comunidade. Então quando um profissional ia fazer atividade, todos iam, então meio que a gente trocava sempre experiência em relação à disciplina.

Tinham profissionais de outras disciplinas, tinha o professor Manuel que é de design, é que a professora Monique que é de Medicina, mas tinham profissionais que são da universidade, que estavam no projeto, que são jornalistas, tinha psicólogo, assistente social da Universidade. Então todos eles estavam em diálogo tomando frente no projeto, e também instruindo os bolsistas. Tinha bolsista de Ciências Sociais, de rádio e TV, serviço social, tinham bolsista de enfermagem, terapia ocupacional, deixa eu ver se estou esquecendo algum... terapia ocupacional e acredito que só. Então tinha vários cursos, várias áreas e também tinham profissionais de várias áreas, tudo bem interessante. Então para mim foi muito interessante, foi uma formação muito completa. A gente teve uma formação de alguns, acho que uns dois meses no máximo, e depois a gente começou a colocar para andar o projeto.

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Eu acredito que sim, eu acredito. Eu vou falar por partes. Extensão em si é o contato com a comunidade, é a forma de pesquisa-ação era que a gente utilizava de tornar, o que é Michel Thiollent, a tese né?! Que era mais ou menos tornar eles mais o mesmo de tornar ele o protagonista. A gente sempre ia levar o conhecimento, mas lembrando: "Olha, isso aqui é a marca de vocês. O existem vocês. Vocês que estão fazendo, então vocês têm identidade. Vocês são protagonistas." Então tudo que a gente fazia era sempre remetendo a isso. Então, além de ir levar, a gente também escrevia vários artigos para divulgar também como estava fazendo a pesquisa, em relação a ocupação. Publicamos em congressos no Chile, publicamos aqui, no Rio Grande do Sul, no Congresso da ABRASCO, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, sempre visando que esse trabalho com as comunidades é um trabalho que promove saúde. Por isso a gente publicou em eventos tanto de coletivos feministas, como eventos de sociologia, como eventos de saúde. E aí a gente dialogava em relação a comunidade. Fazia pesquisa e a gente, acredito que tinha um aprendizado em relação ao ensino. Por que a gente teve uma formação antes de começar as atividades pela parte teórica e claro né? A gente sempre estava frequentando as aulas, mas ia para o NUSP nos horários que eram do projeto, e estavam sempre fazendo alguma atividade. Eu acredito que realmente deu para contemplar o tripé né?

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Sim! Houve um impacto muito forte. Eu acredito que os dois anos de extensão, fizeram com que eu percebesse enquanto assistente social, em formação ainda, mas como era importante, o trabalho com a comunidade. E como a minha profissão é uma profissão privilegiada, porque está sempre em contato com o usuário em serviço, então esse trabalho com a comunidade, antes de me formar, já promoveu que eu tivesse uma boa conduta com relação a como trabalhar com a comunidade. Porque mesmo que você esteja na sala de aula, você está vendo a questão teórica e tal, quando você vai para a prática é totalmente diferente, você utiliza claro o que está na teoria, porque não dá para dividir teoria e prática, né? Elas estão juntas. Mas você utiliza o que está na teoria e começa a adquirir uma experiência a certo tempo na prática também. Então assim, o fato de como fazer uma oficina, de como dialogar com a comunidade, eu aprendi nos projetos de extensão. Então hoje eu tenho uma formação de qualidade, claro né? Em relação à sala de aula, mas a extensão é que me fomentou como agir com a comunidade. Então assim, praticamente a extensão foi o caminho né? E aí eu acredito em relação à formação ela contribuiu muito

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Pois é. Como eu estava dizendo, acredito que impactou bastante o fato só da Universidade estar no local de extrema pobreza, em que não havia nenhuma possibilidade de desenvolvimento local, já de fato é um impacto. Então assim, a comunidade começou a trabalhar com diversidade muito antes de eu ter entrado, né? Claro, assim, o projeto que eu entrei em 2011, mas o projeto existia desde 2005/2006, senão me engano. Então o projeto em si possibilitou que as mulheres do local, de Barra do Riachão, que é em São Joaquim do Monte, tivessem renda. Então elas conseguiram ter um empoderamento, se veem como agente social, sujeitos de direito e conseguiu desenvolver a sua renda a partir de tudo que tinha no local. Não era uma coisa à parte. Era o artesanato que elas já faziam, que elas queriam passar para todas as gerações e vender, e ganhar o seu dinheiro e construir a sua família. Então assim, eu acredito que o fato já começa quando a Universidade já vai a campo, levando o seu conhecimento e trocando saberes com a comunidade, mas o fato de a continuidade dos projetos de extensão, eu acho que é o mais importante. Como eu entrei no projeto que já tinha um certo tempo, então eu acredito que a comunidade tenha um trabalho melhor. É muito ruim, eu acredito que o ruim é isso. Você faz um projeto de 1 ano, e aí depois disso a comunidade se sente abandonada. Então assim, para mim os projetos de extensão têm uma durabilidade que ainda não possibilita que a gente tenha um diálogo muito melhor, como por exemplo, o campus é aqui em Recife, a comunidade era em São Joaquim do Monte no Agreste, então a gente tinha dificuldade de carro, de conseguir carro para ir para campo. Então tudo isso em um ano... ainda teve greve no ano que eu estava, dos servidores, dos professores. Então tudo isso é dificultoso para que a gente fizesse um trabalho maior. Mas assim, eu acredito que tenha impacto sim e desenvolveu localmente a comunidade Barra do Riachão

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Sim ... veja como ter falado eu sou assistente social de formação é mesmo tendo esse viaje pesquisadora eu tenho realizado mestrado aí quando eu estou coma comunidade me sinto realizada Eu tenho um fato de ter aprendido Como trabalhar em comunidade e ter sido uma prática

já durante a graduação o que me possibilitou eu já tenho experiência o que quando a gente termina e depois vai a campo como um profissional você tem que se Reinventar eu não precisei disso porque eu já tive prática enquanto na graduação então quando me formei eu já tinha um arcabouço teórico metodológico, prático Para trabalhar com a comunidade ... então minha formação para mim foi muito mais completa por que como eu disse não foi só uma questão em estar em sala de aula de ser monitora, de fazer pesquisa científica. Não eu estava ali no campo eu estava ali dialogando com comunidade 2 anos aprendendo como trabalhar com eles como a gente se envolver todas as atividades, assim para mim crucial para me tornar uma assistente social e tivesse uma possibilidade de combater as desigualdades

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Isso aí dá um livro primeiro eu acredito que pessoas mais educação quando eu entrei na universidade eu busquei, eu sabia porque minha irmã já estava aqui ela já tem feito, participado de projeto de extensão também, minha irmã disse procura um projeto de extensão que vai ser bom para você vai aprender muito e aí eu fui atrás aí saí procurando para ver se eu conseguia sempre participando de vários cursos, minicursos para conseguir me integrar algum projeto de extensão. Então assim eu acredito que a primeira parte é ter um funcionamento vindos dos professores porque no meu centro no departamento são poucos professores que fazem projetos de extensão ...se não me engano, não vou citar nomes mas acho o 2 ou 3 docentes de 22 fazem extensão o resto fazem pesquisa em iniciação científica ...não que a iniciação científica não seja importante, mas também teorizar a extensão então assim quando eu entrei eu tive que procurar fazer em outro departamento porque no meu não tinha um professor que tivesse projeto. E aí eu acredito que partir disso... Incentivar os docentes a fazer projeto de extensão porque os docentes acreditam mais voltados vou fazer atividades no âmbito da pesquisa da iniciação científica, mas na extensão eles não são tão motivados porque acho que a gente pode ver essa situação em relação a também prazo de um ano para você fazer uma pesquisa, no caso uma ação com comunidades. Enfim e aprendi também a produtividade docente é o que influencia muito porque os docentes têm sempre que está engajado em graduação, pós-graduação produzir fazer artigo livro então isso dificulta eles estarem produzindo para fazerem projetos de extensão Acho que esse seria o primeiro tempo no segundo o que poderia melhorar era alguma ampliação de bolsas porque a gente sabe que tem muitos estudantes que precisam trabalhar para se manter e estudante que não têm acesso a bolsa permanência está trabalhando para conseguir se manter e vim para a universidade. E aí a ampliação da bolsa também ia possibilitar... que o estudante tivesse estímulo. Claro que o conhecimento não seja o real estímulo, mas ...ah eu não vou pegar esse trabalho aqui eu vou fazer uma atividade dentro da Universidade vou ter uma remuneração ...mesmo que sejam remuneração baixa, mas eu vou ter para conseguir ter uma formação de qualidade. Acredita que incentivo a bolsas uma das prioridades também, e eu acredito em relação a participação dos Estudantes em si seria interessante quando por exemplo o estudantes está primeiro período aí o coordenador vai apresenta como funciona a universidade... o site que ele precisa a procurar para se informar mais e também apresentar o tripé ensino-pesquisa-extensão e vocês precisam conhecer incentivar mais porque eu procurei e sair fuçando os site, mas nem todo mundo tem essa oportunidade fazer o que eu fiz eu larguei tudo eu me dediquei só a universidade, mas tem pessoas que precisam trabalhar então fica mais difícil né . Acredito em

Você acredita que a participação do discente depende muito desse interesse da Universidade da questão de interesse dos docentes meus entes e do estímulo a bolsa para os discentes também.

DEPOENTE – D18

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

A vivência, aprender coisas novas, e colocar em prática o que a gente estuda na universidade... um dos motivos, além do mais de comunidade ... é uma forma não só ensinar, mas também aprender muito com eles

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Olha aprendi que a realidade é um pouco mais diferente ... com o olhar mais aguçado das pessoas... me dedicar mais ao outro isso é bem importante ...aprendi muito com eles e que cidadania se constrói além da universidade.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Sim...sempre. Porque tudo que eu falei no começo tudo que a gente aprendia no curso de pedagogia a gente colocava em prática a gente via muito a dicotomia que existe muito ... entre a teoria e prática ... para mim e para alguns colegas não tinha essa perspectiva de pensamento. A gente via as teorias de Piaget ...colocava na prática e dava certo, claro ao nosso modo ... com a percepção da nossa realidade ... com algumas adaptações E também a gente trazer resultados no quantitativo, mas qualitativo por exemplo quando vamos apresentar um congresso de extensão nacional Rio Grande do Norte Federal que mostramos qual o nosso trabalho, como é que desenvolve essa parte essa parceria com Federal, esse diálogo e trocar experiências... esse foi o primeiro congresso fora de Pernambuco... primeiro e único

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? Sim - Não. Por quê?

Sim tinha eu como pedagogo...estudante na época, tinha Claudemir nosso coordenador terminando mestrado.... Também era pedagogo... nossa colega Carla que era bióloga...se formou... na época era estudante... era Cristina cineasta, tinha outro pedagogo.... Tinha alguns de sociologia. Colega meu que não tinha a ideia de pertencimento da comunidade aí saiu Interdisciplinariadade isso era constante, principalmente a gente que tinha uma cabeça meio diferente a gente era meio como de patinho feio do CE, mas queria algo diferente... . Com outra perspectiva e a gente relacionava os conteúdos, porque a gente não queria dar aula sobre biologia.... só saber como se processa a miose... a mitose... sem desenvolver a língua portuguesa, ou coerência, a gente fazia o possível para interligar todos os conhecimentos ou saberes.... Saberes que amoldam

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Não. Pelo contrário ...era uno... a gente não via...pois quando a gente aplicava o projeto, trabalhava e desenvolvia as ideias, a gente escrevia coisas e apresentava resultado... Tínhamos o tripe.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Teve Impacto sobre tudo o olhar mais atento a comunidade ali mais ouvir comunidade no bairro periférico e já tem já se olhar adiante vinda na universidade quando entrei fiquei mais aguçada e quanto fiz extensão fiquei com o olhar mais aguçado ainda não fiquei tão reacionário como meus colegas ficaram comunistas coisas assim não fiquei ... foram aprendizagem que não vou esquecer. A gente olha um garoto e uma garota... e alguns lembram de mim... hoje estão com 14 ou 13 anos. Infelizmente alguns estão nos caminhos tortuosos da vida ... isso faz parte do processo... tem gente que está estudando no ensino médio. Superior... isso eu não vou esquecer nunca, pois docência é uma coisa que mexe comigo... sempre mexeu ...estou fazendo direito, mas quem sabe possa ser professor de direito

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Sim teve... vou dizer uma coisa muito interessante chega o momento da gente como ela era feita em associação de moradores de lá da rua Capitão na Zona Norte do Recife era da 25 a 30 pessoas isso crianças e tirando a gente a gente se ficar com 30 fechava em 30 e sempre que a mãe se quer colocar os meninos lá onde não era uma fila de espera, mas sempre uma mãe ou um pai falava... meu filho pode participar ... e a gente não dizia não É melhor está conosco fazendo um trabalho diferente, excussões, fazer cinema ... que a comunidade não via isso ...

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Contribuiu Claro como nessa época eu estava trabalhando em uma ONG também que agregou ainda mais que era porque era perto da comunidade eu já era voluntário em outra ONG no Coque...com Professor Alexandre é, mas eu fiquei pouco tempo que horário era forçado demais o meu horário não dava, infelizmente, e constitui família na época e ficou difícil ... consegui entender mais o outro sobretudo ...apesar de que eu era muito tolerante a, fiquei mais complacente com a realidade. Não segui formalmente a carreira de pedagogia, mas não foi por desgosto ou algo parecido ... pois todo mundo pensa que sai da pedagogia da carreira docência ... acham que está em conflito com seu eu ou com a academia... par mim não foi a minha ótica... eu sai porque eu queria outras coisas... direito sempre foi alguma coisa que sempre quis... passei em 2 concursos na época. Igarassu e Recife, abdiquei dos dois ... hoje sou editor de uma editora de livros didáticos... gosto de escrever, ler produzir e isso me ajudou de alguma forma... principalmente quando vejo um livro didático ... do 6 ao 9 do livro médio O que vou colocar no livro... como a gente é pedagogo e com vivência na comunidade e outras vivências isso influencia muito na hora de fazer questões...ficar muito antifreiriano ...eu gosto muito da área que estou

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

A grana é importante ... eu acho ...é uma questão muito simples... é gosto pela causa... se você gosta da causa... trabalhar com o social, e vai e faz ... se não gosta não faz ... sou meio pragmático com essa questão. Eu gostava de falar e a garotada confiava muito no meu trabalho. Havia aqui discurso que teoria e prática não se junta e isso me perturbou muito na graduação ... não a gente tem que colocar em prática isso... e de fato existiu ... ficou muitos anos o projeto ... eu acho que o discente tem que ter entusiasmo... o professor tem que puxar o aluno, pois o discente não muito uma força institucional grande na universidade... eu acho que se o professor chamar os alunos , independente de bolsa ou não , em qualquer lugar que seja, com qualquer objetivo é válido , porque nós estudantes nunca temos barreiras de chamar um professor de ajudar .. a gente quer professor para assinar papel em tese é isso ...que a gente fazia que a gente tocava o projeto ... fazíamos planejamento, as ideias, aí eu organizava e passava para os colegas e a gente ia trocando ideias... porque os professores que alegam que não tem tempo ... não sei se eles têm tempo não ... é porque não querem realmente ... é porque professor pensa que a universidade é o reduto deles sabe. E isso me deu muita ojeriza para ir na federal... consegui pagar cadeiras do mestrado... fiz prova do mestrado... mas desisti ... não quero me aproximar por um bom tempo

DEPOENTE – D20

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Eu acho que o projeto de extensão, eu sempre achei quando estava na faculdade muito interessante, porque era possível participando dele que eu pudesse colocar em prática alguns conceitos, algumas coisas que teoricamente eu aprendia. Então o projeto de extensão me proporcionou muito isso, de estar na prática, estar fazendo coisas que eu só aprendia teoricamente, mas, claro que a questão da bolsa é muito importante também e relevante para a continuação da participação nos projetos de extensão, já que eles são feitos, muitas vezes, você precisa pegar um ônibus, você precisar lanchar, então é muito interessante essa parte financeira também para os projetos de extensão, para participação deles né? E para a continuidade, assim entendo.

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Eu aprendi muita coisa bacana, eu aprendi coisa até que na teoria, eu aprendi principalmente a criticar, a ter um olhar crítico para teoria. Porque muita coisa na prática se mostrava diferente, então quando a gente olha para a teoria tendo feito a prática é interessante porque a gente aprende a ter um olhar crítico sobre a teoria.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Sim! Eu acho que os projetos de extensão que eu participei, a maior parte houve sim, houve essa interação dialógica entre a universidade e a sociedade. A universidade nos projetos de extensão que eu participei buscava ouvir o que a sociedade, as pessoas que estavam participando daquele projeto de extensão, tinham para contribuir com ele também.

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade?

Sim - Não. Por quê?

Existiu! Eu acho que, assim, depende do projeto extensão. Em algum sim. e outros não. Mas eu acho que a maior parte deles existiu sim, a interdisciplinaridade a interprofissionalidade.

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

Identifiquei sim. Era muito interessante. Participar do projeto de extensão é isso né? É ensino, pesquisa e extensão. E isso era muito legal, assim, porque a gente ia para a prática, já tendo visto o ensino, então depois voltávamos para fazer pesquisa. É muito interessante isso, e aquilo que eu disse anteriormente, e ver como esse olhar crítico é interessante ser criado e o projeto de extensão ajuda nisso, porque como a gente pode olhar para a teoria de um outro jeito, não com uma verdade absoluta.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Eu acho que houve. Eu acredito que participar de todos os projetos de extensão que eu participei, ajudaram muito para que eu entendesse o funcionamento de muita coisa, e principalmente aprendesse a fazer pesquisa, e pesquisa aplicada. Eu acho que é isso. Como eu gosto muito de pesquisar, eu acho que fazer pesquisa implicada, e como eu sou feminista também, então fazer pesquisa implicada e com esse olhar crítico, e visando político-social, então a prática nos projetos de extensão eu acho que foram muito importantes para que eu viesse a ser a pesquisadora que eu já sou. Eu acho que projeto de extensão realmente foi importante, o olhar crítico criado no projeto de extensão é realmente muito importante. O vínculo que você cria com a prática, essa vivência prática é muito importante. Agora, claro, enfatizo que por eu ser feminista, por eu ser pesquisadora, e sendo feminista por me importar com a prática, com o social. Então para mim foi muito importante na minha formação.

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Infelizmente não. Infelizmente eu acho que não trouxe impacto e nem transformação social. Por várias coisas, desde o manejo dos projetos de extensão que eu participei, desde como ele é pensado, e, essa resposta também que a gente tem que dar a todo momento, que é da academia né? Porque o projeto de extensão ele está em uma interface interessante, que é com a prática, né? Com social e com a academia. E esses dois lados, o social de um lado, a prática, e a academia de outro, elas não andam de mão juntas muitas vezes. Como assim? O tempo e espaço é diferente. Porque enquanto eu tenho que fazer um projeto de extensão burocraticamente, tendo que responder à academia, eu tenho um prazo, né? Eu tenho prazo do edital, eu tenho um financiamento, que muitas vezes não há também, eu tenho uma série de critérios burocráticos para responder enquanto academia. Enquanto prática eu tenho outra coisa. Eu tenho um tempo e espaço que é muito diferente, que são resultados que podem chegar até mim, como não podem chegar, como podem chegar de uma forma diferente daquilo que eu esperava e de repente não dá tempo, e para voltar, né? E para refazer o projeto teoricamente, e isso implica no impacto na transformação diretamente, e sem falar que esse impacto e essa transformação social ela pode vir de uma maneira muito mais lenta do que eu tenho de tempo no edital, por exemplo, do que eu

tenho de tempo que eu imaginei. Então muitas vezes eu não acompanho o impacto e essa transformação não percebo. Porque eu não estou mais lá no social, não estou mais lá na comunidade por exemplo. Eu já saí. Então o impacto e a transformação podem até acontecer, mas eu não vi, porque voltei para a academia, porque não deu tempo, porque o projeto acabou, porque o edital acabou, porque não tem financiamento, então, eu não vi o impacto, e a transformação, mas enfatizo que pode ser uma série de problemas né? Uma série de influências, uma série de forças que podem estar presentes.

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Com certeza! Com certeza! Eu acho que essa oitava pergunta é um pouco parecida com a sexta, né? Se houve impacto na sua formação enquanto estudante. Enquanto estudante, sim! Continuo afirmando e o crescimento profissional muito assim, muito! Eu retomo o que eu disse na sexta pergunta, né? Como eu sou pesquisador e eu gosto de pesquisar, então como pesquisadora feminista, o crescimento profissional foi muito grande. Foi perceber que a prática, que o político é muitas vezes mais importante, mais interessante do que somente a teoria, né? Que a prática e a teoria não se dissociam, não se separam. Até porque eu não acredito na neutralidade de ciência. Então nesse sentido, a prática para me mostrar isso, que essa neutralidade, que a ciência tradicional ela vem se mostrando, vem querendo afirmar que essa neutralidade não existe. E vendo isso, os projetos de extensão que eu participei foram bastante interessantes, porque evidenciaram isso né..na prática.

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Eu não sei na verdade se essa participação é pouca, não sei! Mas, se essa participação for pouca, eu acho que bolsa para financiar esses estudantes de projeto de extensão, é muito bom, não sei, eu acho que bolsa, eu acho que projeto de extensão é muito vivencial, é muito experiencial. Então de repente falar para esses estudantes como seria interessante o projeto de extensão, eu que não surtiria muito efeito, né? Porque se é vivencial, é da vivência. Não tem como eu falar isso, eu falar da minha vivência. Tem como eu falar um pouco da minha vivência, agora, nem sempre chega para o outro com um impacto de vivência, né? Mas eu acho que bolsa de extensão pode ser bastante interessante, para que haja essa melhor participação dos discentes em projetos de extensão.

DEPOENTE - D21

1) Quais foram os motivos que o/a levaram a participar do projeto de extensão?

Os motivos que levaram Na verdade é eu sou ex-aluno do projeto eu fiz parte primeira turma e no ano 2009 Quando assumir eu retornei porque o projeto corri o risco de acabar pois os a coordenadora de 2008 ela teve que sair por seu próprio estado e incumbiu duas pessoas para assumirem a coordenação e uma não poder assumir realmente porque a mãe estava hospitalizada e o outro não cursar aqui na universidade e sim na UPE então isto dificultava muito os idas e vinda dele e nesse momento eu tinha conseguido a bolsa pelo ProUni então é mas assim mesmo como eu ver aquela situação eu terminei assumindo no projeto por esse motivo

outra coisa né o projeto já fazia a parte da minha história Então eu tenho muito agradecer a ele então por isso que havia sumido

2) Quais foram às aprendizagens mais importantes que você desenvolveu no projeto de extensão?

Foram muitas ... uma das principais foi esse contato com as pessoas. Acho que foi o ponto principal tanto com os acadêmicos que eram os professores que davam as aulas no projeto, quanto à comunidade que vinha procurar o projeto para fazer parte dele como alunos e também o contato com a própria UFPE com relação às secretarias as diretorias, com todo mundo que envolvia o projeto no momento que é um o grande aprendizado... é você saber lidar a cada situação com cada pessoa e além de tentar buscar entender o que Cada um passa, o que é cada momento, e cada grupo desse requer uma dinâmica diferente então o aprendizado veio com essas coisas convívio cotidiano e essa sempre se contato com as pessoa.. Acho o que esses foram os principais.

3) Houve, ao longo do projeto de extensão, a interação dialógica, isto é, diálogo entre a universidade e a sociedade e troca de saberes? Sim - Não. Por quê?

Assim... eu vejo que teve é tanto da parte acadêmica.... Infelizmente eu não participei do processo ... tanto a própria PROEXT ela abriu editais para projetos de extensão fazerem artigos o que seria o projeto e depois disponibilizar para a comunidade e ver.... eu acho que é da parte acadêmica... mas ao mesmo tempo eu vejo que houve também sem ser essa parte academia sem pelo pois nós muitas vezes trocávamos ideias com os próprios alunos e como fazer, como trazer essa comunidade de Fora para participar aqui dentro e muitas vezes aluno são alunos que dá aula e não poder sair pessoalmente por que eles pegavam horários que estavam sem aula para dar aula então a gente não pode sair mas é que fez o possível para trazer, é o tanto que nossos alunos sempre tentávamos fazer aula e trazer quanto mais pessoas para que para dentro até mesmo que os nossos alunos fazerem aulas aqui para dentro ... até que muitos dos nossos alunos eles não conheciam o que eram verdade a universidade, era um sonho ou muitas vezes eu penso distante para eles se a gente conseguia mostrar a ele que a universidade não é algo tão distante o que tá próximo que eles podiam alcançar... eu acho que é essa troca que conseguimos fazer e aprender o cotidiano de cada um sabe respeitar o espaço e a história de cada um deles

4) Existiu em seu projeto de extensão a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade? Sim - Não. Por quê?

Sim houve... porque até mesmo porque tínhamos alunos de diversas áreas da universidade, letras, jornalismo, medicina, biologia...basicamente a gente tinha alunos de licenciatura dando aula e pessoas que não eram das licenciaturas buscando dar aula ... um dos momentos que havia essa disciplinariedade era as reuniões da coordenação, muita gente ... e ficávamos discutindo as aulas, o que tinha que fazer o que estava acontecendo e cada um opinava e ia trazendo um acréscimo para outras disciplinas... biologia e geografia história geografia sociologia história português matemática e física então sempre havia se essa troca em alguns momentos houve também essa interdisciplinaridade para levar professores de disciplinas diferentes irem para a sala de aula para poder discutir.

5) Você identificou a presença da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão no projeto de extensão que você participou? Sim - Não. Por quê?

sim... eu vejo a gente tinha mais o ensino e a extensão até mesmo porque no decorrer do projeto por ser corrido deixamos um pouco de lado a parte da pesquisa mesmo que o projeto foi um laboratório para muitos alunos da licenciatura terminou Faltando Eu acho que tá parte da gente mesmo da Coordenação levar um estímulo maior dos professores para transformar aquilo em algo científico que dizer não é só para você chegar aqui e dá aula é daqui pega experiência e levar como também nossa pegar aquela experiência e querer buscar de junto com ela os métodos de educação tudo para construir algo científico então acho que não teve por falta de um de um pouco da não dá ...iniciativa da gente.

6) Como o projeto de extensão contribuiu para o seu crescimento acadêmico, isto é, houve impacto na sua formação enquanto estudante? Sim - Não. Por quê?

Houve sim está no projeto me fez querer mais entender o que era aquele meio da sala de aula então ela impactou nessa minha busca pela docência de entender o que é ser um professor e qual era os métodos que eu poderia utilizar ...então isso me instigou mais a busca educação

7) Você observou que o projeto de extensão trouxe impacto e transformação social? Sim - Não. Por quê?

Houve ... identifico nesse período de 2009 a 2015 acompanhávamos muitos os alunos que entraram na universidade, porque encontrávamos ele no cotidiano... a gente notava que estava mudando, não só a cabeça deles com perspectiva de ensino ou da área, mas também no que mudou dentro da casa dele, porque muitas vezes ele diziam ... Jonatas ... melhorou ... porque eu dentro da universidade eu pude fazer mudanças dentro de casa... tanto por conseguir bolsa, estágio e por estar na universidade isso fez impactar dentro da casa deles ... e até mesmo no cotidiano deles em influenciar os irmãos jovens para estudar.

8) O projeto de extensão contribuiu para com o seu crescimento profissional? Sim - Não. Por quê?

Influenciou bastante.... na busca de entender ... o projeto de extensão a gente pega diferente na escola que muitas vezes o grupo de alunos é do mesma localidade ..eles vivem basicamente a mesma situação, no projeto a gente pega alunos de diversos lugares Entre pega a luz de diversidade diversos lugares diversos contextos diferentes, diversos acontecimentos e isso o grande pacto foi antes e até mesmo antes de começar a dar aula tentar saber quem são os alunos não chegar um pouco um método mas sim buscar adaptar um método o que eu tenho presente dentro da sala de aula então o grande impacto foi isso entender Quem são esses alunos. O impacto do projeto foi a partir dessa busca e esse entendimento

9) Qual (ais) a(s) sua(s) sugestão (ões) para melhoria da participação dos discentes em projetos de extensão?

Eu vejo que um dos grandes projetos e são muitas vezes não de todas as áreas Mas algumas que é incentivo a bolsa porque muitos dos professores... isto é dos alunos que querem dar aulas no projeto de extensão eles também muitas vezes vêm da mesma situação de muitos alunos que entraram no projeto vem de grupo menos favorecidos, Sem condição financeira não tão boa então muitos ele vem perguntando para dar aula no ponto então isso é um problema mas eu acho

que isso não é o problema maior...Porque como não tem esses Mas sempre tem Professor sempre tem alunos querendo dar aula mas sim uma das coisas que mais eles mais pedem o período que eles passam dando aula no projeto servissem para a discussão da disciplina do CE porque as práticas de docência porque querendo ou não lá Eles tão fazendo prática não é no grupo escolar vou colocar com tradicional uma escola uma série, mas sim ele tá tem essa prática ele tá tendo contato com a profissão dele muitas vezes antes mesmo de estar pagando cadeira de estágio aqui na universidade, então isso para ele era o que chamaria mais atenção porque eles fariam duas coisas se contassem...se contabilizassem essa carga horária para crédito para as disciplinas de práticas, pois como eles ganham certificado como participantes de projetos de extensão isso já bata na carga horária de eletivas livre então para eles seria de grande ajuda, mas eu acho que a prática seria algo mais atrativa.

ANEXO A – Relação de Atividades da Universidade Federal de Pernambuco

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Unidades	Nome Curto
BIBLIOTECA CENTRAL	BC
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA	CAV
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	CAA
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO	CAC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CCB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	CCS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CCEN
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS	CCJ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	CCSA
CENTRO DE CONVENÇÕES	CCONV
CENTRO DE EDUCAÇÃO	CE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	CFCH
CENTRO DE INFORMÁTICA	CIN
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS	CTG
COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE	CECINE
EDITORA UNIVERSITÁRIA	EU
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE	FADE
GABINETE DO REITOR	GABINE
HOSPITAL DAS CLÍNICAS	HC
LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI	LIKA
NAI	NAI
NÚCLEO DE BIOLOGIA	NB
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS	NDMS
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE	NDMS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	NEFD
NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO	NHT
NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA	NUSP
NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	NTI
NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	NT
NÚCLEO DE TELESÁUDE	NUTES
NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS	NTVR
PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO	PROAD
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROEX
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE	PROGE
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS	PROPL
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROPE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUSNTOS ACADÊMICOS	PROAC
UnATI/PROIDOSO	UnATI/P
VIRTUS - LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE	VIRTUS

TOTAL DE REGISTROS EM 2003: 445 Registros

CURSOS:265 Registros

EVENTOS:033 Registros

PROGRAMAS:001 Registro

PROJETOS:141 Registros

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:004Registros

PUBLICAÇÕES:001 Registro

RELACAO_DE_ATIVIDADES_2003.doc

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Unidades	Nome Curto
BIBLIOTECA CENTRAL	BC
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA	CAV
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	CAA
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO	CAC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CCB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	CCS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CCEN
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS	CCJ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	CCSA
CENTRO DE CONVENÇÕES	CCONV
CENTRO DE EDUCAÇÃO	CE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	CFCH
CENTRO DE INFORMÁTICA	CIN
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS	CTG
COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE	CECINE
EDITORA UNIVERSITÁRIA	EU
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE	FADE
GABINETE DO REITOR	GABINE
HOSPITAL DAS CLÍNICAS	HC
LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI	LIKA
NAI	NAI
NÚCLEO DE BIOLOGIA	NB
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS	NDMS
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE	NDMS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	NEFD
NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO	NHT
NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA	NUSP
NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	NTI
NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	NT
NÚCLEO DE TELESÁUDE	NUTES
NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS	NTVR
PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO	PROAD
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROEX
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE	PROGE
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS	PROPL
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROPE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUSNTOS ACADÊMICOS	PROAC
UnATI/PROIDOSO	UnATI/P
VIRTUS - LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE	VIRTUS

TOTAL DE REGISTROS EM 2004: 451 Registros

CURSOS:286Registros

EVENTOS:056Registros

PROGRAMA:001Registro

PROJETOS:104Registros

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:004Registros

PUBLICAÇÕES:Nenhum registro encontrado

RELACAO_DE_ATIVIDADES_2004.doc

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Unidades	Nome Curto
BIBLIOTECA CENTRAL	BC
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA	CAV
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	CAA
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO	CAC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CCB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	CCS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CCEN
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS	CCJ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	CCSA
CENTRO DE CONVENÇÕES	CCONV
CENTRO DE EDUCAÇÃO	CE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	CFCH
CENTRO DE INFORMÁTICA	CIN
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS	CTG
COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE	CECINE
EDITORA UNIVERSITÁRIA	EU
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE	FADE
GABINETE DO REITOR	GABINE
HOSPITAL DAS CLÍNICAS	HC
LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI	LIKA
NAI	NAI
NÚCLEO DE BIOLOGIA	NB
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS	NDMS
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE	NDMS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	NEFD
NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO	NHT
NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA	NUSP
NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	NTI
NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	NT
NÚCLEO DE TELESÁUDE	NUTES
NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS	NTVR
PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO	PROAD
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROEX
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE	PROGE
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS	PROPL
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROPE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUSNTOS ACADÊMICOS	PROAC
UnATI/PROIDOSO	UnATI/P
VIRTUS - LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE	VIRTUS

TOTAL DE REGISTROS EM 2005: 394 Registros

CURSOS:200Registros

EVENTOS:46 Registros

PROGRAMAS:07 Registros

PROJETOS:138Registros

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:03 Registros

PUBLICAÇÕES:Nenhum registro encontrado

RELACAO_DE_ATIVIDADES_2005.doc

Página 1 de31

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Unidades	Nome Curto
BIBLIOTECA CENTRAL	BC
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA	CAV
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	CAA
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO	CAC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CCB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	CCS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CCEN
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS	CCJ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	CCSA
CENTRO DE CONVENÇÕES	CCONV
CENTRO DE EDUCAÇÃO	CE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	CFCH
CENTRO DE INFORMÁTICA	CIN
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS	CTG
COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE	CECINE
EDITORA UNIVERSITÁRIA	EU
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE	FADE
GABINETE DO REITOR	GABINE
HOSPITAL DAS CLÍNICAS	HC
LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI	LIKA
NAI	NAI
NÚCLEO DE BIOLOGIA	NB
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS	NDMS
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE	NDMS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	NEFD
NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO	NHT
NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA	NUSP
NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	NTI
NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	NT
NÚCLEO DE TELESÁUDE	NUTES
NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS	NTVR
PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO	PROAD
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROEX
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE	PROGE
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS	PROPL
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROPE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUSNTOS ACADÊMICOS	PROAC
UnATI/PROIDOSO	UnATI/P
VIRTUS - LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE	VIRTUS

TOTAL DE REGISTROS EM 2006: 365 REGISTROS

CURSOS:175Registros

EVENTOS:51Registros

PROGRAMAS:08Registros

PROJETOS:129Registros

PRESTAÇÃO DE SERVICOS: 02 Registros

PUBLICAÇÕES:Não tem

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Unidades	Nome Curto
BIBLIOTECA CENTRAL	BC
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA	CAV
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	CAA
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO	CAC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CCB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	CCS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CCEN
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS	CCJ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	CCSA
CENTRO DE CONVENÇÕES	CCONV
CENTRO DE EDUCAÇÃO	CE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	CFCH
CENTRO DE INFORMÁTICA	CIN
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS	CTG
COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE	CECINE
EDITORA UNIVERSITÁRIA	EU
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE	FADE
GABINETE DO REITOR	GABINE
HOSPITAL DAS CLÍNICAS	HC
LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI	LIKA
NAI	NAI
NÚCLEO DE BIOLOGIA	NB
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS	NDMS
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE	NDMS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	NEFD
NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO	NHT
NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA	NUSP
NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	NTI
NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	NT
NÚCLEO DE TELESÁUDE	NUTES
NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS	NTVR
PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO	PROAD
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROEX
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE	PROGE
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS	PROPL
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROPE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS	PROAC
UnATI/PROIDOSO	UnATI/P
VIRTUS - LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE	VIRTUS

TOTAL DE REGISTROS EM 2007: 419 Registros

CURSOS:212Registros

(Osregistrosdenúmeros:42910,43114,42905,42922e43116nãopermitiramgerararPDF)

EVENTOS:059Registros

PROGRAMAS:Nenhum registro encontrado

PROJETOS:144Registros

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:Nenhum registro encontrado

PUBLICAÇÕES:004Registros

RELACAO_DE_ATIVIDADES_2007.doc

Página 1 de35

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Unidades	Nome Curto
BIBLIOTECA CENTRAL	BC
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA	CAV
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	CAA
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO	CAC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CCB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	CCS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CCEN
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS	CCJ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	CCSA
CENTRO DE CONVENÇÕES	CCONV
CENTRO DE EDUCAÇÃO	CE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	CFCH
CENTRO DE INFORMÁTICA	CIN
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS	CTG
COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE	CECINE
EDITORA UNIVERSITÁRIA	EU
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE	FADE
GABINETE DO REITOR	GABINE
HOSPITAL DAS CLÍNICAS	HC
LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI	LIKA
NAI	NAI
NÚCLEO DE BIOLOGIA	NB
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS	NDMS
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE	NDMS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	NEFD
NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO	NHT
NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA	NUSP
NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	NTI
NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	NT
NÚCLEO DE TELESÁUDE	NUTES
NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS	NTVR
PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO	PROAD
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROEX
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE	PROGE
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS	PROPL
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROPE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS	PROAC
UnATI/PROIDOSO	UnATI/P
VIRTUS - LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE	VIRTUS

TOTAL DE REGISTROS EM 2008: 596 Registros

CURSOS:317 Registros

EVENTOS:081 Registros

PROGRAMAS:004 Registros

PROJETOS:191 Registros

PRESTAÇÃODESERVIÇOS:003 Registros

PUBLICAÇÕES:Nenhum RegistroEncontrado

RELACAO_DE_ATIVIDADES_2008.doc

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Unidades	Nome Curto
BIBLIOTECA CENTRAL	BC
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA	CAV
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	CAA
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO	CAC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CCB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	CCS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CCEN
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS	CCJ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	CCSA
CENTRO DE CONVENÇÕES	CCONV
CENTRO DE EDUCAÇÃO	CE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	CFCH
CENTRO DE INFORMÁTICA	CIN
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS	CTG
COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE	CECINE
EDITORA UNIVERSITÁRIA	EU
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE	FADE
GABINETE DO REITOR	GABINE
HOSPITAL DAS CLÍNICAS	HC
LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI	LIKA
NAI	NAI
NÚCLEO DE BIOLOGIA	NB
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS	NDMS
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE	NDMS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	NEFD
NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO	NHT
NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA	NUSP
NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	NTI
NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	NT
NÚCLEO DE TELESÁUDE	NUTES
NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS	NTVR
PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO	PROAD
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROEX
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE	PROGE
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS	PROPL
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROPE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS	PROAC
UnATI/PROIDOSO	UnATI/P
VIRTUS - LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE	VIRTUS

TOTAL DE REGISTROS EM 2009: 463 Registros

CURSOS:135 Registros

EVENTOS:128Registros

PROGRAMAS:004Registros

PROJETOS:188 Registros

PRETAÇÃO DE SERVIÇOS:007 Registros

PUBLICAÇÃO:001 Registro

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Unidades	Nome Curto
BIBLIOTECA CENTRAL	BC
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA	CAV
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	CAA
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO	CAC
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CCB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE	CCS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA	CCEN
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS	CCJ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS	CCSA
CENTRO DE CONVENÇÕES	CCONV
CENTRO DE EDUCAÇÃO	CE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS	CFCH
CENTRO DE INFORMÁTICA	CIN
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS	CTG
COORDENADORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS DO NE	CECINE
EDITORA UNIVERSITÁRIA	EU
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA UFPE	FADE
GABINETE DO REITOR	GABINE
HOSPITAL DAS CLÍNICAS	HC
LABORATÓRIO DE IMUNOPATOLOGIA KEIZO ASAMI	LIKA
NAI	NAI
NÚCLEO DE BIOLOGIA	NB
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS	NDMS
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE	NDMS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	NEFD
NÚCLEO DE HOTELARIA E TURISMO	NHT
NÚCLEO DE SAÚDE PÚBLICA	NUSP
NÚCLEO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	NTI
NÚCLEO DE TECNOLOGIA/CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE	NT
NÚCLEO DE TELESÁUDE	NUTES
NÚCLEO DE TELEVISÃO E RÁDIO UNIVERSITÁRIAS	NTVR
PRÓ-REITORIA DE APOIO ADMINISTRATIVO	PROAD
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO	PROEX
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS E MELHORIA DA QUALIDADE	PROGE
PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS	PROPL
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	PROPE
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS	PROAC
UnATI/PROIDOSO	UnATI/P
VIRTUS - LABORATORIO DE HIPERMIDIA DA UFPE	VIRTUS

TOTAL DE REGISTROS EM 2010: 404 REGISTROS

CURSOS:154 Registros

EVENTOS:143 Registros (OBS.: O

SIEXBRASILlocalizou143registroeoregistrodenúmero65561estavaacomproblemaenãofoi possívelgerar o PDF).

PROGRAMAS:06Registros

PROJETOS:96Registros

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:05Registros

PUBLICAÇÕES:Nenhum registro encontrado

RELACAO_DE_ATIVIDADES_2010.doc

Página 1 de31

ANEXO B – Resolução nº 04/1997



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO 04/97

Ementa : Dispõe sobre as atividades de extensão e dá outras providências.

O CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 25, alínea a, do estatuto da Universidade,

RESOLVE**Capítulo I - Das Diretrizes Gerais**

Art. 1º - Compete à **extensão** da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) integrar as atividades universitárias com os diversos segmentos da comunidade externa, podendo alcançar o âmbito de toda a coletividade ou dirigir-se a pessoas e instituições públicas ou privadas.

Art. 2º - São modalidades de ação extensionista da UFPE:

- Projetos;
- Cursos de extensão;
- Eventos;
- Serviços.

Art. 3º - Projetos são conjuntos de ações extensionistas interrelacionadas e de maior amplitude, envolvendo atividades interdisciplinares eventuais ou permanentes, executados de acordo com uma das linhas prioritárias de ação extensionista definidas pela Câmara de Extensão.

Parágrafo único - Um conjunto de projetos de extensão realizado com o mesmo objetivo e sob uma coordenação comum caracteriza um **Programa de extensão**.

Art. 4º - Cursos de Extensão são todas as atividades de ensino acadêmico, técnico, cultural e artístico não capituladas no âmbito regulamentado do ensino de primeiro e segundo graus, de graduação e de pós-graduação *strictu-sensu* e *latu-sensu* da UFPE.

Art. 5º - Eventos são ações que envolvem organização, promoção ou atuação, implicando em apresentação pública, livre ou para clientela específica, objetivando a difusão de conhecimentos, processos ou produtos culturais, científicos ou tecnológicos, desenvolvidos, acumulados ou reconhecidos pela UFPE.

Art. 6º - Serviços são atividades de caráter permanente ou eventual que compreendam a execução de, ou a participação em, tarefas profissionais fundamentadas em habilidades e conhecimentos de domínio da Universidade.

Parágrafo único - A prestação de serviços reger-se-á por normas próprias previstas em Resolução específica, não se lhe aplicando o disposto nesta Resolução.

Capítulo II - Das atribuições

Art. 7º - As ações extensionistas serão promovidas pelos departamentos, colegiados de cursos, conselhos departamentais e órgãos suplementares.

Parágrafo único - Excepcionalmente, as unidades de caráter administrativo/executivo (Pró-Reitorias, Coordenações, Serviços, etc.) poderão propor e realizar ações extensionistas.

Art. 8º - Cabe aos órgãos colegiados das instâncias universitárias promotoras de ações extensionistas avaliar, acompanhar e aprovar em seu âmbito propostas e relatórios, responsabilizando-se institucionalmente pela indicação de seus coordenadores e pela identificação e criação de mecanismos de captação de recursos e de divulgação.

Parágrafo único - As propostas para a realização de cursos e projetos de extensão devem também obter a aprovação da coordenação setorial de extensão ou, no seu impedimento, da Coordenação Geral de Extensão.

Art. 9º - Cabe à Pró-Reitoria de Extensão registrar propostas e relatórios e emitir certificados relativos a cursos e projetos de extensão, bem como apoiar as unidades promotoras no planejamento, divulgação e captação de recursos para a realização de ações extensionistas em geral.

Art. 10 - Cabe à Câmara de Extensão estabelecer políticas, diretrizes, estratégias específicas e planos de ação, além de acompanhar e produzir sistemas de avaliação da produção extensionista da Universidade.

Parágrafo único - No impedimento de algum dos órgãos colegiados, cabe também à Câmara de Extensão aprovar propostas e relatórios e indicar coordenadores de ações extensionistas.

Art. 11 - Cabe aos coordenadores setoriais de extensão:

- a - Estimular e facilitar as atividades extensionistas no seu âmbito de atuação;
- b - Analisar e aprovar, juntamente com os órgãos colegiados das instâncias promotoras, as propostas para a realização de cursos e projetos de extensão;
- c - Intermediar a atuação da Pró-Reitoria de Extensão junto às unidades executoras;
- d - Comparecer, sempre que convocado, às reuniões do Conselho Departamental do respectivo Centro para prestar informações e assessoramento sobre assuntos de extensão;
- e - Exercer outras funções, no âmbito extensionista, que lhes sejam atribuídas pelo Conselho Departamental.

Art. 12 - Cabe aos coordenadores de atividades e programas extensionistas planejar, elaborar propostas, administrar recursos, providenciar ou negociar a divulgação, realizar, coordenar, encaminhar para registro, prestar contas e apresentar relatório à instância universitária pertinente.

Parágrafo único - Os servidores aposentados poderão ser coordenadores de ações de extensão, desde que aprovada sua indicação nas instâncias pertinentes.

Art. 13 - As unidades promotoras de atividades e programas de extensão poderão buscar apoio e assessoramento das fundações conveniadas para efetuar o gerenciamento e a prestação de contas dos recursos sob sua responsabilidade, desde que consubstanciados em convênio que inclua a obrigatoriedade de atendimento às normas legais vigentes para, e na Universidade.

Capítulo III - dos Registros e Certificados

Art. 14 - Todas as ações extensionistas, depois de concluídas, devem ser registradas na Pró-Reitoria de Extensão, visando fornecer dados necessários à avaliação da UFPE e à divulgação de sua produção acadêmica.

§ 1º - Para efeito de emissão de certificados aos instrutores e de inclusão no relatório de atividades docentes, bem como de progressão funcional e de eventual remuneração nos termos vigentes na Universidade, só serão consideradas as ações de extensão registradas na Pró-Reitoria de Extensão e homologadas pela Câmara de Extensão, excetuando-se as atividades assistenciais regulares do Hospital das Clínicas.

§ 2º - Só é necessário o registro das ações extensionistas na Pró-Reitoria de Extensão antes de sua realização quando implicar apoio da administração central para sua viabilização, emissão de certificados, movimentação financeira e recolhimento de taxas.

§ 3º - As atividades extensionistas de caráter permanente e as que ultrapassarem o período de um ano deverão gerar relatórios anuais.

§ 4º - A Pró-Reitoria de Extensão fornecerá os instrumentos necessários para a elaboração de propostas e relatórios.

Art. 15 - Os certificados de frequência e/ou de aproveitamento serão expedidos pela Pró-Reitoria de Extensão após aprovação do relatório pelo departamento, órgão suplementar ou outra instância colegiada responsável institucionalmente pela atividades extensionista, e deverão ser assinados pelo Pró-Reitor e pelo coordenador da atividade.

§ 1º - Em casos especiais, por solicitação do coordenador da ação e a critério da Pró-Reitoria de Extensão, a emissão de certificados de frequência poderá ser feita sem prévia aprovação do relatório.

§ 2º - O certificado de frequência será conferido ao participante que atingir 75% da carga horária prevista para a atividade.

§ 3º - O certificado de aproveitamento será conferido ao participante que, além de se submeter à obrigatoriedade de presença constante do parágrafo anterior, alcançar os níveis mínimos de aproveitamento estabelecidos e divulgados pelo coordenador, e aferidos através dos procedimentos de avaliação previstos para a atividade.

Capítulo IV - Das Disposições Gerais e Finais

Art. 16 - Não serão consideradas como atividades de extensão aquelas desenvolvidas pelo docente ou funcionário da UFPE por força de vínculo empregatício com outro empregador, ou como atividades profissionais autônomas.

Art. 17 - Nos casos de cursos e projetos de extensão em que haja captação de recursos, a taxa de 5% (cinco por cento) da receita bruta auferida deverá ser recolhida à Pró-Reitoria de Extensão, para a constituição de um fundo de apoio às atividades de extensão.

Art. 18 - Os casos omissos serão decididos pela Câmara de Extensão.

Art. 19 - Esta resolução entra em vigor na data de sua aprovação, ficando revogadas as Normas e Resoluções anteriores sobre a matéria.

APROVADA NA 5ª SESSÃO ORDINÁRIA, DO EXERCÍCIO DE 1997, DO CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, REALIZADA EM 10 DE NOVEMBRO.

Presidente:

Prof. Mozart Neves Ramos

Reitor

Versão aprovada pelo CCEPE em 10/XI/97

ANEXO C - RESOLUÇÃO Nº 09 / 2007**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUO****CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO****RESOLUÇÃO Nº9/2007**

EMENTA: *Dispõe sobre as atividades de extensão e dá outras providências.*

O CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 25, alínea a, do estatuto da Universidade,

RESOLVE:**CAPÍTULO I - DAS DIRETRIZES GERAIS**

Art. 1º - Compete à extensão na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entendida como atividade acadêmica articulada com o ensino e a pesquisa, promover a relação transformadora e integradora entre a Universidade e a Sociedade.

Art. 2º - São modalidades de ação extensionista da UFPE:

- I.** Programas;
- II.** Projetos;
- III.** Cursos de extensão;
- IV.** Eventos;
- V.** Serviços.

Parágrafo único. Considera-se como produto das ações de extensão, publicações e outros produtos acadêmicos, tais como: livro, capítulo de livro, anais, manual, cartilha, jornal, revista, artigo, folder, relatório técnico, filme, vídeo, CD, DVD, programa de rádio, programa de TV, aplicativo para computador, jogo educativo, produto artístico, desportivo e outros.

Art. 3º - Programa é um conjunto de macro atividades extensionistas integradas às políticas institucionais por um objetivo comum, orçamento, cronograma e processo de avaliação definidos, com execução de médio e longo prazo.

Art. 4º - Projetos de extensão são conjuntos de ações processuais e contínuas de caráter educativo, social, desportivo, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo definido e prazo determinado.

§ 1º - Projetos de extensão poderão ser contemplados com bolsas, sendo submetidos a processo de seleção e regulamentado por edital específico, viabilizando a participação de alunos, sob orientação de professor e/ou técnico-administrativo de nível superior.

§ 2º - Projetos de extensão que envolvam, em paralelo, atividades de pesquisa com animais e seres humanos deverão ser submetidos à análise do Comitê de Ética, conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Art. 5º - Cursos de extensão são conjuntos articulados de ações pedagógicas, de caráter teórico e/ou prático, presencial, à distância, ou ainda a combinação dessas metodologias; planejados e organizados de maneira sistemática, com corpo docente, carga horária e processo de avaliação definidos.

§ 1º - Os cursos de extensão provenientes de contratos ou convênios referentes à prestação de serviço reger-se-ão pela Resolução 05/2005, do Conselho Universitário.

§ 2º - Os cursos, para que sejam reconhecidos como atividade acadêmica e extensionista, não poderão ter carga horária inferior a 20 horas, sendo concedidos certificados aos participantes com frequência mínima de 75% das atividades.

§ 3º - Os cursos só poderão ser objeto de divulgação após serem registrados na PROEXT.

§ 4º - São considerados Cursos de Extensão os Cursos de Atualização e Aperfeiçoamento, entendidos como:

- **Curso de atualização** - visa ampliar os conhecimentos, habilidades e técnicas em uma área do conhecimento, com carga horária entre 20 horas e 179 horas;
- **Curso de aperfeiçoamento** - visa aprofundar habilidades e técnicas em uma área do conhecimento, com carga horária mínima de 180 horas.

Art. 6º - Eventos são ações de interesse acadêmico, de cunho educativo, tecnológico, social, científico, artístico-cultural, esportivo, entre outras manifestações, que objetivem o desenvolvimento, a ampliação e a divulgação de conhecimentos produzidos ou reconhecidos pela UFPE.

Art. 7º - Serviços são atividades de interesse acadêmico com caráter permanente ou eventual que compreendam a execução ou a participação em tarefas profissionais fundamentadas em técnicas e habilidades das áreas específicas de conhecimento da Universidade.

§ 1º - Os serviços serão classificados nos seguintes grupos:

Serviço eventual: consultoria, assessoria e curadoria;

Assistência à saúde humana: consultas ambulatoriais, consultas de emergência, internações clínicas, exames laboratoriais, outros exames complementares, cirurgias e outros atendimentos;

Assistência à saúde animal: consultas ambulatoriais, internações clínicas e cirurgias;

Laudos: laudos técnicos, revisão, tradução e exame de proficiência;

Assistência jurídica e judicial: consultoria e Orientação judicial à população de baixa renda e organizações não-governamentais; defensoria pública de pessoas de baixa renda; atividades judiciais em convênio com o poder público;

- **Atendimento ao público em espaços de cultura, desportos, ciência e tecnologia:** museus, espaços culturais e desportivos, espaços de ciência e tecnologia e cines-clubes.

§ 2º - Os serviços que integram o campo de prática de apoio ao ensino durante o calendário acadêmico deverão registrar apenas a carga horária referente à ação de extensão, diferenciando-a da carga horária de ensino.

§ 3º - Os serviços poderão ser remunerados e, neste caso, deverão atender também a Resolução 05/2005, do Conselho Universitário.

CAPÍTULO II -DA ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DA EXTENSÃO

Art. 8º - A estrutura administrativa da extensão na Universidade Federal de Pernambuco é constituída pelos seguintes órgãos:

Câmara de Extensão;
Pró-Reitoria de Extensão; Coordenações
Setoriais de Extensão.

CAPÍTULO III DAS ATRIBUIÇÕES

Art. 9º - As ações extensionistas serão promovidas pelos departamentos, colegiados de cursos, conselhos departamentais e órgãos suplementares.

§ 1º - Excepcionalmente, as unidades de caráter administrativo/executivo (Pró-Reitorias, Centros e Coordenações) poderão propor e realizar ações extensionistas.

§ 2º - Diretórios Acadêmicos e outras representações estudantis poderão propor e realizar ações extensionistas desde que sob a responsabilidade de um professor e/ou técnico-administrativo de nível superior, e cumpridas as demais exigências desta resolução.

Art. 10 - É de responsabilidade dos órgãos colegiados, institucionalizados nos Centros Acadêmicos e Órgãos Suplementares, a aprovação e a avaliação de propostas e relatórios das ações extensionistas.

Parágrafo único - As propostas para a realização de ações extensionistas e seus relatórios finais devem também obter a análise da documentação institucional pela coordenação setorial de extensão ou, no seu impedimento, do representante da Diretoria de Extensão, da PROEXT.

Art. 11 - Cabe à Câmara de Extensão, regulamentada pelo artigo 8º do Regimento do CCEPE, aprovar normas e procedimentos no seu âmbito de atuação, estabelecer políticas, diretrizes, estratégias específicas e planos de ação, bem como acompanhar e produzir sistemas de avaliação da produção extensionista da Universidade.

Parágrafo único – A Câmara de Extensão é constituída pelo Pró-Reitor de Extensão, como Presidente, cinco (5) membros do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, um (1) representante do corpo discente de graduação e um (1) Assessor, indicado pelo Reitor e homologado pelo Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão(CCEPE).

Art. 12 - Cabe à Pró-Reitoria de Extensão articular, coordenar, orientar e apoiar as unidades promotoras na realização e divulgação das ações extensionistas, bem como registrar propostas, relatórios e certificados.

Art. 13 - Cabe às Coordenações Setoriais de Extensão:

- I. Articular, apoiar, coordenar, divulgar e avaliar as ações extensionistas no seu âmbito de atuação;
- II. Analisar as propostas para a realização das ações extensionistas e seus respectivos relatórios em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela Câmara e/ou Centro;
- III. Intermediar as demandas da Pró-Reitoria de Extensão junto às unidades executoras e vice-versa;
- IV. Elaborar anualmente Plano de Trabalho de Extensão da sua unidade, aprovar no Conselho Departamental respectivo e apresentá-lo à Câmara de Extensão na última reunião do ano anterior ao período da sua execução;
- V. Apresentar à Câmara de Extensão ao final de cada ano, relatório das ações desenvolvidas, sob sua responsabilidade, com vistas à avaliação institucional da extensão;
- VI. Comparecer, sempre que houver convocação, às reuniões do Conselho Departamental do

respectivo Centro para prestar informações e assessoramento sobre assuntos de extensão.

Parágrafo único - A Coordenação Setorial de Extensão é constituída por um(a) coordenador(a), um(a) vice-coordenador(a) e pelos representantes dos departamentos.

Art. 14 - Cabe aos Representantes Setoriais de Extensão:

- I. Atuar como um elo entre a Coordenação Setorial de Extensão e o seu departamento ou órgão de origem e vice-versa;
- II. Promover a divulgação das atividades de extensão no seu departamento, incentivando a participação do docente, do técnico e dos alunos nos eventos em pauta;
- III. Comparecer, sempre que convocado, às reuniões da Coordenação Setorial de Extensão do seu Centro.

Art. 15 - Cabe aos alunos e aos bolsistas de projetos e programas envolvidos em ações extensionistas desenvolver as atividades previstas no plano de trabalho estabelecido e também a elaboração de relatórios.

Art. 16 - Cabe aos orientadores responsáveis por ações extensionistas planejar, coordenar, divulgar, mobilizar e gerir recursos, realizar, prestar contas e apresentar relatório às instâncias universitárias pertinentes ao seu Centro e/ou Órgão Suplementar de vinculação.

Parágrafo único - Os servidores aposentados poderão ser orientadores das ações de extensão, desde que aprovada sua indicação nas instâncias pertinentes.

Art. 17 - As unidades promotoras de atividades e programas de extensão poderão captar recursos externos, buscar apoio e assessoramento das fundações conveniadas para efetuar o gerenciamento e a prestação de contas dos recursos sob sua responsabilidade, desde que atendam aos instrumentos legais desta Universidade.

CAPÍTULO IV - DOS REGISTROS E CERTIFICADOS

Art. 18 - Todas as ações extensionistas, após aprovação nos órgãos colegiados das instâncias promotoras, devem ser encaminhadas pela coordenação setorial de extensão à Pró-Reitoria de Extensão para registro, antes de sua execução, visando fornecer dados necessários à avaliação da UFPE e à divulgação de sua produção acadêmica.

§ 1º - Serão consideradas ações de extensão aquelas registradas na Pró-Reitoria de Extensão para efeito de emissão de certificados aos instrutores e de inclusão no relatório de atividades docentes, bem como de progressão funcional e de eventual remuneração nos termos vigentes na Universidade.

§ 2º - As atividades extensionistas de caráter permanente e as que ultrapassam o período de um ano deverão gerar relatórios anuais.

§ 3º - A Pró-Reitoria de Extensão fornecerá os instrumentos necessários para a elaboração de propostas e relatórios.

Art. 19 - Os certificados serão emitidos pela Pró-Reitoria de Extensão após aprovação do relatório pelo departamento, órgão suplementar ou outra instância colegiada responsável institucionalmente pelas atividades extensionistas e deverão ser assinados pelo Pró-Reitor e pelo coordenador da atividade.

§ 1º - Os certificados obedecerão ao padrão instituído pela Universidade.

§ 2º - O certificado será conferido ao participante que, além de se submeter à obrigatoriedade de presença constante no Art. 5º § 2º, alcançar os níveis mínimos de aproveitamento estabelecidos e divulgados pelo coordenador, e aferidos através dos procedimentos de avaliação previstos para a atividade.

§ 3º - O registro dos certificados será feito a partir de relação encaminhada pela unidade organizadora em formulário próprio, no qual constarão: nome da atividade, caracterização, carga horária, relação dos

alunos envolvidos e forma de participação, assinalando a origem dos mesmos (aluno de graduação, bolsista e não-bolsista, aluno de pós-graduação, aluno de outra universidade, docente, técnico-administrativo, comunidade externa).

CAPÍTULO V - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E FINAIS

Art. 20 - Atividades autônomas ou desenvolvidas por força de vínculo empregatício com outras instituições, além da UFPE, não serão consideradas ações de extensão.

Art. 21 - Nos casos de cursos, eventos e projetos de extensão não provenientes de contratos e convênios, e que haja captação de recursos, a taxa de 5% (cinco por cento) da receita bruta auferida deverá ser recolhida ao Fundo de Extensão da PROEXT, para apoio às atividades extensionistas.

Art. 22 - Os casos omissos serão decididos pela Câmara de Extensão.

Art. 23 - Esta resolução será avaliada no período de 2 (dois) anos, visando ao aprimoramento e ajustes de acordo com os objetivos da PROEXT.

Art. 24 - Esta resolução entra em vigor na data de sua aprovação, ficando revogadas as Normas e Resoluções anteriores sobre a matéria.

APROVADA NA TERCEIRA (3ª) SESSÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO COORDENADOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO-CCEPE, REALIZADA NO DIA 04 DE JULHO DE 2007.

ANEXO D – Formulários EXT1

FORMULÁRIO EXT 1 – REGISTRO DE PROJETO DE EXTENSÃO

P/uso da PROEXT
SB-3500/2003**A – IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO** (anexar projeto)

1 – Principal linha de atuação (escolha apenas uma)		
☐ Comunicação	☐ Meio ambiente	☐ Tecnologia
☐ Cultura	☐ Direitos Humanos	☐ Trabalho
☐ Educação	☐ Saúde	☒ Outra (especificar): Desenvolvimento Local
2 – Unidade administrativa proponente (Centro/Depto./órgão supletivo)		3 – Outras unidades envolvidas/ Parcerias Departamento de Arquitetura e Urbanismo – PAPE /UFRPE
Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social		Prefeitura Municipal de Bezerros
4 – Título: Planejamento Básico Urbanístico /Estratégia de Desenvolvimento Sustentável em Serra Negra Bezerros - PE.		
5 – Local de realização (Endereço, Telefone/FAX) NUSP /UFPE Av. Prof Moraes Rego, s/n HC 4ª andar Cidade Universitária, tel 3271-8552 Distrito de Serra Negra – Bezerros - PE		
6 – Período de Realização	7 – Público beneficiado	8 – Fonte de financiamento UFPE/PROEXT
Junho/2003 a março/2004	Direto: 300 famílias do Distrito de Serra Negra Indireto: Turistas e população local	
9 – Outras informações, se necessário ESTE PROJETO É UMA PROPOSTA DE CONTINUIDADE DO ANTERIOR DE 2002		

B – RESUMO DO PROJETO (com até 200 palavras)

Este projeto visa contribuir para o desenvolvimento sustentável do município de Bezerros/PE, mediante ações de planejamento urbanístico, participativo através das ações interdisciplinares de capacitação nas áreas de associativismo e cooperativismo, educação ambiental, do turismo ecológico e da comercialização de produtos artesanais locais, que se constituirão fatores de geração de renda para a comunidade do distrito de Serra Negra.

C – PALAVRAS CHAVES

Planejamento Urbanístico	Associativismo	empreendedorismo
Desenvolvimento Sustentável	Cooperativismo	Turismo ecológico

D – EQUIPE DE TRABALHO

10 – Coordenador Prof Zenildo Sena Caldas	11 – Maior titulação (título e local de obtenção) Mestre em Desenvolvimento Urbano UFPE	12 – Matrícula	Fone	Fax	e-mail
13 – Participantes Maria do Socorro Machado Freire Antonio Carlos de Almeida Cavalcanti	14 – Maior titulação (título e local de obtenção) Mestre em Serviço Social /UFPE Graduando em Administração	15 – Matrícula SIAPE	16 – Função no projeto Coordenação Técnica Coordenação Administrativa	Fone	e-mail
17 – Aluno(s) envolvido(s) Roberio do Nascimento Coelho Susiane Michelle dos Santos	18 – Curso Arquitetura turismo 19 – Graduação	20 – Pós-graduação	21 – Função no projeto Bolsistas		

☒ (X) Bolsa de extensão (conforme edital) Quantificar (4)
☐ () Certificado (lista em anexo)

Recife, 05 de 05 de 2003

[Assinatura]

Responsável

[Assinatura]

Chefe da unidade proponente

[Assinatura]

Coordenador setorial de extensão

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS-EXT 1-2007



A - CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO

Para uso da PROEXT

☐ Programa		☐ Projeto		☒ Curso		☐ Evento		☐ Prestação de Serviços	
1-Motivo da Solicitação:									
☒ Registro Prévio da Ação ☐ Registro da Ação Concluída ☐ Bolsa de Extensão(conforme edital) ☐ Hospedagem ☒ Divulgação ☐ Design(preencher formulário 2) ☐ Certificado									
2- Título: Curso de Aperfeiçoamento em Implantodontia									
3-Unidade proponente: Serviço de Periodontia					4 - Departamento: Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva				
5 - Caracterização: (em caso de curso)			6 - Sub-caracterização			7- Programa: (Em caso de projeto vinculado a um programa)			
☒ Aperfeiçoamento ☐ Atualização			☒ Presencial ☐ Ensino a distância ☐ Semi-presencial			☐ SIM ☒ NÃO			
8 - Área Principal: (1ª opção)					9 - Área Secundária: (2ª. Opção)				
☐ Comunicação		☐ Meio Ambiente		☐ Comunicação		☐ Meio Ambiente			
☐ Cultura		☒ Saúde		☐ Cultura		☐ Saúde			
☐ Tecnologia e Produção		☐ Trabalho		☐ Tecnologia e Produção		☐ Trabalho			
☐ Educação		☐ Direitos Humanos e Justiça		☐ Educação		☐ Direitos Humanos e Justiça			
10- Linha de Extensão: (PARA USO DA PROEXT)									
11- Descrição da ação:Será um curso prático de implantodontia baseado em resoluções de casos clínicos									
12- Palavra-Chave: (descrever 3 palavras) Implantes, Cirurgia, Prótese					13- Tipo de público atingido: (qualificar e quantificar) Cirurgiões Dentistas				
14- Data de Aprovação: (data de aprovação no órgão colegiado/unidade) 17 de maio 2007			15-Local de Realização: Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva		16-Período de Realização -Início e término(dia/mês/ano) 16 de junho 2007 a 15 de dezembro 2007				
17- Abrangência:									
☐ Intraunidade ☒ Intradepartamental ☐ Interdepartamental: _____ ☐ Interunidade: _____ ☐ Interinstitucional : _____									
18- Inscrição: (data e local) 15 de junho 2007/ secretaria pós-graduação de Odontologia			19- Vagas oferecidas: 30		20- Vagas preenchidas:		21- Carga horária: 80 horas		
22- Alunos concluintes: (Somente para cursos). Cadastrar os alunos com as seguintes informações: Nome; Tipo: da própria IES, de outra IES ou órgão de ensino da Comunidade; Indicar se o aluno é docente, servidor, aluno de graduação bolsista, aluno da pós-graduação, discente ou externo- ANEXAR RELAÇÃO									

B- RECURSOS

23- Fonte: ☐ Universidade ☒ Externo	24- Valor: (Receita bruta captada)
25- Descrição: (Nome da instituição financiadora da ação) Através de pagamentos dos alunos	
26- Observação:	
27- Bolsas: (Quantificar)	
28- Parceria(s): ☐ Financiamento ☐ Cooperação Técnica ☐ Instalações e/ou equipamentos ☐ Bolsas ☐ Outros - Especificar _____	

C - EQUIPE DE TRABALHO (Preenchimento obrigatório para cada

29- Nome Leonardo Cavalcanti Bezerra dos Santos	30- Unidade Departamento de Clínica e Odontologia preventiva	
31- Inscrição SIAPE: (se é da UFPE) 1198763	32- CPF: 274405834-34	33- Telefone/Celular: 92321600
34- Fax: 21268821	35- E-mail: lcbsantos@hotmail.com	
36- Informação (1): ☒ da Própria IES ☐ de Outras IES ou Órgão de Ensino ☐ da Comunidade		
37- Informação (2): ☒ Docente ☐ Aluno de Graduação não Bolsista ☐ Externo ☐ Servidor ☐ Aluno de Pós-Graduação ☐ Aluno de Graduação Bolsista ☐ Discente de outras IES		
38- Titulação: ☐ Doutor ☐ Especialização ☐ Graduação ☐ 1° Grau ☐ Pós-Doutorado ☒ Mestre ☐ Livre Docente ☐ 2° Grau		
39- Participação (1): ☐ Autoria ☒ Coordenador ☐ Sub-Coordenador ☐ Participante		
40- Participação (2): ☒ Ministrante ☐ Instrutor ☐ Palestrante ☐ Participante ☐ Responsável		
41- Regime de Trabalho: (Em caso de docente e servidor) ☒ Dedicção Exclusiva ☐ 40 Horas ☐ 30 Horas ☐ 20 Horas ☐ Aposentado		
29- Nome Valder Barbosa Gomes	30- Unidade Departamento de clínica e Odontologia preventiva	

31- Inscrição SIAPE: (se é da UFPE) 1130954	32- CPF: 075146974-20	33- Telefone/Celular: 92720815
34- Fax: 21268821	35- E-mail: vbgomes	
36- Informação (1): ☒ da Própria IES ☐ de Outras IES ou Órgão de Ensino ☐ da Comunidade		
37- Informação (2): ☒ Docente ☐ Aluno de Graduação não Bolsista ☐ Externo ☐ Servidor ☐ Aluno de Pós-Graduação ☐ Aluno de Graduação Bolsista ☐ Discente de outras IES		
38- Titulação: ☐ Doutor ☐ Especialização ☐ Graduação ☐ 1º Grau ☐ Pós-Doutorado ☒ Mestre ☐ Livre Docente ☐ 2º Grau		
39- Participação (1): ☐ Autoria ☐ Coordenador ☐ Sub-Coordenador ☒ Participante		
40- Participação (2): ☐ Ministrante ☒ Instrutor ☐ Palestrante ☐ Participante ☐ Responsável		
41- Regime de Trabalho: (Em caso de docente e servidor) ☒ Dedicção Exclusiva ☐ 40 Horas ☐ 30 Horas ☐ 20 Horas ☐ Aposentado		

DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR

1. Plano de curso ou projeto detalhado com resumo, conforme o caso com cópia em disquete;
2. Ata de aprovação no colegiado da instância promotora da ação;
3. Relatório final aprovado ;
4. Comprovante de depósito no Fundo de Extensão;
5. Relação nominal conforme especificação no item 22 em caso de curso e cópia em disquete;
6. Em caso da equipe de trabalho constar mais de um participante, só necessita assinatura na página do responsável pela ação.

Recife, de de

Responsável

Chefe da unidade proponente(*)

Coordenador setorial de extensão(*)

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS - EXT - 1



A - CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO		PARA USO DA PROEXT	
☐ PROGRAMA	☐ PROJETO	☐ CURSO	☐ EVENTO
		☐ PRESTAÇÃO DE SERVIÇO	
1. Motivo da Solicitação:	☐ Registro Prévio da Ação	☐ Registro da Ação Concluída	☐ Certificado
☐ Hospedagem	☐ Divulgação	☐ Bolsa de Extensão (conforme edital)	☐ Design (preencher formulário 2)
2. Título:			
3. Unidade Proponente:		4. Departamento:	
5. Caracterização: (em caso de curso)	6. Sub-caracterização:	7. Programa: (p/ projeto vinculado a um programa)	
☐ carga horária acima de 180 h	☐ Presencial	☐ SIM	
☐ carga horária entre 91 a 179 h	☐ Semi-presencial	☐ NÃO	
☐ carga horária entre 20 a 90 h	☐ Ensino a distância		
8- Caracterização: (em caso de evento)	9- Modalidade de participação:		
☐ Internacional	☐ Coordenação		
☐ Nacional	☐ Conferencista convidado		
☐ Local ou Regional	☐ Membro da Comissão Organizadora		
10. Área Principal: (1ª opção) Assinalar apenas uma área		11. Área Secundária: (2ª opção) Assinalar apenas uma área	
☐ Comunicação	☐ Meio Ambiente	☐ Comunicação	☐ Meio Ambiente
☐ Cultura	☐ Saúde	☐ Cultura	☐ Saúde
☐ Tecnologia e Produção	☐ Trabalho	☐ Tecnologia e Produção	☐ Trabalho
☐ Educação	☐ Direitos Humanos e Justiça	☐ Educação	☐ Direitos Humanos e Justiça
12. Linha de Extensão: (para uso da PROEXT)			
13. Descrição da Ação:			

14. Palavras-chave: (escrever 3 palavras)		15. Tipo de Público atingido: (qualificar e quantificar)	
16. Data de Aprovação: (data de aprovação no órgão colegiado/unidade)	17. Local de Realização:		18. Período de Realização: (início e término - dia/mês/ano)
19. Abrangência:		[] Interunidade:	
[] Intradepartamental:		[] Interinstitucional:	
[] Intraunidade:		[] Interdepartamental:	
20. Inscrição: (data e local)	21. Vagas Oferecidas:	22. Vagas Preenchidas:	23. Carga Horária:
24. Alunos Concluintes: (Somente para cursos) Cadastrar os alunos com as seguintes informações: Nome; Tipo: da própria IES, de outra IES ou órgão de ensino da Comunidade; Indicar se o aluno é			

B - RECURSOS

25. Fonte de Financiamento:		26. Valor: (receita bruta captada)	
[] Universidade [] Externo			
27. Descrição: (nome da instituição financiadora da ação)			
28. Observação:			
29. Bolsas: (quantificar)			
30. Parcerias:		[] Financiamento [] Cooperação Técnica	
[] Instalações e/ou Equipamentos [] Bolsas		[] Outros(especificar) -	

C - EQUIPE DE TRABALHO

(preenchimento obrigatório para cada participante)

31. Nome:		32. Unidade:	
33. Inscrição SIAPE: (se for da UFPE)		34. CPF:	35. Telefone/Celular:
36. Fax:		37. E-mail:	
38. Informações (1):		[] Da própria IES [] De outra IES ou órgão de ensino [] Da comunidade	
39. Informações (2):		[] Docente [] Servidor [] Aluno de graduação bolsista	

☐ Aluno de graduação não bolsista ☐ Aluno de pós-graduação ☐ Discente de outra IES ☐ Externo				
40. Titulação: ☐ 2º grau ☐ Especialização ☐ Doutor ☐ Livre Docente ☐ 1º grau ☐ Graduação ☐ Mestre ☐ Pós-Doutorado				
41. Participação (1): ☐ Autoria ☐ Coordenador ☐ Sub-coordenador ☐ Participante				
42. Participação (2): ☐ Ministrante ☐ Instrutor ☐ Palestrante ☐ Responsável				
43. Participação (3) ☐ colaborador em programas ou projetos selecionados por convênios, chamadas ou editais ☐ orientador de bolsista de extensão ☐ co-orientador de bolsista de extensão				
44. Regime de Trabalho: ☐ Dedicação exclusiva ☐ 40 horas (em caso de docente e servidor) ☐ 30 horas ☐ 20 horas ☐ Aposentado				
45. Carga horária semanal dedicada à atividade extensionista:				

DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR OBRIGATÓRIA

- Plano de curso ou projeto detalhado com resumo, conforme o caso com cópia digitalizada ;
- Ata de aprovação no colegiado da instância promotora da ação;
- Relatório final aprovado (em caso de registro da ação concluída e da solicitação de certificados);
- Comprovante de depósito no Fundo de Extensão;
- Relação nominal conforme especificação no item 22 em caso de curso e cópia digitalizada;
- Em caso da equipe de trabalho constar mais de um participante, só necessita assinatura na página do responsável pela ação;
- **ENTREGAR CÓPIA DIGITALIZADA DOS FORMULÁRIOS EXT 1, E DEMAIS DOCUMENTOS CONFORME O CASO; RESUMO DO PROJETO, PLANO DE CURSO , RELATÓRIOS , LISTAGEM NOMINAL PARA CERTIFICADOS**

.

Recife, de de 2009

Responsável

Chefe da unidade proponente (*)

Coordenador setorial de extensão (*)

(*) assinatura e carimbo

ANEXO E- MANUAL DE EXTENSÃO - 2008



Procedimentos para Registro de uma Ação Extensionista

Uma atividade de extensão começa, em princípio, com uma proposta de curso, evento ou projeto, que deverá ser REGISTRADA para o fornecimento de dados necessários à avaliação da UFPE e à divulgação de sua produção acadêmica.

Para efeito de emissão de certificados e de inclusão no relatório de atividades docentes, bem como de progressão funcional e de eventual remuneração nos termos vigentes na Universidade, só serão consideradas ações de extensão aquelas registradas na Pró-Reitoria de Extensão.

O **REGISTRO** da ação é realizado no Sistema Nacional de Extensão – SIEX Brasil, que assegura o caráter institucional da ação.

O professor / orientador interessado deverá adotar os seguintes procedimentos:

1. Obter a **aprovação da proposta no órgão colegiado** da unidade onde está lotado o proponente e do respectivo Coordenador Setorial de Extensão do Centro de vinculação, se houver; Em caso de Órgão Suplementar a aprovação se dará pelo Diretor da Unidade.
2. Preencher o **Formulário EXT1** (anexo 1), disponível na homepage da Proext.

- Devidamente preenchido;
- Assinado pelo Coordenador Responsável pela ação;
- Assinado pelo Chefe do Departamento ou pelo Diretor do Órgão Suplementar;
- Assinado pelo Coordenador Setorial de Extensão do Centro de vinculação do Responsável.

3. Em caso de **Projeto** apresentar detalhamento, especificando os seguintes itens:

- Apresentação;
- Contextualização da comunidade/diagnóstico da área;
- Objetivos: geral e específico;
- Metodologia/estratégias de ação;
- Resultados a serem produzidos;
- Público beneficiado direto e indireto: caracterizar e quantificar;
- Equipe executora;
- Parcerias externas à UFPE (anexar termo de adesão ao projeto);
- Sistemática de monitoramento e avaliação;
- Cronograma executivo das atividades;

- Referências bibliográfica.

4. Enviar à PROEXT acompanhado dos seguintes documentos: Formulário EXT1, Cópia da ata de aprovação no pleno, projeto detalhado, plano de curso ou programação do evento, conforme o caso e resumo do projeto em disquete (Modelo – anexo II);

5. Em caso de solicitação de apoio do Bureau de Design da PROEXT, (criação de identidade visual e/ou peças de divulgação) o proponente deverá preencher também o **Formulário Ext-2** especificando o conteúdo das peças solicitadas, anexando além da via impressa, cópia em disquete ou CD.

6. Nos casos de cursos, eventos e projetos não provenientes de contratos e convênios, que haja captação de recursos, a taxa de 5% (cinco por cento) da receita bruta deve ser recolhida à PROEXT, para a constituição de um fundo de apoio às atividades de extensão. Os depósitos deverão ser feitos na conta corrente **220.783-4** do Banco do Brasil, ag. **3613-7**, conta aberta especificamente para esse fim, administrada pela FADE.

Quando houver interesse na emissão de certificado, em caso de **Cursos ou Eventos** os procedimentos a serem adotados são:

- Elaboração do relatório final e sua aprovação no departamento/centro/Órgão Suplementar do proponente;
- Anexar a relação dos envolvidos com direito a certificado (impresso e em disquete);
- Comprovante bancário do recolhimento da taxa de 5%, se houver;
- Encaminhar à PROEXT

Quaisquer dúvidas a respeito da apresentação e tramitação das propostas podem ser esclarecidas pessoalmente na Coordenação de Programas e Projetos, ou através dos telefones 2126-8616 / 8609 / 8134, ou ainda pelo endereço eletrônico proext.programaseprojetos@ufpe.br. Cópia dos formulários também podem ser obtidos na *homepage* da PROEXT www.proext.ufpe.br

ANEXOS:

- Formulário EXT1
- Modelo Resumo do Projeto
- Formulário EXT2



FORMULÁRIO DE REGISTRO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS-EXT 1

A – CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO

Para uso da PROEXT

☐ Programa	☐ Projeto	☐ Curso	☐ Evento	☐ Prestação de Serviços
1- Motivo da Solicitação: ☐ Registro Prévio da Ação ☐ Registro da Ação Concluída ☐ Bolsa de Extensão (conforme edital) ☐ Hospedagem ☐ Divulgação ☐ Design (preencher formulário2) ☐ Certificado				
2- Título:				
3- Unidade proponente:			4 - Departamento:	
5 - Caracterização: (em caso de curso) ☐ Aperfeiçoamento ☐ Atualização		6 - Sub-caracterização ☐ Presencial ☐ Ensino a distância ☐ Semi-presencial		7- Programa: (Em caso de projeto vinculado a um programa) ☐ SIM ☐ NÃO
8 - Área Principal: (1ª opção) ☐ Comunicação ☐ Meio Ambiente ☐ Cultura ☐ Saúde ☐ Tecnologia e Produção ☐ Trabalho ☐ Educação ☐ Direitos Humanos e Justiça			9 - Área Secundária: (2ª. Opção) ☐ Comunicação ☐ Meio Ambiente ☐ Cultura ☐ Saúde ☐ Tecnologia e Produção ☐ Trabalho ☐ Educação ☐ Direitos Humanos e Justiça	
10- Linha de Extensão: (PARA USO DA PROEXT)				
11- Descrição da ação:				
12- Palavra-Chave: (descrever 3 palavras)			13- Tipo de público atingido: (qualificar e quantificar)	
14- Data de Aprovação: (data de aprovação no órgão colegiado/unidade)		15-Local de Realização:		16-Período de Realização –Início e término(dia/mês/ano)
17- Abrangência: ☐ Intraunidade ☐ Intradepartamental ☐ Interdepartamental: _____ ☐ Interunidade: _____ ☐ Interinstitucional: _____				
18- Inscrição: (data e local)		19- Vagas oferecidas:		20- Vagas preenchidas:
21- Carga horária:				
22- Alunos concluintes: (Somente para cursos). Cadastrar os alunos com as seguintes informações: Nome; Tipo: da própria IES, de outra IES ou órgão de ensino da Comunidade; Indicar se o aluno é docente, servidor, aluno de graduação bolsista, aluno da pós-graduação, discente ou externo- ANEXAR RELAÇÃO				

B- RECURSOS

23- Fonte:	☐ Universidade ☐ Externo	24-Valor: (Receita bruta captada)
25- Descrição: (Nome da instituição financiadora da ação)		
26- Observação:		
27- Bolsas: (Quantificar)		
28- Parceria(s):		
☐ Financiamento ☐ Cooperação Técnica ☐ Instalações e/ou equipamentos ☐ Bolsas ☐ Outros -Especificar _____		

C - EQUIPE DE TRABALHO (Preenchimento obrigatório para cada participante)

29- Nome	30- Unidade	
31- Inscrição SIAPE: (se é da UFPE)	32- CPF:	33- Telefone/Celular:
34- Fax:	35- E-mail:	
36- Informação (1):		
☐ da Própria IES ☐ de Outras IES ou Órgão de Ensino ☐ da Comunidade		
37- Informação (2):		
☐ Docente ☐ Aluno de Graduação não Bolsista ☐ Externo ☐ Servidor ☐ Aluno de Pós-Graduação ☐ Aluno de Graduação Bolsista ☐ Discente de outras IES		
38- Titulação:		
☐ Doutor ☐ Especialização ☐ Graduação ☐ 1º Grau ☐ Pós-Doutorado ☐ Mestre ☐ Livre Docente ☐ 2º Grau		
39- Participação (1):		
☐ Autoria ☐ Coordenador ☐ Sub-Coordenador ☐ Participante		
40- Participação (2):		
☐ Ministrante ☐ Instrutor ☐ Palestrante ☐ Participante ☐ Responsável		
41- Regime de Trabalho: (Em caso de docente e servidor)		
☐ Dedicação Exclusiva ☐ 40 Horas ☐ 30 Horas ☐ 20 Horas ☐ Aposentado		

DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR OBRIGATÓRIA

1. Plano de curso ou projeto detalhado com resumo, conforme o caso com cópia em disquete;
2. Ata de aprovação no colegiado da instância promotora da ação;
3. Relatório final aprovado;
4. Comprovante de depósito no Fundo de Extensão;
5. Relação nominal conforme especificação no item 22 em caso de curso e cópia em disquete;
6. Em caso de equipe de trabalho constar mais de um participante, só necessita assinatura na página do responsável pela ação.

Recife, de de

Responsável

Chefe da unidade proponente(*)

Coordenador setorial de extensão(*)

MODELO DE RESUMO DE PROJETO



A- PROJETO

1-Título:		
2-Centro:		3- Departamento:
4- Nome (Professor Coordenador):	5- Fone:	6-Fax:
7- E-mail:		

B- EQUIPE DE TRABALHO

8- Professor(es) participante (es) (nome/titulação/e-mail):		
9- N° de técnico (s):	10-N° de alunos de graduação:	11-N° de alunos de Pós-Graduação (especificar nome, curso e função no projeto):
12- Área atuação: ☐ Comunicação ☐ Cultura ☐ TecnologiaeProdução ☐ Educação ☐ EconomiaeAdministração ☐ MeioAmbiente ☐ Saúde ☐ Trabalho ☐ Direitos Humanos eJustiça		
13- Local:		14- Período:
15-Público Alvo:		
16- Objetivos:		
17- Parcerias:		
18- Resumo do projeto (ate 200 palavra):		
19- Palavras chaves (5):		
20- Referências Bibliográficas:		

FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE APOIO DO BUREAU DE DESIGN - EXT 2



Para uso da PROEXT

Prezado(a) usuário(a): As informações solicitadas abaixo são fundamentais para que possamos oferecer um serviço de qualidade. Por favor preencha os campos conforme solicitado. Nosso trabalho será facilitado se você também nos enviar todos os dados em disquete, não esquecendo de incluir eventuais imagens e logomarcas.

A - CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO

1 – Responsável	2 - Fone/fax/e-mail para contato
3 – Material solicitado	
☐ Folder ☐ Cartaz ☐ Convite ☐ Outro (especificar)	

B - PARA USO DA PROEXT

Recebido em ____/____/____ Por	Layout aprovado em ____/____/____ Por	Layout entregue em ____/____/____ Por
-----------------------------------	--	--

C - INFORMAÇÕES

Por favor use este espaço para registrar todas as informações, além das constantes do formulário **EXT-1**, que julgar necessárias para a produção do material solicitado. Os seguintes itens são os mais comuns: Título; Texto de apresentação/marketing; Local e data de realização; Programação detalhada; Como se inscrever; Como obter mais informações; Patrocinadores; Imagens e logomarcas (discriminar quais). Assinale nos campos apropriados se anexar outras informações e/ou disquete.

☐ Outras informações em anexo ☐ Disquete em anexo

Lembre-se de encaminhar ao bureau de design 5 cópias de cada peça produzida!